



AS REALIDADES

MELISSA TOBIAS



Copyright © 2014 by Melissa Tobias
Copyright © 2020 by Novo Século Editora
All rights reserved

Editor: Luiz Vasconcelos
Coordenação Editorial: Stéfano Stella
Diagramação: Luiz Fernando Chicaroni / Plínio Ricca
Capa: Monalisa Morato / Luis Antonio Contin Junior
Preparação: Ana Lúcia Neiva / Daniela Georgeto
Revisão: Fabrícia Romaniv / Flávia Cristina de Araujo
Diagramação para Ebook: Luiz Fernando Chicaroni

Texto adequado às normas do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tobias Melissa
As realidades / Melissa Tobias. - Barueri, SP:
Novo Século Editora, 2020.

1. Ficção brasileira I. Título II. Série.
14-10146

CDD-869-9308762

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.9308762
2020

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

CEA - Centro Empresarial Araguaia II
Alameda Araguaia, 2190 - 11º andar
Bloco A - Conjunto 1111
CEP 06455-000 - Alphaville Industrial - SP
Tel. (11) 3699-7107 - Fax (11) 3699-7323

ISBN: 978-65-5561-025-3

Links

Site: <http://www.gruponovoseculo.com.br>

Facebook: <https://www.facebook.com/novoseculoeditora>

Twitter: <https://twitter.com/novoseculo>

Youtube: <http://www.youtube.com/user/EditoraNovoSeculo>

Blog da Novo Século: <https://www.gruponovoseculo.com.br/index.php?>

[route=institucional/blog](https://www.gruponovoseculo.com.br/index.php?route=institucional/blog)

Sumário

[Capa](#)

[Créditos](#)

[Links](#)

[A realidade de Madhu](#)

[Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Prefácio](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[A realidade dos sete](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Colofão](#)

A realidade de Madhu

Melissa Tobias —



Rosto
Melissa Tobias

A realidade de Madhu



São Paulo 2020

*Este livro é dedicado aos meus filhos, Luan e Khaled.
Espero que eles nunca percam a magia e o encanto da
infância.
Que nunca deixem de sonhar.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu amado marido, Fauze, por acreditar em meu audacioso sonho de ser escritora. Sem seu apoio, este sonho não teria se concretizado.

Minha mãe, Maria Ornélia, foi quem me introduziu no fascinante universo da literatura. Ela sempre estará presente em meus agradecimentos.

Não posso deixar de agradecer Drunvalo Melchizedek, físico, matemático, inventor e pesquisador. Seus ensinamentos sobre Geometria Sagrada, Flor da Vida (o padrão de criação de tudo o que existe) e Mer-ka-ba me inspiraram profundamente.

Agradeço também ao escritor e pesquisador André de Pierre pelo apoio, encorajamento e inspiração.

PREFÁCIO

A sabedoria deste trabalho, como um instrumento de aplicar colírio, tem aberto os olhos do mundo inquisitivo cegado pela escuridão da ignorância. Como o sol dissipa a escuridão...

Mahabharata – Livro 1 – Adi Parva

O que é real? O que é sonho? A autora Melissa Tobias presenteia a literatura brasileira com uma obra em que a realidade não pode ser explicada por um conceito universal, pois cada pessoa é única e vive uma experiência ímpar, sendo o sonho parte dessa existência. O desejo individual reprimido extravasa nas mentes cheias de imperfeições e angústias.

O consciente existe e faz suas escolhas, e a capacidade da criação da mente é infinita – essa é a causa que faz girar a roda desse brilhante livro. O espaço ao qual nomeamos como real, aquele que vivenciamos a cada dia, pode ser resumido em uma única frase: o universo é infinito de universos finitos.

O livro *A Realidade de Madhu* nos encaminha por uma jornada que somente a ficção científica pode conduzir as mentes sedentas por sabedoria. Felizmente, os novos autores brasileiros começam a se aventurar por esse estilo ainda pouco divulgado na nossa literatura.

A ficção científica tem o dom da profecia, e os autores mais famosos do gênero inspiraram pesquisadores de diversas academias em inventos e teorias variadas. Por isso, eles têm em mãos um instrumento magnífico de criação, expandindo suas mentes por multiuniversos.

Como pesquisador e escritor, vejo nessa composição uma forma inteligente de enxergar o estudo sobre vida

extraterrestre e algumas respostas às perguntas que assolam todos os homens e mulheres que passaram pelo planeta Terra: de onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde vamos?

Também é possível observar nessa obra uma resposta lúcida ao Paradoxo de Fermi: “Se a probabilidade da existência de vida extraterrestre inteligente é tão grande, por que não há suficientes evidências de sua existência?”. Como explicado na resposta mais famosa a esse Paradoxo, a Hipótese do Zoológico, de John A. Ball, há uma política relativamente universal, jurídica e cultural entre a pluralidade de civilizações extraterrestres que exige o isolamento das civilizações em planetas com menor estágio de desenvolvimento, sendo assim, as civilizações partem de um único ponto, evoluindo em semelhantes padrões culturais, e quando divergem são corrigidas ou aniquiladas por aqueles que estariam a frente de todos, e quem seriam estes? Estes seriam os inventores da primeira civilização ou criadores, aqueles que contaminam todo o universo com uma “coisa estranha” chamada Vida.

Os escritores podem não ter a prática dos grandes construtores, mas com certeza possuem a força inefável da retórica. O dom da criação infinita que assume um papel preponderante no pensamento humano através da pena ágil, crítica e aguçada, dádiva essa concedida à escritora Melissa Tobias, que nos oferta um texto sábio, fluído e divertido, impossível de abandonar antes que se leia a última palavra!

André de Pierre

Nasceu em 1981, na cidade de São Paulo, Brasil. É escritor, pesquisador de mitos e escrituras de antigas civilizações, com foco especial na civilização Suméria, colaborador da “Revista UFO” e conferencista. Apaixonado pela vida, encontra sua inspiração na arte, na música, na natureza e principalmente em histórias de povos antigos.

“Todas as religiões do mundo estão falando da mesma Realidade. Elas usam palavras diferentes, mas há somente um Espírito se movendo através de toda a vida. Pode haver diferentes técnicas para chegar lá, mas há somente uma que é real e, quando você está lá, você sabe. Qualquer que seja o nome que você dê a ela – você pode chamá-la de diferentes nomes – é tudo uma coisa só.”

Drunvalo Melchizedek

Capítulo 1

Tempo cronológico no planeta Terra:
setembro, ano de 2019.

Ela sabia que tinha de fugir de lá antes que o médico voltasse. Ele era perigoso e poderia tentar lhe matar.

Assim que viu a oportunidade de fugir, saltou da cama hospitalar. Estava descalça, sentiu o frio gélido na sola de seus pés ao tocarem no piso branco de ladrilho. Usava somente camisola, mas não tinha tempo a perder procurando uma roupa. Tinha de fugir daquele hospital, rápido!

Abriu lentamente uma fresta da porta para dar uma espiada. O corredor estava vazio. Podia sair.

Ao sair, observou o número na porta de seu quarto, era o 33. Começou a correr na direção do quarto 32. Correu por vários corredores procurando uma saída, mas não a encontrava. Estava perdida.

Cansada de correr, parou para respirar e pensar por qual lado deveria seguir. Olhou para os dois lados do corredor e então viu uma porta à frente. Estava diante do quarto 33, o seu quarto!

Assim que abriu os olhos, Madhu ficou confusa, o sonho fora muito real. Olhou ao redor e só então percebeu que não se lembrava de onde estava. Não entendia como havia chegado naquele peculiar espaço. Estava pávida com a situação. Usava sua calça jeans surrada preferida, uma camiseta *baby look* verde com estampa do Mestre Yoda de *Star Wars* e o velho tênis *All Star* vermelho.

Encontrava-se sozinha naquela distinta e impecável alcova. Tudo naquele espaço era impecavelmente branco, até mesmo o leito no qual acordara. Apesar de aparentemente ser feito de pedra, era confortável, tinha temperatura agradável, parecia macio, o que era ilógico, como tudo naquele lugar.

A farta iluminação vinha das paredes. Sem nenhum foco principal, toda a parede reluzia. Não havia nada que parecesse habitual.

Sentou-se lentamente, pois sentia seu corpo pesado e uma leve tontura. Olhou ao redor novamente à procura de uma porta. Não havia nenhuma. Havia apenas um aparato anômalo ao lado do leito que estava centralizado na alcova. Observou adesivos dourados de formato triangular fixados em sua testa e na parte medial de seu antebraço. Teve o impulso de retirá-los, não sabia o que era aquilo.

Ao remover o adesivo da testa, notou que o mesmo se assemelhava a um chip de celular. Ele possuía terminações douradas, era maleável, resistente e flexível. Puxou os demais adesivos insólitos de seu antebraço e se concentrou para lembrar como foi parar naquele inabitual local.

Sua última lembrança era dirigir seu velho Fiat 500c branco perolado, numa estreita estrada de terra, a caminho do haras que pertencia ao grande amigo de seu pai. Madhu adorava montar a cavalo e quase todos os fins de semana passava ótimos momentos cavalgando nas colinas verdes da grande Fazenda Harmonia, que ficava a apenas vinte minutos de sua casa.

Madhu sempre morou com a família numa chácara, num condomínio fechado na cidade paulista de São Roque. Grande parte do residencial era formado pela Mata Atlântica, área de preservação florestal e soltura de animais protegidos pelo Ibama. As chácaras mantinham longa distância umas das outras, sendo separadas por vegetação virgem, dando a impressão de estarem isoladas dentro de uma floresta. Madhu sempre gostou de viver em contato íntimo com a natureza. Cresceu brincando entre árvores, pisando com os pés descalços na terra, nadando no pequeno riacho que corria atrás de sua rústica casa de madeira, a qual era pintada de amarelo ouro.

Ela estava cursando o primeiro ano de Arquitetura na Universidade Belas Artes, em São Paulo. De segunda a sexta,

viajava sessenta quilômetros até São Paulo, assistia às aulas e voltava. Ter contato diário com uma grande metrópole caótica e poluída fez Madhu valorizar ainda mais o fato de viver isolada numa chácara com sua família.

Atordoadada e confusa, só então Madhu percebeu que estava com a boca seca e muita sede. Quando começou a se levantar do leito para procurar uma saída, teve um sobressalto ao ouvir uma suave voz masculina atrás dela.

– Não acho uma boa ideia se levantar, ainda está muito fraca.

Virou-se assustada na direção da voz. O rapaz tinha uma aparência excêntrica e angelical. *De onde ele saiu, ou melhor, entrou?*, pensou Madhu.

– Que lugar é esse? Como vim parar aqui? – perguntou Madhu, ansiando por uma resposta.

Hipnotizada pelos grandes olhos cor de fúcsia do estranho e sua beleza exótica, um tanto celestial, Madhu não conseguia deixar de olhá-lo. Ele tinha cabelo loiro platinado, liso até os ombros, parecia ter cerca de vinte e cinco anos de idade. Um imponente jovem atlético de aproximadamente dois metros de altura, com traços angelicais, vestindo uma túnica branca com uma estampa de um pequeno dodecaedro dourado no peito.

– Sou o Dr. Behosa Prakasa, cientista da nave Shandi33, na qual nós estamos. A senhorita Madhu não deveria ter retirado os infropectos – disse o cientista.

Aproximando-se do excepcional aparato ao lado do leito onde Madhu permanecia sentada, o excêntrico cientista Dr. Behosa pinçou com os dedos uma tela holográfica que possuía diversos códigos desconhecidos para terráqueos. Ele digitou rapidamente alguns códigos, e a máquina robótica alienígena ejetou adesivos idênticos aos que Madhu havia retirado de sua testa e antebraços.

Eram tantas as perguntas na cabeça de Madhu, que ela nem sabia por onde começar. Mas, por mais absurdo que pudesse parecer, ela não estava assustada. A simples

presença do cientista de ar angelical a acalmava, ele transmitia segurança e confiança.

– Eu só vou deixar você grudar esses *negócios* em mim depois que responder às minhas perguntas. Como vim parar aqui? O que quis dizer com nave? Por que não me lembro de nada que aconteceu? E para que servem esses negocinhos que quer grudar em mim? – questionou Madhu, ansiosa.

– Estamos em uma nave intergaláctica, que é uma nave espacial projetada para viajar por toda a nossa Galáxia. Quando necessário, também viajamos para outras partes do Universo e até mesmo fora dele – respondeu Behosa. – O trauma ainda lhe impede que se lembre dos últimos acontecimentos que se passaram com você no planeta Terra. O que chama de *negocinhos* são os infropectos. Servem para sua segurança, pois monitoram seu estado de saúde física, mental e emocional.

Madhu ficou estática por uns minutos para digerir a peculiar informação recebida. Não poderia estar sonhando, pois se sentia mais lúcida e viva do que nunca. Talvez tudo aquilo se tratasse de uma experiência científica psicológica na qual era cobaia. Mesmo assim, não fazia sentido. Nada ali fazia sentido. Mergulhada na sua frustrante reflexão, Madhu nem se deu conta que o Dr. Behosa já havia fixado os infropectos na parte medial de seu antebraço branco. Questionou-se se seria possível aquele belíssimo homem estar dizendo a verdade. Ela tinha de descobrir.

– Está me dizendo que fui abduzida? – perguntou Madhu, olhando o infropecto grudado em seu antebraço.

– A senhorita Madhu foi abduzida pelo próprio bem e pelo bem de todos.

O Dr. Behosa estava ansioso para que Madhu acordasse. Tinha grandes interesses no DNA dela. E Madhu era perfeita e única para seu audacioso projeto: uma jovem de 19 anos, com um metro e setenta e seis centímetros de altura, silhueta longilínea, pesando apenas cinquenta e sete quilos. Tinha o cabelo ruivo acobreado comprido e ondulado, caído

quase até a cintura, pele muito branca, cheia de sardas no rosto, ombros e braços, uma invejável boca carnuda, nariz arrebitado e olhos cor amarelo âmbar. Mas o que interessava para Behosa era a alma de Madhu, o seu raríssimo DNA etéreo, cujas preciosas informações estavam guardadas em seu DNA físico.

– Espera aí, como sabe meu nome? – quis saber Madhu, se dando conta de que em nenhum momento havia dito seu nome.

– Não é a primeira vez que a senhorita acorda neste laboratório. Estamos monitorando você há algum tempo.

Ah, que ótimo!, pensou Madhu com sarcasmo. – Pelo menos existe água neste lugar? – indagou Madhu. Estava com tanta sede que acreditava ser esse o motivo de estar com seu discernimento prejudicado.

Terminando de fixar o último infropecto na testa de Madhu, Dr. Behosa digitou novos códigos na tela holográfica e o exótico aparato ejetou um cone de titânio cheio de água.

– É uma água especial, medicinal, vai fazer você se sentir melhor. Beba tudo. Precisamos ir – informou Behosa.

Madhu verteu toda a água de uma só vez. E o Dr. Behosa tinha razão. Madhu se sentia muito melhor depois de beber a suspeita água medicinal, todo o seu mal-estar passou.

Behosa pegou o cone de titânio vazio das mãos de Madhu e o devolveu ao aparato alienígena. Seguiu no sentido da parede e, antes que se esbarrasse nela, ela se abriu de cima para baixo, sem produzir nenhum ruído, revelando um enorme corredor iluminado pelas próprias paredes.

– Vamos! – chamou o Dr. Behosa ao ver que Madhu continuava sentada, sem acreditar no que via.

Madhu seguiu o Dr. Behosa curiosa.

– Vamos? Para onde? – a garota queria saber.

Behosa ignorou Madhu e continuou andando em passos largos com suas longas pernas. Madhu acelerou os passos para acompanhar Behosa.

Não andaram muito no corredor e logo entraram num vasto compartimento de paredes brancas radiantes. O compartimento espaçoso parecia não ter teto. Olhando para cima, Madhu só conseguia ver um breu fantasmagórico. Bem no centro do colossal compartimento havia uma grande nave em formato tetraédrico estrelado com uma das pontas abertas e uma escada que dava acesso ao centro da estrela de cor violeta radiante.

Madhu acompanhou Behosa e ambos entraram na nave estrelada, que levantou voo ultrapassando a escuridão fantasmagórica até alcançar nova luz e voar na posição horizontal. A nave estrelada passou por corredores bem iluminados. Ultrapassando o final do último corredor percorrido, começou a sobrevoar o céu de uma imensa floresta.

Como é possível?, pensou Madhu, confusa. Havia dois maravilhosos sóis no lindo céu rosa. Um grande sol vermelho e outro pequeno sol amarelo vivo. Também se via um rio com águas verdes bem claras, onde golfinhos saltavam alegremente, pareciam estar tentando seguir a nave estrelada. Era a paisagem mais paradisíaca que Madhu já havia visto. Ficou extasiada.

– Saímos da nave? É tão... mágico! Que planeta é esse? – indagou Madhu, estupefata.

– A Floresta Lavy fica dentro da nave Shandi33. O céu é imagem holográfica. Mas todo o resto é real.

Nada daquilo parecia real para Madhu. Tamanha beleza e paz a fez se esquecer de questões importantes como seu pai César e sua irmã Natasha, que deviam estar preocupados com o seu sumiço. E ainda havia muitas outras questões sem respostas, como o fato de olvidar-se de seu trajeto até aquela esplêndida e colossal nave alienígena.

Aquele lugar anesthesiava qualquer preocupação presente possível. Era como estar no paraíso citado na *Bíblia*. A verdade era que Madhu não estava nem um pouco com pressa de voltar para casa.

Enquanto sobrevoavam a primorosa Floresta Lavy, testemunhando suas formosas cachoeiras e desmesuradas árvores, Madhu começou a questionar Behosa, pois sua curiosidade sobrepunha a hipnótica visão da floresta.

– Quanto tempo eu fiquei inconsciente aqui na nave? – inquiriu. Era difícil para ela acreditar que estavam dentro de uma imensa nave.

– Foram vinte e três minutos no tempo cronológico de Shandi33 – respondeu Behosa.

– Meu pai vai ficar preocupado quando notar minha falta – disse Madhu, num semblante de preocupação.

– Não se preocupe. Quando voltar ao seu planeta só terá passado poucos segundos fora dele.

Madhu não conseguia duvidar do Dr. Behosa. Por mais absurdas que fossem suas respostas, aquele ser com ar angelical parecia ser incapaz de mentir. E ela já estava começando a se adaptar à estranheza alienígena do imaginável tomando formas ao seu redor.

– Qual é o tamanho desta nave, a Shandi33? – perguntou Madhu. Parecia um tanto ilógico uma floresta tão grande caber dentro de uma nave intergaláctica.

– A Shandi33 possui um raio de 1.326 quilômetros. Um pouco menor que o satélite de seu planeta.

– Uma nave esférica? – tentou descobrir Madhu, numa admiração de incredulidade.

– Dodecaédrica estrelada na verdade – respondeu Behosa.

A espaçonave estrelada na qual sobrevoavam o interior de Shandi33 atravessou uma grande cachoeira, penetrando em uma caverna rochosa de tom perolado, onde a espaçonave pousou. A caverna se escondia atrás do formoso véu de águas cristalinas que caía de forma graciosa no despenhadeiro abaixo. Uma das pontas da nave estrelada se abriu.

– Venha! – chamou Behosa, saindo da nave estrelada.

O interior da caverna estava iluminado com diversas lagartas bioluminescentes, dando um efeito parecido com um

céu estrelado. Os dois caminharam caverna adentro, que acabava numa grande parede de rocha lisa perolada. Esta se abriu, revelando uma cidade. Atravessaram a abertura, entrando num charmoso beco com ares de uma cidade pequena do interior da Inglaterra, muito bem arborizado.

As poucas pessoas que andavam no beco pareciam humanos normais como ela, e não um ser exótico como Behosa.

– Humanos? – procurou conhecer Madhu, se referindo às pessoas que andavam distraidamente no beco, trajadas de túnicas ou macacões justos.

O grande paredão de rocha se fechou às suas costas e sua forma estrutural rochosa mudou para um paredão de tijolos rústicos coberto de musgo.

– Híbridos e andróides – respondeu Behosa. – Esta é a Ala 11. Os híbridos nomearam esta Ala de Shambala.

– A cidade perdida dos tibetanos? – perguntou Madhu, manifestando comoção. Conhecia a lenda budista da cidade perdida dos deuses.

– Não, nem mesmo semelhante. Deram-lhe este nome pelo significado do mesmo. Teremos de pegar uma *vinamaxi*. Andando demoraria três horas para chegarmos ao nosso destino – falou Behosa, seguindo em direção ao que parecia um *jet ski*, que, no local de um volante, havia um painel radiante.

A *vinamaxi* parecia se equilibrar flutuando sobre a calçada. Behosa subiu na frente, espalmou a mão sobre o painel radiante e olhou para Madhu.

– Suba – mandou Behosa, de forma autoritária.

– Para onde estamos indo? – inquiriu novamente enquanto subia na *vinamaxi*. Quando se sentou, uma esfera de vidro envolveu toda a *vinamaxi* e seus dois passageiros.

– Para sua nova e temporária casa – respondeu Behosa, fazendo a *vinamaxi* levantar voo.

Madhu segurou firme na alça de apoio à sua frente, sentindo a adrenalina subir conforme a *vinamaxi* ganhava

altitude e velocidade. A *vinamaxi* era bem diferente da nave estrelada a qual nem se sentia que estava voando, pois a força centrípeta era nula em seu interior. Já a *vinamaxi* parecia uma moto voadora em alta velocidade. Mesmo sentindo a emoção começar a correr em suas veias, tinha de investigar a razão de ter sido abduzida. Voltou a questionar Behosa.

– E se eu não quiser ficar? – articulou Madhu, na tentativa de descobrir se tinha alguma escolha.

– Crianças não têm sabedoria suficiente para saber o que é melhor para elas. Não tem querer, vai ficar. Não temos mais tempo para erros infantis.

Ser chamada de criança irritou Madhu profundamente, pois desde que sua mãe adoeceu de câncer e ficou em coma induzido no hospital, sem chance de voltar a viver, foi Madhu, com apenas treze anos, que teve de decidir por sua eutanásia. Seu pai estava depressivo demais para qualquer decisão, e sua irmã ainda era muito pequena. Seu pai sempre teve uma postura irresponsável e infantil, incapaz de se lembrar até mesmo de pagar uma simples conta de luz. Era um artista, pintor, que se refugiava em suas artes e se esquecia da vida, das filhas, de comer. E, com a morte da esposa, seu alicerce, se refugiou ainda mais em suas pinturas, estava depressivo. Era Madhu quem cuidava dele. Como se já não bastasse ter de cuidar da irmã de nove anos, seu pai lhe dava ainda mais trabalho que a irmã caçula.

– Eu não sou criança! E posso saber quem é que decidiu me confinar nesta nave alucinógena e por quê? – questionou exaltada.

– Tudo ao seu tempo, senhorita Madhu. Terá todas as respostas em breve.

– Dr. Behosa, me faça um favor? Não me chame de *senhorita*, é só Madhu.

– Como queira. E não precisa me chamar de *doutor*, é só Behosa.

Os dois ficaram em silêncio o restante da viagem. Madhu não conseguia tirar os olhos da extraordinária paisagem que se via logo abaixo, com lagos de águas cristalinas em parques floridos, árvores com folhagens alaranjadas e magentas, o céu holográfico ao alto num tom de lilás e mais ao horizonte num tom alaranjado com o grande sol vermelho se pondo.

Apesar da exaltação por não obter respostas, Madhu nunca se sentiu tão viva e tão feliz. Sentia uma paz profunda, sentia vontade de chorar de felicidade. Sentia que estava finalmente em casa.

Behosa estacionou a *vinamaxi* em frente a um charmoso chalé que parecia ter saído de um conto de fadas. O local era muito arborizado com enormes e majestosos pinheiros, árvores frutíferas desconhecidas e outras floridas totalmente tomadas por flores amarelas, rosas, lilases. Era como ver um chalé escondido num bosque encantado.

Em sintonia com o bosque, a fachada do chalé era de pedras rústicas cobertas de colmo e com uma encantadora chaminé que se erguia bem ao alto. As grandes janelas mais pareciam portas duplas. Trepadeiras floridas subiam contornando o arco da grande porta verde-musgo de entrada. Era uma casa perfeita para Madhu, combinava com seu gosto, com sua personalidade.

– É aqui – informou Behosa, apontando a casa com o queixo.

– É perfeita – constatou Madhu, admirando a arquitetura rústica da fachada de sua nova casa de conto de fadas.

Assim que Madhu e Behosa desceram da *vinamaxi*, uma garota de aparência de adolescente rebelde extravagante abriu a porta. A jovem estava com as mãos sujas de tintas, seu cabelo crespo loiro platinado preso num rabo de cavalo chamava a atenção. Ela sorria e caminhava em passos largos na direção de Madhu.

– Até que enfim, Behozito! – disse a extravagante jovem, dando um amistoso soco no ombro de Behosa. – Estava

demorando. Sabe que não gosto de morar sozinha. Melhor uma terráquea do que nada.

A garota pegou Madhu de surpresa com um abraço. Madhu sutilmente retribuiu o abraço.

– Pode me chamar de Liv. E já pode tirar os infropectos, não precisa usá-los em Shambala – disse Liv, que usava um macacão branco justo no corpo, revelando curvas perfeitas.

– Madhu – disse seu nome em cumprimento. – E, afinal, para que servem esses adesivos mesmo? – perguntou. Ela nem se lembrava que estava com os infropectos colados na testa e nos antebraços. E começou a tirá-los.

Liv, Madhu e Behosa seguiram para dentro do chalé, entrando numa aconchegante sala que mais parecia um estúdio de pintor, com cavaletes, telas e tubos de tintas por toda parte. Liv não parecia ser muito organizada, havia deixado o godê de pintura sobre o sofá que estava coberto com uma manta completamente manchada de tintas, formando acidentalmente figuras exóticas abstratas muito coloridas.

Enquanto os três seguiam para dentro da sala, Liv tomou a iniciativa de responder à pergunta de Madhu:

– Os *puros*, como chamamos quem não é híbrido, têm medo de nós, seres emotivos – disse, revirando os olhos. Acham que podemos atacá-los feitos psicopatas a qualquer momento. Então eles implantam os infropectos em nós para nos manter sobre controle quando temos de sair da linda prisão Shambala para outras Alas da Shandi33. Caso você se torne uma ameaça para a Shandi33 ou para qualquer tripulante, os infropectos vão fazer você apagar.

– Esqueceu-se da parte que monitoramos a saúde dos humanos com os infropectos, que injeta substâncias curativas, se necessário – acrescentou Behosa, em pé, na soleira da porta, dando a impressão de que estava com pressa para ir embora.

– Behozito, você sempre só conta o lado bom da história. Garanto que ainda não contou a ela que de agora em diante

ela é uma ratinha de laboratório prisioneira – disse Liv, provocando Behosa.

– Preciso ir – informou Behosa, que realmente estava com pressa. – Madhu, amanhã ao nascer dos sóis, Nero virá buscá-la e levá-la para conhecer sua conselheira. E Liv, não encha a cabeça da Madhu com suas teorias conspiratórias sem cabimento. Namastê, meninas! – disse Behosa, dando as costas e indo embora.

– Espera aí! Você me deve algumas respostas. E que negócio é esse de conselheira? – perguntou Madhu.

Behosa subiu na *vinamaxi* e partiu, ignorando as perguntas da Madhu, que se mantinha em pé na soleira da porta vendo a *vinamaxi* levantar voo e sumir no lindo céu de Shambala.

– Não liga, é o jeito dele, sempre com pressa, sempre sem tempo para nós, inferiores seres emotivos. Mas venha, vou lhe mostrar seu quarto – disse Liv, puxando Madhu pela mão em direção à escada. – Você está com fome? – quis saber enquanto subiam as escadas.

– Huummm... – Madhu não sabia se estava com fome. Eram tantas as novidades, que comer seria a última coisa a pensar.

– Acabei de colher shishades, é a fruta mais doce e suculenta que temos, melhor que chocolate, que não temos nem faz falta. Ah, preciso levá-la para a praia amanhã. É holográfica, não é mar de verdade, mas dá para nadar. Vai ter uma festa, tem gente curiosa para conhecê-la. Você é a única terráquea de toda a Shandi33! Em Shambala, somos todos híbridos ou andróides, menos você, claro! Em outras Alas temos os *puros*, que não têm misturas de DNA. E tome cuidado para não confundir híbridos com andróides. Os andróides são insensíveis e alguns não têm pênis...

Madhu parou de escutar sua nova amiga alienígena ao ouvir a palavra *pênis*. Ela não parava de papear enquanto subiam a escada. Madhu sentia-se cansada, e tudo que ela queria era que a Liv parasse de falar sobre festa na praia com

androide sem pênis e lhe contasse o que realmente importava. O que ela estava fazendo naquele lugar?

As duas entraram em um quarto bem simples, rústico e acolhedor, com poucas mobílias. No centro, estava uma cama *king size* e diversas almofadas com estampas coloridas sobre ela. Um grande espelho fixado na parede lateral de pedras chamava a atenção, dando a ilusão de uma dimensão maior do quarto. Um banco estofado vermelho estilo colonial estava na frente do espelho, e logo ao lado um grande baú velho trazia o charme da era medieval ao dormitório. Duas grandes janelas estavam abertas, revelando uma bela vista do jardim florido.

– Aqui é o seu quarto. Suas roupas foram clonadas, estão todas no baú. Não precisamos de xampu nem sabonete. A água esteriliza e limpa tudo, e deixa os cabelos sedosos. Menos o meu, que é terrível, nada deixa meu cabelo sedoso – disse a tagarela alienígena.

– Desde quando está morando aqui? – Madhu precisava investigar.

– Aqui na casa, aqui em Shambala ou aqui na Shandi33?

– Na nave.

– Eu nasci aqui, em Shandi33, no laboratório da Ala45. Sou híbrida, metade DNA de terráqueo, outra metade DNA siriano. Sou fruto de um experimento para uma nova espécie mais evoluída de terráqueos. Pelo menos é isso que dizem. A diferença de uma híbrida, como eu, para uma terráquea, como você, está mais na porcentagem da utilização da mente e na longevidade do corpo. Por exemplo, eu aprendi seu idioma medíocre em duas horas. Um terráqueo não conseguiria isso. E posso viver em média setecentos anos neste corpo.

– Onde estão seus pais? – tentou saber Madhu.

– Nossa sociedade é diferente da sua, terráquea. Não temos pais, nascemos em laboratório, de dentro de uma cápsula bolha e não de dentro de um útero. Eca! Não nos interessa saber quem foi o nosso doador de DNA.

– Quem cuidou de você quando era apenas um bebê?

– Minha conselheira e seus auxiliares. Cada criança híbrida possui um conselheiro. Cada conselheiro tem como dever educar sete crianças. As crianças vivem na Ala7. Depois que deixam de ser crianças, são trazidas para Shambala e não necessitam mais de conselheiros. Mas você, pelo jeito, precisa.

– Liv, eu preciso saber, me conte tudo, nem sei por que estou aqui. O que eles querem de mim? Você sabe?

– Não sei, só tenho teorias e suspeitas. E a sua conselheira me orientou para eu não lhe dizer nada. Ela mesma quer explicar. Se eu disser a minha teoria sobre esse assunto, tomo uma advertência. E não preciso de mais uma na minha lista de advertências, poderia perder algumas regalias importantes, como liberdade para sair de casa e voltar quando eu bem quiser. Sua presença aqui é um mistério. Os cientistas estão sempre cheios de segredinhos. Melhor você descansar. Tenho certeza de que amanhã Nero vai passar aqui bem cedo, e você ainda deve estar com a substância calmante liberada pelos infropectos no sangue. Sua conselheira vai poder responder todas as suas perguntas. Faça perguntas inteligentes e não idiotas de terráqueos sem noção.

Liv saiu do quarto e fechou a porta, deixando Madhu sem respostas e ainda mais confusa.

Madhu se sentia extremamente sonolenta e cansada. Devia ser efeito de alguma droga no organismo, como disse Liv. Não teve outra escolha a não ser se jogar na cama e dormir.

Capítulo 2

Madhu estava presa, encolhida numa pequena gaiola que fedia carniça. Seu pânico aumentava ao saber que logo o grande Dragão iria acordar para devorá-la. O mínimo barulho poderia acordá-lo. Por isso respirava sem produzir nenhum ruído. Mas sabia que seu esforço só estava postergando o inevitável: iria morrer.

O Dragão acordou, abriu seus vorazes olhos vermelhos que revelavam vigorosa fome ao ver sua presa engaiolada. Sua baba gosmenta escorria lentamente pelos cantos de sua enorme boca semiaberta. Aproximou-se vagarosamente da gaiola com o olhar fulminante. Usou sua destemida garra para abrir a gaiola e, ao abri-la, devorou seu jantar numa única bocada.

Madhu acordou sem fôlego, com a camiseta úmida de suor grudada no corpo. Nunca teve um pesadelo tão impiedoso. Olhou ao redor, pelo menos agora sabia onde estava. *Shambala!* – lembrou-se. Só não sabia por que estava presa naquela fascinante cidade de faz de conta e ansiava por uma resposta. Mas não antes de comer. Estava com o estômago reclamando de fome.

Na noite anterior, assim que Liv saiu do quarto e fechou a porta, Madhu se jogou na cama e dormiu em poucos minutos, ignorando sua fome de tão cansada que estava.

Precisava tirar a roupa suada e colocar outra limpa. Foi até o baú e, ao abri-lo, ficou espavorida ao ver todas as suas roupas. *Como é possível?*, pensou. Parecia não estar faltando nenhuma peça. Trocou-se e desceu a escada, seguindo direto para a cozinha.

Entrando na cozinha, teve a bela visão de dois sóis através da janela. Sentiu um cheiro perfumado que despertou ainda mais seu apetite. Notou que o delicioso aroma vinha das

inusitadas frutas amarelas que estavam num cesto na mesa de centro da cozinha. Sua fome era tamanha que catou uma fruta e deu uma imensa mordida. E não se arrependeu nem um pouco: era a fruta mais saborosa que já havia experimentado na vida, nada se comparava àquele sabor! Quando estava devorando a terceira fruta, Liv aparece pela porta da cozinha que dava para o jardim nos fundos da casa.

– Sabia que iria adorar as shishades, não há quem resista. Colhi pensando em você que, a propósito, está atrasada.

– Bom dia para você também, Liv – disse Madhu, com a boca cheia de shishades. – Atrasada?

– Nero, o assessor da sua conselheira, deve estar chegando, e sua boca está suja de shishades. Meu Vishnu, terráquea! Nem aprendeu a comer direito sem se lambuzar no seu planeta primitivo? Deixe-me ajudá-la – Liv catou um pano de prato pendurado próximo da pia, se aproximou de Madhu com o suave tecido alienígena e limpou o canto da boca de Madhu dos restos de shishades.

– Obrigada. Pode deixar que eu mesma limpo. – Madhu pegou o tecido da mão de Liv e terminou de limpar sua boca.

O doce deleite com as shishades fez com que Madhu se esquecesse do importante encontro com a sua conselheira. Estava ansiosa em vê-la, pois esperava que todo o mistério sobre sua abdução fosse esclarecido.

– Preciso lavar as mãos. – Madhu seguiu em direção à pia da cozinha quando ouviu batidas na porta da entrada da casa.

– Pode ir lavar as mãos, eu abro – disse Liv, seguindo para abrir a porta.

Logo depois, Madhu foi até a porta da frente e viu um imponente jovem alto e magro, de pele branca, cabelo curto castanho-escuro com corte estilo *Beatles* e orelhas pontudas como as de um *elfo*. Ele já estava montado elegantemente numa *vinamaxi*, olhando para Madhu.

– Olá, senhorita Madhu, eu sou Nero. Vim buscá-la para o encontro com a sua conselheira, Tarala Shanata.

– *Híbrido?* – Madhu sussurrou discretamente no ouvido de Liv, que estava bem ao seu lado. E, no mesmo instante, Madhu pareceu ter visto um sorriso disfarçado no canto da boca de Nero. Contudo, Madhu não conhecia a relevante capacidade auditiva de um androide e acreditava que ele não pudesse ter lhe ouvido.

– Androide – respondeu Liv. – Boa sorte, Madhu! E não se esqueça de que hoje temos uma festa na praia.

Madhu subiu na *vinamaxi*, e partiram. Sentia-se plenamente restaurada depois de ter comido shishades.

No trajeto, listou mentalmente as perguntas que faria para a sua conselheira – não podia se esquecer de nenhuma dúvida importante. Porém, inevitavelmente, Madhu acabou se distraindo, deixando seu pensamento se dispersar com a linda paisagem abaixo. Mas não podia ignorar o incomum fato de estar sentada atrás de um interessante androide idêntico a um humano, sem levar em conta as orelhas pontudas.

– Então você é um androide? – perguntou Madhu, que não entendia a grande semelhança com o povo da Terra.

– Sim. Sou um androide zepto-biológico, é a última tecnologia androideana na Via Láctea. Surpresa em conhecer um androide? – indagou Nero, indiferente.

– Nada mais neste lugar me surpreende. – Madhu já estava se acostumando com a excentricidade da nave.

Mas ela estava enganada. Ao ver a paisagem adiante, ficou deslumbrada. Pensou não ser possível existir beleza maior do que já havia visto naquela nave. A paisagem era tomada pelo verde da natureza, com cachoeiras que deslizavam graciosamente pelos rochedos. No centro de toda aquela beleza, havia um esplêndido Castelo de Diamante, radiante e celestial, com uma enorme escadaria.

Nero deixou Madhu aos pés da elegante escadaria. As sinuosas curvas da grande escada levavam até uma grandiosa porta dupla branca luminosa, a entrada principal do castelo. Madhu sabia o que fazer. Tinha a sensação de que já havia visto aquele castelo em algum lugar e, apesar da

sensação ser ilógica, seguiu seu intuito. Tirou os sapatos e subiu a escadaria lentamente, respirando fundo para sentir o maravilhoso aroma das plantas do bosque que cercavam o suntuoso castelo, apreciando a suave e fresca brisa que acariciava seu rosto. Tudo era perfeito, e sentia uma paz profunda.

Assim que se aproximou da entrada, as portas se abriram automaticamente, revelando mais encanto. A farta iluminação no interior do Castelo de Diamante parecia reluzir de todas as partes, e no centro da grande antessala de entrada, bem à sua frente, mais uma enorme escadaria com incríveis corrimões esculpidos minuciosamente com graciosas formas curvilíneas.

Madhu sabia que sua conselheira estava na torre mais alta do castelo. Ela sentia e seguiu sua intuição, subindo as escadas. Ao alcançar o último degrau, deparou-se com uma porta muito alta e estreita, que se abriu lentamente. Madhu entrou.

Era uma sala linda e muito ampla, tendo o diamante como base. A decoração e arquitetura seguia estilo semelhante à antiga Índia. Havia uma piscina repleta de flores de lótus à esquerda, cuja extremidade acabava numa parede de diamante que continha uma linda escultura da Deusa Budista Tara Branca. Existiam três degraus de escadas ao redor de toda a piscina e lindos pilares de uma pedra branca radiante esculpida com formas geométricas estupendas. Do lado esquerdo, ficava uma enorme lareira com chamas azuis-celestes.

Bem no centro, com os braços abertos esperando pelo abraço de Madhu, estava Tarala Shanata, sua conselheira. Com enorme cabelo louro-escuro acinzentado e excêntricos olhos violetas, vestia um belíssimo longo branco com mangas compridas e gola alta. O vestido reluzia com minúsculas e abundantes pedrinhas de diamantes por toda a sua extensão. Com traços delicados como os de uma criança e um olhar penetrante de profundo amor e bondade, Tarala parecia ter

luz própria, exatamente como todo aquele maravilhoso Castelo de Diamante. Ela transmitia uma doce ingenuidade, suavidade, alegria e paz profunda.

Sem hesitar, Madhu aceitou o amoroso abraço de sua conselheira. Sua paz e alegria eram tanta que Madhu começou a chorar. Nunca havia se sentido tão amada e protegida. Só agora ela entendia a imensa força do poder do amor. Nada na vida era mais grandioso que aquela força emitida do coração de Tarala.

– Minha amada menina. Estou tão feliz em ter você nos meus braços, protegida. Você é tão profundamente amada, minha criança – disse Tarala, na sua suave e angelical voz, com ternura, acariciando os longos cabelos acobreados de Madhu. – Sei que está confusa e preocupada. Estou aqui para ajudá-la. Faça quantas perguntas quiser. – Tarala indicava com o braço num gesto lento e suave para que Madhu se sentasse com ela nas almofadas macias e coloridas diante da lareira. Deixou que Madhu seguisse na frente e se acomodasse primeiro.

A lareira exalava um aroma doce delicioso. As chamas azuis não emitiam calor, era como estar diante de uma suave e doce brisa de primavera.

– Por que estou aqui? Por que fui abduzida? Quando vou voltar? – perguntou Madhu ansiosamente. Eram tantas as perguntas que nem sabia por onde começar.

– Está aqui porque este é o único lugar onde poderá encontrar a verdade necessária para o despertar de sua maestria. E somente os seus passos e suas escolhas dirão quando é hora de voltar.

– Por quê? Por que tenho de estar aqui para descobrir a verdade? Que verdade é essa? – questionou Madhu.

– A verdade está sufocada, presa dentro de algum lugar obscuro, escondido dentro de você. Por isso, só você pode libertar a verdade. Veio aqui porque este é seu caminho. Se eu lhe disser qual a verdade que deve ver, não será a verdade, será apenas um ponto de vista relativo, será apenas

o meu ponto de vista. A verdade tem de vir de dentro de você, ou não terá consistência, não será a verdade – respondeu Tarala.

– Como posso... libertar a verdade? – quis saber Madhu.

– Pare de resistir. Não tente controlar a vida. Tente aceitar. Acredite que tudo tem um propósito soberano de ser. O que deve fazer no momento é aproveitar sua estadia a bordo de Shandi33, que lhe mostrará a verdade quando você estiver pronta para aceitar.

– Não entendo. Parar de resistir? – indagou Madhu, que não via resistência nenhuma de sua parte. Não entendia o que Tarala estava falando.

– Esforce-se para se lembrar do que aconteceu momentos antes de ser resgatada pela Shandi33. Seja forte, acredite que tudo tem seu propósito de ser. O medo leva você ao fracasso. Não tenha medo.

– Por que simplesmente não me diz o que aconteceu antes de eu ser abduzida?

– É perigoso, ainda não está preparada para a verdade. Só estará quando começar a vê-la com seu coração. Se lhe disser sem que esteja devidamente preparada, o medo tomará conta de seu coração e todo o nosso trabalho terá sido em vão. Não fique frustrada, minha amada. Desta vez, tenho muita esperança que dará certo. Hoje começará seu processo de busca da verdade. Já está tudo preparado. Basta aproveitar sua jornada a bordo da Shandi33.

– Como posso ficar tranquila e aproveitar esta viagem alucinante sem saber se meu pai e minha irmã estão bem? – inquiriu Madhu, pois, na verdade, realmente este era o único empecilho que a impedia de relaxar e curtir aquele lugar deslumbrante.

– Posso lhe garantir que eles estão bem. Vou explicar uma coisa para que se sinta mais tranquila. Pela lei dos multiversos, não é possível viajar para o passado. Mas Shandi33 consegue penetrar num local neutro, num vazio no espaço entre universos paralelos. Neste local, o tempo dos

multiversos fica parado para nós, que estamos no vazio. É como estar congelado no tempo do universo enquanto vive-se dentro do tempo relativo de Shandi33. Neste momento, estamos neste espaço neutro entre universos paralelos, ou seja, o tempo não passou no seu planeta. E, quando voltar para a Terra, estará exatamente no mesmo local e tempo que foi abduzida. Ou seja, ninguém sentirá sua falta.

Não tinha como Madhu duvidar de sua conselheira. Madhu via o amor mais puro nos olhos de Tarala. Sabia que ela dizia a verdade. Aquele ser de luz própria jamais poderia mentir.

– Behosa disse que não é a primeira vez que acordo em Shandi33. O que isso quer dizer? – perguntou Madhu.

– Cada vez que falha e não encontra forças para digerir a verdade, a jornada recomeça. A falha não é só sua, é nossa. Por isso digo que desta vez é muito provável que dê certo. Foi elaborado um bom reajuste no método, um novo plano. Que fortalecerá você antes de encarar a dura verdade.

– A jornada recomeça? – tentou decifrar Madhu, não entendendo o que foi dito por Tarala.

– Eu explico melhor. Não é possível viajar para o passado dentro de um Universo. Mas não estamos dentro de um Universo, estamos no vazio. Shandi33, estando no vazio, seu interior pode viajar para o passado. No vazio, o tempo não existe, mas existe tempo dentro da Shandi33 onde a vida transcorre. É importante que entenda que esta viagem para o passado ocorre apenas aqui, dentro da nave, apenas no tempo de Shandi33.

– Cada vez que você se depara com a verdade e não tem forças para suportá-la, somos enviados de volta no passado do tempo de Shandi33, e você acorda no laboratório de Behosa sem se lembrar das jornadas anteriores que teve a bordo desta nave. Esta é a quinta vez que acorda no laboratório de Behosa sem se lembrar das jornadas anteriores. Geralmente, esse processo de aprendizagem é feito por meio de reencarnações em planetas primitivos, mas não temos mais tempo dentro do Universo para enviar outra

Semente Estelar na Terra e esperá-la amadurecer. E também não podemos permanecer no vazio por muito mais tempo de Shandi33.

– Semente Estelar?

– Você é uma de nós, Madhu, que fez o grande sacrifício em nascer completamente humana no planeta Terra, com a missão de nos ajudar a salvar a raça humana terráquea da grande destruição planetária. Faz ideia do quanto lhes amamos, quanto somos gratos pelo seu sacrifício?

– Há um cientista de uma estrela isolada e distante que desenvolveu a tecnologia de voltar o interior da forma dodecaédrica estrelada para o passado, estando esta forma dentro do vazio. O tempo no interior desta forma geométrica pode voltar ao passado quantas vezes forem necessárias, até a lição ser aprendida. Ninguém pode entrar no planeta Terra vindo do futuro, por isso não podemos salvar o planeta Terra dessa forma, intervindo nos eventos passados.

– Quanto à sua memória, teve de ser perdida para protegê-la do medo indigesto, mas toda a informação das experiências vividas nas jornadas anteriores a bordo de Shandi33 permanece no seu inconsciente, e você vem se fortalecendo a cada novo recomeço. Você é a primeira espécie a testar essa nova tecnologia de evolução que encontramos numa isolada estrela distante. Estamos fazendo reajustes nesse novo método experimental do qual você é cobaia. Em breve saberemos se nossos reajustes irão funcionar.

Tarala deu uma pausa antes de continuar a explicação. Madhu se esforçava para permanecer focada, atenta na explicação, enquanto olhava para as chamas azuis-celestes da grande lareira à frente.

– A base para a criação dos multiversos é matemática, música é matemática. Por isso, para que entenda os multiversos e o vazio, farei uma analogia com a música. Na música existem doze sons harmônicos principais, assim como existem doze universos. Depois desses doze sons

harmônicos, há um espaço entre a última nota dos doze sons harmônicos principais e a primeira nota dos seguintes doze sons harmônicos que estarão numa outra frequência. Esse espaço entre sons harmônicos é o vazio ou “o muro”, como é conhecido na música. Cada nota musical representa um universo, as notas subsequentes representam os universos paralelos. Os doze sons harmônicos seguintes de outra frequência representam os universos paralelos de outra dimensão. O vazio fica entre uma dimensão e outra – explicou Tarala, da melhor forma possível para que Madhu entendesse onde ficava o vazio, ou seja, onde permanecia Shandi³³.

Era muita informação recém-adquirida. Madhu precisava de tempo para assimilar todas as inusitadas notícias sobre a destruição do planeta Terra, Semente Estelar, vazio. Precisava refletir sobre tudo aquilo que acontecia com ela.

Ao longo de sua vida, quando observava milhões de estrelas no lindo céu da chácara onde morava com sua família, um profundo e incógnito sentimento de saudade despertava forte emoção em Madhu. Agora ela compreendia que a misteriosa emoção despertada pela bela visão das estrelas vinha de suas experiências de outros mundos. Começava a compreender por que sempre se sentiu deslocada da sociedade humana terráquea, que lhe parecia possuir comportamentos ilógicos e intrincados, tão difíceis de aceitar. Sentia solidão por ser incompreendida. Pois era incompreensível para Madhu o fato de as pessoas se alimentarem da morte, da dor e do sofrimento dos animais, sendo que não necessitam de carne para viver – uma alimentação à base de grãos e vegetais seria muito mais saudável para os humanos e para o planeta. O deprimente uso de combustíveis fósseis, o desperdício de recursos naturais e o consumismo. Essas questões a deprimiam, tirava a vontade de viver. O sistema não abria chances para mudanças, era um círculo fechado de autodestruição. E ela se entristecia com o rumo que a humanidade estava tomando.

Só agora Madhu compreendia o porquê de se sentir tão segura e feliz a bordo da Shandi33. Tudo começava a fazer sentido.

Tarala permaneceu em silêncio, respeitando as reflexões de Madhu. As duas permaneceram sentadas lado a lado, admirando as chamas azuis da grande lareira.

– Quando disse que eu sou uma de vocês... Quem são vocês? – perguntou Madhu.

– Somos a Confederação Intergaláctica Estelar. Somos a autoridade responsável pela evolução das espécies em toda a Via Láctea.

– Eu... – Madhu queria ter mais perguntas. Ela tinha mais perguntas! Porém, com a cabeça saturada de tantas informações, sentiu a mente dispersar.

– Imagino que precise de tempo para digerir todas as informações – adivinhou Tarala. – Não tenha pressa e não se preocupe, estarei sempre aqui. Pode voltar sempre que sentir necessidade.

Madhu se despediu de Tarala se sentindo renovada e cheia de vida. Iria seguir o conselho de Tarala: relaxar e aproveitar sua estadia a bordo da fascinante Shandi33. Finalmente se sentia inserida numa sociedade digna de se viver. Nunca se sentiu tão feliz.

Descia distraidamente a longa escadaria externa embevecida com sua alegria. Foi só no final da escadaria que Madhu avistou um belíssimo jovem sorrindo com brilho nos profundos olhos castanhos, que admiravam Madhu com paixão. Ele ofereceu a sua mão a ela, para ajudá-la a descer o último degrau. Ela aceitou envergonhada – sempre se acanhava ao ver um homem muito bonito –, e aquele misterioso jovem simplesmente era o mais bonito que Madhu já havia visto. Era também atraente e sensual, com um olhar penetrante que parecia despi-la. Alto, atlético, com músculos bem definidos, aparentava ser um jovem com pouco mais de vinte anos de idade. Seu cabelo era castanho, curto, com uma charmosa franja lateral caída na testa. Vestia-se

elegantemente com uma *kurta*, típico traje masculino indiano que consiste numa camisa comprida, calças e botas *na* cor areia.

– Não imagina como estou feliz em vê-la. Cada minuto sem você me parece uma eternidade – disse o lindo jovem, beijando o dorso da mão de Madhu sem tirar seus olhos dos dela.

– Gostaria de dizer o mesmo. Já nos conhecemos? – articulou Madhu. Mas no fundo Madhu sentia que já o conhecia de algum lugar. E sentiu uma familiar felicidade ao ver aquele estranho e magnífico rapaz.

– Perdoe-me não ter me apresentado. Meu nome é Niki. Estava ansioso em me encontrar com você. Só agora tive permissão para vê-la.

– Meu nome é... Bom, acho que já deve saber meu nome. Nós éramos amigos aqui na nave? – perguntou Madhu.

– Pode-se dizer que éramos muito mais do que amigos – respondeu Niki, cujos olhos apaixonados não o deixavam mentir.

Madhu não conseguia evitar sorrir de felicidade e excitação. Relaxar e aproveitar sua jornada a bordo de Shandi33 começou em grande estilo.

– Venha. Quero que conheça um lugar – convidou Niki, apontando com a cabeça para a direção que deveriam seguir.

Niki e Madhu seguiram andando para dentro do bosque que cercava o suntuoso Castelo de Diamante.

De repente, Niki parou de andar e virou o corpo para trás. – Olhe! – pediu Niki, apontando com o dedo para o Castelo de Diamante, que estava mudando de cor – o brilhante diamante passava para um suave e romântico tom de rosa.

– É... estou sem palavras, Niki! – disse Madhu, encantada com o que via. O castelo estava impressionantemente belo e romântico naquela cor. Era a cena perfeita para o início de um romance – ou seria reinício?

– O castelo é feito de diamante, por isso se chama Castelo de Diamante, e muda de cor conforme o estado mental de

Tarala. O pensamento tem o poder de mudar a matéria, mas, com Tarala, esse poder é muito maior – explicava Niki, com carinho na voz.

– Você disse *diamante*? Está falando sério? – interrogou Madhu, surpresa.

– Sim, o diamante foi retirado de um planeta inóspito que continha tanto diamante quanto a Terra contém ferro. Mas não era isso que queria lhe mostrar. Vamos! – chamou, virando-se e voltando a andar bosque adentro.

Depois de breves minutos, chegaram a uma pirâmide de cristal que estava escondida entre os imensos pinheiros do bosque. Subiram uma pequena escada para ter acesso ao interior da construção por uma porta triangular.

Dentro havia um lago com diversas pedras achatadas expostas sobre ele bem no centro. Neste, que também era o centro da pirâmide, havia uma atraente ilha rochosa.

Niki e Madhu foram pisando de pedra em pedra sobre o lago, com cuidado, até alcançarem a ilha rochosa central. Niki ajudava Madhu com cuidado extremo, segurava em sua mão cada vez que Madhu ia pisar numa nova pedra.

No lago havia lindas carpas coloridas biluminescentes, que iluminavam o interior da pirâmide com cores diversas, criando um lindo espetáculo de luzes coloridas. Na ilha rochosa havia um buquê de margaridas brancas. Niki sentou-se próximo ao buquê e Madhu sentou-se ao seu lado.

Niki alcançou o buquê de margaridas e o entregou para Madhu. – São para você! – disse.

– São minhas flores preferidas! Como adivi... Ah! – recordou-se frustrada de que Niki provavelmente deveria saber diversas questões sobre ela, mas ela não sabia nada sobre Niki.

– A cada jornada venho aprimorando minha estratégia em conquistá-la – disse modestamente, dando de ombros. – Continuará conquistando-a por toda a eternidade. Mas você precisa se lembrar, Madhu. O ciclo de retornos à jornada precisa acabar. Quando olho nos seus olhos, vejo uma

profunda tristeza enraizada no fundo de sua alma. Não suporto mais ver essa tristeza em seus olhos. Queria poder carregar essa tristeza para você. Seu sofrimento é meu sofrimento em dobro. Não suporto mais vê-la carregando essa dor.

Madhu ficou com um nó na garganta. Niki tinha razão quanto à sua tristeza, mas não gostava de pensar nesse assunto, era como cutucar uma ferida aberta. Ela desconhecía a razão de tamanha tristeza. Sentiu vontade de abraçar e consolar aquele lindo homem por quem acabara de se apaixonar. Mas conteve-se.

– Em todas as jornadas, esta pirâmide sempre foi seu lugar preferido – disse Niki, se referindo à pirâmide de cristal. – Você gostava de vir aqui para meditar, refletir. Às vezes, nós nos encontrávamos aqui.

– Este ainda é meu lugar preferido – disse Madhu, com profunda sinceridade. Aquele lugar, sem dúvida, era o local mais tranquilo que já havia estado. – Como é que você se lembra de todas as jornadas passadas ocorridas pela viagem no tempo? Só eu perco a memória? – perguntou Madhu. – Isto ainda está confuso na minha cabeça. Não entendo.

– Não é só você que perde a memória, Madhu. Quando esse distinto método estava em discussão para ser implantado, foi decidido que todos os habitantes de Shandi33 iriam perder a memória a cada retorno no tempo para que o efeito da volta ao tempo repetida vezes não fosse tão tedioso e frustrante. Apenas poucos tripulantes de Shandi33 mantiveram a memória preservada, intacta, a cada retorno no tempo.

– Você, Behosa, Tarala... – supunha Madhu, ao ser interrompida.

– Nossas memórias foram preservadas. Todos os conselheiros e cientistas da Shandi33 mantiveram suas memórias preservadas.

– E você? Por que teve a memória preservada? É um cientista?

Niki sorriu sem deixar de olhar para Madhu. Segurou sua mão, e Madhu sentiu o efeito do toque por todo o seu corpo, como uma descarga elétrica que disparou seu batimento cardíaco, trazendo uma sensação de incêndio interno.

– Porque dessa maneira eu poderia ajudá-la – disse Niki, com o olhar inebriado de desejos por Madhu.

Niki deixou Madhu sem fôlego. Era difícil manter-se sóbria na presença daquele homem tão lindo e envolvente. Sentia um intenso desejo de agarrá-lo e beijá-lo. Antes que seu desejo saísse do controle, tinha de mudar de assunto para tirar o foco do romântico clima que se formou.

– Não entendo... Por que manter segredo na Terra sobre a vida extraterrestre? Seria tão mais fácil se vocês ajudassem os seres humanos da Terra.

– Nós ajudamos, em segredo, e existe um bom motivo para isso. Uma das muitas leis que criamos, diria que uma das principais leis que a Confederação Intergaláctica Estelar criou, é a *lei da não interferência*, que é manter segredo absoluto sobre a existência de extraterrestres nos planetas em estágios primários de evolução, como o planeta Terra.

– Antigamente, não mantínhamos esse segredo, e algo terrível aconteceu no planeta Terra. Alguns extraterrestres confederados, vindos de outras estrelas ou de outras naves, afetados pela baixa densidade vibracional dos terráqueos recém--criados, começaram a sentir o gosto pelo poder de sua ilusória superioridade, se autoproclamaram poderosos *deuses* por serem os cientistas criadores da espécie humana terráquea. Surgiram diversos *deuses* em diversas partes do planeta Terra. Muitos tinham ótimas intenções e realmente ajudavam os humanos na evolução, mas outros aproveitaram a oportunidade para obter trabalhadores braçais gratuitos para propósitos egoístas. Medo e esperança são os ingredientes fundamentais para o controle da massa humana primitiva. Os poderosos e temidos *deuses* castigavam os desobedientes e prometiam o paraíso aos devotos fiéis.

– Bom, parece que as coisas não mudaram tanto deste então – disse Madhu.

Niki continuou sua explicação.

– Nesse íntimo contato entre deuses e terrá-queos, os terráqueos tiveram acesso a armas e tecnologias muito avançadas de seus *deuses*, e a imaturidade e ignorância dos terráqueos fizeram com que usassem essas ferramentas para provocar terríveis destruições. Os terráqueos se tornaram ameaça para a própria espécie, uma espécie autodestrutiva. E os confederados estavam sendo cada vez mais afetados pela baixa densidade do planeta Terra.

– A única solução que vimos para acabar com todos os problemas criados com o contato entre extraterrestres e terráqueos foi destruir toda a ameaça iminente e iniciar a criação novamente com a *lei da não interferência* em vigor. Foi com o *dilúvio* que destruimos o perigo. Salvamos o DNA apenas de seres mais responsáveis para dar continuação ao nosso trabalho.

– Os *grays* que caíram em Roswell, eles existem? É verdade aquela história de terem sido resgatados pelo governo? – perguntou Madhu.

– Sempre tivemos problemas com os 663, os *grays*, como os terráqueos apelidaram. Eles não são confederados, ou seja, não são nossos aliados. São de um universo paralelo, duas notas abaixo da nossa. São grandes cientistas, nos pediram ajuda para salvar a espécie deles. Resolvemos ajudá-los se respeitassem nossas leis, poderiam vir e colher material de vida em nossa Galáxia. Foi assinado um acordo. Porém, nossa relação com os 663 se tornou tensa, sempre entramos em conflitos. Outro problema pendente que temos para resolver. Como se já não bastassem os reptilianos.

– Reptilianos?

– Claro que nem todos nos dão trabalho, muitos reptilianos nos ajudam, são confederados. Nosso atual Capitão, o Capitão Mastara, que comanda Shandi33, é um reptiliano, um humanoide serpente para ser mais exato. É um grande

Mestre, com grande sabedoria. Um excelente líder. Todos nós o admiramos. – Niki achou que era hora de parar de falar. Madhu precisava se alimentar e descansar. Ele sentia forte desejo de protegê-la e cuidar dela. – Estou falando demais. Desculpe-me. Você deve estar com fome. – Niki se levantou e ofereceu a mão para ajudar Madhu a se levantar. – Preparei uma cesta de refeição para nós – apontou para uma cesta no chão no canto da pirâmide sobre uma toalha com desenho de uma linda mandala. Na cesta, havia frutas frescas, tigelas com sementes e outras contendo legumes cortados. Ao lado da cesta, sobre a toalha, estavam duas belas taças de cristal cheias de água. Madhu reconheceu as shishades, grandes amêndoas e enormes maçãs. Os demais alimentos eram desconhecidos para ela.

Eles se sentaram ao redor da notável cesta de frutas e legumes vistosos. Madhu ficou indecisa. Não conhecia a maioria dos alimentos à frente, não sabia o que experimentar primeiro.

– Experimente as fafilas primeiro – disse Niki, passando-lhe uma tigela contendo tiras do que parecia um legume de um amarelo vivo.

– Fafilas – repetiu Madhu, para tentar memorizar o nome do legume alienígena. Deu uma mordida numa tirinha de fafila. – Huuumm... É uma delícia! Vou ficar só nas fafilas – disse com a boca cheia, impressionada com o delicioso sabor delas. – Desse jeito eu vou engordar.

– Impossível! Fafilas não engordam. É claro que não se pode comê-las em excesso, qualquer exagero pode fazer mal. Mas não conseguirá comer tanto. Nossos alimentos, com pouca quantidade, já nos deixam saciados.

Logo Madhu pode notar a veracidade nas palavras de Niki. Não conseguiu comer nem metade da pequena tigela de fafilas. Experimentou uma fruta vermelha por ter um aspecto apetitoso. Tinha sabor semelhante ao da jabuticaba, só que mais saborosa e sem sementes.

– Todos falam português em Shambala? – perguntou Madhu, curiosa.

– Nosso idioma local em Shandi33 é o sânscrito. Todos falam sânscrito. Bem, menos você. Somos políglotas, falamos todos os idiomas do planeta Terra e de outros também – disse Niki, passando mais uma fruta vermelha para Madhu. – Como sabe, matéria é energia, todo objeto possui uma vibração energética. O sânscrito é um idioma matemático, ou seja, cada palavra possui um comprimento de onda idêntico ao do objeto que aquela palavra representa. Por isso, é um idioma que todas as espécies inteligentes maduras compreendem ao ouvir. Matemática é um idioma universal. Foram os Rishis, nossos sacerdotes de Shandi33, que ensinaram sânscrito para os terráqueos. Seu nome, *Madhu*, como já sabe, em sânscrito significa *mel*, isso porque, ao vocalizar a palavra *madhu*, a vibração dessa palavra cria um comprimento de onda idêntico ao comprimento de onda de uma substância doce, dourada e nutritiva, o mel, substância altamente curativa produzida pelas abelhas, que foram levadas ao planeta Terra pelas sacerdotisas do planeta Avalon. Sem abelhas, os humanos terráqueos não sobreviveriam.

– Minha mãe adorava literatura épica indiana. Eu e minha irmã, quando bem pequenas, adorávamos ouvi-la nos contar a história do épico *Ramayana* – disse Madhu, com nostalgia.

– Se eu não me engano, ela viu o nome *Madhu* em algum épico indiano e gostou. Por isso me deu esse nome.

– Sua mãe recebeu inspiração de Tarala na hora de escolher o seu nome – explicou Niki. – Nada é por acaso, Madhu. Coincidências não existem. Você é a substância curativa da qual a humanidade terráquea necessita.

– O que quer dizer com isso? Eu, substância curativa? – inquiriu Madhu, alcançando a taça de água para beber um gole.

– Toda Semente Estelar é uma substância curativa. Não me pergunte a razão de você ser uma Semente Estelar. Para essa

questão, ninguém melhor que Tarala Shanata para lhe explicar.

Niki sabia quanto Madhu era curiosa. Madhu se esforçou para conter a curiosidade e verteu toda a água da taça.

– A história *Ramayana* aconteceu de verdade? – procurou conhecer Madhu.

– Valmiki! – exclamou Niki, como se acabasse de se lembrar de algo importante. – Preciso apresentar você a ele. Foi ele quem escreveu *Ramayana*. É um grande escritor.

– Valmiki Rishi!? Você o conhece? – argumentou Madhu, num abalo de admiração.

– Claro! Ele tripula Shandi33, assim como Narada Muni, Dasharatha e Bharatta. Todos vivem na cidade da Ala33.

– Sita e Rama também vivem em Shandi33?

– Atualmente, estão numa outra nave, Shandi22, um pouco menor que a nossa. Estão numa missão, criando novos humanos no planeta Zulyan, o qual é semelhante à Terra, porém vinte vezes maior. Estão realizando experimentos integrando o DNA deles com o de animais que se desenvolveram no planeta Zulyan.

– Uau! – exclamou com fascínio nos olhos. – Eu me sinto uma lerdaça visitando o mundo dos *deuses*.

– O problema está no DNA do corpo que está usando, Madhu. É um corpo bem limitado, aprisionado em cinco sentidos bem restritos. Não é *você*. Quando era uma de nós, sabia tanto quanto nós – explicou Niki. – Quero dizer, você ainda é uma de nós, que está temporariamente nesse corpo humano terráqueo para cumprir uma missão.

Vendo que Madhu já havia se alimentado e estava satisfeita, Niki achou melhor levá-la para sua casa temporária em Shambala. Sabia que ela carecia de descanso. Seu desejo era não sair do lado dela. Mas as necessidades de Madhu vinham em primeiro lugar.

– Vamos?! Vou levá-la para casa – disse Niki, se levantando e oferecendo sua mão para ajudar Madhu a ficar em pé. – E gostaria de convidá-la para sair hoje no final da

tarde. Haverá uma festa na praia ao pôr dos sóis. Gostaria que me acompanhasse – pediu com carinho nos olhos, segurando a mão de Madhu.

– Liv comentou sobre essa festa. É claro que aceito – respondeu Madhu, com convicção. Pois tudo o que Madhu mais queria era passar mais tempo com Niki, ser abraçada e beijada por ele. Ela sentia uma forte e inexplicável atração por ele. Uma mistura perfeita de carinho, admiração, respeito e atração sexual.

Niki recolheu a cesta e a toalha do piquenique e levou-a consigo enquanto seguia para fora da pirâmide de cristal acompanhado de Madhu. Seguiu até uma entroncada árvore, espalmou a mão na árvore que abriu um buraco no tronco, onde Niki jogou a cesta e a toalha.

Foi só quando o buraco se abriu no tronco da árvore que Madhu pôde perceber que aquela não era uma árvore de verdade. Pelo menos não como as árvores que conhecia.

Seguiram andando até a *vinamaxi* mais próxima, que os levou até a casa provisória de Madhu. A *vinamaxi* parou bem em frente à fachada do chalé.

– Acho que preciso aprender a pilotar esta coisa – disse Madhu, se referindo a *vinamaxi*. Madhu não queria depender sempre de alguém para se deslocar em Shambala.

– Mas primeiro teria de aprender a comunicação telepática com pedra de crysptina, diamante e cristal. – Niki se sentia triste por Madhu estar num corpo tão limitado. Sabia que, para seres humanos terráqueos, seria impossível comunicar-se telepaticamente com pedras.

Os dois desceram da *vinamaxi*, e Niki acompanhou Madhu até a porta. Ele se aproximou de Madhu, que sentiu seu corpo queimar e seus batimentos cardíacos se acelerarem. Ela foi pega de surpresa com um beijo... No rosto. Não era bem o que ela queria. Mesmo assim, aquele simples beijo tirou seu fôlego.

– Passo para pegá-la daqui duas horas. Aproveite para descansar – disse Niki.

– Obrigada, Niki. Pela refeição, por tudo.

Niki beijou o dorso da mão de Madhu e partiu na *vinamaxi*.

Madhu se sentia como se estivesse andando nas nuvens. Não acreditava em paixão à primeira vista até conhecer Niki. Entrou na casa não conseguindo conter um largo sorriso.

Liv estava na sala pintando uma tela num cavalete.

– Você demorou! – exclamou, com uma expressão curiosa no olhar, levantando apenas uma das sobrancelhas. – E pela sua cara, a conversa foi muito boa. Até que enfim chegou! Tem apenas duas horas para tomar banho, comer e se arrumar para a festa na praia. Separei uma roupa para você, é emprestada, vê se não rasga tropeçando nela com esse corpo terráqueo sem coordenação. Vi no seu baú que não tem nada apropriado para usar na festa. Deixei em cima da sua cama – disse Liv, enquanto continuava pintando a tela. – Por favor, não se atrase, não quero chegar atrasada. Pontualidade em Shambala é muito importante.

– Você ficaria muito chateada se eu não for com você? – perguntou Madhu, receosa. Estava se sentindo culpada; afinal, Liv a convidou primeiro, e só agora ela se lembrou de que teria de contar a Liv que iria com outra pessoa.

– Você vai sim, Madhu! Juro que vai ser muito legal. Você não vai se arrepender...

– Eu vou! – exclamou, interrompendo Liv. – Eu conheci um garoto, ele me convidou, vai passar aqui. Mas, se quiser, claro que pode ir com a gente.

– Espere aí! No seu segundo dia em Shambala você arrumou um garoto para levá-la a uma festa? Humpf! Deve ser seu cheiro. Já ouvi dizer que o cheiro dos hormônios de terráqueos é bem forte, coisa de primitivos. Agora entendi o brilho nos olhos e o sorriso estranho. Quem é o desatinado? Conte-me tudo. Como o conheceu? – Liv até parou de pintar o quadro, tamanha sua curiosidade.

– O nome dele é Niki. Parece que ele estava esperando eu sair do Castelo de Diamante para falar comigo.

– Niki! O Niki? Ai, Madhu, eu disse para você ficar longe dos androides!

– O Niki não é um...

– É claro que é! – exclamou Liv, interrompendo Madhu. – E deve ser um daqueles androides bizarros sem pênis. Nunca o vi com nenhuma garota. Sempre tão sério, tão comedido, responsável... Só sabe trabalhar. Um chato! Ele foi meu professor o ano passado. Não acredito que o Niki convidou você para sair. Deve ter algum parafuso solto naquele androide.

– Deve ser outro Niki – disse Madhu.

– Só existe um Niki em toda a Shandi33, *mon cher*. Pode ir com o Niki, você não é minha única amiga. Tinha dito às minhas amigas que iria levá-la, mas vou dizer que houve mudanças de plano por um motivo um tanto inusitado e que vou com elas. Recuso-me a segurar vela para uma terráquea ingênua e um androide chato. Estou pintando esse quadro inspirada em você. Sei lá por que *diacho* você me inspirou.

– Desculpa, Liv. De verdade. E o Niki... ele pareceu tão humano. – Madhu não poderia acreditar que estavam falando do mesmo Niki.

– Todos os androides zepto-biológicos se parecem humanos, mas são feitos de material biológico sintético que esteticamente imita o material orgânico natural. Feitos em laboratórios, da cabeça aos pés. Não envelhecem e nunca morrem. A maioria não tem emoções. Mas agora estão começando a fazer testes implantando emoções e sensações em alguns androides. Sei lá, o Niki deve ter tido algum implante bizarro desses para ter essa atitude absurda de convidá-la para a festa. Ele foi meu professor de herbologia medicinal no ano passado e nunca demonstrou emoção.

Aquela informação deixou Madhu confusa. *Apaixonada por um androide? O Niki!*, pensou. Não fazia sentido. Resolveu não prejudicar antes de ter certeza da verdade. Iria se encontrar com Niki, então esclareceria tudo com ele.

Madhu foi até seu quarto e viu que havia um grande e belíssimo tecido na cor amarelo queimado com graciosos bordados dourados estendido de forma cuidadosa em cima de sua cama. O bordado parecia ser feito com linha de ouro. Madhu tocou no tecido admirando as estampas bordadas. Parecia um finíssimo traje indiano. Enquanto se maravilhava com o traje, Liv entrou no quarto.

– É um *sari* – disse Liv apontando com o queixo para o traje. – Imagino que não saiba vesti-lo. Por isso subi para ensinar você a usá-lo. Escolhi essa cor porque combina com você. Quer dizer, o verde ficaria mais exótico e interessante num contraste com a cor do seu cabelo. Mas o dourado combina com seu nome e com sua personalidade. O que achou?

– Deve ficar lindo no corpo. Realmente não saberia vestir esse monte de pano sozinha.

– Mas primeiro vou encher a banheira para você tomar um banho. Sinto-me como se estivesse cuidando de uma criança. Behozita me apronta cada uma! Que aroma prefere? *Brifila*, *nudacur*, lavanda... Huuumm, quase me esqueci, você só conhece lavanda.

– Lavanda está ótimo. Para que o aroma? – perguntou Madhu.

– A água do banho é aromática. Para lavar o cabelo, basta mergulhá-lo na água...

– Já sei! Não precisa usar xampu, nem sabonete, a água esteriliza tudo – completou Madhu, lembrando-se do que Liv lhe havia dito no dia anterior.

– Ufa! Pelo menos isso você memorizou. Estava começando a achar que seu cérebro fosse um caso perdido.

– Tenho mesmo que usar o... – *Droga!*, pensou Madhu, que não se lembrava do nome do traje que acabara de ser dito. Talvez Liv tinha razão. Seu cérebro parecia um caso perdido com relação à memória.

– *Sari!* É uma festa de traje a rigor. Não seria educado dar uma de rebelde usando essas suas roupas disformes.

Madhu estava começando a se irritar com a sinceridade perversa de Liv. Começava a sentir falta da falsidade educada de uma boa amiga terráquea.

Madhu nunca foi vaidosa, muito menos consumista. Não se importava com moda, preferia gastar dinheiro com viagens e livros. Suas roupas eram velhas, típicas de adolescente *nerd*, que comprou quando ainda era uma adolescente de dezessete anos. Desde então não comprou mais peças. Tudo o que tinha para calçar era um sapato boneca estilo retro, um tênis *all star* vermelho e um chinelo *havaianas* verde. Madhu caminhou até o banheiro, onde observou Liv digitar um código num painel na parede ao lado da banheira. E logo ela começou a se encher de água, que parecia sair do ralo. Memorizou o código digitado, para poder preparar o próprio banho da próxima vez.

– E o que eu poderia usar nos pés? – quis saber Madhu preocupada. Seu chinelo verde ou seu sapato boneca não combinavam nem um pouco com o *sari*. Muito menos seu tênis.

– É uma festa na praia, não precisa calçar nada. Tome seu banho – disse Liv, enquanto saía do banheiro.

– Liv, obrigada por tudo. – Apesar da irritante sinceridade de Liv, Madhu gostava do jeito espontâneo e moleque de sua nova amiga. Liv parecia ter a sua idade. Resolveu tirar a dúvida. – Quantos anos você tem?

– Vou fazer quatorze anos no tempo cronológico do seu planeta primitivo.

– Você parece ter bem mais de treze anos em todos os aspectos.

– Característica siriana, que amadurece mais rápido que a terráquea.

– Você deve me achar uma estúpida. – Madhu se sentia tola comparada a Liv.

– Você não é estúpida, Madhu. Você está em um corpo estúpido, é diferente. Nossos espíritos têm a mesma origem, por isso, não sou melhor que você em nada. Só estou num

corpo com um cérebro que funciona melhor que o do corpo que você está usando. Só isso.

Liv saiu do banheiro e fechou a porta. Madhu tirou sua camiseta *baby look* azul royal com estampa da Mulher Maravilha, o tênis e a calça jeans surrada. Entrou na banheira. A água estava na temperatura ideal para seu corpo. O aroma de lavanda era maravilhoso e relaxante. Deitou na banheira e encostou a cabeça no apoio macio. De tão profundamente relaxada, acabou pegando no sono.

Capítulo 3

– Mãe, mãe! – gritou em desespero. Não acredito! Era ela, está viva!, pensou Madhu enquanto percorria as ruínas de uma antiga cidade à procura de sua mãe que acabara de ver. Parecia que sua mãe não lhe ouvira chamar e se perdera nas ruínas que formavam um grande labirinto.

Madhu correu por todo o labirinto de ruínas chamando sua mãe. Não mais a viu, mas ela estava lá, em algum lugar.

Virou em mais um beco estreito da ruína e não viu que este desembocava num grande lago de águas taciturnas. Assim que Madhu avistou o lago, já era tarde de mais: não conseguiu parar a tempo e mergulhou nas profundezas do lago.

Começou a afundar como pedra, não conseguia nadar, seu corpo estava muito pesado. Ao tocar a profundidade fantasmagórica do lago, viu sua mãe. Ela estava sorrindo, linda como uma sereia, que, feliz em rever a filha, abria os braços num convite tentador.

Porém, Madhu não conseguia sair do lugar, estava pesada como uma rocha, engolindo água, sentia seu pulmão queimar de dor. Estava se afogando e em breve iria morrer, isto era inevitável. Jamais veria sua mãe novamente.

Ao acordar, Madhu nem se deu conta de que estava se afogando na banheira de sua nova casa em Shambala. Pensou que ainda estivesse no fundo do lago. Confusa e desorientada, sentou-se na banheira tossindo e desesperadamente respirou o ar com avidez.

A água da banheira continuava numa temperatura agradável com o relaxante aroma de lavanda. Depois de se recuperar do princípio de afogamento, Madhu se levantou com as pernas ainda bambas, se secou, enrolou a toalha no corpo e foi para o seu quarto onde Liv a esperava ajustando

seu cabelo no espelho, já pronta, vestida elegantemente num fino *sari* marfim. Seu cabelo estava todo trançado com várias pequenas tranças embutidas que se encontravam em sua nuca e desciam nas costas em uma linda trança espinha de peixe. Liv estava linda.

– Humfp, até que enfim! Pensei que havia se afogado na banheira – disse Liv, com sarcasmo. Mal sabia ela que Madhu realmente quase morreu afogada. – Sabia que iria relaxar e adorar o banho aromático, mas não precisava exagerar. Está atrasada. Temos apenas vinte minutos para colocar sua roupa, fazer cabelo e maquiagem.

– Você está linda! – exclamou Madhu, admirando Liv em seu traje de festa.

– Eu sei. E também vou deixá-la linda. Senta aqui – ordenou Liv, apontando para o banco em frente do grande espelho na parede do quarto da Madhu. – Primeiro vou fazer seu cabelo e maquiagem, por último ajudo-a com o *sari*.

Liv trançava o belo cabelo acobreado de Madhu como se fosse uma profissional experiente em penteados. Fez uma formosa e volumosa trança espinha de peixe embutida lateralmente, deixando a longa franja solta. Fez uma maquiagem leve, com tons pastéis, destacando bem os olhos cor de mel de Madhu.

Madhu se olhou no espelho admirando o trabalho de Liv. Nunca se sentiu tão linda.

– Caramba, Liv!

– É, eu sei. Cinco minutos, rápido! – disse Liv, pegando o *sari* que estava sobre a cama e o ajeitando em suas mãos.

Quando Liv terminou de ajudar Madhu a se vestir, ouviram batidas na porta da frente da casa. Madhu nem teve tempo de dar uma última olhada no espelho para ver como havia ficado. Desceram as escadas juntas, Liv na frente.

Madhu não estava animada para a festa, mas, sim, para ver Niki. Não gostava de festas, nunca gostou. Música alta, gritaria, ostentação, bêbados inconvenientes. No entanto,

estava entusiasmada para sair com Niki e tirar suas dúvidas a respeito da informação que recebeu de Liv.

Liv abriu a porta. Era Niki. Ele estava todo de branco. Usava calça pescador amarrada na cintura com um cordão grosso, uma bata com uma discreta abertura até o peitoral musculoso e descalço. Radiantemente lindo. Vê-lo fez Madhu espontaneamente dar um tímido sorriso. Impossível haver um homem... (ou seria um androide?) mais belo que Niki.

Niki não conseguia tirar os olhos de Madhu. Estava sem palavras admirando-a. Parecia uma Deusa Indiana.

– Oi, professor Niki! Se fizer a minha amiga sofrer, juro que jogo você no buraco da reciclagem. Tchau para os dois! Vejo você na festa, Madhu. Tenho de passar na casa da Sarah e estou atrasada – disse Liv, saindo pela porta.

– Diga-me que isso não é um sonho – pediu Niki, que não conseguia tirar os olhos de Madhu.

– Quando eu descobrir o que é isso, eu conto – respondeu se aproximando de Niki e, mais confiante com sua aparência, deu um selinho na boca dele.

Niki não resistiu, agarrou Madhu e lhe deu um beijo de verdade, de tirar o fôlego. Os dois abraçados pareciam se encaixar naturalmente, parecia tudo maravilhoso. Madhu desejou que aquele beijo nunca tivesse fim, que nunca mais se separasse de Niki. Ele era perfeito. O beijo durou dez minutos ininterruptos. Nenhum dos dois queria interromper aquele momento especial. Desejavam que durasse por toda a eternidade. O beijo perdurou até Madhu se lembrar de que Niki poderia ser um androide.

– Temos de conversar – disse Madhu, interrompendo o beijo.

– Na festa. Vamos! Os sóis já vão se pôr. Não quero que perca o espetáculo.

Seguiram rapidamente para a praia em alta velocidade na *vinamaxi*, que pousou bem em frente ao local da festa.

Apesar de o mar ser holográfico, aquilo, sim, era praia. As paradisíacas fotos de litorais de revistas de viagem

terraqueas não chegavam aos pés da praia de Shambala. A areia era branca como açúcar refinado, macia e quentinha. Os coqueiros ao longo da costa ofereciam aos visitantes sombra e água de coco fresca. O mar era de um azul vivo, e, próximo da margem, a água era verde translúcida. Já havia várias pessoas admirando os sóis holográficos, que começariam a se pôr naquele momento.

Niki e Madhu sentaram-se na areia de mãos dadas. No céu, havia uma estupenda aurora boreal em tons de magenta, laranja e lilás. A beleza e a magia daquele lugar fizeram escorrer lágrimas de alegria dos olhos de Madhu. Era muita paz e beleza como jamais vira. Niki ofereceu um lenço para que ela secasse as lágrimas.

Quando o pequeno sol amarelo vivo começou a se esconder no horizonte, imitiu um doce e leve som “ahh”. Parecia voz de anjos cantando. Quando o pequeno sol estava escondido pela metade, o segundo grande sol vermelho começou se pôr no horizonte logo à sua direita. Quando o sol maior tocou o horizonte, emitiu um som grave “umm”. Este som trouxe ainda mais paz e beleza, num equilíbrio perfeito. Os dois sóis se pondo ao mesmo tempo formavam o som “ahumm”, que parecia estar sendo emitido por vozes de anjos num coro de alegria e amor por toda a criação. Madhu não conseguia parar de chorar de tanta gratidão que sentia em seu coração.

Logo após os dois sóis desaparecerem por completo, as estrelas e uma grande lua vermelha iluminaram o céu.

– Os dois sóis são Sirius A e Sirius B. Idênticos aos reais vistos do planeta Avalon, na constelação de Canis Major. Eles giram um em torno do outro, criando uma espiral idêntica à do DNA humano. É de lá que viemos – disse Niki baixinho, aproximando sua boca da orelha de Madhu, que sentiu todo o seu corpo arrepiar.

– Liv me disse que você é um androide. – O romântico momento não parecia ser o mais oportuno para tocar no assunto. Mas ela precisava sanar logo suas dúvidas.

- Liv não mente. Eu sou um androide.
- Mas como... Liv disse que androides não têm emoções.
- A sua nova amiga alienígena não teve boas experiências com androides. - Niki sorriu como se estivesse lembrando-se de um fato engraçado. - O que me diferencia de um ser humano é o corpo, e o que temos em comum é a alma. Cada androide é único e tem a própria história para contar. No meu caso, eu era um ser humano de Sirius e, num determinado momento, quando teria de deixar o velho corpo humano, ou seja, morrer, surgiu a oportunidade para que eu pudesse escolher entre entrar num corpo androide imperecível e imortal ou entrar num novo corpo orgânico, que, apesar de ter uma longevidade bem maior de um ser humano terráqueo, seria perecível. Escolhi o corpo androide. O meu corpo emocional foi gravemente prejudicado. Naquela época, um androide não tinha capacidade de acoplar o corpo emocional. Por isso, tenho de admitir: não sou emotivo como um ser humano. Mas você tem de entender que o amor não é uma emoção, é um sentimento. Nunca poderia me apaixonar, isto é emoção, mas nunca perdi minha capacidade de amar, isto é sentimento. Eu sempre amei você, nunca deixei de amá-la, minha doce Madhu.

Aquelas últimas palavras de Niki fizeram o coração de Madhu bater numa velocidade impressionante. Ela percebeu que amava Niki, não importava o que ele fosse ou que corpo estivesse usando. Ela o amava profundamente.

- Você consegue ter... sensações táteis? - perguntou com timidez, precisava saber se Niki podia sentir seu toque.

- Perfeitamente. Melhores que as de um ser humano - disse Niki sorrindo e acariciando o braço de Madhu, que ficou arrepiada com o toque.

- Até que enfim encontrei vocês! - falou Liv, quebrando o clima. Em pé, de frente para o casal, olhava para Madhu e ignorava Niki. - Madhu, quero que conheça Keshava.

Niki e Madhu se levantaram para cumprimentar as garotas.

– Meu Vishnu! Ela é mesmo uma humana terráquea autêntica? – perguntou Keshava, retoricamente. Vestia um *sari* verde-musgo e sua longa trança cinza com reflexo rosado chegava até sua cintura.

– Nascida e criada no planeta Terra. Não é demais?! – disse Liv, animada.

– A excêntrica terráquea aqui fica feliz em conhecê-la – cumprimentou Madhu, oferecendo a mão para Keshava.

– Você é linda! – disse Keshava, aceitando a mão de Madhu. – Como pode? Digo, terráqueos são altamente perecíveis, sem suporte nenhum ao equilíbrio. Mas você parece quase uma de nós!

– É... Obrigada! – Madhu ficou na dúvida se aquilo tinha sido um elogio. Na dúvida, agradeceu. Mas, “altamente perecível” não lhe parecia muito um elogio.

– Nunca saí de Shandi33! Queria tanto conhecer um planeta, ver um céu de verdade, sentir o sol na pele, o vento, nadar num mar de verdade. Deve ser incrível! – exclamou Keshava, com entusiasmo.

– Posso lhe garantir que o céu de Shambala parece tão real quanto o do meu planeta.

– Ah, eu sei, mas é diferente, e dizem que o planeta Terra possui uma densidade vibracional bem pesada. Queria experimentar. Adoro experimentar coisas diferentes. – Keshava estava tão empolgada em conhecer uma humana altamente perecível que só agora se dava conta da presença de Niki. – Ah, namastê, professor Niki – disse, com as mãos unidas na altura do peito se inclinando em direção a Niki, numa saudação respeitosa.

– Namastê, Keshava, e namastê, Liv. Eu agradeço a simpática hospitalidade de vocês com a Madhu, mas agora, se me permitem, queremos ficar a sós.

– Humpf! Juro que não entendo! – disse Liv, revirando os olhos. – O torneio de Gayatri vai começar. Vamos, Keshava! Não vamos deixar os androides vencerem dessa vez. – Deu as costas e se afastou.

– Foi uma grande honra conhecer você, Madhu. Espero um dia ter tempo de conversar com você sobre suas experiências no planeta Terra. Já vi holografias de animais bem estranhos que vivem lá. Namastê! – se despediu Keshava, que seguiu Liv em passos largos para alcançá-la, sem esperar uma resposta de despedida de Madhu.

– Torneio de quê? – questionou Madhu para Niki.

– Gayatri. É um jogo onde imagens holográficas de outros mundos surgem ao redor dos participantes, em que todos se interagem no jogo. Vence quem conseguir resolver equações matemáticas complexas mais rápido e também tiver boa coordenação motora, capacidade de sobrevivência e conhecimento de geometria espacial. A disputa é sempre entre híbridos andróides. Na maioria das vezes os andróides vencem.

– Nós vamos ter de participar disso? – perguntou Madhu, preocupada. Seria humilhante para ela.

– Se não se importa, prefiro caminhar pela praia de mãos dadas com você – pediu, olhando profundamente nos olhos de Madhu, segurando suas duas mãos.

– Isso me parece bem mais divertido – responde Madhu, com um sorriso.

Andaram durante uma hora de mãos dadas à beira-mar. As pequenas ondas de água morna e cristalina batiam em seus pés. A grande lua vermelha estava bem diante deles, oferecendo uma paisagem muito romântica. Niki contava a Madhu sobre alguns planetas que já viveu e diferentes formas de vidas inteligentes que já conheceu. Madhu permaneceu em silêncio: as aventuras que Niki contava eram inebriantes.

– E você sempre esteve comigo em todas as jornadas. Tivemos de nos separar para você nascer no planeta Terra. O vazio que senti sem você ao meu lado pareceu uma eternidade. – Ele ficou de frente para Madhu, puxou-a pela cintura e lhe deu um longo beijo. Depois disse: – E sua missão como terráquea ainda nem começou. Queria poder ter

o luxo do egoísmo e passar a noite inteira com você. Mas não posso. Devo levá-la para casa agora – disse Niki, com olhar triste de dor.

– Você sabe qual é a minha missão? – Madhu também não queria perder nenhum segundo longe de Niki. Ele era tudo que ela sempre quis. Ele era sua felicidade, sua vida, seu tudo. Não conseguiria imaginar viver sem Niki. Não queria pensar nesse assunto. Não queria nenhuma missão.

– Começa com a sua iniciação. Temos de nos concentrar nela. Você precisa estar descansada. Dormir é muito importante. Seus sonhos são preciosas chaves para revelar a verdade esquecida.

– Minha iniciação? Iniciação para quê?

– Somente sua conselheira poderá lhe dizer melhor. Não tenho permissão para isso. Procure por ela amanhã. Posso levá-la até lá se quiser. Mas agora preciso levá-la para casa – disse contrariado. Queria ficar com ela, a noite toda, o dia todo, para sempre.

– Quero ficar com você – murmurou Madhu, olhando para baixo. Para ela também seria muito triste se afastar de Niki, nem que fosse por pouco tempo.

– Todo um planeta depende de você, Madhu. Depende de nós! Falta pouco, minha doce Madhu. Falta pouco.

– Falta pouco para ficarmos juntos para sempre? – perguntou Madhu, com insegurança.

– Falta pouco para você se lembrar, voltar para o planeta Terra e finalizar sua missão.

– Teremos de nos separar novamente por quanto tempo? – tentou descobrir Madhu, não contendo as lágrimas que escorriam em seu rosto. – Deixar Shambala, para mim, seria muito dolorido. Mas deixar você... não sei se aguento. – Sentiu um aperto forte em seu coração.

Niki pegou Madhu em seus braços e lhe deu um abraço apertado e apaixonado. Eles se beijaram ainda mais intensamente. Madhu sentiu algo duro crescendo, encostado

na sua virilha. A suspeita de Liv estava errada. Niki definitivamente não era um androide sem pênis.

Contra a vontade dos dois, Niki levou Madhu de volta para a casa provisória.

Niki era a primeira paixão de Madhu. Ela nunca havia experimentado algo tão profundo. Já havia namorado o Cadu (apelido de Carlos Eduardo) por dois meses. Eles estudaram o ensino médio juntos e só se viam na escola, não era nada sério. Madhu sempre teve muitas responsabilidades com a família, não tinha tempo para sair e se divertir.

Ela estava perdidamente apaixonada por Niki, com as pupilas dilatadas – seus lindos olhos âmbar brilhavam mais que as estrelas do céu holográfico. Niki deixou Madhu na porta da casa, sem soltar sua mão.

– Passo para pegá-la amanhã, bem cedo. Ao nascer dos sóis, tudo bem? – perguntou Niki.

– Não tem problema eu fazer uma visita surpresa para Tarala?

– Ela é sua conselheira, nunca se surpreenderá com sua presença. Sabe que você irá procurá-la amanhã, pois sente tudo o que está em seu coração.

– Estarei esperando você ao nascer dos sóis – disse Madhu, com um sorriso apaixonado no rosto.

Niki deu um beijo caprichado de despedida em Madhu e, contra sua vontade, partiu.

Madhu entrou na casa e viu que Liv pintava uma tela num cavalete na sala.

– Cheguei mais inspirada do que nunca. Acabei nem participando do torneio de Gayatri. Essa coisa estranha de você sair com um androide... sei lá! Obrigada por me inspirar tanto! – disse Liv, sem tirar os olhos da tela.

– Ahn... De nada! Pelo menos estou lhe sendo útil para alguma coisa – disse Madhu. – Liv, o que sabe sobre a provável destruição do planeta Terra e minha missão nessa história toda?

– Tatatatata... – Liv dispensou Madhu, enxotando-a com um gesto contínuo da mão, sem tirar os olhos da tela.

– Boa noite para você também, Liv.

Madhu subiu para o quarto, desfez o cabelo, vestiu um pijama confortável e abriu bem a janela. Usaria a luz dos sóis como despertador. Sabia que a luz dos sóis iluminariam diretamente a sua cama ao amanhecer.

Suspirou de amor algumas vezes pensando em Niki e logo caiu no sono.

Capítulo 4

Em pânico, Madhu correu e se escondeu atrás de uma grande rocha. Nunca sentiu tanto medo. Estava sozinha, sem ninguém para ajudá-la.

Ouviu as batidas das asas do corpulento Dragão que se aproximava para devorá-la. Ele sabia onde ela estava, não havia como se esconder. A disputa era injusta, uma mera terráquea contra um sagaz Dragão. Como puderam lhe dar uma missão tão difícil?

Escondida, com as mãos trêmulas segurando com força a imensa espada que ganhou de Niki antes de ser enviada de volta ao planeta Terra, Madhu ainda tinha a inútil esperança de que o Dragão não a encontrasse.

O Dragão se aproximou e pousou bem na sua frente. Ele era intimidador com seus olhos vermelhos que queimavam de raiva e suas enormes garras afiadas. Madhu apontou a espada hesitante para o enorme Dragão, que riu da sua tola ingenuidade.

– Humana idiota! Acha mesmo que esta espada pode me matar? – disse o Dragão, que bateu sua enorme cauda nos braços de Madhu, fazendo a espada cair longe de seu alcance.

– Por favor, por favor! Não precisa me devorar. Você já venceu. A Terra é sua. Não me mate! – implorou Madhu. Ela não podia suportar o fato de morrer e nunca mais ver Niki.

O Dragão caiu na gargalhada. – Você é o pior fracasso que já vi. Deixarei que viva um pouco mais, para ver a destruição do planeta Terra e se lembrar que foi pela sua covardia e fraqueza que este planeta será completamente destruído – disse o Dragão dando as costas e voando para bem longe.

A paisagem era inóspita. O fogo do Dragão havia queimado todas as plantas que existiam naquele local. O céu estava

carregado de nuvens escuras, e trovões anunciavam grande tempestade. Madhu correu para procurar um abrigo. Foi quando ouviu a voz de Niki atrás dela, bem ao longe, gritando seu nome.

– Madhu, espere! – Niki gritava em desespero.

Madhu olhou para trás e viu Niki correndo em sua direção.

– Niki, temos de sair daqui rápido! – ela tentava correr na direção de Niki, mas o vento era muito forte, e Madhu só conseguiu dar dois passos.

E, então, viu uma grande bola de fogo no céu, que estava caindo na direção de Niki.

– Niki! – gritou Madhu em agonia.

A terrível bola de fogo caiu bem em cima de Niki, destruindo seu corpo, que ficou aos pedaços espalhados pelo chão, completamente em chamas.

Um dos braços de Niki foi arremessado com o impacto e caiu aos pés de Madhu, que segurou a mão de Niki pela última vez.

– NÃO! – Madhu acordou gritando e sentou-se num pulo. Estava toda suada e tremendo. Definitivamente aquele era o pior pesadelo que havia tido nos últimos tempos.

Recordou-se de que Niki havia dito que os sonhos eram importantes para que pudesse se lembrar da verdade.

Com medo, Madhu começou a questionar o que significava aquele sonho. Ela não queria pensar naquilo, só queria esquecer aquele pesadelo.

Foi só então que viu um gato preto usando uma coleira vermelha, com um minúsculo sino pendurado no pescoço deitado na sua cama, próximo aos seus pés. O gato a olhava com cara de preguiça e a fulminava com os olhos por lhe ter acordado. O gato espreguiçou-se e voltou a dormir.

Madhu olhou pela janela, observou que os sóis já estavam começando a nascer no horizonte. Levantou-se, pois sabia que não conseguiria voltar a dormir depois daquele pesadelo horrível. Precisava de um banho. Tirou o pijama molhado de

suor, tomou um banho rápido e colocou um vestido verde que adorava. Queria estar bonita para Niki.

Como estava morrendo de fome, desceu a escada e foi direto para cozinha.

Na mesa central da encantadora e charmosa cozinha rústica havia um grande copo de suco e um bilhete. Madhu pegou o leu:

Fiz vitamina para você. Beba tudo! Liv.

Madhu experimentou a vitamina e adorou o sabor. Virou o copo vertendo toda a vitamina de uma só vez.

– Você acordou cedo! Sonho ruim? – perguntou Liv, entrando pela porta dos fundos da cozinha que dava para a área externa num lindo pomar. Carregava um cesto cheio de shishades que aromatizou o local com um cheiro delicioso.

– Tem um gato preto dormindo na minha cama. – Madhu não queria comentar sobre o pesadelo. Só queria esquecer.

– É gata. O nome dela é Bastet. Até que enfim a danada resolveu voltar. Disseram-me que ela estava passando uma temporada com os Rishis, na cidade da Ala33 – disse Liv, colocando a cesta de shishades em cima da pia. – Colhi umas shishades para nós. Estão fresquinhas. Preciso ir, não posso perder outra aula de matemática substancial. – E saiu sem se despedir.

Liv definitivamente tinha um jeito peculiarmente *alien* de demonstrar que gosta de alguém.

– Boa aula e obrigada pela vitamina... e as frutas! – agradeceu Madhu. Mas Liv já havia saído.

Apesar de satisfeita com a vitamina, Madhu não resistiu e comeu algumas shishades. Quando voltasse à Terra, sentiria saudades daquela fruta. Sentiria saudades de tudo naquele lugar. Até de Liv.

Satisfeita com seu precioso café da manhã, Madhu entrou na sala para esperar Niki. Estava ansiosa para vê-lo novamente. Foi quando viu a tela que Liv havia pintado. Estava pronta, ainda no cavalete próximo a escada. Madhu tomou um susto ao ver a pintura, ficou sem ar. Estava

sentindo raiva, muita raiva de Liv. *Como Liv consegue ser tão insensível? Como... como ela adivinhou?*, pensou.

Não queria mais olhar para aquilo. Subiu as escadas correndo e entrou no seu quarto batendo a porta com força, fazendo com que Bastet, a gata preta, a fuzilasse com o olhar por ter lhe acordado novamente.

A paisagem da pintura era um vale inóspito, semelhante ao do seu recente pesadelo, com plantas mortas e nuvens escuras que anunciavam uma possível terrível tempestade. No centro da pintura, estava uma garota de cabelo alaranjado ondulado e comprido, sentada no chão abraçando suas pernas dobradas com a testa apoiada nos joelhos. O vento forte jogava os cabelos alaranjados da garota para o lado. Ao fundo, bem longe, peças de um androide destruído, com pedaços do corpo espalhados por toda a parte. Um braço em chamas de um lado, tronco amassado do outro e a cabeça de ponta cabeça com fios em curto circuito saindo do pescoço. Era a cabeça de Niki, com olhar vazio. Estava morto.

Madhu enxugou as lágrimas, foi ao banheiro, lavou o rosto várias vezes para tentar esfriar a cabeça – não queria ficar com os olhos vermelhos, indicando que havia chorado. Respirou fundo. Sentia-se melhor. Pensou que definitivamente iria perguntar o significado daquele pesadelo para sua conselheira. Ouviu batidas na porta, sentindo seu coração disparar. Desceu as escadas como uma flecha.

Niki estava lindo. Parecia mais lindo cada vez que o via. Ele vestia uma calça caqui, sandálias de couro sintético e uma bata branca. Era inevitável não ficar feliz ao vê-lo. Toda a sua angústia se foi.

– Você fica ainda mais linda sem maquiagem. Está ainda mais bela que ontem – disse Niki, com seu profundo olhar apaixonado.

Madhu passou seus braços ao redor do pescoço de Niki e o beijou. Ela precisava daquele beijo.

– Madhu, minha eterna amada, hoje você é minha! Depois que você se encontrar com sua conselheira, vamos almoçar

no seu local preferido – informou, se referindo à pirâmide de cristal onde tiveram o primeiro encontro. – E então vou levá-la para finalmente conhecer toda a Shambala e a minha casa, que também é sua. Fica em frente ao mar. Podemos andar de mãos dadas na praia no fim da tarde e admirar novamente o pôr dos sóis. O que acha?

– Não poderia ser mais perfeito. – Madhu faria de tudo para que seu pesadelo jamais se tornasse realidade. Ela não deixaria aquilo acontecer. Seria forte por Niki e mataria o Dragão com as próprias unhas se necessário.

Seguiram abraçados na *vinamaxi* até o Castelo de Diamante, que estava num suave e romântico tom de rosa. Desceram da *vinamaxi*, e Niki parou nos pés da escada, enquanto Madhu tirou os sapatos boneca preto e subiu dois degraus e o olhou.

– Não vai entrar comigo?

– Não posso. Mas estarei esperando você aqui, nesse mesmo local. E não se preocupe, espero por toda uma eternidade, se necessário. – Niki segurou a mão de Madhu e a puxou para seus braços, dando-lhe mais um beijo apaixonado.

Madhu subiu as escadarias com a cabeça nas nuvens. Nunca se sentiu tão feliz. Chegando à torre mais alta do castelo, a estreita e alta porta se abriu. Madhu entrou feliz e aceitou com alegria o abraço demorado de sua familiar conselheira – podia sentir o grande amor emanado do coração de Tarala. Ficou tão emocionada ao revê-la, que por um momento se esqueceu de Niki.

– Minha amada Madhu! – Tarala tinha uma voz doce, suave e angelical. Acariciava os cabelos de Madhu com grande carinho. – Vamos nos sentar – chamou, seguindo em direção às almofadas em frente da lareira. – Faça a pergunta que quiser. Sei que ainda existem muitas sem respostas – disse, sentando-se nas almofadas, ao lado de Madhu, que também já estava se acomodando.

– Quero saber tudo, a história completa. Por que o planeta Terra pode ser destruído, e qual a minha missão nessa história toda? O que devo fazer?

– É uma longa história. Tentarei resumi-la para você.

– Um Grande Ser, que para nós ainda é um grande mistério, é chamado de *Fonte Primordial da Criação*, mas abreviamos para *Fonte*. Seu nome verdadeiro só pode ser conhecido e pronunciado por um siriano muito querido nosso que a Fonte criou como seu filho. A Fonte é o maior cientista que temos conhecimento. Toda a vida é um experimento dela.

– Uma das primeiras consciências que a Fonte criou foi a de Lúcifer. É uma grande consciência. A criação de Lúcifer foi a única maneira que a Fonte encontrou para implantar o livre-arbítrio nos multiversos criados por ela. Se Lúcifer não existisse, até hoje toda a vida aconteceria única e exclusivamente de acordo com a vontade da Fonte. Mas, como uma grande cientista que é, queria experimentar todas as possíveis possibilidades da vida.

– Para que houvesse equilíbrio necessário para a manutenção da vida, a Fonte criou uma consciência oposta a Lúcifer, que chamamos de Miguel, mas seu real nome é Ashtar Sheran. Os dois irmãos, Miguel e Lúcifer, representam polaridades opostas. Miguel defende e protege a natureza da Fonte, ele é um grande guerreiro. E Lúcifer representa todas as possibilidades possíveis opostas à natureza da Fonte. Sendo que uma das principais características da natureza da Fonte é o Amor, a Luz e a Verdade.

– Lúcifer era uma grande consciência, a maior depois da Fonte. Mas ele não estava satisfeito com isso – queria ser tão grandioso e poderoso quanto a Fonte. Mas, para conseguir a possibilidade de se tornar grandioso como a Fonte, Lúcifer teria de sair da realidade criada pela Fonte e criar a própria realidade, ou seja, se separar totalmente da Fonte. Lúcifer convenceu e conquistou diversos seguidores, realizou vários experimentos bizarros, destruindo estrelas e planetas, até

que conseguiu uma maneira de criar uma realidade separada da Fonte.

- Usando o conhecimento de geometria que foi desenvolvida pela Fonte, Lúcifer criou uma mer-ka-ba sintética, que é uma nave extradimensional que o levou para fora da realidade da Fonte. Fora do espaço, ele separou uma alma em duas partes, e a partir desses dois pontos começou a criar uma realidade que parecia ser tão real quanto a da Fonte, porém se tratava de uma Realidade Virtual. Apesar de parecer real, era ilusória. A diferença da Realidade Real da Fonte para a Realidade Virtual de Lúcifer era que, na Realidade Real da Fonte, havia um único centro e na Realidade Virtual de Lúcifer, a alma estava dividida em duas partes, bem e mal, havia dois pontos e não um só.

Tarala deu uma breve pausa, antes de continuar a explicação. – Veja bem, quando a Fonte criou Lúcifer, sabia que Lúcifer faria o que fez. Portanto, sempre acreditamos que devia haver uma razão para tudo isso. E finalmente a razão pela qual a Fonte criou Lúcifer está finalmente surgindo no planeta Terra. No minúsculo planetinha azul, chamado Terra, parece haver a possibilidade do início de uma Terceira Realidade, que seria a integração da Realidade Real da Fonte com a Realidade Virtual de Lúcifer.

- No início de toda essa história, nós escolhemos seguir Lúcifer. Assim, estamos na Realidade Virtual de Lúcifer, mas temos guardada no coração a natureza da Fonte que nos criou. Nós, da Realidade Virtual de Lúcifer, concentramos nosso poder na tecnologia. Os seres da Realidade Real da Fonte, liderados por Miguel, possuem poderes reais e naturais, não precisam e não possuem tecnologias. Alguns de nós, da Realidade Virtual de Lúcifer, nos arrependemos de nossa escolha e nos aliamos ao exército de Miguel. Shandi33 e toda a Confederação Intergaláctica Estelar faz parte do exército de Miguel presente na Realidade Virtual.

- Essa grande guerra entre Lúcifer e Miguel pode estar chegando ao fim com a criação de uma Terceira Realidade.

Tudo depende do que acontecerá no planeta Terra. Depende de você. Depende de nós!

Madhu se mantinha concentrada e muito interessada na história.

– Para criar a Terceira Realidade, elaboramos o que chamamos de *Experimento Siriano* – disse Tarala. – Nesse experimento, primeiro começamos a criar humanos terráqueos com parte do cérebro primitivo reptiliano puramente criados na Realidade Virtual de Lúcifer e outra parte contendo um fragmento de DNA de humanos criados pela equipe de Miguel, que possuem ligação com a Fonte. Ou seja, os terráqueos possuem um corpo que integra Lúcifer e Fonte. Depois, começamos a criar pirâmides em vórtices, que funcionam como *chakras*, no planeta Terra, para tecermos uma teia etérica ao redor do planeta, como uma rede de proteção e elevação vibracional planetária. Essa rede começou a conectar a Realidade Virtual de Lúcifer com o coração da Realidade Real da Fonte.

– A integração das Realidades Real e Virtual estava começando a dar certo na Lemúria havia vinte mil anos. E a Terceira Realidade teria sido concluída em todos os multiversos próximo ao ano terráqueo de 1700 d.C. Mas, alguns reptilianos, fiéis seguidores de Lúcifer, criaram uma arma, uma pirâmide no planeta Terra, no local onde hoje é conhecido por Triângulo das Bermudas, com o propósito de destruir a rede de integração que montamos. Não conseguiram a destruição completa da rede, mas a mesma ficou gravemente afetada, levando todo o planeta e suas vidas a uma era de escuridão, governada por reptilianos, que se sacrificam nascer em corpos humanos só para manter o controle do poder sobre a vida na Terra e impedir nossa intenção de integração com a Fonte.

– A baixa vibração do planeta Terra, gerada pelo golpe reptiliano, está atraindo a destruição da Terra pelo *karma* coletivo. E a destruição do planeta Terra está muito próxima.

Está prevista para 5 de novembro de 2019 do tempo cronológico do planeta Terra.

– Nós, extraterrestres, não podemos interferir fisicamente. Nossa interferência alteraria o DNA humano para sempre, e as instruções humanas originais criadas seriam perdidas.

– Foi então que criamos o *Experimento Emergencial*. É aqui que você entra na história, sendo nossa última esperança de consertar a rede de integração planetária com a Fonte. Carregando o DNA humano original terrestre, você terá de mergulhar no fundo do Lago Titicaca no Peru. Lá no fundo, haverá um templo em ruínas, que foi destruído pelos reptilianos. Lá estará a abertura do portal para despertar a *Kundalini* do planeta Terra. Quando você libertar a *Kundalini* da Terra, com a nossa ajuda, haverá a fusão do seu DNA de alta vibração humana – que só uma alma siriana poderia ter – com o DNA do planeta Terra. Essa fusão fará surgir na Terra uma alta vibração de integração, restaurando a rede de conexão com o coração da Fonte. Seu coração siriano será a ponte dessa união.

– Por isso que sua missão é considerada um sacrifício. Você não irá sobreviver fisicamente a ela – Tarala finalizou a explicação com dor no olhar.

Madhu estava em choque. *Não sobreviver à missão*. Não estava preparada para ouvir aquilo. Sentiu o estômago embrulhar.

– É claro que você não está preparada – disse Tarala, como se estivesse ouvido os pensamentos de Madhu. – É por isso que está passando por uma iniciação. Tem de se fortalecer, superar as paixões e saber distinguir realidade de ilusão. Tem de perder todo o medo. E a única forma de superar todo o medo é enfrentando seu maior medo, de frente, superando-o. Aí então estará preparada.

Madhu pensou em Niki. Um de seus maiores medos era perder Niki.

– Niki... – Madhu não conseguia continuar a pergunta, que teria sido se Niki iria morrer.

– Você é o *Niki*. Tudo o que o Niki disse está dentro de você.

– Não entendi – disse Madhu, confusa.

– O androide Niki foi programado para captar a vibração dos desejos mais profundos de seu inconsciente, para assim poder agir e dizer tudo o que você desejasse que ele fizesse e dissesse. Ele lhe deu o que você recusa a dar a si mesma por não se achar merecedora ou capaz. Ele lhe deu o que existe em você. Por isso, se apaixonou por ele. E toda a paixão é uma ilusão. Ilusão é a causa de todos os sofrimentos existentes. Você não precisa de ninguém para ser feliz. Niki foi a prova disso. Tudo de que precisa para ser feliz e completa está em você. O Niki mora dentro de você. Ele é o seu amor-próprio adormecido, visto por um espelho.

– O que está tentando me dizer? – questionou com raiva. As lágrimas começavam a brotar em seus olhos, sentindo como uma facada no peito. – Eu e Niki, nós... Não pode ser verdade! Por que está mentindo? – perguntou, indignada.

– Androides não têm alma, minha querida. São incapazes de amar. Só agora começamos a desenvolver a tecnologia para implantar almas em androides. Mas ainda nem entrou na fase de testes.

– Ele me disse que tem alma... que... – o choro sufocado não a deixava falar.

– Tudo o que ele disse era o que você desejava ouvir, e também algumas de suas experiências esquecidas arquivadas no seu subconsciente. Nesse exato momento, enquanto conversávamos, o androide Niki foi levado à Ala13, para uma reprogramação robótica, onde será reprogramado para trabalhar como jardineiro na Ala33.

– Por quê? Como pode fazer isso comigo? Eu confiei em vocês! Vocês me enganaram! – disse, magoada.

– Não existia outra maneira. Não basta ensinar somente na teoria para que a lição realmente seja aprendida, a experiência é fundamental. O sofrimento faz parte do crescimento. Precisamos experimentar a ilusão para

podermos distingui-la da verdade. O escuro existe para que possamos entender o que é a luz.

– Não pode ser verdade, não pode! Era tão real, é tão real. Eu amo o Niki e ele me ama! – disse expressando sua raiva, com indignação na voz cansada.

Madhu simplesmente não ouviu o que a conselheira disse em seguida. Correu para fora do Castelo de Diamante. Precisava ver Niki, tinha de falar com ele e esclarecer toda essa história absurda. Nem percebeu que o castelo agora estava cinza, como uma nuvem grossa de tempestade.

Do último degrau da escada externa do castelo, Madhu olhou para todos os lados. Gritou o nome de Niki várias vezes. Ele não estava mais lá. Niki estava aos pedaços, em algum lugar.

Correu pelo bosque, precisava encontrá-lo. Correu na direção de seu lugar preferido, a pirâmide de cristal, onde Niki a levou no dia em que se conheceram. Haviam combinado de almoçar na pirâmide de cristal depois que ela conversasse com Tarala.

Olhou para todos os lados, exasperada, procurando pela pirâmide de cristal. Mas a pirâmide não estava lá. Era como se ela nunca tivesse existido. Era como se Niki nunca tivesse existido. Mas a dor existia, era real.

Caiu de joelhos no chão onde deveria estar a pirâmide de cristal. Sentia-se sem forças de tanta dor.

– Era vidro e se quebrou... – cantarolou, se lembrando da cantiga *Ciranda, Cirandinha* que sua mãe lhe cantara tantas vezes quando era criança. – Diga adeus e vá se embora – continuou, chorando.

Deitou-se no chão. No começo as lágrimas saíam; depois de algumas horas, as lágrimas secaram, sobrando apenas um vazio na alma, um buraco no peito.

Exausta, Madhu caiu no sono, ali mesmo, onde deveria estar sua pirâmide de cristal. Seu lugar preferido, seu Niki.

Capítulo 5

– Saíam de dentro de mim! – Madhu gritou, aflita.

Sentia as pequenas cobras, várias delas, dentro de seu corpo, como vermes parasitas que se alimentavam de sua vitalidade e força. Algumas se rastejavam no interior de seu tecido subcutâneo, sendo possível visualizar a protuberância na pele de seus braços e pernas.

No desespero, Madhu rasgou a pele com as próprias unhas e espremeu-a arrancando cobras como se fossem espinhas compridas, gosmentas e vivas. Conseguiu tirar várias de dentro de seu corpo. Em seguida, começou a vomitar mais cobras. Colocou para fora várias vezes até sentir que todas haviam saído de dentro dela. Elas caíam no chão e se afastavam.

Quando pensou estar livre de todas, uma gigante serpente naja surgiu à sua frente. A intimidadora naja, com seus olhos vermelhos e sua boca aberta, afrontava Madhu, mostrando suas enormes garras venenosas, ameaçando matá-la num golpe fatal.

– Estou cansada de fugir, cansada de sentir medo. Não tenho medo de você! – disse Madhu, semicerrando os olhos, sem recuar nem um milímetro da gigante naja.

A grande serpente aproximou-se lentamente de Madhu. Sua língua trêmula roçava a ponta no nariz de Madhu de tão próximas que estavam. E Madhu não recuou.

Madhu olhava fixa e profundamente nos intimidadores olhos da naja, mostrando, através do olhar, toda a sua força interior. A naja lentamente se afastou um pouco, fez uma reverência com a cabeça à coragem de Madhu e disse:

– Finalmente descobriu seu poder, minha filha. Seu poder vem de mim. Você tem o meu DNA! Use-o com sabedoria.

A gigante naja deu as costas e partiu.

Madhu acordou ouvindo barulho de asas de beija-flor batendo logo acima de sua cabeça e sentindo o vento de suas asas açoitando seu rosto.

Lentamente abriu os olhos. Não era um beija-flor, era uma pequena... fada! De longos cabelos castanhos, vestindo um curto e gracioso vestido lilás, tinha delicadas asinhas coloridas como arco-íris. Madhu tentou tocá-la, mas a fadinha foi muito rápida, voou para longe e se escondeu nas folhagens amarelas de uma enorme árvore do bosque.

– Ah, que ótimo! Devo ter caído de boca aberta num cogumelo alucinógeno – disse Madhu a si mesma, ainda surpresa ao ver uma fada voando tão próxima de seu rosto.

Madhu sentia-se melhor. Sentou-se, esfregou os olhos, respirou fundo e observou que os sóis já estavam se pondo. Ficou ali sentada, pensando em tudo o que lhe aconteceu, em tudo o que sua conselheira lhe disse. Era tanta coisa, em tão pouco tempo... Estava exausta, mas se sentia melhor.

Seguiu em direção ao Castelo de Diamante, que dessa vez estava num belo tom azul-celeste. Sentia-se magoada por ter sido enganada de forma tão cruel. Parou bem em frente ao castelo. Pensou em entrar, mas estava emocionalmente cansada demais para conflitos e conversas sérias. Aquele não era o momento certo.

Madhu ouviu o sutil barulho de uma *vinamaxi* pousando. Virou para trás. Era Nero.

– Creio que precise de uma carona – disse Nero, olhando para Madhu.

– Como adivinhou?

– Tarala Shanata solicitou meu serviço para levá-la para casa.

Madhu foi até a *vinamaxi*, subiu no veículo e partiram. Durante o trajeto, ela perguntou:

– Como é que Tarala se comunicou com você para avisá-lo onde eu estava? – Madhu ficou curiosa para saber que tipo de tecnologia de comunicação a distância era utilizada em Shandi33.

– Telepaticamente. Nossas mentes são sincronizadas para trabalhar em equipe.

Prosseguiram a viagem em silêncio.

Ao entrar na sua casa, Madhu ouviu vozes na cozinha, em um idioma musical que ela não conhecia, acreditava ser sânscrito. Reconheceu a voz de Liv, ela estava com visitas. As garotas davam risadas, estavam se divertindo.

Madhu subiu discretamente a escada para seu quarto, não queria ser vista. Não estava no clima de fazer uma social para extraterrestres matracas.

Bastet saiu da cozinha e seguiu Madhu até seu quarto.

Madhu sentou-se em sua cama, ainda com a cabeça cansada. Bastet pulou em seu colo. Ela ficou acariciando a gata e ouviu quando as meninas pareciam estar se despedindo, parecia que todas estavam indo embora. Silêncio.

– Ela gosta de você – disse Liv, entrando de repente no quarto de Madhu, olhando para Bastet.

– O quê? – Madhu sobressaltou-se com o surgimento repentino de Liv.

– Bastet, ela gosta de você. É muito difícil ela gostar de alguém. É a gata mais mal-humorada de toda a Shandi33 – disse Liv, se sentando ao lado de Madhu. – Lamento muito pelo ocorrido com o Niki.

– Como sabe? Quero dizer, você sabia mesmo antes de mim, não é mesmo? Até pintou um quadro sobre minha estupidez mordaz – disse Madhu, irritada.

– Eu não sabia de nada. Eu juro, Madhu! Fiquei sabendo agora, que minhas amigas me contaram. É a fofoca do dia.

– Eu não sabia que Niki estava programado para dizer tudo o que você esperava que ele dissesse. Nem sabia que esse tipo de programação fosse possível. Não sabia que Niki não seria mais professor.

– E eu sou uma artista, Madhu. Artistas se inspiram em alguma coisa para criar uma obra. A criação não nasce do nada, ela nasce de algum lugar. A minha última inspiração

veio de você, do contato entre seu inconsciente e minha intuição, sei lá! Todo artista é um vidente, médium, sensitivo, terapeuta, maluco... Quando eu terminei a tela, sabia que queria dizer alguma coisa, mas não sabia que a resposta era tão óbvia.

– Eu não sabia que você estava apaixonada por Niki. Pensei que só estivesse a fim de experimentar uma coisa diferente, tipo, uns amassos com uma máquina cheia de charme. Algo assim.

– Tarala disse que tenho de superar, entender que criei uma ilusão e seguir em frente. Mas parte de mim ainda tem dúvidas... Não consigo... E se Niki realmente existir, for real, e estão inventando essa história para me afastar dele para que eu possa me concentrar na missão suicida? E se ele estiver preso em algum lugar precisando da minha ajuda? Parte de mim ainda está com raiva e magoada por ter sido enganada dessa forma. Outra parte não acredita que eu tenha vivido uma ilusão – disse Madhu, enquanto lágrimas começavam a escorrer em seu rosto, umedecendo suas sardas.

– Ela disse que o Niki está dentro de mim. Mas eu tento olhar dentro de mim e não o encontro. Eu queria ter alguém para me amar e cuidar de mim. Queria ser mimada. Eu confiei em vocês, me entreguei. Odeio sentir pena de mim mesma!

– Primeiro você tem de aprender a se amar e cuidar de você...

– Liv, agora eu não quero uma conselheira, só preciso de uma amiga – disse, interrompendo o que Liv ia dizer.

– E como amiga, eu vou ajudá-la. Vê se dorme. Amanhã terá um dia cheio. – Liv saiu do quarto e sumiu... Puff!

Madhu seguiu o conselho de sua amiga alienígena e dormiu, ignorando sua fome.

No dia seguinte, Madhu acordou, fez seu café da manhã e subiu para tomar um banho. Estava na banheira, relaxando

com olhos fechados. Levou um susto quando Liv entrou de repente no banheiro.

– Troca-se rápido! Behosa já está esperando lá fora – mandou Liv. E sumiu... Puff!

Nem deu tempo de Madhu dar-lhe uma lição de moral por ter entrado no banheiro sem bater. Madhu se trocou e desceu a escada curiosa para saber o que Behosa queria dela. Desde o dia em que chegara a Shambala, não o havia mais visto.

Behosa estava em pé na sala, esperando por Madhu. Liv não estava em parte alguma.

– Behosa! – exclamou Madhu.

– A sua amiga insistente e inconveniente me fez prometer que levaria você hoje para ver Niki – disse Behosa, de forma impessoal.

Nasceu uma ponta de esperança no coração quebrado de Madhu.

– Você vai me levar para ver o Niki? – estava animada. Apesar de tentar se esforçar em não criar falsas expectativas – por menor que fosse a chance de Niki ser o *seu* Niki –, mesmo assim se alegrou. E independentemente do que encontrasse, ela preferia a cruel verdade ao invés da eterna dúvida. – E cadê a Liv? – ela queria que a amiga alienígena maluca fosse com ela.

– Foi para a escola. Tenho de colocar infropectos em você antes de sairmos. – Behosa fixou os infropectos na testa e no antebraço de Madhu, e partiram de *vinamaxi*.

Voaram até um beco sem saída. Behosa deixou a *vinamaxi* na calçada, e os dois entraram na última loja, que parecia vender aparelhos totalmente desconhecidos para Madhu. Os dois atravessaram toda a loja. No fundo, Behosa abriu uma porta, e ambos entraram num grande hangar sem teto. Vários tipos de excêntricas naves estavam lá estacionadas. Bem no alto, acima de suas cabeças, se via apenas uma grande escuridão.

Behosa subiu a escada que dava acesso à abertura de uma grande nave estrelada azul translúcida. Madhu seguiu Behosa

com agilidade, estava ansiosa para ver Niki.

A nave começou a subir lentamente até atingir uma enigmática escuridão. Depois de poucos segundos, tudo ficou claro novamente, mas a paisagem parecia borrada. Quando a paisagem ficou nítida, a aeronave estrelada pousou e uma das pontas da estrela tetraédrica da aeronave se abriu.

– Estamos na Cidade Robótica da Ala13 – explicou Behosa.
– Aqui drones, androides e diversas outras máquinas são criadas, programadas, armazenadas ou passam por manutenção.

O lugar não se parecia nem um pouco com uma cidade. O teto irradiava uma intensa luz branca e estava a uma distância aproximada de quinhentos metros do chão, que também reluzia. Parecia que tudo naquele lugar era impecavelmente branco ou transparente. As grossas paredes pareciam ser de vidro. O lugar era imenso.

Havia muitos insetos zepto-biológicos de diversas formas andando sobre o chão, desde bem pequenos como formigas, até grandes como aranha-caranguejeira. Havia robôs de todo tipo e tamanho.

Diversos drones voavam no vasto espaço carregando insólitas peças alienígenas. Alguns drones e grandes robôs pareciam curiosos e confusos com a presença de Madhu e paravam para observá-la.

Madhu contemplou pequeninos drones graciosamente voando em bando, que pareciam trabalhar juntos, em equipe. Enquanto os contemplava, Madhu viu uma fada, que voou rapidamente diante seus olhos. Era semelhante a que viu no bosque.

– Fada!? – então ela não havia alucinado sobre a fada e esperava a confirmação de Behosa.

– É um drone, não é fada de verdade. Foram criadas por uma cientista sacerdotisa de Avalon. Essas fadas são nossas terapeutas. São miniaturas semelhantes às fadas reais do mundo de Avalon.

– Então, fadas existem? – foi uma pergunta retórica. Por isso, Behosa não se deu ao trabalho de responder.

– Os androides não ficam muito longe, mas temos de pegar carona – disse Behosa, que sentou em um robô que parecia um banco rolante com duas alças, uma de cada lado do bando, supostamente feitas para se segurar com as mãos.

– Suba naquele outro. – Apontou para outro robô semelhante, não muito distante.

Assim que Madhu se sentou, o robô começou a andar, atingindo uma velocidade de uns 40 km/h. Madhu segurou com tanta força nas alças de apoio que suas mãos começaram a doer. Passaram por vários corredores, onde se via alguns poucos humanos (ou seriam androides?) no meio de um mar de robôs e drones.

Depois de um longo trajeto, desceram do robô banco rolante e entraram numa imensa sala de vidro. O fundo da sala era como um largo corredor, com duas filas intermináveis de androides de todo tipo, femininos e masculinos, todos nus, em pé, com a cabeça baixa e olhos fechados. Ao lado esquerdo da sala, estava Niki em pé, imóvel, vestindo um macacão branco justo no corpo, semelhante à roupa de mergulhador, e uma bota vermelha, que mais parecia uma meia de plástico com solas.

Niki permaneceu onde estava sem se mexer e olhava para Behosa. Parecia estar esperando receber alguma ordem antes de se mover.

– Niki, Madhu queria lhe fazer uma visita. Vou deixá-los a sós. Não estarei longe. Preciso resolver um assunto na sala dos lasers e já volto – disse Behosa.

Madhu começou a andar na direção de Niki com o coração disparado. E Niki, por sua vez, também seguiu em direção de Madhu. Quando estavam próximos, Madhu estava nervosa com as mãos úmidas de suor. Niki lhe deu um sorriso, mas parecia indiferente. Não tinha mais um olhar profundo e apaixonado, não olhava mais para ela com admiração. Aquele

não era o Niki por quem se apaixonou. Era só o Niki, um androide sem alma.

– Você me enganou – disse Madhu, com mágoa nos olhos.
– Tem consciência do que fez?

– Eu não tenho consciência nem vontade própria, nem poderia. Fui programado para executar um trabalho.

– Parabéns! Executou o trabalho muito bem! – disse Madhu, com sarcasmo.

Era difícil para ela olhar nos olhos de Niki. Ainda se sentia atraída por ele. Ao mesmo tempo, sentia raiva.

– Agradeça ao Boston, foi ele quem me programou. É o melhor programador que temos em Shandi33 – respondeu Niki, dando a entender que não havia entendido o tom sarcástico de Madhu.

– Você se lembra do que você fez? Lembra-se de tudo o que fizemos juntos? – questionou Madhu, se esforçando para não chorar.

– Minha memória foi preservada. Quanto mais dados na memória, melhor meu desempenho como androide.

– E você não sente... nada? – perguntou, com lágrimas presas na garganta.

– Não. Nunca tive sentimentos, nem emoções. Posso imitá-los com grande perfeição, mas não posso senti-los.

– Você... você... não passa de um robô psicopata demoníaco – disse Madhu, com muita raiva e mágoa. E, com toda sua força, deu uma bofetada no rosto de Niki, sentindo sua mão queimar de dor.

Niki não reagiu à bofetada. Descontrolada, Madhu começou a dar socos no peito de Niki. No fundo, ela desejava que ele reagisse, que demonstrasse alguma emoção. Mas Niki não se defendia, nem se movia. Era só um androide sem alma.

E então Madhu começou a sentir vertigem e percebeu que estava esmaecendo.

Capítulo 6

Catatônica e definhada, Madhu não entendia como foi parar naquela cela acolchoada branca de hospício. Amarrada, imobilizada na camisa de força para loucos. A camisa apertava, inquietando o desejo de liberdade de Madhu.

Sua única e restrita liberdade estava no poder de um grito rebelde e desesperador. Vociferar era tudo o que podia, e assim o fez.

A porta da cela abriu-se, um enfermeiro grande e forte entrou. Em sua mão, uma grande seringa com uma grossa agulha.

Não tinha para onde fugir, não tinha como se defender. Novamente iriam lhe dar o mesmo sedativo. O sedativo que formigava os dedos e depois as mãos que nada podiam alcançar. E então formigava a consciência que nada conhecia de sua própria vida.

Foi difícil abrir os olhos. Madhu sentia-se sonolenta e atônita ao notar que estava deitada no sofá de sua casa em Shambala. Liv e Behosa conversavam em sânscrito no outro sofá ao lado.

– Até que enfim! A bela adormecida rebelde acordou – disse Liv, se referindo a Madhu.

– O que aconteceu? – perguntou Madhu, confusa. Ela se lembrava de estar batendo no Niki, não entendia como havia chegado até sua casa.

– Você se tornou um perigo iminente para Shandi33. Então, os infropectos injetaram em você uma substância sedativa que a apagou antes que saísse quebrando tudo – disse Liv, animada. Parecia estar se divertindo com a situação.

– Os infropectos são programados para sedar o paciente caso este apresente um comportamento agressivo. – Parecia

que Behosa tentava amenizar a versão dramática de Liv. – Bom, vejo que já está bem, Madhu. Preciso ir. Namastê! – se despediu, levantou-se do sofá e foi embora.

Ainda um pouco atordoada, com dificuldade, Madhu sentou-se no sofá.

– Não acredito que você espancou um androide! – disse Liv, com brilho de admiração nos olhos e um largo sorriso. – Você é a amiga mais emocionante que já tive. Não vejo a hora de contar para minhas amigas. – Liv, definitivamente, estava se divertindo com o drama de Madhu.

– Obrigada, Liv! – Madhu sentia gratidão pela amiga alienígena ter armado um encontro decisivo com Niki. – Eu me sinto melhor depois de espancar aquele robô psicopata. Não tenho mais dúvidas. Niki já era! – exclamou Madhu, decidida.

– E agora fique longe de andróides! Comecei a pintar uma nova tela. Adivinhe quem é a minha inspiradora?

– Falando na sua inspiradora... Ela quer de presente o quadro que você pintou inspirada na tragédia dela – pediu Madhu.

– É todo seu!

Madhu subiu para seu quarto carregando o quadro. Colocou-o em frente da cama, apoiado na parede. A obra de Liv seria usada para Madhu se lembrar de nunca mais cair na armadilha da paixão. Não queria mais depender de ninguém para ser feliz. Iria se esforçar para buscar o amor-próprio e a verdadeira felicidade dentro dela.

Deitou-se em sua cama para descansar um pouco. Cochilou e acordou sentindo Bastet ronronando encostada em sua perna.

Madhu sentia-se pronta para visitar sua conselheira.

Comeu algumas frutas e seguiu à procura de Liv. Precisava descobrir como chegar ao Castelo de Diamante sozinha. Talvez a amiga pudesse lhe explicar como ir até o castelo. Encontrou Liv no pomar, cantando um belo mantra para as árvores.

- Liv, como faço para chegar até o Castelo de Diamante?
- Se decidiu ir para lá, Nero já deve estar esperando você aqui em frente de casa.

Sem questionar, Madhu deu a volta por fora da casa, um pouco descrente de Liv. Mas lá estava Nero, montado na *vinamaxi*, à espera de Madhu. Ela subiu na *vinamaxi*, e partiram para o Castelo de Diamante.

- Como é que você sabia que eu queria ir até o castelo? – Madhu perguntou a Nero, preocupando-se em imaginar que alguém pudesse estar lendo seus pensamentos mais íntimos, como fez Niki.

- Pertencço à Tarala Shanata, fui programado para captar vibração de quando você desejar vê-la e levá-la até ela.

- Ah, claro! O lance da telepatia não-sei-das-quantas que invade a privacidade psíquica dos outros.

Dessa vez, o Castelo de Diamante estava translúcido e brilhante. A recepção de Tarala, como sempre, foi emocionante e acolhedora. Era como voltar ao lar, um local pacífico e seguro. A lareira da sala estava acesa, com suas chamas azuis-celestes liberando um delicioso aroma cítrico.

As duas se sentaram em confortáveis almofadas à beira da piscina repleta de belas flores de lótus.

- Queria pedir desculpas pela reação que tive quando fiquei sabendo que havia sido enganada – disse Madhu, envergonhada.

- Não precisa se desculpar, minha querida. Você teve a reação que nós esperávamos. Você se livrou de algumas sombras e agora está com a mente mais limpa e aberta.

- Mas ainda não me sinto pronta para cumprir a missão. – Madhu não sabia se teria coragem de cometer um suicídio para salvar o mundo.

- E não está. Ainda falta a prova mais difícil. Só então sua iniciação terá sido concluída. Se tornará uma mestra destemida e saberá o que fazer.

Mais difícil que uma desilusão amorosa?, pensou Madhu. Não queria nem imaginar que prova seria esta. – Quando

esta *prova* vai acontecer?

– Agora só depende de você se lembrar dos últimos acontecimentos na Terra antes de ser resgatada. E saber lidar com a situação, superando-a. Essa é a chave da sua maestria.

– Como faço para me lembrar?

– Em breve, a verdade lhe será revelada. No momento certo, da forma certa.

– Tive um sonho que me chamou a atenção – disse Madhu.

– Sonhei que uma gigante serpente naja me dizia que eu tenho o DNA de serpente. O que isso quer dizer?

– A sua origem é bastante peculiar. E seu DNA da sua alma é raríssimo. Muito precioso.

Tarala se ajeitou nas almofadas para continuar explicando.

– Nosso espírito é eterno, imortal, sendo ele parte da Fonte. E um dia nosso espírito retornará à Fonte. Já nossa alma, que é nossa singularidade como indivíduos, ela teve um início e um dia terá um fim. A sua alma surgiu do cruzamento entre a alma de uma siriana humana com a alma de um humanoide serpente. Os sirianos representam a Fonte, pois, apesar de estarem dentro da Realidade Virtual de Lúcifer, eles se arrependeram dessa escolha e lutam ao lado de Miguel. Os reptilianos, em sua maioria, representam Lúcifer e lhe servem com obediência.

– Você teve muitas experiências encarnadas em corpos físicos de diferentes origens e em vários mundos. Em metade dessas experiências, sua alma nasceu em corpos reptilianos, na outra metade, em corpos humanos. Você já serviu a Lúcifer e agora serve à Fonte. Sua alma e suas experiências têm a mistura equilibrada entre Fonte e Lúcifer. Precisamos dessa informação, das experiências de sua alma. Seu DNA possui a chave para integrar a Realidade Virtual de Lúcifer com a Realidade Real da Fonte, criando, assim, a Terceira Realidade, que dará fim à guerra.

– As informações do DNA de sua alma também ficam armazenadas no seu corpo físico. Se unirmos seu peculiar

DNA com o do planeta Terra, fará com que este mude sua vibração, pois estará recebendo as informações de sua alma como se fossem experiências dela, gerando, assim, uma vibração capaz de criar a Terceira Realidade na Terra. Por isso, repito, seu coração é a chave para a criação da Terceira Realidade.

– E se eu falhar? Se não conseguir cumprir a missão? – quis saber, preocupada.

– Sempre estivemos buscando uma alternativa. Agora, nossa preocupação é com o tempo. Quando voltar para a Terra, voltará no mesmo ponto do tempo que partiu, em setembro de 2019. A destruição da Terra está prevista para novembro. Você terá menos de dois meses para cumprir a missão antes do fim da vida na Terra.

– Se o tempo nos multiversos está parado para nós, por que vocês estão com pressa para me preparar para a missão? Temos todo o tempo, certo?

– Está certa, só existe tempo no espaço. Onde estamos não existe espaço, por isso não existe tempo. Porém, existem naves reptilianas que, assim como Shandi33, também possuem tempo-espaço interno próprio, dentro do vazio. Essas naves reptilianas enviaram bilhões de sondas para rastrear o tempo-espaço de Shandi33 nesse vazio entre universos paralelos. A intenção dos reptilianos, ao nos encontrar, é teletransportar sondas dentro de Shandi33 e iniciar uma guerra aqui no espaço da nossa nave. Não sabemos ainda por quanto tempo poderemos nos manter camuflados. Nossos escudos para impedir teletransportes não funcionam no vazio. Os reptilianos possuem alta tecnologia, não podemos subestimá-los. Se eles nos encontrarem, tudo estará perdido.

– Eu farei o que estiver ao meu alcance para ajudar. Darei toda a minha força, a minha vida por essa missão de todo o coração. – Madhu reconhecia a importância e a grandeza da sua missão. Não conseguia imaginar que um dia havia lutado, servindo a Lúcifer. Seu coração vibrava intensamente de

amor à Fonte. Daria tudo pela Fonte para recompensar sua traição, vomitaria todas as cobras, rasgaria seu corpo e espremeria os vermes para fora, enfrentaria seus maiores medos olhando profundamente, sem hesitar, nos olhos vermelhos de Lúcifer.

– O fim da guerra será o fim do controle reptiliano no planeta Terra. Aqueles corações que não forem compatíveis com a vibração elevada do planeta Terra da Terceira Realidade serão levados para outros planetas primitivos de domínio reptiliano. Os bem-aventurados terráqueos de boa vontade estarão livres para criar uma nova realidade e libertos do domínio reptiliano luciferiano, que atualmente tem o controle da sociedade, do dinheiro, ou seja, possui o controle de todos os sistemas humanos terráqueos.

– A Terceira Realidade se iniciará no planeta Terra e, se tudo der certo, se expandirá por todo o Universo e, como um efeito dominó, outros universos serão transformados e assim por diante. Você é uma semente de esperança que iremos plantar na Terra.

– E Lúcifer? E a Realidade Virtual criada por Lúcifer? O que vai acontecer?

– Não sabemos quais os planos de Lúcifer. Só sabemos que ele fará de tudo para que a Terceira Realidade nunca se concretize. Isso seria o fim de seu reinado.

– Ele sabe de mim? Lúcifer conhece os planos da Confederação?

– Mantemos segredo absoluto. Apenas os cientistas e conselheiros da Shandi33 e a nave de Ashtar Sheran no plano espiritual conhecem nossos planos. Mais ninguém. Lúcifer sabe que estamos no vazio, ganhando tempo, armando uma estratégia para a criação da Terceira Realidade, mas não sabe o quê.

– Quando você tiver de voltar para realizar sua missão na Terra, não irá sozinha. Dois dos nossos melhores guerreiros da Ala9 de Segurança Intergaláctica irão com você para protegê-la e ajudá-la a chegar até o templo perdido no fundo

do Lago Titicaca. E nós, da Shandi33, também estaremos acompanhando cada passo seu.

Madhu sentiu necessidade de meditar para manter a mente calma e focada para a próxima prova. Lembrou-se do seu lugar preferido que havia misteriosamente desaparecido. A pirâmide de cristal.

– Havia uma pirâmide de cristal no bosque aqui próximo. Mas ela sumiu. Não sobrou nem o lago para contar história – queixou-se.

– A pirâmide de cristal é uma pirâmide que flutua a poucos milímetros do solo. Serve para reparar pontos eletromagnéticos alterados na nave. Onde houver um ponto de alteração magnética, a pirâmide de cristal vai até esse ponto e ali fica parada até o eletromagnetismo se estabilizar. Temos várias dessas pirâmides de cristais por toda a Shandi33. Só em Shambala, temos três.

– Como faço para encontrá-la?

– Peça a Nero. Ele pode levá-la até a pirâmide de cristal. Ele já a espera lá fora.

Madhu se despediu de sua conselheira. Ao sair do Castelo de Diamante, lá estava Nero, montado na *vinamaxi*, esperando por ela.

– Pode me levar à pirâmide de cristal? – Madhu pediu.

– Qual das três? – Nero perguntou.

– Sei lá, não são todas iguais?

– Não. Tem a do lago, a do fogo e a da terra.

– Bom, acho que é a do lago, então.

Seguiram viagem sobre o bosque. A pirâmide de cristal não estava muito longe do Castelo de Diamante. Nero deixou Madhu próximo à pirâmide de cristal. Ela desceu da *vinamaxi* e ficou feliz em ver que seu lugar preferido não havia desaparecido.

– Volto para buscá-la em uma hora. – Nero partiu, sem esperar resposta.

A pirâmide estava no bosque, onde as sombras dos grandes pinheiros cobriam-na quase que por completo.

Somente seu topo estava sendo iluminado pela luz dos sóis.

Quando Madhu entrou na pirâmide, ficou extasiada. Com certeza, ali era seu lugar preferido. A pouca luz que batia no topo da pirâmide irradiava um lindo feixe de luz à ilha rochosa central do lago. As carpas biluminescentes se agitavam com a presença de Madhu, criando um efeito luminoso esplêndido.

Madhu foi pulando de pedra em pedra até alcançar a ilha rochosa. Sentou-se em posição de lótus, fechou os olhos, respirou fundo várias vezes e ali ficou. Sentindo as batidas de seu coração e se concentrando na sua respiração, percebeu todo o seu corpo formigar. Logo a sensação era de estar flutuando no vazio.

De repente, passou a não ter controle de sua visão interior... *Estava na estrada dirigindo seu carro, momentos antes de ser abduzida e ter um lapso de memória. Estava feliz, dando gargalhadas. Não estava sozinha. Não se lembrava de que tinha mais alguém no carro. Não conseguia ver quem era. Assustou-se quando viu um grande quati cruzando a estrada correndo. Foi tudo muito rápido e confuso. Só não queria atropelar o quati. Virou a direção do carro com tudo...* Assustou-se com a visão e abriu os olhos subitamente, demorou um tempo para voltar a sentir seu corpo, lentamente começou a mexer as mãos depois os pés, voltando a ficar totalmente acordada.

Tinha alguém comigo no carro!, pensou, sobressaltada. *Quem era? Será que está bem?*.

Como era de costume, Madhu acreditava que havia ido sozinha ao haras. Há tempos que seu pai e sua irmã não lhe acompanhavam mais. Sua irmã Natasha, de 15 anos, estava numa típica fase adolescente que reclamava de tudo. O cavalo fedia, os mosquitos picavam, o vento embaraçava o cabelo. Até o ar livre a incomodava. Já seu pai César, vivia fechado no próprio mundo, trancado em seu ateliê o dia todo ouvindo músicas clássicas e pintando. Raramente saía da chácara onde moravam. Por isso, Madhu não entendia quem

poderia estar no carro com ela. Talvez alguma amiga. Mas parecia improvável. Suas três únicas amigas estavam morando na cidade de São Paulo.

Depois de refletir sobre sua visão meditativa, resolveu ir embora para a provisória casa em Shambala. Aprendera com ensinamentos em livros escritos por monges budistas que o silêncio da mente traz as respostas de que precisamos, enquanto a preocupação de nada funciona. Por isso, decidiu não se preocupar.

Tranquila, desfrutando o belo momento de sua jornada, Madhu se retirou da pirâmide de cristal. Encontrou Nero lhe esperando em frente da pirâmide, montado na *vimanaxi*. Voltou de carona em silêncio.

Aparentemente, Liv não estava na casa. Bastet brincava com um tubo de tinta caído no chão da sala. Madhu comeu algumas frutas, tomou banho e foi dormir. A gata a seguiu até seu quarto e deitou-se aos pés de Madhu na cama. As duas pegaram no sono ao mesmo tempo.

Capítulo 7

Ao abrir os olhos, Madhu sobressaltou-se ao ver que estava em um quarto de hospital. Não conseguia se lembrar do motivo de estar internada. Reconhecia com facilidade um quarto hospitalar, pois acompanhou sua mãe internada durante meses intermináveis esperando sua morte.

Estava deitada em uma cama. Em seu braço, uma agulha cravada em sua veia, ligada ao que supostamente parecia um soro. Não se sentia doente nem machucada, apenas um pouco atordoada.

Apertou o botão de um controle pendurado próximo à cabeceira da cama para chamar a enfermeira, que logo apareceu.

– O que foi dessa vez? – a enfermeira rechonchuda não parecia muito contente. Usava o uniforme com desleixo, cabelo muito mal preso num coque.

– Não me lembro de como vim parar aqui. O que aconteceu?

– Arg, vai começar tudo de novo. Vou chamar o Dr. Fabiano – resmungou a enfermeira, que deu as costas sem se importar em responder a pergunta de Madhu.

Depois de um tempo, o suposto Dr. Fabiano entra no quarto.

– Olá, como se sente hoje, Madhu? – disse olhando em seu prontuário.

– Como vim parar aqui? O que aconteceu?

– Isso é um hospital psiquiátrico. Você teve grave surto esquizofrênico após o trauma sofrido num acidente. E, cada vez que se lembra do acidente, você volta a delirar que foi abduzida, começa a me chamar de Behosa... Enfim! Não sei se devo contar sobre o acidente, de novo, pela sexta vez.

Então era tudo alucinação!, *pensou, chocada, frustrada. Mas não queria mais viver em mentiras, queria a verdade por pior que fosse. Preferia a verdade cruel ao invés da doce mentira de ser especial e poder salvar o mundo.*

– *Dessa vez é diferente. Estou mais forte. Seja o que for, estou preparada para a verdade. Diga, preciso saber.*

O médico hesitou um pouco. Olhou bem nos olhos de Madhu. Resolveu contar.

– *Você estava indo de carro com seu pai e sua irmã num passeio. Você estava dirigindo, sofreram um terrível acidente, o carro caiu despenhadeiro abaixo capotando várias vezes. Vocês morreram.*

Era o que ela mais temia. Seu pai e sua irmã mortos.

– *Você quer dizer que meu pai e minha irmã estão mortos?*

– *Sim. E você também! Você também não sobreviveu. Esse hospício fica no plano espiritual. Você está morta, Madhu!*

– *Madhu, acorda! Acorda, Madhu!*

Madhu acordou com os olhos arregalados, assustada, com o pijama úmido de suor colado em seu corpo. Estava confusa. E emocionalmente abalada, sentindo a perda do pai e da irmã que doía o peito.

– *Aff, garota! Você quase estourou meus tímpanos com seus gritos. Deve ter sido um pesadelo e tanto – reclamou Liv.*

Madhu estava alterada. O sonho lhe pareceu muito real. – *Será que estou morta tendo alucinações em um hospício?*, pensou assustada. – *Eu estou morta? Estou alucinando?* – perguntou, desconcertada. Tudo o que queria era a verdade, por pior que ela fosse.

– *Cashambolas fu Zurion!* – exclamou Liv, numa usual exclamação de espanto usada no planeta Zurion de Órion. – *O que você andou comendo, garota? Esqueci-me de avisá-la para manter distância das frutinhas azuis do nosso jardim.*

– *Eu preciso saber se eu estou mesmo viva.* – *Se Madhu tivesse a certeza de que apenas tivera um pesadelo com*

significado abstrato, sabia que havia grandes chances de seu pai e sua irmã ainda estarem tão vivos quanto ela.

– A verdade é tão relativa, não sei o que responder. Você possui certas semelhanças com um zumbi, como todo primitivo. Mas posso lhe garantir que morto não encharca a cama de suor – respondeu Liv, olhando para a mancha úmida na cama. – Você precisa de um banho para esfriar a cabeça. E nem pense em procurar a nova tela que pintei inspirada em você. Não quero que surte de vez. Ainda bem que escondi. Vou lá encher a banheira para você – disse e saiu.

Madhu permaneceu sentada. É claro que estava viva. Agora mais confiante que só havia tido um pesadelo estúpido. Fez um esforço para não se preocupar com uma mensagem subjetiva criada pelo seu inconsciente. E foi tomar seu banho.

Depois do banho, desceu as escadas. Liv não estava mais em parte alguma da casa. Foi até a cozinha.

Em cima da mesa central da cozinha havia um pote de fafilas. E um bilhete:

*É para você!
É gostoso e não é alucinógeno.
Pode comer. Liv*

Madhu estava com fome e sabia que as fafilas eram uma delícia. Já havia comido fafilas com Niki na pirâmide de cristal. Tamanha sua fome, comeu o pote todo.

De banho tomado, sem fome e mais tranquila, lembrou-se que Liv lhe disse que havia terminado a tela inspirada nela. Sentiu um arrepio de medo. Sabia, lá no fundo, que a obra de arte de Liv lhe revelaria a temida verdade oculta.

Decidiu procurar a tela. Não queria postergar o inevitável. Precisava saber a verdade. Estava decidida.

Era uma tela razoavelmente grande, não seria fácil escondê-la. Começou pela cozinha e seguiu para a sala. Definitivamente não estava na cozinha nem na sala.

Examinou até o piso e o teto para se certificar de que não haveria um compartimento secreto camuflado.

Subiu as escadas e foi procurar no banheiro. Definitivamente não estava lá. Em seguida, revirou o quarto de Liv sem tentar fazer bagunça. Olhou até debaixo do colchão e atrás do espelho. Espiou tudo! Só faltava o seu quarto. Não custava checar. Começou olhando atrás do espelho, e nada. Olhou debaixo da cama... E lá estava a tela! Embrulhada num tecido colorido.

Madhu puxou a tela com as mãos trêmulas e colocou a mesma sobre a cama. Havia um bilhete de Liv preso no tecido que envolvia a tela.

Caso não se aguarde de curiosidade, não diga que eu não avisei!

Com as mãos mais estremecidas do que nunca e o coração acelerado, Madhu desembalhou a tela.

O cenário da pintura era um cemitério sombrio, sujo, escuro, com lápides quebradas.

Uma grande estátua de um anjo com a asa quebrada tinha uma expressão de dor, parecia chorar. Estava chovendo, céu escuro. E bem ao centro do cenário uma garota de longos cabelos alaranjados em pé, usando um longo vestido preto de gola alta e mangas compridas. Estava com a cabeça baixa, não dava para ver seu rosto. Segurava um buquê de rosas azuis-escuras com as duas mãos caídas entre suas pernas. Bem diante da garota de cabelo alaranjado estavam dois crucifixos fincados nas duas covas recém-cobertas de terra. A chuva que caía sobre as covas escorria, formando lágrimas de lama.

A pintura foi a revelação que faltava para Madhu se lembrar aquilo que o trauma fez calar em sua memória.

Madhu sabia de quem eram as covas. Seu pai e sua irmã estavam, de fato, mortos. E fora ela quem havia matado as duas pessoas que mais amava na vida. Madhu se culpava pelo acidente.

Agora ela se lembrava de tudo. Foi ela quem, com muito esforço, convenceu o pai e a irmã a irem com ela para o haras.

No dia do acidente, no trajeto, seu pai estava sentado no banco da frente do carro, e sua irmã no banco de trás, sem cinto. Estavam felizes, rindo, enquanto Natasha, sua irmã, contava que havia engolido uma mosca viva.

Foi tudo muito rápido. Madhu, que estava ao volante, desviou do animal para não atropelá-lo, o carro capotou várias vezes no íngreme despenhadeiro abaixo e só parou quando o capô do Fiat 500c bateu numa árvore. O carro ficou tombado com a porta do motorista para cima.

Assim que o carro subitamente impactou com a árvore, Madhu sentiu uma dor latejante na cabeça, estava entorpecida com o acidente e pendurada pelo cinto de segurança. Ao soltá-lo, caiu em cima de seu pai, que estava com um imenso galho de árvore cravado no peito. Seus olhos estavam arregalados e escorria sangue de sua boca. Em pânico, Madhu tentou inutilmente acordá-lo. Ele não acordou.

Lembrou-se da irmã. Olhou ao seu redor. Ela não estava no carro. Os vidros do mesmo estavam todos quebrados. Tinha esperança de que a irmã estivesse salva. Tinha de ajudá-la.

Madhu saiu do carro mancando e não percebeu que sua cabeça estava sangrando. Em cada tentativa de caminhar, escorregava no íngreme despenhadeiro, gritando o nome da irmã. E logo a viu, bem abaixo no despenhadeiro, caída e imóvel.

Natasha havia sido arremessada para fora do carro e continuou rolando despenhadeiro abaixo. Madhu escorregou propositalmente na direção da irmã. Mas não pôde ajudá-la. Também estava morta.

Caiu de joelhos diante da irmã caçula. Sua companheira, sua confidente, sua melhor amiga. Sua irmãzinha caçula e seu afável pai morreram diante de seus olhos.

Madhu segurou a mão suja de terra da irmã e começou a chorar. Sentiu sua cabeça latejar e sua consciência esvair.

Só foi acordar a bordo de Shandi33.

A dor da recordação continuava insuportável para Madhu, que desmaiou, caindo em cima do quadro.

Capítulo 8

Madhu estava em frente à fachada de sua casa na chácara em São Roque. Mas havia alguma coisa errada. Aquela casa parecia sua casa do passado, de quando era criança. O balanço que seu pai fez com pneu velho ainda estava pendurado na árvore. A jabuticabeira que plantou com sua mãe e que hoje já está grande, dando frutos, ainda é só uma muda. Porém, Madhu não era uma criança. Estava confusa.

Quando estava prestes a entrar correndo em sua casa à procura de alguém, Niki surgiu de trás da grande árvore que continha o balanço improvisado.

– Antes de você entrar, tenho que lhe explicar uma coisa – alertou Niki, elegantemente vestindo bata e calça branca.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou irritada. Niki era a última pessoa que Madhu esperava ver naquele lugar.

– Vim ajudá-la, de novo. Estamos dentro da sua memória, no passado. Por isso, não vai conseguir interagir com ninguém da sua família. São só memórias. Seus pais e sua irmã continuam mortos. Somos como fantasmas espiões dentro de suas memórias.

Madhu sentiu angústia e tristeza no peito. Estão todos mortos, lembrou-se. Ela estava sozinha, não tinha mais ninguém. Não tinha nem sequer um tio, seus pais eram filhos únicos. E seus avós estavam mortos há muito tempo.

– Dispensando sua ajuda. Pode ir. – Tinha esperança de entrar na casa e encontrar todos vivos. Precisava vê-los vivos. E definitivamente não queria Niki por perto naquele momento.

– Não posso. Estou programado para acompanhá-la nessas lembranças. Não vou embora, vou ficar ao seu lado.

– Argh, que seja – resmungou Madhu. Estava com pressa em entrar e ver sua família. Não queria perder tempo discutindo com Niki.

Ao entrar na sala, viu uma Madhu de apenas oito anos e sua irmã Natasha, de quatro anos. As duas estavam brincando na sala.

Os olhos de Madhu fantasma se encheram de lágrimas ao rever sua irmãzinha. Sentia tanta saudade dela! Queria poder abraçá-la, mas percebia que aquilo era só uma lembrança. Ela não passava de um fantasma. Ela e Niki ficaram num canto da sala observando a cena.

– Vamos bincar de caixinha? Você pode molar na minha caixa se quisé, Madhu – disse Natasha, que estava com uma boneca Barbie descabelada nas mãos.

– Não. Vou brincar que sou uma guerreira e que vou salvar o mundo. – Madhu estava com uma toalha de banho amarrada no pescoço e caída nas costas para improvisar como capa de super-heroína.

– Também quelu salvar o mundo com voxê. Eu também vou xer guerreila – disse a pequena Narasha, de cabelos ruivos acobreados lisos e compridos, e de doces e meigos olhos verdes.

– Só pode existir uma guerreira. Só eu posso salvar o mundo. Você fica na sua casinha que vai ser destruída pelo meteoro.

– Aí voxê me salva?

– Não. Você vai morrer – respondeu Madhu, com indiferença.

A pequena Natasha saiu da sala com cara de brava e cabeça baixa à procura da mãe.

Madhu fantasma seguiu a pequena Natasha. Na época em que era criança não percebia quanto suas palavras poderiam machucar quem tanto amava. Muito menos que suas palavras poderiam ser tão proféticas.

Natasha encontra a mãe no quarto, dobrando roupas.

– Mamãe, a Madhu não gosta de mim. Ela qué que eu morro – choramingou.

– Oh, minha princesa! Fique aqui com a mamãe. Ajude-me a dobrar roupas, o.k.? – disse Débora, mãe de Madhu.

Toda a cena foi tomada por uma fumaça branca intensa. Madhu fantasma não conseguia ver mais nada. Quando a fumaça começou a se dissipar, outra cena surgiu à sua frente.

Estava na cozinha de sua casa. Naquela cena, Madhu estava com doze anos. Sua mãe, magra, com um lenço amarrado na cabeça para disfarçar a perda de cabelo, estava sentada na cadeira da mesa de jantar. Seu pai, sentado ao lado de sua mãe, segurava sua débil mão.

– Madhu, temos de contar para você uma coisa importante, senta aqui – disse seu pai, apontando uma cadeira para que Madhu se sentasse ao lado da mãe.

Depois que Madhu se sentou receosa do assunto, sua mãe começou a falar:

– Eu estou com uma doença chamada câncer...

– Eu sei o que é câncer. Você vai morrer? – a pré-adolescente Madhu perguntou irritada, interrompendo sua mãe.

Madhu já desconfiava que algo estava errado com sua mãe. Mas pensava que fosse apenas uma grave queda de cabelo e fraqueza por não se alimentar direito.

– Creio que sim – falou Débora, com tristeza nos olhos. – Os médicos disseram que tenho poucos meses de vida...

– Você está doente há um tempão, não é? E só agora me conta? Muito obrigada por me deixar participar da sua vida! – disse com sarcasmo. – Que morra! – gritou irritada. Madhu se levantou e foi se trancar em seu quarto. Ela estava com muita raiva. Sentia-se traída, sentia medo, revolta.

Novamente, uma densa fumaça apagou a cena. Ao dissipar-se, surgiu aos olhos de Madhu do presente uma sala cirúrgica.

Madhu tinha acabado de nascer. Um bebê enorme, com mais de quatro quilos, ralo cabelinho alaranjado, estava

vermelha de tanto chorar ao nascer cheia de saúde e fôlego. Seus pais também choravam, mas de alegria. Seu pai lhe segurava no colo e a beijava com carinho e brilho no olhar umedecido de lágrimas. Sua mão esticou os braços pedindo que lhe passasse a bebê Madhu para ela. Débora pegou a bebezinha nos braços, beijou sua cabecinha laranja com grande ternura no olhar.

Enquanto Madhu fantasma e Niki viam aquela cena dos pais apaixonados pela bebezinha Madhu, Niki quebrou o silêncio. E a cena ficou congelada.

– Não entendo o que faz você acreditar que é especial e que pode salvar o mundo – disse Niki, com um sorriso sarcástico. – Você não passa de uma esquizofrênica, Madhu. Internada num hospício, alucinando para não sentir culpa. Pois foi você que matou seus pais.

– Eu jamais mataria minha família! – respondeu Madhu, cerrando os dentes e semicerrando os olhos. Estava decidida em não cair mais nas armadilhas de Niki.

– Foi você quem optou pela eutanásia da sua mãe. Pobre coitada, num coma induzido mal sabendo que sua filha estava decidindo matá-la. Foi escolha sua, Madhu, então, tecnicamente, você a matou. – Niki estava com um sorriso irônico e malicioso. – E depois convenceu o pai e a irmã, que estavam protegidos em seu lar, para um passeio, onde você, por descuido, jogou o carro despenhadeiro abaixo. Você arremessou o papaizinho lunático e a irmãzinha desastrada para a morte. Mortos, num trágico acidente provocado por você!

Madhu estava com muita raiva daquele maldito robô psicopata. Não iria deixar Niki enganá-la novamente. Não iria permitir que ele a iludisse de novo. Aquilo que ele dizia não era verdade, era uma falácia.

Ela respirou fundo com os olhos fechados e sentiu uma força subir pela sua espinha dorsal até chegar ao topo de sua cabeça. Aquela força se fundiu com sua mente. E então ela conseguiu ver tudo, claramente. A raiva deu lugar à lucidez.

– Eu sei que não sou especial. Seria uma ilusão acreditar nisso, já que somos todos frutos da Fonte, parte Dela. Somos todos um único Espírito. A individualidade é passageira, ilusória e mortal. Estou apenas representando o papel de um personagem como qualquer outro, que faz funcionar o grande experimento que é a vida. Somos todos um único grande coração criando uma grande obra de arte.

– Sempre amei muito minha família. Se eu tinha uma forma pouco tradicional de demonstrar meu amor, pouco importa! Só eu sei o que sentia. Se tenho uma forma mordaz de lidar com quem eu amo em momentos difíceis, isso não quer dizer que não os ame profundamente. Se fui insensível, imatura, não foi de propósito. Daria minha vida por eles.

– O motivo pelo qual a Confederação Intergaláctica Estelar escolheu a mim, uma garota humana comum cheia de defeitos para salvar o mundo, pouco me importa!

– Darei minha vida pela Fonte. Eu e a Mãe Terra seremos a gênese da Terceira Realidade. Engula isso, Niki!

– Você conseguiu! Ah, minha querida! Ela conseguiu – a aveludada voz de Tarala soou como um cântico nos ouvidos de Madhu.

Madhu já estava se acostumando com a rotina de abrir os olhos e se assustar em não se lembrar em como acordou num lugar singular. Ela sabia que aquele era um momento daqueles. Por isso, não teve pressa em abri-los. Respirou fundo para recuperar a lucidez da mente.

Lentamente abriu os olhos. Instintivamente, piscou várias vezes para obter o ajuste da visão diante tanta claridade. Quando finalmente conseguiu enxergar, ficou terrificada. Estava rodeada de criaturas extraordinárias, como gafanhotos gigantes e humanoides lagartos.

Sentou-se rapidamente no leito onde acordara. Sentada, se acalmou ao ver que Tarala estava em pé ao seu lado esquerdo e Behosa, ao seu lado direito. Todos, inclusive os estranhos alienígenas, vestiam macacão branco justo no corpo com a gravura de dodecaedro dourado no peito.

– Não tenha medo, são todos amigos – disse Behosa. – Preciso da sua permissão para liberar a comunicação telepática. Muitos aqui só se comunicam telepaticamente e precisamos que você participe da reunião – pediu. Qualquer alienígena naquele auditório poderia sem dificuldade nenhuma impor pensamentos na mente de Madhu. Mas em uma conferência, com tantos seres, havia a necessidade de um capacitador telepático coletivo, para que todos os pensamentos fossem compartilhados por todos sem gerar confusão. O capacitador telepático também traduzia a conversa telepática para o idioma de maior fluência para cada um.

– Tudo bem – respondeu alarmada. Sentia--se coagida com tantos olhares formidáveis lhe observando.

Madhu estava bem no centro de um espaço semelhante a um grande auditório circular, todo branco e radiante. Os seres alienígenas permaneciam em pé nos degraus acima, ao redor do centro.

No degrau mais alto do auditório estava Capitão Mastara. Imponente e misterioso, com a penumbra escondendo parcialmente sua face de serpente naja branca. Seus enigmáticos olhos vermelhos brilhavam na penumbra.

Havia várias espécies alienígenas presentes. Seres azuis carecas bem magros e altos, pulcros humanoides felinos, gigantes com enorme saliência atrás da cabeça, pequeninos humanoides semelhantes aos *grays*, só que não eram cinza, eram brancos com um intenso brilho e grandes olhos amendoados. Os mais estranhos eram os gafanhotos gigantes e também os humanoides com pele de réptil e cabeça semelhante ao de um lagarto.

Porém, Madhu não estava com medo, apenas intrigada. Sempre gostou da diversidade. Nunca prejudicou as pessoas pela aparência, não começaria agora.

– Tudo o que você pensar, todos nós iremos *ouvir* – explicou Behosa. – Portanto, tome cuidado com o que pensa. E tudo que pensarmos, você *ouvirá*.

– Tudo bem, não tenho segredos – respondeu Madhu. *Mas terei de me controlar para não pensar besteiras inúteis*, pensou Madhu.

Behosa passou o capacitador telepático sobre a cabeça de Madhu. Era um aparelho de cristal, com formato de cone, que radiava uma luz azul. Logo em seguida Madhu ouviu uma voz em sua cabeça.

– *Recebemos informações de padrão anormal na curvatura n3 do tempo-espaço de Shandi33. Não sabemos até quando conseguiremos nos manter escondidos.*

Ao ouvir a melodiosa voz em sua cabeça, Madhu olhou instantaneamente para uma bela e sensual felina humanoide. Sabia que era aquela felina que estava se comunicando telepaticamente, entendendo que seria fácil identificar quem falava telepaticamente.

– *Acontece que ela não pode voltar à Terra sem receber o treinamento que preparamos* – disse telepaticamente uma reptiliana.

– *Em quanto tempo conseguem prepará-la?* – perguntou telepaticamente um siriano.

– Até o fim da tarde de hoje. Amanhã poderemos partir – respondeu Behosa.

– *Partir! Amanhã?* – os gafanhotos gigantes não estavam preparados para voltar ao espaço.

– *Quanto antes melhor* – comentou telepaticamente a reptiliana com cabeça de lagarto.

Uma voz chiada penetrou a cabeça de Madhu com grande intensidade:

– *Então está decidido!* – Essa voz fez com que Madhu instintivamente olhasse imediatamente para o Capitão Mastara. Seu magnetismo não deixava dúvidas de quem era. E ele voltou a dizer: – *Partiremos ao nascer dos sóis. Comecem os preparativos imediatamente.*

Behosa passou novamente o estranho equipamento por cima da cabeça de Madhu, interrompendo a comunicação telepática para ela.

Havia várias portas de saídas no auditório, por onde as multidões de alienígenas saíam. Tarala e Behosa acompanharam Madhu até um hangar não muito distante do auditório.

– Vocês me disseram para eu não me preocupar com meu pai e minha irmã. Onde eles estão? – perguntou Madhu, enquanto caminhavam até uma nave estrelada. Ela acreditava em vida após a morte.

– Estão na Colônia Espiritual Raios do Amanhecer – disse Tarala. – É uma colônia muito alegre e de grande beleza. Sua mãe também está lá. Ela trabalha com crianças que morreram de câncer.

Madhu não conseguia duvidar de Tarala. Sabia em seu íntimo que ela dizia a verdade.

Entraram na nave estrelada e partiram. A nave pousou num grande espaço onde havia algumas insólitas naves estacionadas.

Assim que desceram da nave, estava à sua espera um belo rapaz, alto como Behosa, porém mais forte, pele branca e músculos virtuosos aparentes em seu macacão preto e justo no corpo que também levava a gravura de dodecaedro dourado no peito. Seu cabelo era loiro dourado e estava preso em um pequeno rabo de cavalo em sua nuca. Os olhos meigos e sinceros do rapaz chamaram a atenção de Madhu. Ela sentiu algo familiar naquele olhar.

Ao lado do belo rapaz estava uma jovem que parecia uma guerreira de *mangá*. Seu corpo se assemelhava muito ao corpo da boneca Barbie. Chegava a ser uma beleza bizarra de tão perfeita. Sua cintura chegava a ser um exagero de fina, e seus fartos seios chamavam a atenção. Seu longo cabelo castanho estava preso numa trança embutida. Ela também usava o macacão preto, justo no corpo com o símbolo dourado no peito. Madhu não conseguia imaginar um casal mais perfeito e belo que aquele.

Behosa apresentou a dupla para Madhu. – Madhu, esses são Aisha e Willy. Eles são nossos melhores guerreiros de

todo o setor da Segurança Intergaláctica. Irão lhe acompanhar em todo o seu trajeto no planeta Terra e estarão lá para auxiliá-la e protegê-la.

– É um prazer! – exclamou Madhu, oferecendo a mão para cumprimentá-los.

– O prazer é todo nosso – disse Aisha, séria. Com uma postura muito profissional, deu um forte aperto na mão em Madhu.

– Será uma grande honra – completou Willy. Com sorriso no rosto e brilho nos olhos, retribuiu o aperto de mão.

– Vamos até a sala de projeção – chamou Behosa.

Todos seguiram até uma sala circular, vazia, com paredes radiando luz branca, chão e teto brancos. Quando a porta automaticamente se fechou atrás deles, Tarala esticou os braços para frente do corpo, abriu as mãos e fez surgir uma imagem holográfica perfeita do Lago Titicaca, que se estendeu por toda a sala e muito além dela. A parede, o chão e o teto ilusoriamente evaporaram-se. A imagem era muito realística. Como num passe de mágica, estavam sobrevoando uma réplica idêntica do Lago Titicaca.

Puderam observar que, ao invés de existir duas ilhas, havia três grandes ilhas. A Ilha do Sol e a Ilha da Lua eram conhecidas no tempo presente do planeta Terra. A terceira ilha ficava num ponto exato entre as outras duas ilhas. Isso indicava que não estavam no presente, mas num passado longínquo do planeta Terra. A terceira ilha, era a Ilha da Mãe Terra.

Tarala começou a explicar os fatos: – Os antigos incas xamãs, herdeiros dos sirianos, construíram, a pedido de seus *deuses*, os sirianos, um templo sobre o ponto onde a *Kundalini* da Terra dorme. Esse Templo seria usado para realizar cerimônias para Mãe Terra e lhe ajudaria a despertar a *Kundalini* adormecida, fazendo surgir uma nova era de luz planetária.

– Lúcifer afundou a Ilha da Mãe Terra para que as cerimônias do despertar da *Kundalini* não fossem mais

possíveis. – Conforme Tarala contava a história, ia aparecendo os acontecimentos diante de seus olhos em imagens holográficas. – Dentro desse Templo na Ilha da Mãe Terra, que repousa por milênios no fundo do Lago Titicaca, existe um portal e só uma cerimônia com o sacrifício de uma jovem virgem poderá abri-lo.

Madhu enrubesceu de vergonha com o comentário que deixava claro que ela era virgem. Enquanto isso, a imagem holográfica focava o portal.

– Willy e Aisha lhe acompanharão até o templo, realizarão a cerimônia xamã lhe oferecendo como sacrifício para a abertura do portal – disse Tarala. A imagem holográfica agora mostrava o portal se abrindo. O portal era uma enorme pedra triangular com escrituras antigas. A imagem holográfica era tão perfeita que parecia que estavam mergulhando no fundo do lago. – Você terá de atravessar o portal sozinha – disse para Madhu. – Assim que entrar pela passagem do portal, sua fusão com a Mãe Terra será imediata e isso fará com que a *Kundalini* da Terra desperte, dando início à Terceira Realidade.

– Como vamos mergulhar até lá embaixo? – perguntou Madhu, esperando que lhe informasse sobre como utilizar um equipamento de mergulho alienígena.

– Equipamentos de mergulho dos terráqueos – pronunciou Willy. – Eu mesmo lhe ensinarei a usá-los quando estivermos na Terra.

– Antes de mergulhar no Templo perdido, terão de passar por uma cerimônia na Ilha da Lua, onde os nativos descendentes dos incas invocarão o poder feminino da Lua. Depois partirão para a Ilha do Sol, onde a cerimônia do Sol será realizada e o poder masculino irá transferir o comando e o governo para que o poder feminino realize a germinação da Terceira Realidade. Só então mergulharão no fundo do Lago Titicaca para a cerimônia final – explicou Tarala.

– Disse que voltarei exatamente no mesmo ponto do tempo que parti na Terra, isso significa... Terei de ver meu

pai e minha irmã mortos!? – disse Madhu, com um nó na garganta.

– Significa que poderá velar seu pai e sua irmã antes de partir para a missão – disse Behosa. – E não se preocupe, terá apoio. Willy e Aisha estarão ao seu lado o tempo todo.

– Tudo bem. Estou pronta. Quando partiremos? – Madhu perguntou, decidida.

– Muito em breve – disse Tarala. – Terá tempo somente para aprender a realizar as cerimônias xamãs, algumas instruções de mergulho e segurança, e estará pronta para partir.

– Vou poder me despedir da Liv?

– O tempo é muito curto. Verei o que posso fazer – disse Behosa.

Tarala finalizou o show holográfico. Ela e Behosa se despediram de Madhu. Saíram deixando Madhu com Willy e Aisha. A jovem se sentia mais à vontade com os dois guardacostas alienígenas.

– Estou preparada para aprender esse lance de cerimônia xamã. Só não me lembrem de que vou ter de morrer virgem.

– Para Madhu, já que sua morte estava muito próxima, melhor encará-la com sarcasmo mordaz ao invés de tristeza.

Willy não conseguiu disfarçar um sorriso penoso. Aisha continuou sem nenhuma reação emotiva.

– Bom, para começar, me chame de Will.

Fazendo uso da tecnologia das imagens holográficas, Willy ensinou para Madhu tudo sobre as cerimônias xamãs que seriam realizadas. Só então Madhu entendeu que ela seria apenas a oferenda na cerimônia. Seria Willy e os índios xamãs quem realizariam as cerimônias.

– Sei que deve estar cansada – disse Aisha. – Mas antes de descansar, temos de planejar nosso itinerário na Terra. Todo o nosso trajeto até o Lago Titicaca deve ser seguido à risca. É importante que entenda que, pela sua segurança, é fundamental nos obedecer na Terra, tudo o que lhe pedirmos

você terá de fazer, sem nos questionar. – Aisha tinha uma postura fria e calculista, diferente de Willy.

– Vocês são híbridos, andróides ou puros? – Madhu não pôde evitar a curiosidade.

– Eu sou ariano – disse Willy. – Nasci em Kiva, um satélite artificial do planeta Arian, da estrela Alpha Arietis, na constelação de Áries. Fui aceito para lutar na Guerra de Órion ao lado da Confederação Intergaláctica Estelar. Depois que a Guerra de Órion acabou, fui convocado para trabalhar no setor de Segurança Intergaláctica da Ala9 de Shandi33.

– Aisha é uma ginoide, ou andróide de aparência fêmea se preferir. Foi desenvolvida especificamente para trabalhar no setor de Segurança Intergaláctica. Seu corpo é feito de um material muito resistente que se regenera em poucos segundos, seu punho libera agulhas venenosas mortais e seus golpes são perfeitos. Ela consegue derrotar cinquenta homens terráqueos fortes em menos de cinco minutos.

– Uau! Uma boneca Barbie mortal, tamanho real, sempre foi meu sonho de consumo. – Madhu admirava Aisha, extasiada. – Seu criador caprichou no seu visual – disse para Aisha.

Willy ficava cada vez mais curioso pela peculiar personalidade da humana terráquea Madhu. Nunca havia conhecido uma terráquea antes. Gostava de estar ao seu lado. Há muito tempo não se sentia tão alegre. Mas se entristecia ao lembrar-se que, em breve, ele a levaria para ser sacrificada.

Madhu estava cansada, com fome e sono. Mas lhe informaram que não havia tempo para dormir, pois as sondas luciferianas estavam prestes a encontrar Shandi33.

Madhu comeu uma succulenta fruta alienígena, enquanto Aisha lhe ensinava a bloquear a mente para que os pensamentos não pudessem ser ouvidos por inimigos que têm tal capacidade.

Depois de finalizados todos os preparativos para o retorno ao planeta Terra, Madhu realmente estava exausta. Os três

seguiram rumo ao salão central da Ala9 de Segurança Intergaláctica. Estavam lá esperando por Madhu o Capitão Mastara, Tarala, Behosa, Nero, Niki e Liv com Bastet em seu colo.

– Hora da despedida – disse Behosa. – Shandi33 entrará na Via Láctea em apenas trinta minutos.

– Já? – surpreendeu-se Madhu. – Eu pensei que...

– As sondas estão prestes a desvendarem o ponto de inserção do espaço-tempo de Shandi33 – disse Behosa. – A despedida terá de ser breve.

O cansaço e o sono não impediu que Madhu sentisse um frio na barriga. Percebeu que não se sentia pronta para deixar Shandi33 para sempre. Sentia medo da inevitável morte.

Bastet pulou do colo de Liv e foi se roçar nas pernas de Madhu.

– Vou sentir sua falta, humana terráquea altamente perecível – revelou Liv, que deu um abraço apertado em Madhu. – Que a força esteja com você!

– *Não se esqueça de que o poder da Serpente habita seu ser* – disse Mastara, impondo sua voz chiada dentro da cabeça de Madhu.

– Estaremos o tempo todo com você, acompanhando-a – disse Tarala, ao abraçar Madhu. – Todos nós a amamos muito. Nunca se esqueça disso. Nunca deixe a esperança esvair de seu coração.

Depois de receber o abraço de Tarala, Madhu perguntou: – O que o robô psicopata veio fazer aqui? – se referindo a Niki.

– Pensei que deveria me despedir, já tivemos uma história juntos – respondeu Niki, confuso.

– Boston definitivamente se esqueceu de configurar *bom senso* em você – disse Madhu. – Adeus, Niki! – exclamou com veemência.

– Adeus! – respondeu Niki. – E agradeço pela experiência em conhecer uma terráquea.

– Adeus, Madhu – disse Nero. – Foi interessante tê-la em Shandi33. Lamento sua partida.

– Obrigada! Sentirei saudade de todos vocês. Bom, menos do robô psicopata – disse olhando para Niki. – Sentirei saudade de toda essa magia, de cada segundo de privilégio em viver a bordo da Shandi33. Vocês me ensinaram a sonhar e acreditar nos meus sonhos. Com vocês, aprendi que tudo é possível, que não há limites para a criação.

– Que a Fonte inspire sempre seu coração – disse Tarala, com seu olhar meigo de profundo amor.

– Vamos! – Behosa chamou Madhu. Estava com pressa.

Liv correu e deu mais um abraço em Madhu.

– Estou pintando uma nova tela. Adivinha quem é minha inspiradora? – escorriam lágrimas dos olhos de Liv.

– Você foi a amiga mais sincera e bizarra que já tive, Liv. Vou sentir muito a sua falta – disse, enquanto Behosa a puxava pelo braço.

– Temos que ir – disse Behosa, num tom mais autoritário.

Behosa, Madhu, Willy e Aisha partiram de nave estrelada rumo à cápsula de teletransporte na Ala1.

Capítulo 9

– Aqui! Tem duas garotas aqui! Uma delas está viva! – gritou uma voz grave.

Madhu ouvia algumas vozes ao seu redor, mas se sentia fraca demais para abrir os olhos. Fraca demais para reagir. Só queria dormir.

Me deixem dormir, me soltem!, pediu em pensamento, sentindo mãos levantando seu corpo e a colocando em um lugar duro, provavelmente uma maca.

E voltou a dormir.

– *Madhu, hora de acordar! Você está atrasada. Nero está chegando* – disse Liv.

Ao abrir os olhos, Madhu viu uma Liv diferente. Não tão bonita, era apenas uma garota normal descabelada. Mas era Liv. Só então notou que estava num quarto semelhante a um quarto hospitalar, com duas camas hospitalares velhas em frente de uma grande janela com grossas grades enferrujadas.

– *Onde estamos?* – Madhu perguntou sobressaltada e imediatamente se sentou na cama.

– *Ah, Madhu! Eu disse para você não comer as frutinhas azuis do nosso jardim. Está alucinando de novo* – disse Liv, que, como Madhu, vestia um uniforme azul, semelhante a um uniforme hospitalar cirúrgico.

– *Responda minha pergunta, Liv. Onde estamos?*

– *Na nossa casa em Shambala. Onde mais estaríamos?* – respondeu Liv.

Madhu levantou-se rapidamente para abrir a porta do quarto. Precisava saber onde ela estava.

Ao abrir a porta deparou-se com um corredor. Outras poucas mulheres estavam no corredor. Todas usando o mesmo uniforme azul. Uma delas repetia a frase "Chupa!

Pinto mole não entra!” consecutivamente. Outra parecia estar levando um cachorro imaginário para passear. Aquilo não era Shambala. Era um hospício!

Madhu se apoiou na soleira da porta para não cair ao perceber onde estava. Um rapaz de uniforme branco entrou no corredor e seguiu na direção de Madhu.

Liv começou a cantarolar:

– Nero está chegando! Nero está chegando!

O rapaz semelhante a Nero, contudo, sem orelhas pontudas e com uma aparência muito mais humana. A pele do rosto era marcada por vestígios de espinhas e seu cabelo oleoso que lhe dava um aspecto seboso. Ele se aproximou de Madhu e disse para ela: – Vamos! Dra. Tamara está esperando você.

– Dra. Tamara? Quem é você? Que lugar é esse? – perguntou Madhu.

– É a primeira vez que ouço você dizer o nome correto da dra. Tamara. Deve ser o novo medicamento. O comprimido azul. Você chamava a doutora de Tarála, alguma coisa assim – disse o rapaz. – Vem, vamos logo! Ela está esperando.

Madhu seguiu o rapaz que andava em passos largos. – Imagino que você seja Nero, um enfermeiro. E que dra. Tamara seja minha psiquiatra? – supôs Madhu.

– Uau! Então, quer dizer que não sou mais um androide?! – indagou o rapaz com um sorriso no rosto.

– Diga-me você! – incitou Madhu, irritada.

– Pergunte para a sua psiquiatra – disse o rapaz, abrindo a porta de um consultório.

Madhu entrou no consultório. Nero fechou a porta ficando do lado de fora. Atrás da mesa, sentada numa cadeira estava a suposta dra. Tamara, idêntica a Tarala, porém, aquela era uma Tarala sem a expressão iluminada, sem sua beleza celestial. Estava com o comprido cabelo preso num coque, usava óculos de leitura e um longo jaleco branco por cima de um terninho risca de giz.

– Sente-se, Madhu. – Dra. Tamara indicou com a mão uma cadeira do lado oposto da mesa, para Madhu se sentar.

Logo que Madhu se sentou, começou a perguntar: – O que estou fazendo aqui? Preciso saber o que aconteceu comigo.

– Onde você pensa estar? – perguntou dra. Tamara.

– Eu sei que estou num hospício! Quero saber por quê?

– Hospício se tornou um termo pejorativo. Agora, o termo correto é Hospital Psiquiátrico – explicou dra. Tamara. – Preste atenção no que vou lhe dizer, Madhu. É você quem cria sua realidade, portanto, cuidado com o que sonha. Ao invés de buscar a verdade ao seu redor, busque a fé em si mesma.

– O que está tentando me dizer? – Madhu perguntou, confusa.

– Willy e Aisha não poderão mais estar com você. Você é capaz de fazer qualquer coisa sozinha. Algo deu errado, tivemos de sedá-la por vinte dias. Agora, terá de acordar e enfrentar a realidade.

O sono era vigoroso em demasia. Mas sua determinação em acordar era maior. Madhu estava cansada de sonhar. Ao abrir os olhos, ela notou que estava num quarto de hospital muito similar onde sua mãe permaneceu durante meses em tratamento. Estava deitada na cama hospitalar. Havia um tubo preso em seu estômago conectado a uma bolsa de alimentação, outro tubo preso num cateter em seu braço conectado a uma bolsa de soro, e sentiu entre suas pernas uma sonda vesical de demora, usada para eliminação de urina em pacientes imobilizados.

Sentia-se sonolenta, fraca, confusa. Havia certa resistência nos movimentos. Instintivamente e com muita dificuldade, tocou o topo de sua cabeça e notou que lá havia um curativo. Havia raspado seu cabelo naquela região.

Começou a se lembrar do acidente de carro que sofreu e da morte de seu pai e de sua irmã. Também se lembrou de Shandi33 e sua missão. Olhou ao redor à procura de Willy e

Aisha. Ficou abalada em não vê-los. Demorou longos minutos até conseguir alcançar e apertar o botão na cabeceira da cama hospitalar.

A enfermeira entrou confusa, com semblante indicando espanto. – Ah, meu Deus! Como...? – A enfermeira parecia não acreditar estar vendo Madhu acordada.

– Cadê Willy... e a Aisha? – questionou Madhu, com voz fraca e rouca. Sua garganta doeu ao falar.

– São seus parentes? – perguntou a enfermeira se aproximando e checando os sinais vitais da paciente no aparelho de monitoramento.

– Não – pigarreou, para umedecer a garganta e diminuir a rouquidão. – Amigos.

– Só veio visitá-la o senhor Edgar. Disse que era amigo do seu pai. Vou chamar o médico, já volto – disse célere e saiu correndo para chamar o médico.

Edgar era o dono do haras que Madhu frequentava, amigo de infância de seu pai. Todos o conheciam como *Ed*. Demorou alguns segundos para Madhu entender que o *senhor Edgar* era o Ed.

Willy e Aisha disseram a Madhu que estariam o tempo todo ao seu lado quando ela voltasse à Terra. Por isso, ela estava assustada, e começaram a surgir diversos pensamentos indesejáveis em sua cabeça: *Será que deu alguma coisa errada com o plano da missão? Será que foi tudo alucinação? Não pode ser!*

O médico entrou no quarto seguido de duas enfermeiras, tirando Madhu de seus pensamentos indesejáveis.

– Olá Madhu, eu sou o dr. Fabiano, seu médico. Como se sente? – o médico tinha uma postura profissional, manteve a calma, transmitia confiança e segurança. Seu cabelo grisalho e seu semblante de homem responsável indicavam experiência profissional.

– Com sono, fraca. Será que dá para tirar esses montes de canos de mim? – pediu, referindo-se aos tubos de nutrição, medicamento e a sonda de eliminação de resíduos. – E

preciso de informações sobre meu pai e minha irmã. – Ela sabia que eles estavam mortos. Estava pensando nos preparativos do velório, enterro. Era tanta coisa. *Onde estava Willy?*

O médico chegou bem próximo de Madhu. – Vou aferir sua pressão – disse o médico, colocando o esfigmomanômetro no braço dela e o estetoscópio em seu ouvido para aferir a pressão de Madhu. – Sente tontura, dor de cabeça ou enjoo?

– Não. Não sinto dor nenhuma. Só o incômodo dessas coisas presas em mim. Preciso saber onde estão. Meu pai e minha irmã. Tenho de cuidar do enterro. Preciso sair logo daqui.

Depois de aferir a pressão de Madhu, o médico retirou o esfigmomanômetro do braço de Madhu e checkou seus batimentos cardíacos. Lentamente tirou o estetoscópio do ouvido e disse: – Madhu, você estava em coma. Ficou em coma durante vinte dias. O amigo do seu pai já cuidou de tudo. Enterro, velório... Aparentemente sua saúde está estável. Nunca vi nem ouvi caso como esse. Você se lembra do acidente que sofreu?

– Coma? – a preocupação de Madhu começou a aumentar. Alguma coisa estava muito errada.

– Não sabemos o motivo do seu coma, fizemos diversos exames: ressonância magnética, tomografia computadorizada, eletroencefalografia, entre diversos outros exames. Seu estado de saúde sempre esteve estável, seus órgãos funcionando perfeitamente. Você ficou na Unidade de Terapia Intensiva durante quinze dias sendo monitorada cuidadosamente. Como seu estado de saúde estava estável, eu a transferei para esse apartamento.

– Suspeitamos que o motivo de seu coma tenha sido um trauma psicológico. Vou solicitar alguns novos exames e direcioná-la a um psiquiatra para que possa fazer uma avaliação – disse o médico, fazendo anotações no prontuário da paciente. – Você se lembra do acidente?

Madhu estava em choque. *Está tudo dando errado!*, pensou em desespero. Aquilo não podia estar acontecendo. Ela só queria sair correndo daquele hospital. Precisava encontrar Willy e Aisha, se é que eles existiam. Seu último sonho, o que teve durante o coma, foi como uma alucinação realística, deixando-lhe ainda mais confusa.

– Pode retirar esses negócios de mim? – pediu Madhu, com pressa de se livrar dos tubos que a prendiam.

O Dr. Fabiano solicitou às enfermeiras que retirassem a sonda vesical de demora e o tubo de alimentação, mas que não retirassem o cateter com o soro.

Depois de um longo tempo com entra e sai de enfermeiras e médicos, exames, banho e fisioterapia, finalmente, Madhu estava sozinha no quarto hospitalar.

Sentou-se na cama sentindo um pouco de tontura, fraqueza em todo o corpo. Cuidadosamente, retirou o cateter do soro de seu braço. Ao apoiar os pés no chão, percebeu que suas pernas estavam fracas, trêmulas e bambas. Andou apoiada na cama até conseguir firmar os passos. Poucos passos lhe deixaram sem fôlego. Parou para descansar e logo continuou tentando caminhar se escorando nas paredes.

Encontrou algumas roupas suas no armário do quarto. Ed devia ter levado roupas para ela. Com muita dificuldade, tirou a camisola hospitalar e vestiu sua roupa. Fez um coque no cabelo e o prendeu com uma caneta que encontrou na cabeceira da cama, para esconder o curativo no topo da cabeça.

Abriu uma fresta da porta, deu uma espiada no corredor e saiu discretamente do quarto. Não conseguia andar depressa, ainda estava atordoada, fraca e com as pernas bambas. Teve de andar lentamente para não cair.

Conhecia aquele hospital, era o Hospital Sírio-Libanês, onde sua mãe ficou internada em coma induzido por meses.

Ao andar pelo corredor, tentou parecer uma visitante calma. Por sorte, todos os funcionários estavam distraídos com suas tarefas e não notaram sua fuga. Conseguiu sair do

hospital sem ser notada, mas não sabia para onde ir. Estava sem dinheiro, sem seu celular, sem Willy, sem Aisha, sem nada!

Pegou um táxi. Decidiu ir até o haras procurar por Ed. Precisava da ajuda de alguém. E naquele momento o amigo de seu pai parecia ser a pessoa mais indicada. Ed tinha uma aparência de homem maduro, forte e grande, que transmitia confiança.

Olhava através da janela do táxi a paisagem desolada de uma cidade poluída e caótica. Madhu começou a chorar de saudades, da família, de Shandi33. Tudo o que queria era voltar para a magia inebriante de Shandi33. Sentia-se abandonada, sozinha, perdida, magoada. Não queria estar ali. Nunca se sentiu tão triste. Precisava ter certeza de que Shandi33 era real, que tudo fora real.

Chegando ao haras, Ed estava prestes a entrar na sua caminhonete apressado. Ao ver Madhu chegar, correu em sua direção.

– Madhu! O que faz aqui? Recebi uma ligação do hospital dizendo que você havia sumido. Por que fugiu de lá? – perguntou Ed, sobressaltado, com semblante de preocupação.

– Preciso de dinheiro para o táxi. E eu estou bem Ed, só não queria ficar naquele lugar. Sabe, lembranças ruins.

Ed sabia de que lembrança Madhu se referia. A mãe dela. Ele tirou a carteira do bolso e pagou o taxista.

– Fica com o troco – disse ao motorista, que partiu.

Ed convidou Madhu para entrar na casa da fazenda onde morava com a esposa que devia estar trabalhando no escritório do haras.

– Não imagina o susto que me deu fugindo do hospital. Estou feliz que esteja tão bem. Parece um milagre! Lamento não poder ter ido ao hospital logo que acordou. Tive problemas no haras – disse Ed, com sinceridade.

Ao entrar na casa, Madhu pediu uma água. Seguiram direto para cozinha, onde Madhu virou um copo de água

vertendo todo o líquido de uma só vez. Em seguida, sem pedir, cortou uma fatia de bolo de fubá que estava na mesa da cozinha e deu uma vertiginosa mordida. Estava morrendo de fome.

– Madhu, entendo que não se sinta bem num ambiente hospitalar, mas tem de voltar para lá, querida. Só o médico pode dizer se você está realmente bem. É perigoso para sua saúde se não voltar. E, falando nisso, preciso ligar urgente no hospital, informar que você está aqui – disse, tirando o celular do bolso.

– Eu não vou voltar para lá, Ed. Só se me levarem amarrada – alertou com a boca cheia.

Enquanto ela atacava o segundo pedaço de bolo. Ed ligou no hospital e informou que Madhu estava em sua casa.

– Eles me pediram para levá-la de volta. Existem certas burocracias...

– Eu não vou, Ed! – disse interrompendo Ed.

– Madhu...

– Eu só preciso das minhas coisas. Minha carteira, meu celular, a chave de casa. Só isso! Eu me sinto ótima. Só quero voltar para casa.

– Você é teimosa igual seu pai. – Balançou a cabeça com um olhar saudosos. – Lamento pela perda de seu pai e sua irmã – lamentou-se de forma especulativa, para observar como Madhu estava lidando com o luto.

Madhu parou de comer. Colocou o restante de bolo em cima de um guardanapo na mesa. E limpou as mãos na calça.

– Eu também, já sinto muita falta deles – disse Madhu. – É por isso que quero ir para casa. Lá sei que posso me sentir mais perto deles. O ateliê do meu pai está cheio de suas obras de artes, que são reflexos da alma dele. O quarto da minha irmã tem cheirinho de *Lou Lou*, o perfume preferido dela. Eu quero ir para casa, Ed – pediu com lágrimas nos olhos. – Quero ficar sozinha com as coisas deles, na nossa casa. Preciso disso. Não tive chance de ir ao velório, nem ao enterro. Entende?

Não deixava de ser verdade, mas Madhu estava jogando com a situação para convencer Ed a não levá-la de volta ao hospital.

– Suas coisas ficaram comigo. Contratei um bom advogado, cuidei de tudo, de toda a papelada e das burocracias. Eu estava como seu tutor enquanto você se encontrava em coma no hospital. Agora poderemos transferir todos os bens de seu pai para seu nome, você é maior de idade. Só vai ter de assinar *vários* papéis. Venho cuidando da chácara também. O jipe que era do seu pai continua na chácara, agora é seu.

– Conseguiu cuidar de tudo sem procuração? – Madhu se sentia aliviada.

– Não existe nada que o dinheiro não compre nesse País – disse Ed, a contragosto.

– Então, só preciso de uma carona para casa. E dos meus cartões de créditos.

– Não posso deixá-la sozinha naquela chácara, Madhu. Temos de pensar numa solução. O melhor seria passarmos no hospital...

Antes que Ed completasse a frase, Madhu o interrompeu. – Eu sempre fui responsável e independente, Ed. Você sabe disso. Eu sempre fui a adulta da casa.

– Mas você acabou de sair de um *coma*. Ficou *vinete* dias em coma! Não sei nem como você consegue parar em pé. Se um dia eu disser a alguém que vi uma garota sair de um coma e fugir do hospital no mesmo dia, ninguém nunca vai acreditar. Estou com medo que você tenha um *piripaque* aqui na minha frente.

– Eu juro que estou bem! Você já me viu agindo de forma irresponsável?

– Estou vendo agora!

– Quando minha mãe morreu, quem segurou toda a barra em casa sozinha? Eu sou forte, Ed! Você nem imagina quanto. Se eu passar mal, se eu não me sentir bem, juro que volto para o hospital, o.k.? – Mentiu, pois não tinha a

intenção de voltar ao hospital nem se estivesse à beira da morte.

Contra a sua vontade, Ed cedeu ao pedido de Madhu e a levou para a chácara. Tentou durante horas convencê-la de voltar ao hospital, mas não teve êxito. Madhu garantiu que estava bem e que ele podia ir embora. Observando que Madhu estava bem – *até demais para quem saiu de um coma* – ele partiu, mas não antes de fazê-la prometer que no dia seguinte passariam no hospital. E disse que ligaria de hora em hora para se certificar de que ela estava bem.

Madhu ainda estava com fome. Depois que Ed foi embora, ela andou pela casa, estava tudo arrumado e limpo. Era triste ver a casa vazia. A despensa e a geladeira da casa estavam quase vazias. Madhu colheu algumas mangas da mangueira para comer. Tomou banho e deitou na rede para pensar. Seu celular tocou, era Ed, que queria saber se ela estava bem e se precisava de alguma coisa.

– Já disse que estou bem, Ed. Eu sei me cuidar – disse Madhu ao telefone, se esforçando para transmitir uma voz calma.

Depois de falar com Ed, atendeu o celular mais três vezes seguidas. Era do hospital. Decidiu que atenderia apenas as ligações do Ed.

Olhou para o céu azul esperando ver alguma nave vindo resgatá-la. Só então de fato percebeu que aquele era o motivo em querer estar na chácara sozinha. Seria mais fácil Willy e Aisha a encontrarem em sua isolada casa. O tempo estava apertado. Eles tinham de aparecer! Começou a chorar com a tristeza sufocante.

Os dias se passaram. Madhu entrou na sua antiga rotina terráquea. Voltou ao hospital, mas se recusou a ser internada, porém teve de realizar alguns exames, que, para a surpresa de todos, revelaram que a saúde de Madhu estava perfeita. Resolveu burocracias, voltou a frequentar as aulas no curso de arquitetura no Centro Universitário Belas Artes em São Paulo. A rotina a ajudava a não cair em depressão.

Todas as noites, ela deitava na rede da varanda de sua casa e ficava olhando as estrelas esperando a *sua* nave. Chorava por horas até cair no sono e ser devorada pelos mosquitos.

Já havia passado quinze dias desde que saiu do hospital. O tempo estava voando.

No dia 19 de outubro de 2019, uma notícia extremamente alarmante tomou conta de todos os telejornais. A mídia estava eufórica. Uma grande tempestade geomagnética estava prevista para o próximo dia 5 de novembro. A tempestade não seria tão apavorante se o campo magnético da Terra estivesse executando seu trabalho de escudo protetor. Porém, o planeta Terra estava passando por uma inversão geomagnética que implicava num declínio prolongado da intensidade do campo magnético. Os cientistas mais otimistas previam que tal fenômeno provocaria quedas de energia elétrica, interferência no funcionamento dos satélites de comunicação e de instrumentos de navegação, com efeitos imprevisíveis sobre o clima. Outros previam o fim do mundo.

Como se não bastasse isso, algumas agências espaciais localizaram um imenso corpo celeste se aproximando perpendicularmente do Sistema Solar. Os noticiários ainda consideravam a segunda notícia de forma especulativa, e sem muita importância.

Aqueles relatos alarmantes, todos chegando ao mesmo dia, acordaram Madhu de um estado de alienação. Ela sabia que a situação era muito mais séria que o previsto pela mídia. A temida destruição de toda a espécie de vida no planeta Terra voltou a ser real para ela. Foi como ser despertada com um banho de água fria.

Lembrou-se do sonho que teve durante o coma, onde Tarala – *ou seria dra. Tamara?* – lhe dizia que Willy e Aisha não poderiam mais estar com ela e que Madhu teria de agir sozinha.

Não podia perder mais tempo! Resolveu que tentaria realizar as cerimônias sem ajuda de Willy e Aisha. Estava decidida a mergulhar no Lago Titicaca à procura do templo perdido e abrir o portal. De qualquer forma, sabia que ia morrer. Preferia morrer tentando.

Comprou passagem para o primeiro voo à La Paz na Bolívia pela internet. O voo sairia no dia seguinte bem cedo do Aeroporto de Guarulhos. Teria de acordar às cinco horas da manhã.

Escreveu um bilhete para Ed. Sabia que, quando Ed sentisse sua falta, iria até sua casa, entraria pela porta da cozinha com a chave que tinha guardada em caso de emergência. Deixou o bilhete bem visível em cima da mesa da cozinha. Dizia a verdade. Por mais absurda que pudesse parecer, preferiu dizer a verdade em consideração e respeito pelo grande amigo da família. Também escreveu uma declaração de próprio punho, passando todos seus bens para o nome do Ed.

Faltava menos de um mês para o fim do mundo. E ela faria de tudo para o mundo não acabar. Arrumou sua mala, deixou tudo pronto para a viagem, tomou um banho e foi dormir.

Capítulo 10

Fora de seu tempo, num passado distante, Madhu estava sendo julgada no Tribunal Eclesiástico pela Santa Inquisição da Igreja Católica Medieval. Estava rodeada por homens velhos de aparências arrogantes, ostentando seu poder em trajes exagerados e muitas joias preciosas.

O inquisidor velho, barrigudo e careca olhava para ela com ódio. E espumas de salivas se acumulavam no canto de sua boca cada vez que acusava Madhu de ser uma herege.

– Essa maldita herege satânica tem relações de afeto com os demoníacos deuses – acusava o inquisidor. – É uma bruxa! Ela idolatra e trabalha em função da Deusa Tarala!

Todos no tribunal cochichavam indignados. Enquanto Madhu, amarrada em uma cadeira com as mãos para trás, não tinha o direito a defesa. Usava apenas uma longa camisola branca, pois foi tirada à força e a pauladas de sua cama enquanto dormia.

– Queimem a bruxa! – alguém na multidão gritou, e todos ficaram eufóricos de alegria provocada por um ódio exacerbado.

O julgamento pareceu durar uma eternidade. Madhu foi condenada à morte. No dia seguinte, seria queimada em praça pública, para a satisfação do povo católico.

A praça estava lotada. Antes de ser retirada da cela, um inquisidor católico teve o prazer de chutar Madhu até que ela vomitasse sangue.

Com um capuz branco sobre a cabeça cobrindo todo o rosto, sem poder enxergar, Madhu foi arrastada até a praça e amarrada num enorme tronco.

O inquisidor mais parecia um faminto corvo. Usava uma capa preta e um capuz preto sobre o rosto, onde dois pequenos orifícios revelavam sombrios olhos assassinos. Ele

acendeu a tocha levando a multidão ao delírio de felicidade. A tocha acendeu grandes labaredas ao redor do tronco onde Madhu estava amarrada.

O fogo queimava sua pele provocando uma dor insuportável. A dor era tanta que começou a alucinar. Viu Tarala diante seus olhos entre o fogo. Ela estava linda e radiante, como sempre.

– Lo sentimos mucho – disse Tarala, com grande tristeza no olhar. – Lúcifer descobriu.

– Madhu, acorda! Acorda!

Madhu acordou assustada com o coração saltando em seu peito. Devia ser um inquisidor católico que invadiu sua casa. Na penumbra só via um grande vulto. Em seguida, alguém acendeu a luz do abajur.

– Sou eu, Will! – disse Willy, em pé bem na sua frente, com cara de preocupado.

– Will! – Madhu saltou nos braços de Willy envolvendo o pescoço dele com seus braços, apertando forte. Estava tão feliz que começou a chorar. – Você existe!

– Calma, calma... Estou aqui! – disse Will, tentando acalmar Madhu.

– Por que demorou? Estou com raiva de você! Disse que ficaria ao meu lado o tempo todo! Por que demorou tanto? – Madhu estava com uma mistura de raiva e felicidade.

– Tivemos problemas. Sérios problemas! Por isso temos de correr. Iremos imediatamente para a aldeia Copacabana, às margens do Lago Titicaca. Vista-se, tem dois minutos – Willy deu as costas e estava fechando a porta para Madhu se trocar com privacidade.

– Espera! Fica! – gritou Madhu, com medo de perder Willy de vista e ele sumir. – Só vire de costas e não olhe.

Ele fez o que ela pediu. Madhu tirou a camisola com ansiedade e urgência. Colocou uma calça jeans, uma camiseta *baby look* branca, uma blusa de moletom e seu tênis. Suas mãos estavam trêmulas. Ela estava apreensiva.

– Pronto! – Madhu avisou, alcançando a alça da mala.

– Não vai precisar de mala. Deixe aí. Vamos! – disse e andou depressa.

Antes de sair de seu quarto, Madhu virou para dar uma última olhada. Nunca mais veria aquele quarto, nunca mais veria sua casa onde cresceu e viveu com sua família. Antes que começasse a sentir a amargura da despedida de um eterno adeus, abaixou a cabeça e caminhou rápido seguindo Willy.

Do lado de fora da chácara, escondida na densa bruma da Mata Atlântica, estava Aisha, com seu olhar felino velador, parada em frente a uma grande nave tetraédrica estrelada de uns cinco metros de altura, que quebrara vários galhos de árvores ao pousar num espaço aberto da chácara.

– Aisha! – exclamou Madhu, satisfeita em vê-la. – Vocês nem imaginam como estou feliz em estar com vocês! Pensei que tivessem me abandonado. Que tudo não passasse de alucinações da minha cabeça – disse, subindo a escada de acesso ao interior da nave.

Mal partiram já estavam pousando em um vale inóspito, atrás de um grande morro. Do outro lado do morro estava a bela aldeia Copacabana, às margens do Lago Titicaca.

– Já chegamos? – perguntou retoricamente, surpresa. – Uau! Bem melhor que avião – disse Madhu descendo da nave, segurando a mão que Willy lhe ofereceu para ajudá-la. Seu coração se sufocava num paradoxo entre a excitação em rever os amigos alienígenas e de medo pela morte iminente que se aproximava com grande velocidade.

– Tem um barqueiro nos esperando na aldeia Copacabana. Teremos de seguir a viagem a pé. Não podemos correr o risco de alguém ver a nave – disse Aisha.

Assim que desembarcaram, a nave foi embora numa velocidade quase invisível aos olhos humanos terráqueos. Parecia uma pequena esfera luminosa no céu – deu uma guinada de noventa graus e desapareceu.

Willy e Aisha começaram andar rapidamente em direção à aldeia. Madhu os seguiu a passos largos.

– Qual foi o problema que vocês tiveram? – Madhu estava preocupada.

– Assim que a enviamos para a Terra pelo teletransporte, Aisha estava sendo preparada para ser teletransportada ao seu lado. Foi quando Shandi33 sofreu um ataque de uma sonda luciferiana que destruiu grande parte da Ala1, a Ala de comando da nave. O teletransporte, assim como muitos outros recursos tecnológicos de Shandi33, foram gravemente afetados.

– Lúcifer suspeita que estamos novamente tentando criar a Terceira Realidade. Por isso, temos de ser rápidos – disse Willy, que andava depressa atrás de Aisha, seguido por Madhu que tentava acompanhá-los quase correndo. – Demoramos três dias para consertar os danos e encontrá-la aqui.

– Espera! Eu estou aqui na Terra há *quarenta* dias e não três!

– Exato! – exclamou Willy. – O tempo relativo interno de Shandi33 é diferente do tempo na curvatura da Terra. Para nós, em Shandi33, só se passaram três dias, para você, quarenta.

– Eu não sei se vou conseguir acompanhar vocês nesse ritmo – disse Madhu, sem fôlego.

– Suba nas minhas costas – mandou Aisha, parando e agachando para que Madhu montasse nela de *cavalinho*.

Madhu obedeceu sem contestar. Aisha e Willy andaram mais rápido com Madhu nas costas de Aisha, que não parecia nem um pouco cansada.

Enquanto caminhavam, Willy e Aisha ensinaram uma técnica de bloqueio mental para evitar que alguns seres extraterrestres tivessem acesso ao que Madhu pensasse e, assim, pudessem lhes rastrear. Madhu treinou o bloqueio mental com Willy durante o trajeto.

Chegando à aldeia, Aisha colocou Madhu no chão.

– Agora terá de ir andando. Estamos perto – disse Aisha, sem demonstrar nenhum cansaço.

O sol estava começando a nascer, e o panorama do Lago Titicaca sendo irradiado pelos primeiros raios solares naquela paisagem inóspita era magnificente.

A aldeia era charmosa, com ares europeus. Às margens do grande lago, que mais parecia um mar, a água era verde e cristalina. Havia vários pequenos barcos de pesca coloridos na areia clara da praia. Andaram pelas margens do lago até um pequeno porto.

Havia apenas um excêntrico barco ancorado. O barqueiro estava a bordo, aguardando os passageiros.

A proa do barco era esculpida na forma da cabeça de uma exótica criatura marinha, cuja boca estava aberta, mostrando seus dentes afiados. O convés era dourado, todo esculpido com antigas escrituras inca e revestido com românticas cortinas de seda de um suave tom de amarelo. Era uma réplica de um antigo barco inca, com seu típico e charmoso casco recurvo.

O barqueiro saiu do barco. Madhu, Aisha e Willy entraram. O barqueiro se despediu com um largo sorriso no rosto direcionado para Willy. Aisha tomou o comando do barco. Agora, ela era a barqueira.

– Estamos indo para a cerimônia na Ilha da Lua, certo!? – perguntou Madhu.

– Exato. Estamos indo ao Templo da Sacerdotisa na Ilha da Lua. O centro mais poderoso de energia feminina da Terra – disse Willy. Ele percebeu que repentinamente Madhu se entristeceu. Afinal, logo seria sacrificada no fundo do lago. – A cerimônia *Oferenda a Mãe* tem de ser feita o quanto antes. Sayen, a mulher mais idosa da ilha, já está nos esperando. Os espíritos xamãs já a avisaram sobre a nossa chegada e da importância dessa cerimônia.

Chegando à Ilha da Lua, foram saudados por Sayen, que os levou a uma casinha à beira de um penhasco com uma vista incrível do lago. Lá foi realizada a cerimônia *Oferenda a Mãe*: Madhu foi oferecida à Mãe Terra como sacrifício, e o poder feminino passou para a jovem. A cerimônia, de quatro

horas, terminou às onze da manhã, e o trio voltou para o barco. Madhu se sentia anestesiada pela cerimônia, tamanho seu poder.

– Temos menos de meia hora para repassar os procedimentos de mergulho. A cerimônia na Ilha do Sol começa ao meio-dia em ponto – disse Aisha, fazendo o barco partir em direção a Ilha do Sol.

A Ilha do Sol ficava a sete quilômetros de distância da Ilha da Lua. O tempo estava curto. Enquanto Aisha pilotava o barco, Willy passava instruções de mergulho para Madhu, mostrando-lhe os equipamentos de mergulho que estavam no barco.

Depois de importantes instruções de mergulho avivadas, Willy não pode deixar de notar o olhar apático de Madhu.

– Você está bem? – perguntou Willy, sinceramente preocupado com Madhu.

– A resposta dessa pergunta é óbvia, Will. Estou no corredor da morte, e em poucas horas vou morrer – disse Madhu, olhando tristemente para aquela bela paisagem do Lago Titicaca. – Sabe, estava estudando arquitetura. Meu sonho era ser arquiteta e começar a desenvolver projetos de casa ecológicas autossustentáveis. Nunca serei uma arquiteta. Nunca vou nadar com golfinhos, nem abraçar um urso panda. Nunca vou me casar, nem ter filhos. Nunca mais verei Shandi33, nem Shambala. Nunca! Eu entendo a importância desse sacrifício. Mas a tristeza é inevitável. Estou mais que decidida em cumprir minha missão. De qualquer forma eu iria morrer. Não é mesmo? Então que eu morra sendo útil.

– Eu juro, que se pudesse, faria este sacrifício em seu lugar, Madhu – disse Willy com sinceridade, sentindo consternação pelo inevitável sacrifício de Madhu. E o pior é que ele a levaria para a morte. – E não será o fim. É apenas o começo, sua alma continuará viva.

A Ilha do Sol estava próxima, o barco contornou uma grande rocha na água que tecnicamente podia ser

considerada uma ilha. Não havia casas nem sinais de vida. Aisha ancorou o barco perto de uma saliência rochosa irregular.

Quando desembarcaram, Madhu observou que havia degraus que começavam na parte mais profunda da água e subiam pela encosta dessa colina. Subiram até chegarem ao topo onde havia uma área plana, circular, com uma vista esplêndida para o lago.

Bem no centro do grande círculo natural havia três índios xamãs usando trajes típicos cerimoniais. Will, Aisha e Madhu seguiram em direção a eles, que os aguardavam no centro do círculo. Esta seria a cerimônia onde o sistema patriarcal cederia espaço para o sistema de integração da Terceira Realidade tomar controle sobre a Terra.

Os três xamãs estavam bem diante de Willy, Madhu e Aisha. Porém, antes que a cerimônia pudesse começar, Aisha foi a primeira a perceber que estavam sendo cercados dentro do enorme círculo natural por diversos homens de preto altamente armados. Os xamãs não pareciam surpresos.

– *Lo sentimos mucho* – disse o xamã mais velho com olhar tristonho de resignação.

– Lúcifer descobriu! – disse Willy, assustado.

– Solicitar recuo! – gritou Aisha, que parecia usar o dorso da mão como telefone.

Willy se pôs em frente de Madhu para lhe servir de escudo. Mas os homens de preto começaram a atirar de todos os lados. Aisha lançava suas agulhas venenosas nos homens de preto e correu para atacá-los.

Madhu sentiu seu corpo queimar. Ela via um mar de sangue sendo espirrado diante de seus olhos como labaredas de fogo. Sentiu-se desfalecer e perdeu a consciência.

Capítulo 11

Madhu estava cativa numa grande câmara branca quadrada. Só havia Madhu no interior da câmara. Existiam cinco pequenos orifícios nela: um em cada parede e outro no teto. Somente pelos orifícios Madhu podia espiar com apenas um olho o mundo lá fora – uma paisagem. Essa era a sua realidade. Confinada e limitada a cinco minúsculos furos.

Um belo dia, por um dos pequenos buracos, viu um belo e imponente jovem com traje de cavaleiro medieval, que se aproximou do orifício.

– Olá! Tem alguém aí dentro? – perguntou o cavaleiro.

– Por favor, me ajude a sair daqui! – Madhu suplicou.

– Você está sonhando. Se eu tirá-la daí, deixará de ser um sonho.

– Eu não quero mais sonhar. Quero acordar!

– Então morra! Morra várias vezes. Só assim poderá acordar. Foi assim que eu saí da câmara.

Tempo cronológico no planeta Terra: 1º de novembro de 2019. Quatro dias terráqueos para o fim do mundo.

Madhu abriu os olhos curiosa para saber como era a vida após a morte. Porém, notou que estava no laboratório de Behosa com ele, Tarala e Capitão Mastara. Não acreditava que havia sobrevivido ao massacre.

– Não acredito que estou viva! O que aconteceu? – perguntou Madhu sobressaltada, sentando-se rapidamente sem sentir nenhuma vertigem.

– O pior que tínhamos – disse Behosa. – Lúcifer descobriu os nossos planos. Conseguimos resgatá-la antes que seu corpo fosse totalmente destruído, incapaz de segurar sua alma. Você levou seis tiros, sendo dois deles em órgãos vitais. Mas, com nossa medicina avançada de Shandi33, conseguimos curá-la completamente – explicou Behosa.

– Acontece que demoramos um dia inteiro do tempo de Shandi33 para consertar seu corpo. O que significa que faltam apenas quatro dias terráqueos para o fim da vida no planeta Terra – explicou Tarala, com um semblante preocupado. – Agora estamos lutando contra o tempo.

– Willy e Aisha, estão bem? – questionou Madhu.

– Só é possível teletransportar uma pessoa de cada vez – disse Behosa. – Você foi a primeira a ser resgatada. Quando recuperamos Willy, não havia mais como salvá-lo. Armazenamos sua alma na Ala de Congelamento de Almas. Quanto à Aisha, ela está perfeitamente bem. Exterminou quinze homens de preto antes de ser resgatada.

Willy estava morto! E Madhu se sentiu derrotada por não ter conseguido cumprir a sua missão. Sentiu-se impotente diante da situação. E nunca mais veria os meigos olhos verdes angelicais de Willy. Um guerreiro tão nobre, morto, sem chance de defesa. O choro começou a escapar de sua garganta. Seus olhos se encheram de lágrimas.

– E agora? – Madhu estava frustrada por chegar tão perto e não conseguir. Estava sentindo um nó na garganta e enjoo.

– Há tempos que estávamos buscando uma alternativa, prevendo a intervenção de Lúcifer – disse Tarala. – Um de nossos cientistas encontrou uma distante estrela consciente de suprema inteligência, que consegue se comunicar com a Fonte por intermédio do grande buraco negro do centro da Via Láctea. Essa estrela, com ajuda da Fonte, desenvolveu um projeto muito audacioso e arriscado. Mas não temos alternativa. Teremos de arriscar e colocar o projeto em prática sem antes mesmo testá-lo. É nossa última esperança.

– No que consiste esse projeto? – O interesse de Madhu era saber se voltaria à Terra para a missão do sacrifício.

Foi Behosa quem começou a explicar o projeto: – Um feixe de laser especial vai penetrar o centro do planeta Terra através do polo norte e sair pela superfície do polo sul. O planeta Terra será envolvido por uma cápsula eletromagnética que projeta uma realidade paralela que irá

recriar a realidade externa do espaço. Após isso, a Terra será deslocada, removida duas vezes da realidade original onde permanecerá provisoriamente armazenada. Isso protegerá a Terra da destruição e nos dará tempo para realizar o culto do sacrifício no fundo do Lago Titicaca.

– A Terra só pode ficar deslocada de sua origem por três dias terrenos. Depois disso, voltará naturalmente para sua origem no Universo. Enquanto estiver deslocada, estará também protegida do poder de Lúcifer, que perderá a Terra de vista até que consigamos completar a missão.

– No local de origem do planeta Terra estará apenas um campo de força magnético. Isso deixará nossos oponentes confusos por um bom tempo. Porém, é um projeto experimental, não temos garantia nenhuma que dará certo. É muito arriscado – explicou Behosa.

– Foi a Fonte que inspirou a estrela consciente em elaborar este projeto – disse Tarala. – Tenho fé que dará certo.

– *Não temos outra escolha. O laser já está pronto para ser disparado na Terra. Queremos saber se você, Madhu, está pronta para voltar à Terra e finalizar sua missão ainda hoje, em apenas uma hora de Shandi33?* – perguntou Capitão Mastara, impondo sua voz chiada na mente de Madhu.

– Mais do que pronta Capitão! Quem irá me acompanhar?

Todos sabiam que Madhu não conseguiria realizar a missão sozinha. Precisava de uma pessoa para realizar a cerimônia, ela era apenas a oferenda do sacrifício.

– Aisha e Govinda – disse Tarala. – Aisha você já conhece. Govinda é um grande guerreiro arcturiano. Os dois já estão lhe esperando na sala de teletransporte. Irão ser teletransportados diretamente na Ilha do Sol. Boa sorte, minha querida!

Todos se retiraram e Behosa acompanhou Madhu até a sala de teletransporte.

– Behosa, por que arriscaram a vida de Willy, se poderiam ter enviado um androide no lugar dele? – Madhu estava inconformada com a morte de Willy.

– Só um ser com alma pode realizar uma cerimônia xamã. Willy estudou profundamente xamanismo para poder fazer o ritual do sacrifício pela Terceira Realidade. Assim como Govinda, que também estudou muito para substituir Willy, caso algo desse errado – respondeu Behosa.

Aisha, Govinda e Madhu, nessa sequência, foram teletransportados para a Ilha do Sol. Caminharam não muito até chegar ao grande círculo natural, onde aconteceria a cerimônia de transferência de poder masculino para o poder da integração entre masculino e feminino.

Dessa vez, havia apenas um majestoso idoso índio xamã no centro do círculo lhes esperando num belo traje típico cerimonial xamã. Madhu lembrou-se que os três xamãs anteriores possivelmente estavam mortos. Ela sentiu um arrepio de medo em voltar naquele mesmo local onde quase morreu e onde Willy perdeu a vida.

Não havia nenhuma mancha de sangue no chão, era como se nada tivesse acontecido.

A cerimônia, realizada sem empecilhos, foi longa – durou quatro horas. E de lá partiram na embarcação inca que fora usada. O barco estava no mesmo local onde Aisha o havia ancorado. Os equipamentos de mergulho também.

Madhu permanecia calada por todo o percurso. Estava se concentrando ao máximo para que tudo desse certo. No trajeto até o ponto exato entre a Ilha Sol e a Ilha Lua, ela vestiu sua roupa de mergulho e se manteve meditativa.

O sol começaria se a pôr em breve. Madhu fez questão de observá-lo pela última vez. O lago estava tranquilo e, desde que chegaram, não viram ninguém além do índio xamã. Ao olhar para o sol, viu um segundo pequeno sol ao lado do maior.

– Dois sóis! – exclamou duvidosa. Pensou que talvez pudesse ser uma miragem ou algo semelhante.

– O segundo sol não é uma estrela. É Nibiru, que se aproxima da Terra, sendo iluminado pela luz solar.

– Nibiru?

– É um planeta artificial que possui grande órbita elíptica excêntrica que cruza perpendicularmente os outros planetas das órbitas do Sistema Solar a cada treze mil anos. A órbita de Nibiru passa entre Júpiter e Marte. A vida na Terra não sofrerá nenhum prejuízo com a passagem de Nibiru – explicou Govinda, enquanto preparava os equipamentos para o mergulho.

– Como o planeta Terra seria destruído se estivesse em seu local de origem?

– Ele não seria destruído. A vida na Terra seria dizimada pelo fogo. A tempestade geomagnética de nível extremo formaria um enorme filamento de plasma ejetado do sol com toneladas de matéria solar. O planeta está com o campo magnético enfraquecido pela inversão polar. No momento em que a enorme matéria solar tocasse o planeta, o mesmo seria incendiado.

– A Confederação Intergaláctica Estelar está lançando feixes no sol contendo substâncias especiais para diminuir a intensidade das tempestades geomagnéticas. Em breve, a inversão de polaridades do planeta será concluída e ele não estará mais sofrendo ameaças do Sol.

Madhu foi abrangida por um sentimento de arfagem e medo. Não podia falhar. Era muita responsabilidade em suas mãos. Respirou fundo várias vezes para manter-se calma.

Aisha ancorou o barco no ponto exato do lago entre a Ilha do Sol e a Ilha da Lua. Um feixe de luz azul bem sutil saía de dentro da água naquele exato ponto.

Os três vestiram suas roupas e equipamentos de mergulho. Estavam prontos.

– Você gostaria de dizer algo antes de mergulharmos, Madhu? – perguntou Govinda, gentilmente. Seriam as últimas palavras dela.

– Sim. – Respirou fundo e soltou o ar lentamente antes de falar. – Deixarei meu último desejo para que o vento o leve para os quatro cantos do mundo. Desejo que a Terceira Realidade acenda a chama da luz no coração de todos os

terráqueos, para que sejam capazes de construir a Terceira Realidade baseada no amor e na verdade.

Govinda fez uma reverência em respeito ao último desejo de Madhu. Aisha parecia impaciente.

– Hora de mergulhar! – disse Aisha, apressando Madhu e Govinda.

– Desejo-lhe sorte, pequena sementinha Madhu. Que sua alma encontre paz onde quer que vá – disse Govinda, em respeito ao sacrifício de Madhu.

– Obrigada, Govinda! Obrigada, Aisha! Vamos logo começar uma Nova Era!

Os três pularam na água. Estava muito fria. Madhu se manteve muito determinada e se esforçou ao máximo para ignorar o frio e o medo. Govinda ajudou Madhu no seu primeiro e último mergulho.

A última cerimônia foi realizada no Templo da Mãe Terra no fundo do Lago Titicaca. A rocha triangular com escrituras antigas que cerrava o portal de acesso a *Kundalini* da Terra começou lentamente a se deslocar, com naturalidade, como se estivesse deslizando na fofa areia do fundo do lago, e caiu. Um feixe de luz azul surgiu de dentro do portal – ele estava aberto. Madhu se concentrou numa meditação e sozinha atravessou o portal.

Madhu sentiu seu corpo sendo sugado pela luz. E o portal se fechou. A luz se apagou, deixando Govinda e Aisha novamente no escuro, enquanto Madhu fundia seu DNA com o DNA da Mãe Terra.

Ainda consciente, Madhu sentiu o enorme poder e amor da Mãe Terra em seu coração. A Mãe Terra estava sonhando um sonho real. Um sonho onde tudo que existia era o sonho da Fonte. A Fonte dormia no coração da Mãe Terra. Madhu penetrou o coração da Mãe Terra. E, unida à Fonte, começou a sonhar o sonho da Fonte. O sonho da gênese da Terceira Realidade.

Capítulo 12

– Madhu! Sua mãe veio buscá-la – disse a suave voz de sono profundo do planeta Terra.

– Não! Eu não quero voltar! Deixe-me ficar? Quero continuar sonhando no coração da Fonte com você. Por favor, Mãe Terra? – suplicou Madhu.

– Lamento, pequenina sementinha. A Fonte resolveu sonhar com você. Nada posso fazer – disse o planeta Terra, com sua suave voz de sono.

– Eu não quero voltar! É tão bom aqui no seu útero, Mãe Terra. Eu me sinto protegida, amada. Nunca senti uma paz tão profunda assim. Aqui é tudo perfeito. Lá fora é tão...horrível!

– Exatamente por isso precisa voltar. Você continua sendo a chave para a Terceira Realidade.

– Já plantamos a Terceira Realidade. Ela está crescendo. Por que não posso ficar?

– A Terceira Realidade agora é só um broto. Ainda precisa de proteção e cuidados. E existe uma ameaça contra a Terceira Realidade. Só você pode ajudar.

– Madhu! Madhu! Acorde, minha filha!

Madhu abriu os olhos. Não estava mais unida à Mãe Terra. Fora arrancada do coração-útero da Mãe Terra. Queria ter ficado unida a ela. Agora se sentia novamente separada da Fonte de Amor, com medo, tristeza e dor.

– Madhu, você está bem?

Madhu ficou surpresa e feliz ao ver sua mãe, Débora, viva, lhe acordando como na sua infância, quando precisava levantar para ir à escola.

– Mãe! – Madhu abraçou sua mãe. – Você está viva!

– Claro que sim! Estamos no reino espiritual, na Colônia Raios do Amanhecer. Você foi trazida para cá há meses. Você

não queria acordar, e seu médico orientou deixá-la descansar. E hoje recebemos orientação para acordá-la. Eu, seu pai e Natasha estávamos ansiosos para que você acordasse logo. Moramos nesta casa. Só estava faltando você.

Era uma bela casa. Construída com paredes de vidros, em frente a um lindo mar iluminado pelo pôr do sol. No mar, golfinhos brincavam saltitando, e gaivotas voavam alegremente.

– Onde eles estão? – perguntou Madhu, se referindo ao pai e à irmã.

– Podem entrar! – disse a mãe de Madhu.

Seu pai César e sua irmã Natasha entraram no quarto, e Natasha se jogou na cama para abraçar Madhu. Os quatro se abraçaram, riram e choraram juntos. Estavam muito felizes.

– Estamos muito orgulhosos de você, minha filha – disse César.

– Vocês souberam o que eu fiz? – questionou Madhu, curiosa para saber se eles sabiam de sua missão, o sacrifício.

– Claro! Você é uma grande celebridade por todo o reino espiritual da Terra – informou Natasha. – Queria tanto que você ficasse! – resmungou. – Sinto tanto sua falta! Tenta convencê-los a deixar você ficar, Madhu?

– Natasha! – exclamou seu pai com tom de desaprovação.

– E por que eu não ficaria com vocês? – perguntou Madhu.

– Uma extraterrestre veio buscá-la – disse Natasha, chateada. – Você poderia estudar arquitetura aqui, sabia? Na Universidade de Arquitetura da Geometria Sagrada. Não fica tão longe.

– Sério? Seria o máximo, Tasha! – exclamou Madhu, feliz, extasiada com toda a sua família novamente reunida.

A morte nunca lhe pareceu tão ilusória e fugaz. Sentia-se muito mais viva que nunca. Viva e feliz, numa linda casa com uma bela vista para o mar. Tudo parecia muito mais real que quando encarnada no planeta. Porém, depois de experimentar a lucidez do sonho da Fonte, qualquer coisa fora dela seria apenas um ilusório e fugaz sonho.

– Todos nós queríamos que você ficasse, minha filhota – disse César. – Mas fomos orientados pela hierarquia espiritual superior em deixá-la ir. Você tem uma nobre missão pela frente.

– Esta casa sempre será nosso ponto de encontro. Nosso lar! – disse Débora.

– Outra missão? Quem foi que veio me buscar? – inquiriu se levantando da cama com a ajuda do pai, que segurava seu braço.

– Ela se chama Tarala Shanata. Deve ser alguém muito importante. Disseram que é grande amiga do Arcanjo Miguel – respondeu sua mãe.

– Tarala está no mundo espiritual? Ela saiu do corpo físico? – perguntou Madhu, alarmada.

– Algumas pessoas conseguem sair do corpo físico em meditação e, enquanto seu corpo físico repousa, realiza viagem astral até o Reino Espiritual. Parece que eles ainda precisam de você. É raro aparecerem por aqui – disse Débora, com tristeza no olhar.

Tarala aguardava a família na grande sala iluminada pelo pôr do sol. Ela estava linda e radiante no seu longo vestido branco. Na cabeça, uma delicada joia com fios de diamantes, que penetravam em seus lindos e longos cabelos loiros acinzentados.

– Tarala! – exclamou Madhu, feliz em vê-la.

As duas se abraçaram. Era como ter todas as pessoas que mais amava finalmente unidas. Não queria que aquele momento acabasse nunca.

– Vim buscá-la, minha amada e doce sementinha. Vou levá-la de volta para Shandi33. Ainda precisamos de você.

– Como assim me levar de volta? Vou nascer como um bebê híbrido em Shandi33? – questionou Madhu, bem ciente que estava sem um corpo físico.

– Pensei numa coisa mais prática. Você irá ser a segunda alma a testar viver num corpo androide. Ainda é um projeto experimental em fase de teste. Apesar de querer muito ficar

com sua família e matar a saudade deles. Madhu queria ainda mais voltar a Shandi33. Adorava poder ser cobaia de projetos audaciosos. Seu lugar era a bordo de Shandi33. Ela sentia isso, no fundo do coração.

– Estou pronta, conselheira! Pronta para tripular Shandi33 – disse firmemente, totalmente decidida.

– Não sou mais sua conselheira, Madhu. Agora você é mestre de si mesma. Agora sou sua amiga. Mas Madhu sentia que elas eram muito mais que amigas.

Depois de longas despedidas, com a certeza de que seus pais e sua irmã iriam ficar bem e que um dia voltaria a visitá-los, Madhu partiu a bordo de uma *mer-ka-ba*, uma nave usada no plano espiritual, rumo a Shandi33.

– Quando chegarmos em Shandi33, terei de congelar sua alma na Ala de congelamento de almas. Ficarão congelada até que o corpo androide esteja ajustado e pronto para receber sua alma – explicou Tarala.

– Tudo bem. Confio em você! – Sabia que Tarala jamais lhe faria mal algum. – Como estão as coisas no planeta Terra depois da criação da Terceira Realidade? – perguntou, curiosa.

– O planeta Terra está no ano de 2035. Você passou um bom tempo dormindo no coração dele. Um descanso merecido.

Madhu estava surpresa. Parecia ter dormido tão pouco, como um cochilo depois do almoço.

– Durante esse tempo, o sistema financeiro dos terráqueos mudou completamente – o antigo sistema faliu por completo, surgindo o sistema de recompensas. A pessoa é recompensada cada vez que pratica o bem ao próximo, é a nova moeda de troca, a filantropia. O petróleo foi substituído completamente por fontes de energias limpas. Todas as moradias são autossustentáveis. Não existe mais fome, nem presídios...

– Mas como é possível? Todas as moradias são autossustentáveis? E para onde vão os criminosos? –

perguntou Madhu, surpresa com uma grande mudança tão rápida.

– Em 2020, quando a Terceira Realidade terminou de envolver todo o planeta Terra, uma pandemia global matou mais de três bilhões de terráqueos. Foi um momento muito caótico que durou dois anos. Foi uma pandemia viral psicossomática que penetrava somente em corpos incompatíveis com a vibração de amor ao próximo. Não havia para onde fugir – explicou Tarala.

Madhu ficou preocupada com Ed. Mesmo acreditando que Ed não havia sido contaminado, se preocupou, imaginando o caos pelo qual ele passou.

– E, depois do caos, veio a ordem. Atualmente, as cidades grandes estão completamente desérticas. Ninguém mais mora em cidades grandes. As pessoas migraram para locais mais próximos da natureza e do ar limpo para tentar fugir da pandemia. Vivem no campo, ou em pequenas cidades de interior. Todos cultivam plantações e dividem seus plantios entre eles. Depois da pandemia, ninguém mais pôde comer carne. Toda carne era hospedeira do vírus que causou a pandemia mundial – disse Tarala.

– Uma utopia que se tornou realidade! – Madhu estava feliz e, ao mesmo tempo, um pouco incrédula. – O que aconteceu com as almas que não sobreviveram à pandemia?

– Foram levadas para outros planetas primitivos em fase de *expição*. Assim que a Terceira Realidade se expandir por toda a nossa Galáxia, essas almas infantis em fase de *expição* terão a oportunidade de evoluir sem o atraso, muitas vezes provocado pela ganância de criaturas luciferianas tecnologicamente avançadas que acabam por escravizar e, indiretamente, se alimentar de almas mais primitivas. Quando a Terceira Realidade entrar em vigor, a evolução será muito mais rápida e muito menos penosa.

A *mer-ka-ba* pousou na Ala2, a Ala de congelamento de almas. Lá, havia incontáveis tubos cilíndricos transparentes. Cada tubo continha uma alma. Por estar no mundo espiritual,

Madhu podia ver as almas congeladas dentro dos tubos. Porém, na fisicalidade não era possível vê-las.

– Por que essas almas estão congeladas? – Madhu perguntou curiosa.

– Cada alma possui uma história, uma razão por estar congelada. A maioria delas já está pronta para retornar à Fonte. Mas somente juntos poderemos retornar à Fonte. Então, elas optaram em esperar congeladas.

– Quanto tempo ficarei congelada? – perguntou Madhu.

– O tempo é muito relativo. Para você, vai parecer que passou menos de um segundo. Para Shandi33, aproximadamente três dias.

Um humano siriano puro, usando uma túnica branca de cientista, entrou na grande Ala de congelamento de almas. Ele parecia não vê-las. Mas podia senti-las. Aproximou-se de Tarala e fez uma reverência num cumprimento respeitoso.

– A cápsula atemporal está pronta – disse o suposto cientista. – Assim que o *spectrum* identificar Madhu no interior da cápsula, o processo de congelamento será iniciado.

Então, o suposto cientista se aproximou de uma tela holográfica que estava ao lado de um cilindro vazio, aberto, e começou a observar as informações da tela.

– Venha! – chamou Tarala. – Rúsvio e *spectrum* estão lhe esperando.

– Rúsvio e o quê?

– Rúsvio é o cientista gerente da Ala2. Todos os cientistas dessa Ala têm a capacidade de se comunicar telepaticamente com almas desencarnadas. E alguns, como Rúsvio, também podem sentir a presença de almas desencarnadas presentes no mesmo espaço. *Spectrum* é uma das inteligências artificiais de Shandi33, é nossa ponte de comunicação com o mundo espiritual.

Tarala parou ao lado da abertura da cápsula atemporal. – Não tenha medo! Pode entrar! – disse, indicando com um gesto delicado das mãos para que Madhu entendesse que

deveria entrar na cápsula. – Nós nos veremos muito em breve, minha querida.

Madhu entrou na cápsula atemporal, que se fechou. Só então se deu conta de que, quando acordasse, estaria num corpo androide.

– Como vai ser meu corpo? – perguntou Madhu apressada, pávida.

Mas era tarde demais para obter uma resposta. Uma densa fumaça se formou no interior da cápsula atemporal. Sua alma se congelou imediatamente após sua pergunta.

Capítulo 13

Dessa vez, Madhu não sonhou. Afinal, sua alma estava congelada. Acordou sóbria, totalmente lúcida, nem um pouco confusa. Parecia que tinha acabado de entrar na cápsula e sabia que estava num corpo androide, pois sentia um corpo estranho.

Deitada numa espécie de mesa metálica, aparentemente estava na Cidade Robótica da Ala13 ao observar as grossas paredes de vidro. Ao seu lado estava um garoto magro e alto, aparentava ter no máximo quinze anos, e se movia de forma desengonçada.

Madhu estava usando um macacão preto justo no corpo com o símbolo de dodecaedro dourado no peito. Ela se sentou rapidamente, sentia seu corpo leve, forte e flexível. Era a primeira vez que não sentia tontura ao se sentar após acordar num local estranho. Sentia-se ótima, bem até demais. Não sentia fome, nem sede, nem dor.

Estava vendo cores que nem sabia que existiam. O que antes lhe parecia tudo branco ou transparente agora havia ganho novas cores indescritíveis, e um arco-íris de fumaça dançava no interior dos vidros. Via diante seus novos olhos um mundo fantástico, completamente novo.

Ela se distraiu observando os milhões de micro-organismos presentes no local. Sentia o cheiro de tudo, e sua audição estava tão aguçada que conseguia ouvir barulhos a quilômetros de distância – tinha a capacidade de escolher o foco de sua audição.

– Vai com calma, você está usando uma arma de guerra destrutiva. Fica aí sentada, vou checar seu estado emocional – pediu o garoto. – Ah, eu sou Boston, construtor e programador do seu novo corpo – disse com sua voz levemente fanha.

Madhu passou as mãos pelo seu novo corpo curvilíneo e em sua longa trança embutida. Havia algo de familiar naquele corpo.

Percebendo que Madhu estava curiosa com sua nova aparência, Boston fez com que uma das paredes de vidro ficasse espelhada para que Madhu visse seu reflexo.

– Imagino que esteja curiosa para se ver. E não precisa me agradecer – disse Boston.

Foi então que Madhu se viu. Ela estava no corpo da Aisha! Ela e Aisha agora eram uma só.

– Você me colocou no corpo da Aisha! – exclamou, admirando sua nova imagem. Não estava reclamando, mas surpresa. Se pudesse escolher, escolheria exatamente aquele corpo. O corpo da boneca Barbie guerreira imortal.

– Não foi ideia minha. Eu prefiro a Aisha sem alma – disse Boston. – Você fará parte da Ala 9, a Ala de Segurança Intergaláctica. Este era o melhor androide da segurança intergaláctica que tínhamos. Um desperdício, em minha opinião.

– Ei, calma! Vou cuidar bem do brinquedinho que você criou. Prometo! – disse Madhu, muito feliz e animada. Ansiosa em testar seu novo corpo, ficou em pé, se sentindo muito alta e leve.

– Mais respeito, criatura! Eu sou mais velho que você e criador do seu corpo. É por isso que prefiro androides sem alma. E senta aí, ainda não terminei – disse Boston.

Madhu obedeceu e se sentou impaciente. Queria logo sair e testar os limites de seu novo corpo.

– O que você está fazendo ao digitar todos esses códigos? – perguntou Madhu, ao observar que Boston teclava numa tela holográfica aberta na frente dele.

– Estou terminando de bloquear alguns recursos mortais que instalei em Aisha. Por uma questão de segurança, até termos certeza que você é confiável.

– Como as agulhas venenosas que atiro pelo pulso? – perguntou retoricamente, olhando para seu pulso.

– Isso também. Fica quietinha. Estou quase terminando.
– Por que não transferiu em minha mente as memórias da Aisha? Não seria possível? – perguntou Madhu, ao perceber que só tinha as memórias dela e mais nada.

– Bem que eu queria! Seria muito mais fácil. Mas Behosa disse para eu preservar a sua identidade da melhor forma possível. Você deixaria de ser uma simples garota terráquea imatura se eu mantivesse as memórias de Aisha nesse corpo.

Madhu balançava as pernas impaciente.

– Já estou sentido saudades da Aisha. Pare de se mexer! – ordenou Boston. – Já vai acabar.

– E para onde vamos depois? – perguntou Madhu, parando de se mexer.

– Para a sala de treinamento, fazer alguns testes, ensiná-la a usar o corpo. E, como você é um androide em fase de teste, nem pense em sair por aí sozinha! Ainda mais com essa personalidade instável. Não me esqueci de quando você espancou o Niki.

– Falando em Niki... Fez um ótimo trabalho! Ele me enganou direitinho – disse com sarcasmo, lembrando-se que foi Boston quem o programou para o trabalho de iludi-la.

– Eu sei, sou o melhor – respondeu Boston, parecendo não ter entendido o sarcasmo de Madhu.

Boston finalizou os últimos ajustes. E seguiram juntos para a Ala 9, que ficava numa das pontas da Shandi33. O grande teto da Ala 9 era transparente, oferecendo uma incrível imagem real do espaço. A iluminação vinha das paredes e do chão branco.

Madhu foi apresentada para a Comandante da Segurança Intergaláctica, que era uma reptiliana humanoide com cabeça de lagarto.

– Esta é Shavanna – Boston apresentou. – Ela é Comandante da Segurança Intergaláctica. Você vai trabalhar para ela – disse, virando-se para Shavanna. – Já fiz o meu trabalho, agora é com você, Shavanna. Qualquer problema, mande ela de volta.

– *Seja bem-vinda, Madhu* – disse Shavanna, telepaticamente, fazendo uma reverência em respeito.

Foi só então que Madhu soube que, com seu novo corpo, seria capaz de se comunicar telepaticamente com grande naturalidade.

– *Obrigada* – respondeu telepaticamente, retribuindo a reverência.

Shavanna ensinou Madhu a saltar de uma altura de mais de vinte metros, a cuidar e manter o corpo carregado e saudável. Ensinou-lhe alguns golpes de defesa, e testaram sua força.

Madhu estava se divertindo muito. Estava se sentindo uma *super-heroína* da liga da justiça. E não se cansava nunca.

Depois de horas de treino, Shavanna chamou Madhu para conhecer quem seria seu parceiro. Todo guerreiro intergaláctico tinha de ter um companheiro para lhe servir de apoio. Assim como Govinda era parceiro de Aisha. Madhu acreditava que seu parceiro seria Govinda.

Entraram numa sala semelhante a um escritório com uma enorme parede transparente com vista para o espaço. Era o escritório de Shavanna. Tinha alguns sofás confortáveis, mesa de centro e algumas esculturas de répteis, como dragões e serpentes.

Niki estava sentado no sofá e levantou-se assim que Shavanna e Madhu entrarem.

– Ah, não! O que o *Niki* está fazendo aqui? – perguntou Madhu, incrédula.

– *Ele é seu parceiro de trabalho* – respondeu Shavanna.

– O quê?! Um robô psicopata jardineiro? Isso é alguma piada? – Madhu perguntou irritada.

– Calma, Madhu! Sou eu, Will – disse Niki.

Madhu pareceu confusa, então Shavanna explicou.

– *A alma do Willy foi colocada no corpo androide Niki. Willy foi a primeira alma a testar essa nova tecnologia. Foi ele quem escolheu o corpo Niki. Vou deixá-los a sós enquanto vou falar com Boston e já volto* – explicou Shavanna,

caminhando até uma porta que se abriu dando acesso a outra sala. Assim que atravessou a porta a mesma se fechou.

– Will? – Madhu perguntou confusa.

– Desculpe, Madhu! Eu sei que não teve uma boa experiência com Niki. Mas tive um bom motivo para escolher esse corpo.

– Will, é você mesmo? – Madhu já havia sofrido uma vez em acreditar no Niki, estava com receio. Mas, no fundo, sabia que Shavanna não teria mentido. E o androide à sua frente tinha um olhar meigo e *vivo*, bem diferente do olhar de Niki.

– Estou nesse corpo androide, mas continuo sendo o Will.

Madhu estava com vontade de abraçar Willy e dizer que sentiu saudades, mas sentia que seria estranho abraçar o corpo de Niki. Ela ainda sentia certa atração e raiva por aquele corpo. Ela sabia que aquele androide era Willy, sentia a presença protetora dele por detrás dos olhos do Niki.

– Não poderia imaginar um parceiro melhor que você, Will – disse de forma comedida.

– Será uma grande honra trabalhar com você, Madhu. – disse, com um charmoso sorriso.

– Sabe por que me trouxeram de volta? – perguntou Madhu, se sentando num dos sofás enquanto Willy se sentava em outro, ao lado.

– Lúcifer ameaça destruir a Terceira Realidade. Haverá uma importante reunião hoje no fim da tarde, no auditório do congresso com Capitão Mastara. Nessa reunião vão nos explicar exatamente qual a nossa missão. Eu também não estou a par de tudo.

Era muito estranho para Madhu olhar nos olhos do Willy, estando ele no corpo de Niki. Era como ver uma fagulha do antigo Niki por quem ela se apaixonou. Iria tomar todo o cuidado possível para não cair novamente na armadilha da paixão.

– Lamentei muito sua morte, Will. Quero dizer, pela morte do seu corpo humano. Fico feliz que já esteja de volta – disse Madhu.

– Também lamento muito pela morte de seu corpo humano. E fico feliz por não ter sido eu a levá-la ao fundo do lago para ser sacrificada – disse Willy. – Como está se sentindo num corpo androide?

– Está brincando!? Isso é o máximo! É o sonho de toda garota ter um corpo de boneca Barbie *super-heroína* imortal. Nunca me senti tão bem! Só queria que Boston tivesse mantido as memórias de Aisha – disse Madhu.

– Confia em mim, Madhu, você não iria gostar nem um pouco das memórias de Aisha – disse Will, que conhecia o histórico mordaz assassino de Aisha e seu caso bizarro com Boston.

Shavanna entrou no escritório interrompendo a conversa de Willy e Madhu, que se levantam em um gesto de respeito pela Comandante.

– *Madhu, Boston aconselha você dormir por três horas para recarregar sua bateria. Teremos uma longa noite pela frente, terá aulas de pilotagens em nove espaçonaves diferentes e, em seguida, a reunião da Confederação Intergaláctica Estelar. Willy, leve Madhu para conhecer a dependência onde ela irá morar na Ala 9* – disse Shavanna, telepaticamente.

– Sim, senhora. Vamos, Madhu! – chamou Will, indicando com o braço para que Madhu seguisse na frente.

Os androides não dormiam, eles apenas ficavam inertes durante algumas horas por dia para recarregar seu reservatório de energia. Sua fonte de energia provinha do nitrogênio presente no ar. Por isso o androide respirava, precisava inalar nitrogênio necessário para seu funcionamento. Tinham capacidade de acumular nitrogênio em reservatório interno e podiam ficar sem respirar durante uma hora – respirando continuamente, a energia de um androide podia durar até vinte horas.

No caso de um androide com alma, enquanto o corpo ficava inerte para recarregar seu reservatório de nitrogênio, a alma dormia para descansar a mente. Exatamente como um

humano, a mente da alma necessitava dormir no mínimo quatro horas por dia.

– Bom, esperava morar em Shambala, com a Liv – disse Madhu assim que saíram no corredor e a porta se fechou de cima para baixo nas suas costas.

– Lamento. Todos que trabalham na Ala9 de Segurança Intergaláctica moram aqui.

– Será que dá tempo de fazer uma visitinha rápida para Liv, hoje?

– Não acho que seria prejudicial meia hora a menos de sono. Vou checar com Boston – avisou Willy.

A Ala9 parecia uma nave mãe alienígena ultramoderna. Diferente da Ala11, de Shambala, que era uma cidade, fazendo com que parecesse irreal estarem dentro de uma nave.

Atravessaram diversos corredores com várias portas, e Willy parou diante uma porta com um painel ao lado.

– Coloque a palma de sua mão direita no painel – pediu Willy. – Só você pode abrir sua dependência de descanso.

Madhu fez o que Willy pediu e a porta se abriu de baixo para cima.

O quarto não era grande. Ao fundo, a parede era transparente, oferecendo uma bela vista do espaço estrelado do lado de fora. As demais paredes irradiavam luz, o teto e o chão eram brancos semelhantes ao mármore. Havia um sofá de leitura branco com uma mesa acoplada, uma cama redonda bem alta com uma escada de três degraus ao seu lado e uma porta que dava acesso a um pequeno banheiro.

Will ensinou Madhu ajustar a iluminação e, depois, mostrou como utilizar o insólito banheiro.

– Coloque seu despertador interno para lhe acordar daqui três horas. Caso tiver permissão para visitar sua amiga, venho buscá-la e acordo você com mensagem telepática – disse Willy. – Caso contrário, ao acordar, siga o corredor à direita até ver uma grande escultura de serpente dourada.

Então vire à esquerda, siga reto até chegar ao campo de treinamento. Estarei lá treinando. Iremos juntos à reunião.

Os androides tinham um despertador interno. Bastava pensar no horário que queriam acordar para ativar o despertador. Uma das muitas vantagens de ser androide é não precisar sentir sono para dormir – é só enviar uma mensagem mental ao computador central para o corpo ficar inerte e sua alma entrar em sono profundo automaticamente. Madhu deitou-se na cama sem ao menos tirar suas botas. Estava ansiosa e, quanto antes dormisse, mais rápido o tempo passaria.

Capítulo 14

Aquilo definitivamente era outro mundo, num outro tempo. Madhu vislumbrava a bela natureza de um lugar mágico onde gnomos curiosos lhe espiavam atrás de árvores, fadas cantavam e encantavam entre as inúmeras flores coloridas de fragrâncias delicadas.

Madhu maravilhou-se ao ver um belíssimo unicórnio branco, majestoso, correndo entre as árvores com sua suntuosa crina sendo elegantemente jogada ao vento. Sua pureza e beleza eram cativantes. Madhu, com muita paciência, doçura e delicadeza, cativou o belo unicórnio, que se tornou seu mais fiel amigo e companheiro.

Um belo dia, quando Madhu colhia doces frutas para seu amigo unicórnio, Willy apareceu. Ele estava em seu antigo corpo ariano.

– Willy! – Madhu ficou feliz e surpresa ao ver seu amigo Willy.

– Olá, Madhu! Eu vim até aqui para informá-la que tudo isso é só um sonho. Um sonho que a aprisiona num estado de ilusão descomedida. Vim lhe oferecer a escolha. Terá de escolher entre continuar vivendo uma ilusão ou despertar para a realidade.

– Eu sempre desejei a realidade por pior que fosse. Eu quero a verdade. Sempre! – disse Madhu, decidida.

– A única forma de se libertar desse sonho é matando o unicórnio. É ele quem a prende nesse mundo de ilusões. Só matando o unicórnio poderá sair daqui.

– Não! – exclamou, inconformada com o fato. Nada para ela seria mais difícil que matar seu companheiro unicórnio, quem cativou com tanto amor.

Chorando, com profunda dor no coração, Madhu continuava decidida a não viver mais na ilusão. E, se tudo era

apenas uma ilusão, a morte do unicórnio faria parte apenas de um pesadelo.

Na noite escura de Lua Nova, enquanto o unicórnio dormia, Madhu o atacou, cravando uma adaga em seu coração. Sentiu a pureza se esvair do próprio coração com a vida do unicórnio, cujo chifre se apagara, para sempre.

Logo após a morte do unicórnio, Willy aparece.

– E agora o que vai acontecer? – perguntou Madhu, definhada pela profunda tristeza na alma.

Willy retirou sua máscara, revelando a verdadeira face. A face de Niki!

– Humana ingênua! Nunca aprende! – disse Niki, com um sorriso cruel nos olhos. – Nem sabe distinguir ilusão de realidade – disse, soltando uma gargalhada sombria. – Só a alma de uma donzela pura conseguiria se aproximar de um unicórnio. A morte do unicórnio dá início a grande era de trevas que se iniciou por suas mãos. Pelas mãos de minha doce Kally.

– Madhu, acorda! Sou eu, Will. Estou esperando você do lado de fora.

Madhu recebeu a mensagem telepática de Willy. Rapidamente abriu os olhos, sentindo uma angústia pelo sonho que teve. Levantou-se e abriu a porta.

– Isso quer dizer que vamos à Shambala? – supôs Madhu animada, assim que abriu a porta.

– Temos pouco tempo, então é melhor andar rápido – disse Willy.

*Seguiram viagem com uma nave estrelada até Shambala, onde pegaram uma *vinamaxi*, que pousou em frente à antiga casa que Madhu provisoriamente dividiu com Liv.*

*– Espero você aqui. Tem quinze minutos – avisou Willy, sem descer da *vimanaxi*.*

A casa não tinha campainha. Madhu bateu à porta. Ia se virar para perguntar a Willy se Liv sabia que ela estava num

corpo androide. Mas, antes que perguntasse, a porta se abriu.

– Kōī samasyā hai? – perguntou Liv, num idioma que Madhu não conhecia.

– Sou eu, Liv. Madhu! – disse, ao perceber que Liv ainda não sabia que Madhu estava num corpo androide.

– Yaha burā majāka kī taraha yaha kyā hai – disse Liv, irritada.

– Será que dá para traduzir? E esperava uma recepção melhor. Afinal, sou sua inspiradora. Lembra?

Nisso, Bastet saiu da casa para se roçar nas pernas de Madhu, se esfregando de um lado para o outro. Ela ronronava alegremente.

– Madhu! – exclamou Liv, aturdida. Ela soube que aquela androide era Madhu, porque Bastet, sua gata preta mal-humorada, não se esfregava em qualquer um. Muito menos em androides sem alma.

– Não vai me convidar para entrar? – perguntou Madhu, feliz em ver Liv.

– Como é possível? Então, é você a alma que está testando viver num corpo androide? – Liv estava empolgada e muito surpresa.

– Euzinha, dá para acreditar? – disse Madhu.

– Madhu! – Liv abraçou Madhu. – Não acredito que você virou cobaia do Boston. Esse povo gosta mesmo de usá-la como ratinha de laboratório. Isso é incrível!

– Parece que vou trabalhar para o setor de Segurança Intergaláctica. Hoje vou aprender a pilotar algumas naves. Por isso, não posso demorar, estão me esperando – disse Madhu, apontando com a cabeça na direção de Willy.

– Não sei se você se lembra, Madhu. Mas o Niki não é uma boa companhia para você.

– Não é o Niki, é o Will... Willy. Ele está usando o corpo do Niki. É meu parceiro agora.

– Estava com saudade das ironias que a rodeiam. Isso é tão emocionante! – disse Liv, puxando Madhu pela mão para

que entrasse.

As duas se sentaram no sofá. Bastet pulou no colo de Madhu, que a acariciou com carinho. Madhu contou tudo o que lhe aconteceu depois que deixou Shandi33. Liv não havia mudado muito, continuava com cara de adolescente, apenas estava um pouco mais alta e magra.

– E, por aqui, como estão as coisas? – quis saber Madhu.

– Bem, deve imaginar... Depois que nos informaram sobre a grande decisão, essa cidade virou uma loucura – disse Liv.

– Grande decisão? – perguntou Madhu, que não sabia sobre o que Liv estava falando.

– Então ainda não está sabendo? Todos os híbridos da Shandi33 estão sendo preparados para viver no planeta Terra. Parece que o plano sempre foi esse, e só agora nos informaram. Querem que nos acasalemos com terráqueos para ter o maior número de filhos possíveis e ajudá-los a construir uma nova sociedade, semelhante à nossa. Os terráqueos estão com dificuldades para ter filhos e parece que nós, híbridos, somos a solução de vários problemas. Só de imaginar eu grávida de um terráqueo... é assustador! Não estou nem um pouco animada. Mas a maioria dos híbridos está muito animada. Afinal, vai ser a primeira vez que sairemos de Shandi33 para nunca mais voltar. Vai ser uma grande aventura.

– E se você não quiser? Não tem escolha? – inquiriu Madhu.

– Você continua ingênua, Madhu. Depois de tudo o que passou, não mudou muito.

Willy apareceu na porta para avisar Madhu que precisavam ir. Ela se levantou para se despedir de Liv.

– Espera, é rápido. Só quero mostrar uma coisa – disse Liv, que subiu as escadas correndo e logo voltou com um quadro.

– Quero que veja essa tela. Pintei inspirada em você.

Na pintura, uma garota com cabelos alaranjados estava nua, deitada abraçada com uma serpente-dragão vermelha com cabeça de demônio. A garota envolvia a serpente-dragão

com suas longas pernas brancas. A postura da garota e da criatura indicava que estavam num êxtase de prazer. Os braços brancos da garota de cabelo laranja envolviam a serpente-dragão com desejo e paixão.

– Liv, isso é... nojento! – Madhu não achou outra palavra para descrever aquela pintura. Não fazia a menor ideia do que significava. Só tinha certeza que jamais faria sexo com uma serpente-dragão com cabeça de demônio.

– Eu sei. Ficou incrível, não é mesmo!? Nem tive coragem de vender – disse Liv, admirando sua obra de arte.

– Preciso ir, Liv. Espero vê-la novamente em breve.

– A gente vai sempre acabar se encontrando por aí, Madhu. É nosso *karma*. Boa sorte na guerra. Acaba com o Lúifer! – disse Liv, dando um abraço de despedida em Madhu. – Adorei seu novo corpo, mas preferia o cabelo laranja.

Depois de Madhu se despedir de Liv, Willy a levou para o campo de simuladores de espaçonaves, onde Shavanna os aguardavam.

Os três entraram em um simulador e se acomodaram nas poltronas da suposta cabine de controle. Willy começou a passar instruções de voo para Madhu e lhe ensinou a comunicação telepática com o metal Keshi, material o qual a maioria das espaçonaves era construída.

Shavanna observava e só quebrou o silêncio na hora de se retirarem para a importante reunião. – *A reunião da Confederação começa em breve. Temos de ir* – disse Shavanna telepaticamente. – *Willy, acompanhe Madhu até o grande auditório. Vejo vocês lá.* – E saiu do simulador.

Madhu e Willy finalizaram o treinamento e seguiram ao auditório para a importante reunião da Confederação Intergaláctica Estelar.

No centro do auditório circular, estavam sendo transmitidas imagens holográficas de outros auditórios de conferências de outras naves da Confederação Intergaláctica Estelar.

Madhu e Willy sentaram-se próximos a Shavanna e sua equipe de guerreiros da Ala de Segurança Intergaláctica.

– Não entendo uma coisa – sussurrou Madhu para Willy enquanto esperavam a reunião começar. – Um androide sem alma, que é altamente e friamente programado, me parece muito mais útil numa guerra do que nós, androides semi-humanos. Ainda mais eu. Aisha era muito melhor que eu.

– Se engana completamente – disse Willy. – Existem atributos que só almas possuem, impossíveis de serem reproduzidos, nem com toda a tecnologia do Universo. A inteligência artificial não é capaz de ter intuição e escolhas baseadas em instintos que sobrepõem à lógica. Não é capaz de ter fé e mudar seu destino conforme seus pensamentos e emoções. As emoções e pensamentos artificiais dos androides sem alma não têm o poder criativo no sentido de modificar a matéria. E a criatividade é o atributo mais precioso que existe. É um atributo que vem da Fonte. Herdamos isso Dela.

– É por isso que na Segurança Intergaláctica todo androide sem alma necessita de ter um companheiro que tenha alma – concluiu Willy.

Capitão Mastara entrou no auditório e se sentou numa grande cadeira dourada no degrau mais alto do auditório circular. Ao seu redor estavam Tarala, Behosa e outros seres desconhecidos por Madhu.

Para a frustração de Madhu, toda a reunião foi realizada em sânscrito. Ela não entendeu nada. E Willy parecia muito concentrado, não havia tempo para traduzir tudo o que estava sendo dito num idioma tão limitado como o português.

Num determinado momento da reunião, todos olharam para Madhu, que cutucou Willy discretamente num pedido de explicação.

– Estão falando de nós. Depois explico – disse Willy, rapidamente, sem tirar os olhos no Capitão Ashtan de Shandi11, que estava discursando via imagem holográfica.

Depois de finalizada a reunião, Willy e Madhu se encontraram com Behosa e Shavanna no centro do auditório. Tarala foi embora acompanhada do Capitão Mastara.

Behosa cumprimentou os dois, numa reverência educada, que retribuíram o cumprimento da mesma forma.

– Desculpem-nos por não poder ter feito a reunião em português. É um idioma limitado, carece de muito vocabulário e expressões idiomáticas – se desculpou Behosa para Madhu.

– E então, o que rolou na reunião? – perguntou Madhu.

– Lúcifer tomou o comando de Nibiru à força e desviou sua órbita para uma colisão com a Terra – explicou Willy. – Pois agora só a destruição completa do planeta Terra pode dar fim à Terceira Realidade. Ele já destruiu Tiamat dessa mesma forma na Batalha Celeste e agora pretende destruir o que sobrou de Tiamat, a Terra.

– Govinda me explicou alguma coisa sobre Nibiru – recordou Madhu.

– Nibiru é um planeta artificial reluzente como uma pequena estrela vermelha, ou pode-se dizer que é a nave de nossos irmãos pleidianos, que a cada treze mil anos terrestres cruza o Sistema Solar da Terra – disse Behosa. – Lúcifer é uma grande consciência que está presente personificado em todas as Galáxias dos multiversos da Realidade Virtual. Na nossa Galáxia, o nome de Lúcifer no corpo físico material é Marduk, um humanoide com DNA de serpente dragão. Ele também existe no reino espiritual com o nome de Demônio. Marduk está novamente no comando de Nibiru e modificou sua órbita para que Nibiru atinja a Terra. Essa colisão seria o fim da vida em Nibiru e a destruição completa do planeta Terra.

– Por que não deslocam novamente a Terra para um universo holográfico da mesma forma como fizeram para proteger o planeta contra a tempestade geomagnética? – perguntou Madhu, com uma solução que para ela era simples.

– Seria ainda mais destrutivo – disse Behosa. – A Terra não suportaria mais um deslocamento em tão pouco tempo. Precisará de milhões de anos para se recompor do deslocamento que provocamos.

– *Decidir uma solução foi a razão da reunião* – disse Shavanna. – *A razão também pela qual está aqui.*

– E o que foi decidido? – perguntou Madhu curiosa, ansiando a resposta que lhe explicaria o motivo de sua volta a Shandi33 num corpo androide.

– *Você e Willy serão enviados à Nibiru como um presente de Zaram, rainha dos dragões, para um vaidoso Anunnaki chamado Mastur. Ele não irá recusar dois escravos andróides tão fortes e úteis vindos como presente de uma nobreza em agradecimento a ajuda que Mastur lhe ofereceu no passado. Quando estiverem em Nibiru, irão envenenar Marduk com uma poção que as sacerdotisas de Avalon prepararam. Essa poção irá congelar a alma de Marduk. Então, você, Madhu, trará a alma de Marduk para Shandi33, enquanto Willy colocará Nibiru de volta à sua órbita original, que cruzará o Sistema Solar em 2036 sem provocar desastres na Terra* – explicou Shavanna telepaticamente.

– E por que eu? – questionou Madhu.

– Sua alma já foi amante de Lúcifer – disse Behosa. – Ele ainda nutre amor por você. Caso algo dê errado, nada de mal irá acontecer com você. E, caso ele descubra nosso plano, ainda teremos esperanças que você possa persuadi-lo. Você é nossa melhor arma no momento.

Amante de Lúcifer!, Madhu pensou, perplexa. Não conseguia perguntar mais nada. Lembrou-se do quadro que Liv pintou. Sentiu-se enojada.

– Temos de estar bem preparados. Por isso os treinos começam ainda hoje – disse Willy.

– *Willy, deixo com você a responsabilidade de treinar Madhu. E, qualquer dúvida ou problema, sabe onde me achar* – disse Shavanna.

Madhu e Willy seguiram para a Ala 9, no campo de simuladores de espaçonaves. Durante o trajeto, Madhu manteve-se em silêncio, pensativa.

Entraram num simulador, e Willy começou a lhe ensinar como se conectar telepaticamente com a espaçonave antes de iniciar o voo.

– Você está bem? – perguntou Willy, vendo que Madhu parecia dispersa.

– É estranho, fisicamente me sinto ótima, mas mentalmente estou exausta. Cada vez que tenho encontros importantes em Shandi33, uma nova revelação bombástica acontece. Parece que estão querendo me mostrar quem eu sou em doses *nada* homeopáticas.

– Desculpe, Madhu, mas não temos tempo para descansar – disse Willy, tocando o braço de Madhu numa demonstração de empatia e carinho.

Madhu sentiu o toque de Willy como uma corrente elétrica. Impossível não se lembrar do romance ilusório que viveu com Niki. A alma de Willy no corpo de Niki era uma mistura perfeita para despertar uma paixão.

– Por que escolheu esse corpo, Will? – perguntou. Preferia que Willy estivesse em qualquer outro corpo que não fosse o de Niki.

Willy se ajeitou no acento da cabine de controle do simulador parecendo um pouco desconfortável.

– Eu e você somos parceiros. Um parceiro tem de conhecer bem o outro, saber conversar com um simples olhar, capaz de fazer leitura corporal um do outro. Quanto melhor a gente se conhecer, melhor será o desempenho no trabalho. O Niki tinha armazenado em sua memória tudo sobre você. Pedi para Boston que preservasse essas memórias como sendo minhas. Era a forma mais rápida de conhecê-la.

Madhu se levantou num pulo, batendo a cabeça no teto do simulador. Sentia-se invadida, completamente vulnerável. Pensou que Willy, assim como ela, não pudesse ficar com as

memórias do corpo androide para não perder a singularidade de sua personalidade.

– Isso é invasão de privacidade, sabia? É a coisa mais antiética da vida! – disse aos gritos, deu as costas e saiu do simulador, mas não sabia para que lado ir. Ficou parada com as mãos na cabeça, com sua raiva prestes a explodir.

Willy seguiu Madhu. – Madhu... – Willy não sabia o que dizer naquele momento.

– E, se você me conhece tão bem, Willy, saberia que deve ficar bem longe de mim agora – disse Madhu. Revoltada, deu um soco na parede externa do simulador, amassando o metal. – Como achou que eu reagiria a essa informação? Como acha que eu me sinto sabendo que você sabe como sou idiota e me torno uma completa palerma quando estou apaixonada? – disse Madhu, escorregando encostada no simulador até o chão, onde ficou sentada com as mãos na cabeça.

– Madhu... – Will tentou se comunicar novamente.

– Sai daqui, Willy! Deixe-me sozinha – disse, sem força na voz. Estava sentindo-se novamente traída pelo Niki, que agora era Willy.

Madhu gostava do Willy, se sentia à vontade perto dele, protegida e acolhida. E o fato de ter sido invadida dessa forma por alguém em quem confiava a magoava muito.

Willy se afastou e saiu com a cabeça baixa, com tristeza no semblante, sem dizer nada.

Madhu permaneceu sentada no mesmo lugar. Queria ir até a sua dependência, mas não fazia a menor ideia de como chegar lá. Ficou pensando em como voltaria a encarar Willy depois do que soubera. Sentia como se tivesse perdido um amigo.

Depois de algum tempo, absorvida por seus pensamentos, sem saber o que fazer, Madhu ouviu passos se aproximando. Olhou para ver quem era. Era Liv, com infropectos colados na testa.

– Disseram-me que alguém estava precisando de uma amiga – disse, se aproximando. – Willy está preocupado com você e parece triste. Pode me explicar? – perguntou Liv, oferecendo a mão para ajudar Madhu se levantar.

– Willy é um babaca invasor de privacidade. Ele escolheu o corpo de Niki por causa das memórias que Niki tem sobre mim – desabafou, aceitando a mão de Liv para se levantar.

– Você é uma egoísta infantil, Madhu! Sério! E daí que o Willy sabe como você mexe a língua quando beija? Sei que não passou de inocentes beijos. Tarala não deixaria que passasse disso. Existem coisas muito mais importantes que você em jogo, sabia? O Universo inteiro, por exemplo. Ele fez isso pensando no melhor para os multiversos, para todos. Ele é o melhor guerreiro que temos e precisa conhecer as fraquezas da sua parceira terráquea instável para saber lidar com elas. – Liv suspirou profundamente, indignada. – Juro que não entendo porque escolheram você para uma missão tão nobre e de tanta importância.

– A resposta está naquela sua tela nojenta que pintou inspirada na minha tragédia pessoal – disse Madhu, um pouco irritada.

– Não ofenda minha obra. É uma belíssima obra-prima. É linda de uma forma estranha, mas não é nojenta. Tem intensidade e paixão carnal... – retrucou Liv. – O que tem a minha obra-prima?

– Disseram-me que fui amante de Lúcifer. E que ele ainda nutre algum sentimento por mim. Sei lá!? – explicou Madhu.

Liv permaneceu pensativa por um breve momento. – Isso explica muita coisa – disse Liv, pensativa. – Uau! Você é uma jogada de mestre, mas uma jogada muito arriscada em minha opinião. Não dá para comparar o poder medíocre de sedução de Niki com a inteligência sensual mordaz de Lúcifer.

– Nunca me apaixonaria por Lúcifer – disse Madhu, confiante.

– Nunca diga *nunca*. Já se apaixonou uma vez e você não se lembra dele. Dizem que sempre usa personificações

extremamente atraentes – disse Liv, passando a mão no seu rabo de cavalo. – Então, o que digo para Willy? Ele está preocupado com você, bem como o tempo apertado.

– Diga a ele que o estou esperando. Ainda faltam muitas espaçonaves para aprender pilotar.

– Decisão certa! Boa sorte com seu ex-amante demoníaco. Vai precisar! – disse Liv, se despedindo, dando um abraço em Madhu.

– Obrigada por ser uma *terrível* ótima amiga – disse Madhu, que estava começando a se acostumar com a sinceridade dilacerante de Liv.

Willy voltou em passos largos, com semblante de preocupação. Madhu estava tentando desamassar o estrago que fez na fuselagem do simulador. Quando ouviu Willy se aproximando, deixou a fuselagem amassada de lado para falar com ele.

– Will, desculpa! Eu exagerei. Sei que não escolheu o corpo do Niki por maldade ou curiosidade. Foi pensando no melhor desempenho para nosso trabalho. Desculpa! – disse Madhu.

– Sou eu quem lhe devo desculpas, Madhu. Não imagina como me arrependo de ter escolhido o corpo do Niki. Você estava certa. Foi uma invasão de privacidade. Deveria ter pensado em você.

Willy estava realmente arrependido em escolher o corpo de Niki. Conhecer Madhu fez despertar nele um profundo sentimento de amor por ela – ele desejava que as memórias daqueles beijos e olhares tivessem sido seus. Willy sabia o que Madhu mais desejava em um parceiro. E o que ela mais desejava era tudo o que ele queria lhe oferecer. Esse sentimento profundo por Madhu tirou um pouco seu foco na missão. Para ele, proteger Madhu se tornou a missão mais importante de sua vida. Para ele, era uma tortura ter memórias de um romance apaixonado, doce e ingênuo que não eram suas. Ressentia-se com o corpo do androide Niki, que agora era seu, por ter feito Madhu sofrer. Sentia inveja das memórias em sua mente. E seu maior tormento era que

Madhu tinha trauma da desilusão que sofreu com Niki, e o corpo do Niki era visto por ela com repugnância. Ele sentia que Madhu evitava olhar nos seus olhos, os olhos de Niki onde Willy se escondia.

Os dois voltaram ao treino no simulador. Madhu estava focada e muito determinada. Viver no útero-coração do planeta Terra a fez amar o planeta como se fosse sua mãe. Faria tudo para proteger sua amada Mãe Terra e proteger a Terceira Realidade que plantou na Terra com o próprio DNA.

Num determinado momento no simulador, Willy e Madhu esticaram o braço ao mesmo tempo para ajustar uma medida no painel de controles da suposta nave. Suas mãos se tocaram, Madhu recolheu sua mão rapidamente ao sentir o toque lhe provocar arrepio e desejo. Willy tentou disfarçar o clima estranho que ficou depois do toque, fingindo que não havia percebido.

Passaram a noite inteira treinando em simula-dores. Madhu estava se divertindo, estava orgulhosa de si mesma. Era boa em pilotar espaçonaves telepaticamente. Era divertido, como um jogo super--realístico de videogame.

Os sóis começavam a nascer nas cidades-Alas de Shandi33.

- Está na hora de recarregar nossas baterias – disse Willy.
- Temos de descansar nossas mentes para o treinamento continuar tendo um bom proveito.

Madhu concordou. Percebia seu cansaço mental, pois seu desempenho já não estava rendendo tão bem.

- Queria saber voltar para minha dependência sozinha – queixou-se. Nunca gostou de depender de outra pessoa.

- Eu ensino um truque. Venha! – Willy desceu do simulador, oferecendo sua mão para ajudar Madhu descer. Ele se aproximou da parede branca radiante e a pinçou com os dedos indicador e polegar, puxando uma tela holográfica.

- Aqui está o mapa de toda a Ala 9. O ponto vermelho é nossa posição, seu aposento é o 23. Digite nessa tela o código do número 23 e o mapa mostrará o caminho até seu

aposento – explicou Willy. – Para levar a tela com você, segure-a dessa forma e pode levá-la onde quiser. Quando chegar ao seu aposento, jogue a tela holográfica na parede e ela desaparece – disse, demonstrando como carregar a tela e passando-a para Madhu.

– Posso abrir o mapa de toda a Shandi33 aqui? – perguntou Madhu, manuseando a tela holográfica.

– Não. Aqui mostra as saídas para as outras Alas. Se quiser ir à Ala 11, digite o número da Ala duas vezes. O mapa mostrará a saída para ter acesso a uma nave que a levará até a Ala 11. Chegando à Ala 11, terá de pegar outro mapa na primeira loja do beco. Cada Ala oferece o mapa de uma forma, e todas as paredes radiantes oferecem mapas e acesso ao *Kan*. Kan é uma das inteligências artificiais que serve Shandi33. Ele sabe tudo sobre Shandi33 e tudo sobre a nossa Galáxia. Basta perguntar – ensinou Willy, mostrando à Madhu como abrir a interface de Kan. – Para selecionar seu idioma, basta falar o nome do idioma.

Os códigos numéricos usados em Shandi33 eram únicos por uma questão de segurança. E Madhu já os havia decorado para poder pilotar as espaçonaves. Seu novo cérebro androide possuía um ilimitado hardware de memória. Tudo de novo que aprendia memorizava rapidamente, e não se esquecia.

– Daqui três horas, você tem uma reunião na sala 69, escritório de Shavanna. Acha que precisa de ajuda? – inquiriu Willy.

– Já aprendi a usar o mapa. Sei me virar – disse Madhu, sem tirar os olhos da tela holográfica, estudando o mapa e vendo onde ficava a sala 69.

– Ótimo! Nós nos vemos mais tarde – disse Willy, saindo.

– Espera! Como sabe minha agenda de compromissos e eu não? – perguntou.

Willy voltou e ensinou Madhu a acessar na tela holográfica sua escala do dia, que era feita pelos assessores de

Shavanna. E Willy explicou que o não cumprimento da escala ocasionava em advertência – ele deveria ser seguido à risca.

Madhu foi até seu aposento com o mapa holográfico em suas mãos. Entrando, deu uma checada na sua escala. Participaria de uma reunião no escritório de Shavanna com Tarala e Shavanna. Depois teria aulas de luta e autodefesa com Willy. E, no fim do dia, mais treinamentos de simulador.

Depois de checar sua escala, jogou a tela holográfica na parede, que desapareceu.

Higienizou seu corpo e seu macacão na cápsula de higienização do *banheiro*. E deitou para dormir. Colocou seu despertador interno para acordá-la minutos antes da reunião.

Capítulo 15

Madhu estava completamente livre numa grande floresta.

Livre de missão, compromissos e responsabilidades. Livre para aproveitar a vida em seu corpo androide. Os acessórios mortais de seu corpo androide estavam desbloqueados, o que significava que poderia usá-los e se divertir. Gostava de lançar as agulhas venenosas mortais de seu punho. Perseguia animais como uma ágil leoa – caçá-los era muito prazeroso.

Certo dia, Tarala se materializou na frente de Madhu segundos antes de ela lançar sua agulha venenosa num cervo, que, espantado com o discreto som do aparecimento de Tarala, fugiu.

Tarala olhava Madhu com tristeza e decepção no olhar. – É da natureza da Fonte não fazer mal a nenhum ser – disse Tarala. Desaparecendo como uma nuvem de fumaça branca.

Madhu sentiu-se envergonhada por estar caçando animais inofensivos. Não queria mais viver como uma selvagem primitiva. Procurou um vilarejo habitado por homens e decidiu que dali em diante usaria seu corpo androide somente para praticar o bem.

Os homens do vilarejo, sabendo que Madhu seria incapaz de lhes fazer mal, começaram a abusar de sua bondade. Exigiam favores, a subornavam, a discriminavam e a menosprezavam. Chegaram até a apedrejá-la na rua por pura crueldade.

Coagida, Madhu fugiu para a floresta antes que os homens a matassem, se escondendo numa caverna.

Um belo dia, Tarala se materializou na caverna. – Por que está assustada e escondida, minha filha? – perguntou Tarala.

– Eu queria ser boa e afável como a natureza da Fonte, mas os homens estão me perseguindo e tentam me matar – queixou-se Madhu, com grande tristeza no olhar.

– Minha filha! Aconselhei você a não praticar assassinatos e perseguição, mas não disse que evitasse assustar os maus – explicou Tarala. – Não ataque as criaturas da Fonte, mas saiba defender a tua cooperação na obra Dela. É preciso manter o perverso a distância, mostrando-lhe seu poder de serpente venenosa que é de natureza.

O despertador interno de Madhu a acordou. Ela sentou-se na cama e refletiu sobre o sonho que acabara de ter – ele revelara algo que antes lhe era paradoxo. Envergonhava-se de ter o DNA de uma serpente venenosa. Mas agora compreendia que poderia usar seus atributos sombrios para servir à Fonte. Poderia controlar seus instintos e poderes para usá-los contra o perverso.

Madhu chegou ao escritório de Shavanna faltando apenas um minuto para o início da reunião. Shavanna e Tarala já estavam à sua espera. As três se sentaram confortavelmente no sofá. Na mesa do centro, havia água e tiras de fafilas em pequenos potes de cristais. Madhu sentia saudade e vontade de comer. Mas não sentia fome. Não num corpo androide.

Um corpo androide podia comer, porém, em até duas horas depois de comer, teria de *defecar* toda a comida ingerida. A água que bebia era inteiramente aproveitada, e seu excesso podia ficar armazenado. Mas alimentos sólidos não serviam para nada além de oferecer paladar aos androides com alma.

Por tal razão, Madhu preferiu resistir às fafilas. Não queria ter o inconveniente e a perda de tempo em ir ao banheiro.

Tarala recebeu Madhu de forma calorosa como sempre. Madhu se sentia protegida e amada na presença de Tarala.

– Madhu, estou feliz que continua sendo a mesma doce Madhu que vi pela última vez entrando na cápsula atemporal – disse Tarala. – Como sempre, Boston fez um ótimo trabalho.

– Mas não percamos tempo. Vamos ao que interessa. Você foi convocada a essa reunião, pois agora faz parte da tripulação de Shandi33. Não é mais uma visitante. Todos os

tripulantes têm deveres e obrigações como membros ativos de Shandi33 – disse Tarala.

Shavanna passou para Madhu uma lista numa tela holográfica contendo as regras.

– *Esteja ciente das regras. O desrespeito a uma regra levará a uma advertência. Não terá uma segunda advertência, pois da segunda vez que desrespeitar uma regra será punida. Em caso de infração grave, passará pelo comitê de juízes para decidir qual será a punição* – disse Shavanna telepaticamente. – *A primeira punição seria ficar confinada na Ala que pertence, sem ter direito ao acesso às outras Alas até que tenha a liberação da punição decidida. Dentre as principais regras que deve ficar atenta é seguir à risca sua escala semanal. Não tirar nenhum híbrido da Ala 11 sem a permissão de Behosa. E, principalmente, nunca entrar na Ala 1, a Ala do Controles de Shandi33, onde Capitão Mastara trabalha com sua equipe.*

– Sem problemas – disse Madhu lendo a enorme lista de regras. Uma delas dizia: “não danificar nenhuma estrutura funcional de Shandi33”, e se lembrou do soco que deu no simulador amassando sua fuselagem. *Será que elas sabem?*, se perguntou em pensamento.

– Outro assunto importante que queremos falar com você é sobre sua missão em Nibiru – disse Tarala. – Chegará como uma escrava do Anunnaki Mastur, que não irá desconfiar que você e Willy tenham almas. Deverá oferecer uma bebida a Mastur e discretamente adicionar uma gota da *fórmula verde* na bebida. Logo após ele ingerir a *fórmula verde*, entrará num estado hipnótico. A mente de Mastur se abrirá para que uma falsa memória e um forte desejo sejam implantados. Quando ele entrar no estado hipnótico, você terá de lhe dizer um comando verbal. Mastur irá acatar o comando como se fosse de vontade própria.

– O comando que deverá ser dito é: *você não gostou dos androides e deseja dá-los a Marduk*. Esse comando fará com que você e Willy sejam levados até o Grande Palácio de Ouro.

Atualmente, é lá que vive Marduk. Assim que estiverem dentro do Palácio de Ouro, terá de arranjar uma forma de dar uma gota do *congela alma* para Marduk. Ele é muito sagaz, terá de ter cautela em dobro – explicou Tarala.

– E quanto ao idioma? – perguntou Madhu, que até então só falava português e inglês, idiomas terráqueos.

– Você vai aprender o idioma nibiruano em breve – disse Tarala. – Continuando... Quando a alma de Marduk se congelar, ela ficará presa à glândula pineal do corpo físico dele. Você trará a alma de Marduk para Shandi33, enquanto Willy toma o comando de Nibiru, colocando-o em sua órbita original com um laser que preparamos. Este será lançado no centro de Nibiru, acabando com a ameaça à Terra.

– Isso quer dizer que vou ter de abrir a cabeça de Marduk para arrancar a glândula pineal dele? Vou ter de aprender processo cirúrgico também? – perguntou Madhu.

– Se preferir poderá trazer o corpo inteiro de Marduk para Shandi33 – sugeriu Tarala, oferecendo a solução óbvia prevista.

– Ah! Assim parece bem menos macabro – disse Madhu, com alívio.

– *Talvez possa lhe ser útil saber que Lúcifer lhe chamava de Kally* – acrescentou Shavanna.

– Já sonhei que Niki me chamou por esse nome – lembrou-se. Madhu não fazia ideia porque o tal nome poderia lhe ser útil em alguma coisa. – O que aconteceu com o comandante de Nibiru? Marduk o matou? – perguntou Madhu.

– *Enlil está desaparecido. Temos uma equipe de busca procurando por ele* – explicou Shavanna. – *Depois que Willy colocar Nibiru de volta à sua órbita, Enki, irmão de Enlil, tomará o poder até que Enlil apareça.*

– Depois que eu trouxer Marduk para Shandi33, o que vai acontecer? A ameaça estará eliminada? – perguntou Madhu.

– Marduk é apenas uma personificação de Lúcifer, que vive encarnado na Via Láctea. Manteremos Marduk congelado e usaremos essa personificação para negociarmos uma troca

com a consciência suprema de Lúcifer – explicou Tarala. – Só nesse nosso Universo existem incontáveis Galáxias. Tentaremos oferecer a Lúcifer sua personificação Marduk em troca da Via Láctea. Ele terá de abrir mão da Via Láctea para deixar que a Terceira Realidade se expanda por toda a nossa Galáxia ou... destruiremos por completo a alma de Marduk.

– E quanto às demais Galáxias e aos outros universos? – perguntou Madhu. – Pensei que a Terceira Realidade fosse substituir a Realidade Virtual.

– *Um passo de cada vez* – disse Shavanna, telepaticamente. – *A paz na nossa Galáxia será nossa primeira e grande vitória. Shandi33 é responsável apenas pela Via Láctea, não podemos interferir em outras Galáxias a menos que sejamos solicitados. Cada Galáxia possui uma hierarquia Confederada de Miguel e uma personificação de Lúcifer. O fim da guerra na Via Láctea será nossa primeira vitória de muitas que virão.*

Madhu pensava que a expansão da Terceira Realidade fosse ser mais simples. Mas entendia que conquistar a paz em uma Galáxia inteira já seria uma grande vitória.

Acabando a reunião, Madhu seguiu até o quadrante de treinamento de lutas, onde praticou com simuladores de espaçonaves.

Madhu pilotava o simulador de uma espaçonave de resgate nibiruana, que seria usada para carregar Marduk congelado até Shandi33. Ela estava desviando dos raios laser de sondas caças luciferianas. Eram muitas, estava muito concentrada. Então teve uma surpresa inesperada, uma enorme nave luciferiana de ataque se materializou na sua frente. A surpresa desestabilizou a concentração de Madhu, que foi atingida por um raio laser, e sua espaçonave destruída.

– Droga! Droga, droga, droga! Eu estava quase conseguindo – disse Madhu, irritada e frustrada, dando socos no *joystick* lançador.

– Tem de estar sempre preparada para o pior e, se deixar que a emoção a domine, será facilmente derrotada – explicou

Willy. – Por hoje, chega!

– Mas o dia ainda nem acabou. Quero tentar de novo. Só mais uma vez – queixou-se Madhu.

– Para a nossa saúde, temos de cumprir a escala de treinamento à risca – disse Willy, desligando o simulador.

Na escala de Madhu, era hora de descanso ou entretenimento depois do treino em simuladores. Ela não queria dormir – se sentia agitada e cheia de energia. Queria se divertir.

– O que vocês fazem aqui na Ala 9 para se divertir? – perguntou Madhu para Willy.

– Aqui na Ala9... Nada! Não tem diversão. Para se divertir nós saímos. Geralmente vamos à Shambala, os híbridos são os maiores festeiros de Shandi33. Diversão é com eles mesmos – disse Willy, saindo do simulador, oferecendo a mão para ajudar Madhu a sair. – Daqui a pouco, o maior mestre musical de Shandi33, Mestre Lufan, que foi conhecido em seu planeta como Johann Sebastian Bach, fará um concerto ao pôr dos sóis em Shambala. Uma sinfonia nunca apresentada no planeta Terra, deixa a nona sinfonia no *chinelo*. É a sinfonia que vibra direto do coração da Fonte. Imperdível! Gostaria de me acompanhar? – convidou Willy. Ouvir a 33ª sinfonia de Lufan ao lado de Madhu, admirando o pôr dos sóis, era tudo o que Willy mais queria. Tentou não parecer ansioso e empolgado.

– Sebastian Bach! Está falando sério? – questionou Madhu, surpresa.

– Lufan é um pleidiano, cientista musical. Juntou-se a Shandi33 há milhares de anos. Decidiu com o comitê espiritual encarnar no planeta Terra para levar a beleza celestial aos terráqueos, plantando esperanças em seus corações por meio da música – explicou Willy. – Depois de finalizada sua missão, retornou à Shandi33.

– Bom, quanto a Bach ser de outro mundo, não me espanto nem um pouco. O que me surpreende é ele estar aqui, na mesma nave que eu. Realmente imperdível!

– Então vamos! – ordenou Willy.

Na empolgação momentânea, Madhu não pensou que acabara de aceitar um romântico encontro com Willy. Ao se tocar desse fato, sentiu certa angústia. Estava nervosa. Admirar o romântico pôr dos sóis ao som de uma sinfonia de Bach, ao lado do seu melhor... *amigo* Willy, a deixava receosa. Não podia cair novamente numa ilusão.

Concentrou-se ao máximo para se manter fria e calculista como *Spock*, seu personagem preferido de *Star Trek*. Odiava se sentir como uma adolescente empolgada com um encontro.

Ao chegarem à paradisíaca praia de Shambala, sentaram-se na areia. A praia estava cheia, todos trajados elegantemente.

– Você deveria ter me avisado que eu tinha de vir de *sari* – reclamou Madhu, para Willy.

– Somos andróides da Ala9. Não podemos tirar nosso traje de segurança, nem mesmo para uma festa – explicou Willy.

Mestre Lufan surgiu no céu, em pé, numa suntuosa nuvem branca, bem acima do mar. Atrás dele estavam os dois sóis que começariam a se pôr. Lufan elevou os braços ao alto mantendo os olhos fechados. Parecia um anjo abrindo os braços para receber o abraço da Fonte.

Lentamente surgiu um som, como um coro de crianças alegres brincando de voar com suas asas de anjos. Aquela doçura e inocência permaneceram no ar por um tempo e, então, começaram a se esvaír dando espaço à melodia de uma paz profunda, de puro amor maternal pelas suas crianças.

A sinfonia tinha acabado de começar, e Madhu já começara a chorar, vertendo lágrimas de profunda gratidão por aquele amor tão profundo emitido do coração da Fonte transmitido por Lufan.

Madhu se sentiu flutuando na leveza e beleza da sinfonia que a levava a um lugar que não se lembrava, mas saudava com grande intensidade. Fechou os olhos, se deixando levar

pela magia do momento, deixando sua gratidão e amor à Fonte crescer em seu coração. Naquele momento, ela não era mais Madhu, uma adolescente num corpo androide. Sentia-se como sendo parte da Fonte, parte de toda a beleza e perfeição de tudo o que existe. Plena e feliz.

Quando o grande sol vermelho tocou o horizonte, o Grande Pai Protetor tomou a cena, com intensidade e força, que fez vibrar forte os corações das almas presentes. A melodia de seu poder parecia mover montanhas e mares.

Em seguida, o sol menor e mais brilhante chegou trazendo perfeição e suavidade, numa doce melodia feminina.

A sinfonia dos dois sóis em união criava tudo o que existe, num equilíbrio perfeito.

Madhu sentia paz e gratidão. Lentamente, os brilhos dos raios dos sóis foram substituídos pela escuridão do espaço e suas estrelas brilhantes, frutos da Fonte.

A sinfonia terminou. Mestre Lufan se afastava sobre a nuvem aos seus pés, até desaparecer entre as estrelas.

Willy passou um lenço para que Madhu enxugasse as lágrimas. Ela aceitou, envergonhada de olhar para Willy, que não chorou.

– Como consegue não se emocionar? – perguntou, irritada.

– Já ouvi essa sinfonia mais de um milhão de vezes. E ainda me emociono, só não tenho mais lágrimas para derramar – explicou Willy.

Ao olhar nos olhos de Willy, Madhu pode ver sua emoção, sua alegria, seu amor. Olhar para aqueles olhos lhe doía a alma. Não poderia ter aquele tipo de felicidade ilusória terráquea do amor romântico. Sentiu um aperto no peito.

– Vamos! – chamou Willy. – Temos de acordar bem cedo amanhã. Você terá aula de cultura nibiruana. Não será fácil estudar milhares de anos de história.

Madhu ainda sentia o poder do efeito da sinfonia percorrer todo o seu corpo. Aquela indescritível sinfonia a fez desejar ainda mais a derrota de Lúcifer.

– E se não der certo, Will? E se eu não conseguir congelar Marduk? – inquiriu preocupada. Era muita responsabilidade em suas costas. De novo!

– Ainda não temos uma alternativa. Os estrategistas de batalha estão trabalhando dia e noite tentando elaborar novas alternativas. Nossa prioridade agora é manter o foco no treinamento e fazer o melhor que podemos.

Subitamente, Liv chegou ao lado de Madhu, que se sobressaltou com a surpresa repentina.

– Vocês formam um belo casal! – disse Liv, com sorriso no rosto, deixando Madhu e Willy constrangidos.

– E então, Liv? Pintando alguma tela inspirada em mim? – perguntou Madhu, para fugir do assunto sobre *casa* e cortar o constrangimento pela raiz.

– Humpf, você se acha o centro do Universo, né, Madhu? Claro que não! Agora me inspirei no Willy.

– Eu me sinto lisonjeado – disse Willy.

Madhu revirou os olhos, mas nenhum dos dois percebeu.

– Vão ficar para a palestra? – perguntou Liv.

– Palestra? – indagou Madhu.

– Behozito vai dar uma palestra sobre a missão dos híbridos no planeta Terra – explicou Liv, sem nenhuma empolgação, o que não era normal dela.

– Temos de acordar bem cedo amanhã, já estávamos de saída – disse Willy.

– Sorte de vocês. Até breve! – despediu-se Liv. Dando as costas e se afastando.

Willy e Madhu subiram na *vinamaxi* e partiram.

Chegaram à Ala 9, pegaram um veículo semelhante a um elevador, que fazia seu trajeto horizontalmente. Seguiram até o centro da Ala, onde teriam acesso aos corredores das câmaras de repouso.

– Quando os híbridos irão para a Terra? – perguntou Madhu para Willy, preocupada com a vida de Liv.

– Somente depois de cessada a ameaça contra o planeta – respondeu.

Madhu já conhecia o caminho de volta para sua câmara. – Obrigada, Willy! Foi realmente incrível! Valeu mesmo a pena. Até amanhã – despediu-se.

– Até amanhã – respondeu Willy.

Madhu andava a passos largos, e Willy seguia logo atrás, entrando em todos os corredores que ela entrava.

Percebendo que Willy estava seguindo-a, Madhu virou-se subitamente, por pouco que Willy não esbarra nela. – Willy, por que está me seguindo? – perguntou, brava.

– Minha câmara de repouso fica ao lado a sua. Esse também é meu caminho – explicou, dando de ombros.

Madhu sentiu-se feliz em saber que Willy era seu vizinho. Tentou disfarçar o máximo que pôde.

– Bom, então vê se não ronca alto, preciso de uma boa noite de sono – disse, tentando parecer brava, sem muito sucesso.

Ao entrar na sua câmara, Madhu viu que havia uma tela holográfica aberta próxima à poltrona. Ela pegou a tela e leu a mensagem anônima.

"Só se pode vencer o inimigo se o conhecer bem, conhecer suas armas, forças e fraquezas. Você já foi princesa das trevas e conhece bem seus inimigos. Use suas garras de serpente para derrotar o inimigo. Só assim poderá vencê-lo."

Madhu jogou a tela holográfica na parede, fazendo-a desaparecer. Entendeu perfeitamente a mensagem anônima. Reforçava a mensagem do sonho que havia tido. Estava decidida a usar seu veneno de serpente para atacar o inimigo.

Ainda contagiada pela beleza sublime da sinfonia do Mestre Lufan, foi dormir confiante e motivada com a sua missão.

Capítulo 16

Com suas belíssimas, grandiosas e lustrosas asas negras, Madhu voava alto admirando seu reino. Um mundo inteiro só dela. Seus longos cabelos negros eram elegantemente jogados pelo vento morno do entardecer de seu belo mundo.

Seguiu voando até seu majestoso Palácio de Ouro, onde seu príncipe lhe esperava. Estava ansiosa para vê-lo.

O príncipe lhe aguardava no grande salão comunal. Com suas belas asas brancas de anjo, cabelo louro como ouro e olhos verdes cristalinos, lá estava o seu príncipe. Belo e encantador como sempre. Abraçam-se e se beijaram apaixonadamente.

Com olhos brilhando de felicidade e entusiasmo, o príncipe disse: – Consegui! A destruição de Tiamat foi um sucesso! Grande parte de Tiamat virou pó que, com o tempo, formará o Cinturão de Asteroides. Uma pequena parte do que sobrou de Tiamat estará novamente hábil para sustentar vida. Mas sua ajuda será fundamental para que haja possibilidades de vida no que sobrou de Tiamat. Por isso estou aqui.

– Ficarei feliz em ajudar – disse Madhu, que não estava feliz com a destruição de Tiamat, que um dia tanto amou. Mas confiava em seu grande amor e sabia que tudo que ele fazia era fundamental para haver justiça nos multiversos.

– O pedaço que sobrou de Tiamat precisará de um satélite para controlar o ciclo de água e gerar vida naquilo que um dia será um belo planeta. E que também sirva como um escudo de proteção para o futuro planeta. Quero que encontre um satélite que sirva perfeitamente para esses propósitos e o desloque com cuidado, colocando-o na órbita do que sobrou de Tiamat.

– Farei isso com muito prazer – acrescentou Madhu, feliz em receber uma missão tão importante.

– E você se tornará a grande Deusa do satélite. Será idolatrada por toda a criação do futuro planeta que estamos criando, que dessa vez será só nosso.

O belo anjo, com magnetismo no olhar, se aproximou de Madhu e lhe deu um beijo apaixonado. E então disse-lhe, olhando nos olhos: – E farei tudo para que dessa vez Miguel não atrapalhe nossos planos, minha doce e preciosa, Kally. Minha amada filha!

Os dias que se seguiram foram muito puxados. Madhu teve muitos treinos em simuladores e estudo da cultura e idioma nibiruano. Este, para sua surpresa, foi o mesmo falado pelos sumérios no planeta Terra.

O Anunnaki Mastur já havia sido avisado que seu presente estava a caminho. Aqueles seriam os últimos preparativos para a partida de Madhu e Willy rumo a Nibiru.

Madhu estava impaciente, tensa, enquanto a costureira androide fazia o último ajuste no seu traje nibiruano. Um elegante vestido branco com bordados dourados, semelhante a um traje egípcio. Um dos ombros ficava a mostra. Era uma vestimenta longa, com um cinto dourado grosso na cintura. Madhu achava os acessórios um exagero: dois grossos braceletes de ouro, um em cada punho, e, no ombro nu, uma pulseira com diversas correntes de ouro caídas sobre o braço, além de brincos de ouro e diamantes que cobriam toda a extensão do pavilhão auditivo. Nos pés, sandália rasteira com tiras de ouro amarradas nas pernas. Uma trança lateral espinha de peixe enfeitava seu cabelo e uma delicada corrente com pequenos diamantes brilhava sobre sua cabeça. Sentia-se desconfortável, e naquela tarde teria aulas de autodefesa e luta com aquele traje.

Duas pequenas ampolas, uma com a *fórmula verde* para Mastur e outra com o *congela alma* para Marduk, foram cuidadosamente escondidas nos fartos seios de Madhu.

Willy também estava com um traje típico nibiruano: saia de ouro com camadas semelhantes a escamas de peixe, grosso colar de ouro no pescoço cobria todo seu peito, sandália

rasteira de tiras de couro amarradas nas pernas, grossos braceletes de couro nos punhos e mais nada. O abdômen bem definido e musculoso de Willy estava à mostra, para a tortura de Madhu.

A cápsula de laser que seria usada por Willy para devolver Nibiru a sua órbita original foi fixada escondida no cócs da saia de ouro.

Foi difícil para Madhu e Willy se concentrarem na luta usando aqueles trajes sensuais.

Depois dos últimos treinos, foram até a Cidade Robótica ver Boston, para que ele fizesse os últimos ajustes nos androides.

Boston achou que seria muito arriscado implantar em Madhu os acessórios mortais, como as agulhas venenosas liberadas pelo punho. Ela poderia, sem querer, matar alguém inocente. Por isso, o único ajuste foi carregar ao máximo as baterias dos dois androides e diminuir a ansiedade de Madhu.

Willy estava concentrado e muito sério. Procurava evitar olhar para Madhu.

À noite, durante a última reunião antes da partida para Nibiru, todos os presentes se despediram de Madhu e Willy, desejando-lhes sorte.

– *Que a Fonte esteja com vocês!* – disse Capitão Mastara.

E assim Willy e Madhu partiram rumo a Nibiru.

Ao se aproximarem de Nibiru com a espaçonave, Madhu ficou encantada com a beleza daquele planeta artificial. Nibiru parecia uma estrela vermelha que reluzia feixes de luzes douradas.

Rastreada e identificada, a espaçonave teve sua entrada em Nibiru liberada pelos controladores de tráfego aéreo nibiruano, sob o comando de Marduk.

A espaçonave pilotada telepaticamente por Willy pousou no oásis de Mastur. Sua mansão era toda branca e escultural, com detalhes de ouro. Uma enorme escultura de Mastur se erguia entre o jardim de plantas exóticas. A areia era branca e macia. No céu, não havia sol – o que aquecia e iluminava

Nibiru era o reflexo do ouro em pó suspenso na atmosfera, sendo iluminado por feixes de luzes que saíam dos grandes lagos de Nibiru. A irradiação da luz dourada deixava Nibiru com uma iluminação agradável e muito romântica. Tudo parecia reluzir ouro, como a iluminação de um pôr do sol dourado.

Não havia cidades em Nibiru, as moradias eram bem afastadas umas das outras. Cada moradia tinha um oásis particular e o próprio lago reluzente. Os transportes eram realizados por velozes aeronaves.

Após pousar a espaçonave no oásis, Willy deu comando telepático para a espaçonave esperar na zona neutra da atmosfera de Nibiru até o chamado de resgate. A espaçonave partiu, deixando para trás Willy e Madhu.

A partir daquele momento, Madhu e Willy falariam apenas no idioma local de Nibiru.

Duas aprendizas de Anunnakis, que serviam o mestre delas, o vaidoso Anunnaki Mastur, foram receber Willy e Madhu, e os acompanharam para dentro da grande mansão de Mastur.

As aprendizas usavam saia branca longa um tanto transparente, bem justa nas pernas, belos colares de ouro e seios à mostra. Andavam de forma sensual e olhavam para Willy com desejo fugaz. Elas levaram Madhu e Willy até a grande antessala da mansão.

– Esperem aqui. O mestre Mastur virá vê-los. Tenho certeza de que ele vai adorar o presente – disse a aprendiz, passando as mãos no braço de Willy.

As duas aprendizas saíram. Madhu percebeu que Boston tinha razão em não desbloquear o lançador de agulhas venenosas. Caso contrário, já teria lançado agulhas nas duas aprendizas abusadas.

Os dois permaneceram em silêncio, imóveis, na grande antessala de entrada, como dois androides escravos.

Não demorou muito, e Mastur, seguido de suas aprendizas, apareceu.

– Vejo que Zaram foi generosa. Que boa surpresa! – disse Mastur, olhando Madhu dos pés a cabeça, ignorando a presença de Willy.

– Será um prazer servi-lo, mestre – disse Willy, na tentativa de desviar o olhar de Mastur que caía sobre Madhu.

– Acho que o prazer será meu, androide! – disse Mastur, beliscando o mamilo de Madhu sobre o tecido.

Madhu serrou as mãos de raiva, se esforçando para não demonstrar nenhum sentimento em sua face.

– Não fomos programados para relações sexuais. Não sabemos executar esse trabalho – disse Willy, com uma falsa aparência apática de um androide sem alma.

– Sou eu quem digo qual trabalho devem fazer, androide idiota. São meus escravos e farão tudo que eu mandar – disse Mastur, num misto de irritação e tédio.

Mastur bateu palma duas vezes, e três fortes aprendizes usando somente saias apareceram.

– Levem os dois androides para meu aposento de entretenimento – ordenou Mastur para seus aprendizes. – Enquanto eu ensino a ginoide me satisfazer sexualmente, o androide vai assistir para aprender – disse com sorriso no olhar.

– Minha especialidade, mestre, é preparar os mais deliciosos drinks de toda a Galáxia. Posso lhe preparar um drinque antes? – ofereceu Madhu com falso sorriso no rosto.

– Mais tarde. Agora estou com sede de outra coisa, docinho – respondeu Mastur, com tom de tédio na voz, enxotando todos da antessala com gestos de mão.

Madhu sentiu nojo só de olhar para aquele Anunnaki arrogante e tarado que usava apenas um tecido branco amarrado na cintura e enormes anéis de ouro nas mãos.

Os dois androides foram levados pelos aprendizes até o aposento do entretenimento. Os aprendizes deixaram os androides dentro do aposento e fecharam a porta folha dupla, permanecendo em pé ao lado de fora da porta, como guardas.

Willy começou a andar de um lado para o outro tentando pensar numa solução. Estava aflito com a situação, não iria deixar Mastur encostar nem mais um dedo em Madhu.

Madhu sentou-se na cama dossel também tentando pensar numa solução. Ela teve uma ideia, mas, antes que pudesse informar seus planos para Willy, Mastur entrou no aposento desamarrando o tecido que tinha na cintura, ficando completamente nu. Os aprendizes novamente fecharam a porta folha dupla, mantendo-se do lado de fora do aposento.

– Vamos docinho, tire a roupa! – ordenou Mastur para Madhu.

– Antes, preciso ir ao banheiro esvaziar a barriga, ou terá uma terrível surpresa – disse Madhu com um sorriso falso.

– Então vá logo! Já deveria ter ido – falou Mastur, irritado, apontando para a porta do banheiro. E se deitou na grande cama do prazer para esperar por Madhu.

Madhu passou por Willy e disse a ele gesticulando a boca sem produzir nenhum som: *confie em mim*. Ela entrou no banheiro, retirou a ampola contendo a *fórmula verde* guardada em seus seios, e virou o líquido na boca, mantendo o líquido debaixo da língua, sem engolir. Pretendia beijar Mastur na boca e passar a fórmula para a boca dele, fazendo-o engolir.

Madhu saiu do banheiro e seguiu sensualmente em direção a Mastur.

Willy estava assustado e deu um passo na direção da cama. Estava decidido a matar Mastur antes que algo acontecesse a Madhu.

– Ainda não tirou a roupa? – disse Mastur irritado, deitado com as mãos apoiadas debaixo da cabeça.

Madhu não tinha como responder, estava com a boca cheia da *fórmula verde*. Aproximou-se de Mastur, sentou-se montada em cima dele e, com um olhar sedutoramente hipnotizante, lhe deu um beijo ejetando todo o líquido de sua boca na boca de dele.

Willy estava ao lado da cama, buliçoso, pronto para matar Mastur.

Mastur segurou o rosto de Madhu e a afastou dele, com os olhos arregalados.

– Que tipo de saliva nojenta vocês andróides possuem? – disse, irritado, e tossiu engasgado.

Madhu disse rapidamente o comando: *Você não gostou dos andróides e deseja dá-los a Marduk.*

Naquele momento Willy entendeu o que Madhu havia feito. Ficou surpreso e preocupado: a *fórmula verde* podia tê-la contaminado.

Mastur ficou imóvel. Parecia pensativo, sem ação.

Para que a poção não fizesse efeito em Madhu caso ela a tivesse absorvido, Willy lhe disse o comando: *Madhu, a poção verde não fará nenhum efeito em você.*

Madhu saiu de cima de Mastur, ficando em pé ao lado de Willy. Ajeitou o vestido. – Fica frio, Will! Não engoli a fórmula, fui cuidadosa. E confesse que tive uma ideia genial! – gabou-se Madhu.

Willy fez um gesto de mão para que Madhu ficasse quieta. Madhu olhou para Mastur que ainda estava imóvel.

– Será que exagerei na dosagem? – sussurrou Madhu.

Antes que Willy pudesse responder à pergunta de Madhu, Mastur chamou seus aprendizes e disse: – Não gostei dos andróides. Levem de presente para Marduk. – Vendo que seus aprendizes se entreolhavam confusos, ordenou: – Agora!

– Sim, mestre! Como queira – disse o aprendiz.

Um dos aprendizes de Mastur, um tanto irresoluto, levou Madhu e Willy até o Palácio de Ouro, moradia de Marduk.

O colossal Palácio de Ouro era literalmente feito de ouro. O jardim oásis possuía uma majestosa escultura de Enlil, antigo proprietário do palácio, que foi tomado à força por Marduk.

Supostamente nenhum nibiruano suspeitava da verdadeira intenção de Marduk em colidir Nibiru com o planeta Terra. O

governo de Marduk era ditatorial. E os poucos que manifestaram desconfiança foram congelados ou presos.

A aeronave nibiruana que carregava os androides pousou na área própria para visitantes, em frente ao palácio.

– Esperem aqui fora – ordenou o aprendiz de Mastur. E, temeroso, entrou no Palácio de Ouro.

Madhu estava nervosa. Iria conhecer a personificação de Lúcifer, não imaginava o que poderia esperar.

– O que você fez foi muito arriscado. Nem tente fazer isso de novo com o *congela alma*, ou terá sua alma congelada. Entendeu? – disse Willy para Madhu.

– Ah, e por um acaso você tinha uma ideia melhor? – perguntou Madhu, irritada. Era para Willy estar orgulhoso da ação dela.

Willy não respondeu. Ele não tivera nenhuma ideia melhor que a dela. Resolveu mudar de assunto.

– Tente não parecer tão sensual dessa vez. E ofereça um drinque para Marduk o mais rápido possível – disse Willy.

– E por um acaso você acha que eu estava jogando charme para cima daquele Anunnaki nojento? Ele é um tarado doentio. Eu teria arrancado a cabeça dele fora se a fórmula não tivesse feito efeito – disse Madhu.

– Certo. Vamos terminar logo essa missão e voltar para casa – disse Willy. Estava com mau pressentimento, mas não disse nada a Madhu.

O aprendiz de Mastur voltou com três sentinelas de Marduk. Eles eram fortes guerreiros reptilianos e serviam Marduk com devoção fanática.

– Aqui estão! Esses são os dois androides que lhes falei. Presente de Mastur ao nosso líder em apoio ao seu governo – disse o aprendiz de Mastur.

– Levem os androides para o laboratório tecnológico – ordenou o comandante dos sentinelas aos seus subordinados.

– Diga aos técnicos para fazerem uma vistoria completa. Desmante-os se for necessário. – E então se dirigiu ao aprendiz de Mastur: – Diga ao seu mestre que, se ele tiver

com alguma má intenção contra Marduk, morrerá e sua alma será congelada.

O aprendiz de Mastur fez uma reverência respeitosa ao comandante dos sentinelas e se retirou apressado.

Passar por uma inspeção num laboratório tecnológico reptiliano não estava nos planos de Willy e Madhu. Iriam descobrir que eles têm almas e, pior, saberiam que vieram de Shandi33. O trabalho de Boston sempre era marcado com o símbolo de Shandi33, o dodecaedro dourado, conhecido em toda a Galáxia.

Os sentinelas agarraram os braços de Madhu e Willy e começaram a carregar os dois em direção a uma nave reptiliana para serem transportados ao laboratório.

– Espere! – disse Madhu. – Não somos andróides comuns. Somos semi-humanos. Temos almas! – disse olhando para o comandante dos sentinelas.

– Madhu, que invenção é esta dessa vez? – perguntou Willy, receoso.

Madhu olhou para Willy, que entendeu sua expressão visual que dizia: *confia em mim*. Mas, mesmo assim, Willy continuou hesitante.

– Andróides com alma... Essa é boa! Se for verdade, Marduk vai adorar a notícia – disse o sentinela, sem deixar de carregar Madhu na direção da nave.

– Não sou uma alma qualquer. Sou Kally! E exijo ver meu amado Marduk. Agora! – disse Madhu, impositiva.

Os três sentinelas pararam e se entreolharam.

– Que tipo de palhaçada é essa? – perguntou retoricamente um dos sentinelas com irritação. – Vamos! No laboratório descobriremos a verdade – disse, revoltado, voltando a conduzi-la para a nave.

– Marduk vai descobrir que me levaram ao laboratório para me desmontar. Juro que pedirei a ele que congele a alma de vocês – disse Madhu, semicerrando os olhos com raiva.

Os três pararam novamente e se entreolharam.

– Ramon, vá até Marduk, diga que há uma androide aqui fora dizendo ser Kally – ordenou o comandante dos sentinelas.

Enquanto Ramon ia até Marduk, os demais esperaram do lado de fora do palácio. A espera pareceu uma eternidade para Willy e Madhu. Nada daquilo estava dentro e seus planos.

Ramon voltou estugando. – Marduk disse para levar a ginoide para dentro. Ele quer vê-la. E, quanto ao androide, levem ao laboratório para ser feita a vistoria. Se for verdade que ele tem alma, mande congelar a sua alma até segunda ordem – disse Ramon.

– E se ela for uma armadilha? É arriscado! O mais sensato seria fazer uma vistoria cuidadosa – disse o comandante dos sentinelas.

– Ordens de Marduk – disse Ramon.

Willy foi levado ao laboratório, enquanto Madhu foi levada para dentro do Palácio de Ouro. Ela só pensava que teria de agir rápido, antes que desmontassem Willy e congelassem sua alma.

No grandioso recinto do palácio estava Marduk, sentado num grandioso trono de ouro com as pernas cruzadas, deixando evidentes as aprazíveis sandálias de couro com tiras que contornavam suas vigorosas pernas. Vestia uma saia em camadas de ouro, semelhante à de Willy. Usava um imenso colar de ouro e uma discreta e pequena coroa na cabeça. Para a surpresa de Madhu, Marduk era um deslumbrante moço corpulento, moreno e muito atraente, de pele dourada e um olhar penetrante. Não se parecia nem um pouco com um demônio cruel. Pelo contrário, aparentava um asseado anjo.

Madhu estava escoltada entre duas sentinelas. Pararam bem no centro do grande recinto, diante o trono de Marduk.

– Ora, ora, ora... O que temos aqui?! – questionou Marduk, interessado. Descruzou as pernas, fechou os olhos e inalou o ar profundamente. – Sinto realmente cheiro de alma. Uma

alma doce. – Então abriu os olhos. – Aproxime-se, visitante – convidou.

Madhu se aproximou até ficar perto do primeiro degrau da escada que levava até o trono. Ela tentou olhar Marduk nos olhos, mas desviou o olhar rapidamente. O olhar de Marduk era penetrante e intimidador.

Marduk desceu as escadas lentamente, ficando bem diante de Madhu. Segurou o rosto dela entre os dedos e a olhou nos olhos. Madhu sentiu algo extremamente familiar nos olhos dele, sentiu um forte desejo de abraçá-lo, como se estivesse com saudade dele.

– Minha doce princesa das trevas. Kally! – disse Marduk, quase como um sussurro. – O que fizeram com você? Onde foram parar suas belas asas negras? – perguntou, num lamento de dor.

– Fui enviada como um presente para servi-lo – disse Madhu, fazendo uma reverência de respeito e cordialidade. Teve de se esforçar para conter a emoção jubilosa que sentiu na presença de Marduk. Um misto de atração e confiança.

– Eu a procurei por todas as partes. Vasculhei toda a galáxia por milênios. Minha amada, única e doce *filha* – disse Marduk, com felicidade no olhar, perplexo. Segurou as mãos de Madhu com gentileza.

– Filha? – quis saber Madhu, confusa. Haviam lhe dito que ela fora amante de Lúcifer, nada lhe disseram sobre ser filha dele.

– Pagará caro quem lhe roubou a memória, quem a roubou de mim – disse Marduk, com um olhar sombrio. – Você é minha princesa, minha única e amada filha. A única filha que consegui ter em toda a minha existência. Reinávamos juntos e felizes até que sua mãe, Tarala Shanata, aquela siriana metedicha, a sequestrou e, então, nunca mais vi você.

Madhu não pôde disfarçar surpresa no semblante. Por um momento, esqueceu-se de sua missão.

– Tarala é minha mãe? Não entendo... – disse, confusa.

Marduk sentou-se no degrau da escada e convidou Madhu para que se acomodasse ao seu lado. Ela obedeceu, queria saber a verdade.

– Eles a jogaram contra mim. Por isso é justo que conheça nossa história antes que cometa alguma besteira – disse Marduk. – Saiba que não existe nada no mundo que eu ame mais do que a Fonte. Queria que ela se orgulhasse de mim, queria ser tão grandioso quanto a Fonte. A única forma que encontrei para tentar ser como minha amada e onipresente Pai-Mãe Fonte foi me separando Dela e me tornando um independente criador como Ela. Desde então, sinto tanta falta da Fonte que cada dia é uma dor que assola minha consciência. Mas, então, encontrei uma forma de me sentir mais próximo à minha amada Fonte. Tive a ideia de engravidar uma alma com ligação profunda com a Fonte e ter um filho com ela. Um filho meu com ligação com a Fonte – disse olhando nos olhos de Madhu. – Você é o que me une à Fonte. É tudo o que tenho de mais precioso. Estar com você diminui minha dor da separação com a Fonte – disse. Seu olhar parecia muito sincero.

– Você... é o pai da minha alma? Você... Minha mãe de alma é Tarala? – perguntou, abalada.

– Sua mãe não é nenhuma santa. Ela a sequestrou de mim contra sua vontade e provavelmente a jogou num planeta primitivo presa na roda do *karma* como se fosse uma alma qualquer – disse Marduk, com aversão à atitude de Tarala. – Garanto que ela não contou a verdade, que você era feliz comigo, era uma grandiosa princesa que reinava ao meu lado. Garanto que ela escondeu de você o fato que sua escolha sempre foi reinar ao meu lado. Ela tirou sua memória para que você não se lembrasse de sua escolha. Fez isso para manipular você.

Marduk acariciou com desvelo a longa trança de Madhu. Ela estava confusa e pasma. Sentia um afeto inconcebível por Marduk, fazendo-se submergir num inconveniente paradoxo.

– Você não é uma alma qualquer. Você é grandiosa, minha filha. Farei com que se lembre. Chamarei Danvantari para lhe trazer a memória de volta.

Só então Madhu lembrou-se de Willy e sua missão. Não sabia o que iria fazer a respeito de sua missão. Tinha de descobrir toda a verdade. Mas não antes de salvar Willy. – Pai, posso fazer um pedido? – Usou seu doce veneno de serpente para que o pedido fosse inegável.

– Sempre satisfiz seus anseios, minha princesa. Só não diga que irá me abandonar. Não poderei deixá-la ir antes que sua memória seja restaurada.

– Também quero restaurar minha memória. Não vou a lugar nenhum! Só quero pedir para não congelar a alma de meu amigo Willy, nem prejudicar o corpo androide dele.

– Primeiro, posso saber onde conheceu esse *amigo*?

– É meu parceiro, meu melhor amigo. Fomos enviados aqui por Shandi33 para matá-lo, mas não farei isso. Prometo! Não posso matá-lo. – Estava sendo sincera. – Mas, se fizer algum mal ao Willy, vou me virar contra você – ameaçou Madhu.

– Já previa que foram enviados por Shandi33. Senti cheiro de *Tarala* nessa história toda. Fico feliz que tenha dito a verdade.

Marduk chamou seus sentinelas e lhes deu ordens para que não fizessem nenhum mal a Willy e o mantivessem preso numa bela suíte de segurança máxima no Palácio dos Visitantes das Estrelas.

– Só não entendi uma coisa – disse Marduk pensativo, voltando-se à Madhu. – Tarala sabia que eu iria reconhecê-la de imediato. Por que ela lhe mandou até aqui? – perguntou-se a si mesmo. – Devem ter feito lavagem cerebral em você! – deduziu, olhando de forma suspeita para Madhu. – Vou pedir para que Danvantari chegue o mais rápido possível.

Marduk deu ordens para que seus sentinelas levassem *Kally* (Madhu) até a suíte principal para esperar por Danvantari. E ordenou que trouxessem Danvantari o mais rápido possível.

Os sentinelas conduziram Madhu por longos corredores até uma grande antessala, e então entraram numa luxuosa e ampla suíte. Sozinha na perplexidade de seu destino, jogou-se num imenso e confortável sofá. E, finalmente, sem a inebriante presença de Marduk, lembrou-se de sua missão em salvar o planeta Terra e acabar com as guerras. Sua memória não era mais importante que sua missão. Tinha de dar um jeito de prosseguir com a missão. Começou a pensar em como faria Marduk ingerir uma gota do *congela alma*.

Ela ainda estava elaborando uma estratégia quando Marduk entrou na suíte. Para sua decepção, ele não trazia nenhuma bebida, nem alimento. Ela sabia que Marduk era ciente do fato que androides não sentiam fome nem sede. Ele suspeitaria se ela lhe oferecesse uma bebida.

– Danvantari chegará em breve. Seja lá o que pretende fazer, não faça antes de sua memória ser restaurada. Você tem o direito de saber a verdade. Tem direito de conhecer a realidade dos fatos. Tem o direito de *escolha* – disse Marduk.

– Minha luta sempre foi pelo direito de escolha. Pela justiça! O livre-arbítrio é o que me motiva a lutar. É pela liberdade que lutamos contra Gabriel. Não me importa mais ser grandioso como a Fonte. Estou feliz e satisfeito com meu reinado.

– Luta pela liberdade e justiça? – perguntou Madhu, curiosa. Tal luta parecia pertencer ao Arcanjo Miguel.

– Eu explico minha amada filha. Na Realidade Real da Fonte, não existia livre-arbítrio. Tudo o que havia era fruto da vontade da Fonte. Pela vontade da Fonte, eu criei uma realidade onde houvesse livre-arbítrio, dividindo o uno em polaridades opostas. Assim, todos poderiam escolher qual caminho seguir – isso enriquece as experiências. Miguel sempre me invejou e tenta destruir o livre-arbítrio que criei. Ele acredita que estou contra a Fonte. Mas tudo o que faço é o que a Fonte sempre soube que eu faria. Por isso me criou.

Marduk tocou o braço de Madhu suavemente e lentamente foi descendo até alcançar sua mão. Madhu não pôde evitar se

sentir atraída por Marduk. Um simples toque lhe provocou arrepiamento de prazer.

– Existe uma terrível ameaça contra o livre-arbítrio. Miguel está criando uma Terceira Realidade com o propósito de destruir nossa realidade de livre-arbítrio, sugando-a como um vampiro. Na Terceira Realidade não haveria poder de escolhas. Seguir a natureza da Fonte seria o único caminho. A Realidade Virtual do livre-arbítrio seria apenas uma sombra oprimida.

– Esta ameaça tem de ser destruída ou a liberdade de escolha deixará de existir, e todos voltaremos a ser como Miguel, sem chance nenhuma de escolha a não ser servir e manifestar a natureza da unidade.

Madhu sabia que Marduk estava sendo sincero. Aquela era a versão dele da história. Ele acredita estar fazendo o melhor para todos salvando a Realidade Virtual. Acreditava estar a serviço da Fonte. Sua crença não deixava de ser verdade, a verdade pela qual ele lutava.

Madhu lutou para encontrar a *sua* verdade. Talvez o meio termo entre a luta de Miguel e a luta de Lúcifer.

Marduk não sabia que havia sido Madhu quem mergulhara no coração-útero da Mãe Terra e plantara a Terceira Realidade.

Quando mergulhada no coração-útero da Mãe Terra, Madhu mergulhou no sono profundo da Fonte. A Fonte que a tudo e todos amava profundamente, sem tomar partidos entre Lúcifer e Miguel.

Madhu teria de tomar uma decisão. A mais difícil de sua vida. Precisaria de tomar partido entre Lúcifer ou Miguel. Ajudar Miguel a destruir a Realidade Virtual, ou ajudar Lúcifer a destruir a Terceira Realidade.

Marduk, que desconhecia a viagem de Madhu no sono profundo da Fonte, não contava com o fato de Madhu perceber a falácia no discurso do pai. Tudo o que Lúcifer fez foi criar uma realidade ilusória. Mergulhada no sonho da Fonte, Madhu viu a liberdade de criação individual sempre

intricada à vontade da Fonte. A separação era ilusória, pois tudo o que existia fazia parte do sonho da Fonte. A natureza da Fonte era livre criadora. A restrição à liberdade ocorria somente na realidade criada por Lúcifer. Na ilusória percepção de individualidade.

Madhu entendeu a razão pela qual Tarala lhe enviara até Lúcifer mesmo sabendo que ele a reconheceria. Agora que Madhu conhecia a verdade sobre a natureza da Fonte, não poderia mais ser persuadida pelo sedutor Lúcifer.

Os ardilosos toques de Marduk começaram a ficar cada vez mais íntimos, despertando um forte desejo carnal em Madhu, que estava prestes a cair na tentação daquele envolvente sedutor. Deixou-se ser levada pelo momento prazeroso, não havia como evitar, ele era como uma droga potente que entorpecia a mente, gerando incrível prazer ao corpo.

Com esforço, Madhu tentou se concentrar. Foi então que percebeu que Marduk estava beijando suas pernas e levantando seu vestido para acariciar o interior de suas coxas. Ela não tinha forças para resistir àquele imenso prazer.

Enquanto Marduk, de olhos fechados lambia Madhu, não notou que discretamente ela retirou o *congela alma* de seus seios e virou todo o líquido em sua boca, tomando cuidado em não ingeri-lo. Tentaria o mesmo golpe que praticou em Mastur com Marduk. Sabia que poderia ter sua alma congelada, mas arriscaria a própria vida para fugir daquela situação de prazer irresistível.

Puxou Marduk pelos braços, sedenta pelos seus quentes lábios à procura de um beijo congelante, e lançou com pressão todo o líquido de sua boca na boca de Marduk, pegando-o de surpresa.

Marduk acabou por ingerir uma minúscula quantidade de *congela alma*, cuspiendo todo o resto no rosto de Madhu que começava se sentir sonolenta. Marduk caiu ao seu lado na cama, com as mãos na garganta.

– Você está cometendo um terrível engano, minha filha. Espere Danvantari curá-la da amnésia antes de tomar uma

decisão. Garanto-lhe que esta não é uma decisão sóbria da sua parte. Tarala envenenou sua mente para que você envenenasse o próprio pai.

– Eu sinto muito, meu pai. Meu amado pai, meu amado amante – disse Madhu, de forma sincera, quase mudando de ideia ao ver seu grande amor se sufocando com o *congela alma*.

Madhu considerava a Terceira Realidade sua filha com a Mãe Terra, e jamais seria capaz de destruí-las. Mas, ao mesmo tempo, não desejava a derrota de Lúcifer. Ela nunca esteve tão dividida.

Sonolenta e receando ter sua alma congelada, sabia que tinha de se concentrar e agir rápido.

Com Marduk já imóvel na cama, Madhu acionou a espaçonave de resgate por telepatia. Abriu bem a enorme porta folha dupla de vidro da suíte que dava para uma grande sacada de ouro. Colocou Marduk em seu ombro e esperou ansiosa a chegada da espaçonave.

Ouviu alguém bater duas vezes na porta de entrada da suíte e dizer: – *Danvantari chegou!* – Como não houve resposta, novamente bateram à porta com mais força.

Um sentinela gritou: – *Mestre, se não responder agora, irei entrar!* – Como novamente não houve resposta, os sentinelas invadiram a imensa suíte com armas laser nas mãos. Madhu usou o corpo de Marduk, colocando-o na frente do seu para não ser atingida por um laser.

– Solte Marduk ou sua alma será congelada! – gritou o comandante dos sentinelas.

Madhu viu a sua espaçonave parando bem abaixo da sacada e saltou da sacada com Marduk em seu ombro. Assim que caiu dentro da espaçonave, o teto da mesma, que estava aberto, fechou-se rapidamente e ela partiu em altíssima velocidade, em direção ao espaço.

Madhu soltou o corpo de Marduk no chão da espaçonave e acionou o comunicador para entrar em contato com Willy.

– Will! Will, está me ouvindo? – chamou, entrando em desespero.

– *Não é uma boa hora, estou no meio de uma luta. Eles acabaram de entrar aqui e começaram me atacar. Quinze sentinelas contra um androide. O que está acontecendo?* – respondeu apressadamente.

– Estou levando Marduk congelado para Shandi33 – respondeu, preocupada com Willy.

– *Boa garota! Sabia que conseguiria. Eu te amo!* – respondeu empolgado e alegre.

Madhu sentiu uma doce alegria ao ouvir a declaração de amor, mas sabia que Willy não teve a intenção de declarar um amor que nem ao menos sentia, ele apenas expressou sua empolgação momentânea. Não significava nada.

– Você vai ficar bem? – perguntou preocupada.

– *Esses sentinelas eu tiro de letra. Concentra-se na pilotagem. Cuidado com as sondas. Os reforços podem demorar alguns minutos. Boa sorte!* – disse, por final, com sons de lasers e socos ao fundo.

Madhu se esforçava para se manter acordada e não pôde pilotar a espaçonave. Por isso, teve de mantê-la em piloto automático e confiar nela.

O reforço de Shandi33 chegou quando ela já estava quase caindo no sono. Várias sondas de Shandi33 deram cobertura para que a espaçonave de Madhu escapasse.

Madhu acionou a velocidade invisível de seis vezes a velocidade da luz e chegou intacta e extremamente sonolenta em Shandi33.

Antes de abrir sua espaçonave, se questionou se estaria fazendo a coisa certa. Mas agora já era tarde demais para se arrepender. Shavanna e seu exército de andróides, reptilianos e humanos de extrema força rodeavam a espaçonave, ansiosos para pôr as mãos em Marduk.

Por fim, abriu a espaçonave. Tentou se levantar, sentiu-se fraca de tanto sono e perdeu a consciência, caindo sobre o corpo de Marduk.

Capítulo 17

– Madhu! Madhu! Sonhe, Madhu! Venha sonhar comigo – disse uma suave voz feminina, emanada de dentro de uma grande estrela brilhante.

– Quem é você? – perguntou Madhu, começando a sonhar.

– Eu sou a Fonte que sonha com você.

– Eu não quero mais sonhar, eu quero a verdade, quero despertar, quero a realidade.

– Toda realidade é criada a partir de um sonho. A vida é um sonho. O meu sonho. Sem sonhos não há realidade. Realidade é quando você passa a viver o seu sonho, passa a senti-lo e experimentá-lo. Meu sonho se tornou a sua realidade. Você é o que pensa. Você é capaz de escolher a sua realidade. Basta sonhar e acreditar.

– Com o que eu devo sonhar, amada Fonte? – Madhu questionou, indecisa.

– Sonhe com a realidade que deseja. Não deixe que sua alma se congele. Venha e sonhe comigo!

Madhu começou a despertar, porém o sono era tanto que estava difícil abrir os olhos.

– Ela está acordando – disse Behosa.

Ao fazer um esforço para abrir os olhos, viu que estava no laboratório de Boston, na Cidade Robótica da Ala13.

– Por muito pouco não teve sua alma congelada. Você se arriscou muito – disse Behosa para Madhu.

– Willy... está bem? – perguntou Madhu.

– Ainda não voltou. Continua em Nibiru. Já colocou Nibiru em sua órbita original, libertou Enki e outros prisioneiros, encontrou Enlil congelado e agora está trabalhando no reforço da segurança de Nibiru. Estão fechando o espaço aéreo de Nibiru para entradas e saídas de espaçonaves –

explicou Behosa. – Alguns sentinelas foram presos, mas a maioria acabou sendo resgatada por naves luciferianas.

– Então deu certo? A ameaça ao planeta Terra acabou? – inquiriu Madhu. Continuava deitada. Boston estava finalizando reajustes zepta-neurais no corpo dela.

– O planeta Terra e Nibiru estão fora de perigo. Parabéns pelo trabalho! – disse Boston, com sorriso no rosto.

– E agora? O que vai acontecer, comigo e com... Marduk? – perguntou. Estava confusa e sentia um nó no estômago por ter traído o pai.

– Você está liberada do cargo na Ala 9 de Segurança Intergaláctica. Voltará a viver em Shambala até que você, em concordância com Tarala, decida seu futuro – respondeu Behosa.

– Eu não sou criança para necessitar da concordância da minha *mãe* a respeito do meu futuro – disse Madhu. Sentia-se traída por Tarala, por ela ter omitido o fato de ser sua mãe de alma. Observou Boston saindo desengonçado do laboratório, deixando Madhu e Behosa sozinhos. Sentou-se sem sentir nenhum desconforto.

– A sua atitude de desrespeito com Tarala só prova sua infantilidade – disse Behosa.

Behosa tinha razão. Madhu nunca conheceu uma alma mais pura e nobre que a alma de Tarala. Sentiu-se envergonhada pelo que disse. Madhu sabia que Tarala só tinha amor por ela, e tudo o que fez foi por um nobre propósito.

– Em breve entraremos em contato com a consciência de Lúcifer. E, como já sabe, faremos uma oferta a ele: a troca da Via Láctea pela alma de Marduk.

– E se Lúcifer não aceitar? – perguntou preocupada.

– Manter a alma de Marduk congelada atrairia invasores com a intenção de roubá-la. A desintegração é a melhor solução.

– Ou seja, nessa guerra não existe bom e mau, é uma guerra que defende ideologias divergentes, pontos de vistas

diferentes. Na guerra vale tudo, até desintegrar almas. Para Lúcifer, vocês são as pragas e, para vocês, ele é o mau – disse Madhu.

– A questão é: de que lado você está? – perguntou Behosa, olhando nos olhos de Madhu.

– Agora entendo a importância da Terceira Realidade. É por ela que lutarei, a integração entre a natureza da Fonte com a de Lúcifer. É isso que eu sou, a integração. Não poderei lutar contra Lúcifer, assim como jamais lutaria contra a natureza da Fonte.

– Entendo. Então estamos do mesmo lado. Do lado da paz – disse Behosa. – Agora vá para sua casa descansar. Liv ficou feliz em saber que ela voltará a dividir a casa com você. E não deverá mais usar o uniforme da segurança – disse Behosa, se referindo ao macacão preto justo. – Liv arranjou novas roupas para você.

Madhu ainda estava usando o vestido nibiruano e não via a hora de poder tirá-lo.

– Obrigada – disse Madhu, e saiu.

Seguindo caminho até Shambala, Madhu começou a refletir onde seria seu futuro, seu lugar no mundo, seu verdadeiro lar, onde pudesse descansar e chamar de *seu*.

Ao chegar à sua casa em Shambala, foi calorosamente recebida por Liv. As duas entraram e se sentaram no sofá da sala para conversar. Não demorou para Bastet aparecer e pular no colo de Madhu.

– Você agora é uma celebridade em Shambala. Todos já sabem que você é filha única de Lúcifer. Apelidaram-na de *mulher veneno*. Sabe, por ter envenenado o poderoso Lúcifer com um beijo – explicou Liv. – Você foi incrível!

– Quando é que os híbridos vão se mudar para Terra? – quis saber Madhu.

– Behozito disse que em breve. Mas não deu uma data. Disse que o desacobertamento de vidas alienígenas já está em processo gradual e acelerado no planeta. Não podemos simplesmente pousar um monte de naves alienígenas na

Terra sem um preparo, um aviso para os habitantes. Mas os terráqueos estão mais do que preparados. Estão ansiosíssimos. Behosa está mais preocupado em prepará-los para que eles não venham nos idolatrar como *deuses*. Os terráqueos precisam entender que são adultos responsáveis e não devem querer depender de nós – explicou Liv.

– O que vai acontecer com Shambala? – Madhu não conseguia imaginar Shambala sem os híbridos.

– Vai ser a cidade dos andróides. Com a nova tecnologia que possibilita implante de almas em andróides, logo Behosa e Boston irão lotar essa cidade – disse Liv. – Vou sentir saudades de Shambala – disse tristonha. – Quero te mostrar uma coisa. – Levantou-se e pegou uma tela que estava encostada na parede da sala com a imagem virada para a parede.

Liv virou a tela para Madhu vê-la. A pintura era linda e muito romântica. Madhu estava em seu antigo corpo terráqueo de cabelos alaranjados sendo abraçada pelo Willy por trás. Ele também estava em seu antigo corpo ariano. Willy beijava o pescoço de Madhu, que sorria aparentando sentir arrepios. Os dois estavam na praia de Shambala ao por dos sóis.

– Fiz inspirada no Willy. Foi uma surpresa para mim ver você surgindo na tela – disse Liv. – O que achou? Faz algum sentido?

– É a primeira tela sua que vejo e adoro de imediato. É linda! Perfeita! – disse Madhu com tristeza no olhar. – Mas pela primeira vez você está errada, Liv. Willy é um ser evoluído e me conhece bem demais, jamais aceitaria um romance comigo. Ele sabe melhor que ninguém quanto sou uma idiota completa.

– E você? Gosta dele? – perguntou Liv.

– Ele é meu melhor amigo, meu protetor, meu professor. Com ele, eu posso ser eu mesma, ele me conhece melhor do que ninguém. O olhar dele me acalenta... Os olhos dele é meu lugar, é onde me encontro, onde descanso, onde posso

ser feliz comigo mesma – disse Madhu, se surpreendendo com as próprias palavras. Ela sabia onde era seu lugar. Era tão obvio que só agora percebia. Seu lugar era ao lado de Willy, onde quer que ele estivesse. Seu lugar era ele.

– Então você ama Willy – concluiu Liv. – E é você quem está enganada. Minhas pinturas nunca se enganam.

Depois de conversar com Liv, Madhu resolveu ir à praia de Shambala para pensar e admirar o pôr dos sóis.

Surpreendeu-se com suas emoções. Sentia muita falta de Willy. Estava tão acostumada a tê-lo o tempo todo ao seu lado, que agora que ele estava longe é que percebia quanto a sua ausência doía.

Madhu estava sentada na areia, admirando a bela vista do mar, com os sóis prestes a se porem.

– Pensei que fosse encontrá-la na pirâmide de cristal, seu lugar preferido. Mas, então, fui até a sua casa, e Liv me falou que você estaria aqui – disse Willy se aproximando.

Madhu se levantou e correu para abraçá-lo. Os dois permaneceram abraçados por um bom tempo até os sóis começarem a se pôr.

– Fico feliz que já esteja de volta – disse Madhu, se afastando, envergonhada pelo impulso que teve em abraçá-lo.

– E eu fico feliz que não seja mais minha parceira de trabalho. Agora posso dizer o quanto a amo, Madhu – disse Willy, se aproximando de Madhu, com seus olhos úmidos e brilhantes de felicidade.

O tempo pareceu parar para Madhu. Sentia-se flutuar.

– Eu também o amo, Will. Independentemente em qual corpo você esteja. Você sempre será o meu Will.

Willy pegou Madhu em seus braços e a beijou. Um beijo romântico, suave, sem a intensidade de uma paixão, mas com a estabilidade do amor. Era um beijo muito mais lúcido e doce que os beijos de Niki. Era diferente. Agora, era real.

– Estarei para sempre ao seu lado. Protegendo-a, servindo-a, amando-a. Até nosso retorno à Fonte, estarei sempre com

você, Madhu.

- Como pode amar uma terráquea estúpida, Will?
- É a sua humanidade que me encanta. A intensidade da humanidade no seu coração é o que a faz ser tão especial para mim.

Willy abraçou Madhu por trás para juntos admirarem o pôr dos sóis. Enfim, Madhu encontrou seu lugar de descanso. Nos braços de Willy.

Willy e Madhu receberam três dias de folgas para descansar. Ele levou a jovem androide semi- -humana para conhecer todas as Alas de Shandi33, menos a Ala1, que só se tem acesso com a permissão do Capitão Mastara. Visitaram a floresta Lavy, onde tomaram banho de cachoeira e mergulharam com os golfinhos de água doce. Meditaram juntos na pirâmide de cristal e sempre no fim da tarde iam juntos à praia de Shambala admirar o pôr dos sóis. Willy se demonstrava muito gentil, atencioso e extremamente respeitoso. Até demais na opinião de Madhu.

No último dia de descanso, estavam na sala de projeção holográfica da Ala13, que mostrava uma viagem por toda a Via Láctea num voo por todo o espaço. Os dois estavam flutuando de mãos dadas numa romântica viagem pela Galáxia. Madhu apontou para um enorme planeta laranja, curiosa para conhecê-lo. Os dois pousaram no planeta laranja, um planeta inóspito e desértico com grandes montanhas. Deitaram-se no solo do planeta para admirar seu magnífico céu roxo.

Madhu não queria tomar iniciativa de um contato mais íntimo com Willy e estava intrigada com o puritanismo dele, que se diferenciava muito de atitudes de homens terráqueos. Sabia que Willy sentia atração por ela, era perceptível. Mas sempre que os dois começavam a se excitar, Willy se afastava e esperava até que a excitação passasse.

Madhu considerou que aquele fosse o momento certo para tocar no assunto. – Will, como ocorre a... procriação no satélite que você veio? – perguntou Madhu. Essa era uma

pergunta que queria ter feito a ele faz tempo, mas tinha vergonha. Ela queria entender como era encarada a relação sexual na cultura de Willy.

– Em Kiva, o satélite de Arian, as pessoas vivem em total harmonia com a natureza, não gostam de tecnologias. O satélite é formado por diversas *tribos* que vivem em paz e união. Cada *tribo* tem seu líder, como se fosse um líder xamã, que, além de governar a tribo, também é médico e conselheiro, e ainda possui poderes psíquicos altamente evoluídos. É ele quem escolhe quem deve *procriar* com quem em cada tribo. Ou seja, é o líder que escolhe com quem você deve fazer sexo para ter um filho. Não há casamento, nem união estável. Todos se amam e se respeitam como uma grande família. Quando um casal é escolhido para fazer sexo, é realizado um grande ritual antes da união. Não é só sexo, como ocorre com seres primitivos. O sexo é visto como um ritual sagrado, onde duas almas se fundem para criar uma poderosa energia, a energia *vril*. Essa força gerada pela união de duas almas gera a substância mais poderosa do Universo, poderosa fonte de criação. A energia *vril* é a fonte de energia de Kiva.

– Você já foi escolhido para gerar energia *vril*? – perguntou Madhu.

– Não. Fui criado para ser um grande guerreiro, e geralmente os guerreiros não são escolhidos para o festival de união.

Para a surpresa de Madhu, Willy parecia ser tão virgem e inexperiente quanto ela.

No final do dia, Willy e Madhu receberam suas escalas de compromissos. Na manhã seguinte, teriam uma reunião no Castelo de Diamante, com Tarala, Behosa, Shavanna e Capitão Mastara. Parecia ser uma reunião importante, o que deixou Madhu ansiosa e curiosa. Estava feliz em saber que veria Tarala. Desde que descobriu que Tarala é sua mãe de alma, nunca mais a viu.

No dia seguinte, logo quando os sóis nasciam, Willy passou na casa de Madhu para irem juntos à reunião no Castelo de Diamante. Chegando ao castelo, foram recebidos por Nero, que levou os dois até o grande salão de reuniões, onde havia uma grande mesa redonda de diamante polido, rodeada por confortáveis poltronas brancas. Tarala recebeu Madhu e Willy com grande amor e carinho, dando um abraço demorado em cada um deles. Via-se um sentimento profundo de amor em seus olhos.

Tarala sentou-se numa poltrona ao lado do Capitão Mastara. Os demais convidados se acomodaram nas demais poltronas. Willy se sentou ao lado de Madhu.

– *Podemos começar* – ordenou telepaticamente o Capitão Mastara.

– *Willy e Madhu, primeiro gostaríamos de agradecer pelo excelente desempenho de vocês na grande missão de salvar o planeta Terra* – disse Shavanna, telepaticamente. – *Estou orgulhosa de vocês.*

– A pauta dessa reunião é sobre nosso projeto de expansão da Terceira Realidade – disse Behosa. – Como sabem, e como já era previsto, Lúcifer criou uma barreira para impedir a expansão da Terceira Realidade. Ontem recebemos a resposta de Lúcifer sobre a proposta que lhe fizemos. Ele aceitou trocar a alma de Marduk pela Via Láctea. Assim que a Terceira Realidade se expandir por toda a Galáxia, iremos devolver a alma de Marduk para Lúcifer. Porém, Lúcifer continuará impedindo a expansão da Terceira Realidade para as outras Galáxias.

– *A Terceira Realidade que criamos a partir do planeta Terra é apenas um projeto experimental. Não sabíamos se daria certo e que tipo de realidade seria criada* – explicou Shavanna, por telepatia. – *Agora que a Terceira Realidade foi experimentada e aceita pela Hierarquia Celestial de Miguel e pela Confederação Intergaláctica Estelar, recebemos a ordem de expandir a Terceira Realidade por todo os multiversos. Mas, primeiro, precisamos ter a posse da Via Láctea, que só*

por meio do centro da Galáxia a expansão explosiva pode ocorrer.

– E qual é a estratégia para a expansão? – perguntou Willy.

– Temos uma *carta na manga*, uma valiosa chave que fará a Terceira Realidade se expandir com força e velocidade absoluta pelos multiversos. Nada poderá impedir essa expansão tão explosiva – explicou Tarala. – Agora que sabemos que a Terceira Realidade funciona e é exatamente o que esperávamos, vamos implantá-la, substituindo a Realidade Virtual pela Terceira Realidade.

– E quanto a Lúcifer? O que vai acontecer com ele? – questionou Madhu, preocupada.

– Quando a Realidade Virtual deixar de existir, o trabalho de Lúcifer terá finalizado, e ele retornará à Fonte – disse Tarala. – Tenho certeza de que ele está ansioso por esse momento de retorno à Fonte, mas, como um bom filho que recebeu a missão de criar a Realidade Virtual, lutará até o fim em sua missão, tentando proteger a realidade que criou.

Madhu se sentiu feliz com a informação. Quando estava com Marduk, viu em seus olhos a dor que sentia por estar separado da Fonte. Mais um motivo para ela lutar pela expansão da Terceira Realidade.

– Qual é a chave da expansão? – indagou Willy, com semblante sério.

Tarala se ajeitou na poltrona e começou a falar. – Chegou o momento que eu tanto esperava – disse, emocionada. – Finalmente posso lhes contar toda a verdade.

– Quero que ouçam com atenção a história que vou lhes contar.

– Para que a grande consciência de Miguel conseguisse penetrar a Realidade Virtual e também como estratégia de batalha, Miguel separou a própria consciência em feminino e masculino. Sua parte masculina é Miguel, o guerreiro da Fonte. A parte feminina sou eu, Tarala Shanata. Eu e Miguel somos como almas gêmeas e nunca nos separamos do coração da Fonte.

– Lúcifer, sentindo falta da conexão com a Fonte, decidiu ter um filho com um ser ligado à Fonte. Isso, para ele, seria como ter um filho da própria Fonte. Esse filho seria a ligação indireta dele com a Fonte.

– Lúcifer me sequestrou e me hipnotizou para se unir a mim por meio da Grande União Sagrada de almas para que eu pudesse gerar um filho dele. Manteve-me grávida, presa por meses. Por sorte, fui resgatada por guerreiros da Segurança Intergaláctica de Shandi33 antes do parto e trazida para cá.

– Eu estava grávida de gêmeos, e isso sempre foi segredo absoluto. Lúcifer nunca soube que tive dois e não só uma filha.

Madhu estava surpresa, apesar de ainda não saber o que aquilo significava. Queria logo perguntar onde estava seu irmão ou sua irmã de alma, mas não queria interromper a história de Tarala. Deixou que ela continuasse a contar a história.

– Sabíamos que ele tentaria de todas as formas resgatar seu esperado filho. Por isso, decidimos esconder as crianças separadas e longe de mim para que não fossem encontradas por Lúcifer. A menina foi enviada para Avalon, para ser treinada e protegida pelas sacerdotisas de Avalon. E o menino foi enviado à Kiva, para ser protegido e treinado para se tornar um grande guerreiro e aprender a se proteger sozinho – disse Tarala.

– Kiva? – sussurrou Willy, confuso.

– Você é meu filho, Willy – disse Tarala. – Meu amado filho, não imagina a dor que senti com a nossa separação. Mas, se eu ficasse com você e Madhu, seria muito fácil para Lúcifer encontrá-los e tomá-los de mim.

– Espera aí – disse Madhu. – Eu e Willy somos irmãos gêmeos?

– Almas gêmeas é o nome correto – explicou Behosa. – Sim, vocês dois são almas gêmeas.

Madhu olhou para Willy confusa e viu Willy com a cabeça baixa, pensativo. Ela queria saber se o romance deles era incesto, proibido. Decifraria isso num único olhar de Willy. Mas ele parecia estar confuso e mergulhado nos próprios pensamentos.

– Lúcifer encontrou minha filha e a sequestrou – disse Tarala. – Mas nunca desconfiou que houvesse outro filho e, para a segurança dele, que se manteve protegido, isso foi mantido sobre segredo absoluto até agora. A minha menina foi criada por Lúcifer, enquanto meu menino foi criado em Kiva.

Madhu viu que Willy parecia abalado. Ela sabia exatamente o que ele estava sentindo em descobrir que era filho de Lúcifer. Madhu pegou a mão de Willy e apertou forte para lhe apoiar. Ele retribuiu o aperto de mão, sem levantar o olhar.

– Deveria ter nos informado isso antes que nos envolvêssemos num romance – disse Madhu, irritada.

– Não existe incesto entre almas gêmeas. Incesto é algo cultural do planeta Terra – explicou Behosa. – Inclusive, nada é mais poderoso que a fusão entre almas gêmeas. Por isso estão aqui. A união de vocês dois é a chave para a expansão da Terceira Realidade.

– Agora entendo porque sempre me amou tanto, Tarala, minha mãe – disse Willy, com os olhos emocionados olhando para Tarala. – Entendo o imenso carinho que sempre senti por você, minha amada mãe.

– Não imaginam o quanto estou feliz em finalmente ter meus dois filhos no meu castelo e poder lhes dizer a verdade.

– E como é que eu e Willy poderemos ajudar? – perguntou Madhu.

Pelo semblante de Willy, ele já sabia a resposta, e estava com receio de olhar para Madhu.

– *Vocês terão de realizar a Grande União Sagrada no centro da Via Láctea* – disse Shavanna, por telepatia.

– Traduzindo? – perguntou Madhu, que não sabia o que era a Grande União Sagrada.

– Realizar o sexo tântrico para gerar energia *vril* da integração da Realidade Virtual com a Realidade Real – começou explicar Behosa. – Só vocês possuem o DNA equilibrado dessas duas realidades para a fusão e criação de uma Terceira Realidade expansiva explosiva. Você e Willy serão os pais da Terceira Realidade.

– *É claro que antes, você, Madhu, passará por toda uma preparação e iniciação com os Rishis da Ala33* – disse Capitão Mastara, telepaticamente para Madhu. – *Não se trata só de sexo como é visto pelos terráqueos. Nada é mais sagrado e poderoso que a união consciente entre duas almas gêmeas.*

– Por que me foi tirada a memória de vidas passadas e da vida que tive com Lúcifer? – perguntou Madhu.

– Willy foi criado por seres de Miguel, teve toda a educação baseada na natureza da Fonte – disse Tarala. – Você recebeu a criação de Lúcifer, foi muito mimada por ele, e se tornou uma princesa das trevas arrogante e prepotente – disse, sem maldade na voz. – A única forma de consertar seu caráter foi colocando você na roda do *Karma*, que é um caminho evolutivo onde a alma adquire atributos da Fonte. O sistema da roda do *Karma* consiste em reencarnações com a perda da memória até que as lições sejam todas absorvidas.

– E por que continuo sem me lembrar das vidas que tive antes de nascer como Madhu? – perguntou frustrada.

– É só por meio da iluminação que se sai da roda do *Karma*. Você ainda não saiu do *Karma*. Se sua memória for restaurada antes que o processo do *Karma* termine, todo o trabalho na restauração da sua índole terá sido em vão – disse Behosa. – Todo o trabalho poderá ser perdido. Seria muito arriscado.

– A União Tântrica Sagrada com sua alma gêmea trará a você a iluminação que necessita para sair da roda do *Karma* – disse Tarala.

– O centro da Galáxia é um enorme buraco negro. Nunca ninguém conseguiu sair após entrar num buraco negro –

comentou Willy. – Não deixarei que a alma de Madhu seja sacrificada nessa missão.

– Nem pela Terceira Realidade sacrificaria a alma de meus filhos – disse Tarala. – A estrela mais próxima do buraco negro é a famosa estrela consciente que se comunica diretamente com a Fonte por meio do próprio buraco negro. É no coração dessa estrela consciente que a União Tântrica Sagrada será realizada.

– Vamos ter de sair da fisicalidade? – perguntou Madhu.

– Sim – respondeu Behosa.

– E quanto aos nossos corpos andróides? – inquiriu Madhu, que acabou se apegando ao seu.

– Após sua última missão poderá escolher seu caminho, seu futuro – disse Behosa. – Deixaremos guardados, hibernando, os corpos andróides que vocês usam, caso resolvam voltar a eles.

– *É de extrema importância que guardem absoluto segredo de tudo que foi dito aqui nessa reunião. Somente nós aqui presentes e Miguel conhecem esse plano, e mais ninguém pode ter conhecimento do que iremos fazer* – disse telepaticamente, Capitão Mastara. – *Quero que prometam!* – ordenou.

– Tem a minha palavra Capitão – disse Willy com convicção.

– Eu prometo. Da minha boca não sai nada – disse Madhu.

A reunião foi encerrada, com Willy abraçando Tarala com um amor e carinho grandioso. Madhu também se despediu da sua mãe de alma com grande ternura e amor.

Após a reunião, Madhu seguiu para a Ala33 para ter aulas de cultos tântricos com os Rishis. Willy tinha em sua escala “treinamento especial” na Ala9. Antes da reunião ele não sabia qual seria seu “treinamento especial”, mas agora sabia do que se tratava. Era a preparação para a mais importante missão de sua vida.

Willy e Madhu se despediram em Shambala. Só poderiam se ver novamente à noite, depois que seus compromissos do

dia fossem finalizados.

– Agora ficou explicada minha forte ligação por você, Madhu – disse Willy, segurando as mãos de Madhu. – Dói muito saber que foi roubada e criada por Lúcifer. Preferia que tivesse sido eu.

– Não diga isso, Will! Acho que nem foi tão ruim assim. Eu fui *mimada*, lembra? – disse Madhu, irreverentemente. – Não deve ter sido tão ruim assim.

– A roda do *Karma*, as encarnações, todo o sofrimento que teve de passar... Deveria ter sido eu. Você deveria ter sido criada em Avalon e ter se tornado uma sacerdotisa. Eu lamento tanto – disse Willy, fechando os olhos com tristeza.

– Will, o que importa é que agora estamos juntos. É tudo o que importa, o agora! Eu o amo! – Madhu sofria ao ver a dor de Willy.

Os dois se abraçaram se sentindo como uma só alma, um só coração. Willy tinha um instinto natural de proteção por Madhu. Jamais poderia lhe desrespeitar. Só faria a União Tântrica Sagrada se tivesse certeza de que Madhu estava de acordo.

Willy e Madhu se prepararam durante dias para a mais importante missão de suas vidas: a expansão da Terceira Realidade que daria fim à Realidade Virtual de Lúcifer.

Tinham pouco tempo de repouso para ficarem juntos. Encontravam-se todos os dias no lugar preferido de Madhu, a Pirâmide de Cristal, ou na praia de Shambala depois de suas obrigações no treinamento para a missão. Enquanto Madhu estudava tantrismo com os Rishis, Willy estudava e treinava sua jornada até a estrela consciente, a penetração até o coração da estrela e a saída segura de dentro dela. Willy já conhecia o tantrismo, só nunca o havia praticado.

Num momento de lazer, observando o belo pôr dos sóis de Shambala, Willy decidiu esclarecer uma importante questão sobre a Grande União Sagrada com Madhu. – Madhu, preciso lhe fazer uma pergunta e quero que jure dar uma resposta

sincera – disse Willy, enquanto viam os sóis se porem na praia de Shambala.

– Sabe que não consigo mentir para você – falou Madhu.

– A pergunta que tenho de fazer é muito importante. Não quero que faça nada contra sua sincera vontade. Tem certeza que deseja se unir a mim com sexo tântrico? – perguntou Will. – Podemos esperar...

– Will! – exclamou Madhu, interrompendo Willy. – Se dependesse de mim... já teria acontecido – disse, desviando o olhar por estar envergonhada.

Willy sorriu, estava vibrando de felicidade por dentro. Aquela seria a missão mais prazerosa de sua vida. Abraçou Madhu e lhe deu um beijo no topo de sua cabeça.

Foi difícil para Madhu guardar segredo de Liv. Sua amiga alienígena xereta e curiosa suspeitava que Madhu estivesse guardando algum segredo – criou uma teoria dizendo que Madhu, Willy e Behosa conspiravam contra os híbridos.

Liv estava ansiosa e irritada, pois em breve deixaria Shambala para viver no planeta Terra.

Behosa decidiu que Liv viveria na Ilha de Fernando de Noronha, no Brasil. O português de Liv estava muito bom, e Fernando de Noronha era um poderoso vórtice de energia (*chakra* do Planeta Terra), que deveria ser protegido e trabalhado para a manutenção da teia de amor criada pela Terceira Realidade. Liv teria a missão de governar a ilha, construir um templo para realizar cerimônias de ativação do vórtice de energia – isso seria como um processo de cura planetária. Até aí, tudo bem para Liv. O que a preocupava era que teria de se casar com três terráqueos nativos da ilha e ter filhos com eles.

Madhu entrou no quarto de Liv para se despedir dela. Viu que a amiga estava separando algumas roupas para levar a Fernando de Noronha.

– Liv, você definitivamente não vai precisar de casaco – disse Madhu, vendo Liv escolher roupas inadequadas para uma ilha tropical. – E as meias também são desnecessárias.

– O casaco é para eu me proteger contra insetos e a meia, de lagartos – respondeu Liv, que continuou a escolher roupas.

– Como é que a meia pode protegê-la contra lagartos? – questionou Madhu, curiosa.

– Eu me arrepio só de pensar em acordar sentindo um lagarto lambendo meu pé – falou, com uma careta.

– Você vai gostar de Noronha – disse Madhu. – Vou sentir sua falta.

– Queria que você pudesse ir comigo. Tenho medo dos nativos.

– Liv, tenho certeza que você vai amar ser a idolatrada *rainha* de Fernando de Noronha. Pode até mudar o nome da ilha para *Liv*, se quiser. E garanto que os nativos não mordem.

– O que você quer, Madhu? – Liv perguntou, percebendo que Madhu tinha algo importante para lhe dizer.

– Vim me despedir. Não vamos mais nos ver por um longo tempo – disse Madhu, com tristeza.

– E imagino que eu não possa saber o motivo pelo qual você vai sumir – comentou Liv, irritada com os segredos que Madhu não lhe contava. – Vai me visitar um dia?

– Eu prometo que vou visitá-la em Fernando de Noronha. É uma ilha linda, repleta de magia. E por onde anda Bastet? – perguntou Madhu, sentindo falta da gatinha preta.

– Ela escolheu viver com os Rishis. Gata esperta!

– Sou péssima em despedidas. Não sei como dizer adeus.

– Não é *adeus*. Até breve, Madhu!

– Até breve, Liv.

As duas se abraçaram e choraram discretamente. Madhu saiu sem dizer mais nada e partiu para a Ala9 onde Willy a esperava para o início da grande missão.

Behosa retirou as almas de Willy e Madhu dos corpos andróides. Tarala saiu do corpo físico durante uma meditação para acompanhar os filhos até uma *mer-ka-ba*, a nave que os levaria rumo à estrela consciente no centro da Via Láctea.

– Nervosa? – questionou Willy para Madhu.

– Acho que eu me sinto exatamente como uma noiva virgem prestes a entrar no altar – Madhu respondeu.

Willy a olhou nos olhos. – É muito mais que isso. Somos almas gêmeas prestes a criar a mais poderosa energia que existe. O amor! Eu a amo tanto.

– Também o amo muito – disse Madhu. – Para onde vamos depois da missão?

– Você escolhe.

– Quero visitar minha família terráquea na Colônia Espiritual Raios do Amanhecer, depois visitar Liv no planeta Terra.

– E onde você vai querer morar? – quis saber Willy.

– Em Shandi33. Quero novas aventuras, descobrir novos mundos.

Willy sorriu de felicidade e abraçou Madhu. Tudo o que ele mais queria era voltar a tripular Shandi33 com sua amada Madhu.

Quando chegaram à estrela consciente, sentiram que ela os aguardava com uma alegria contagiante.

Willy e Madhu penetraram o coração da grande estrela sentindo a intensidade e a força do poder do amor, o mais puro e belo amor que vinha da Fonte de tudo o que existe.

Flutuando na beleza e leveza do amor da grande estrela, a Grande União Sagrada teve início.

Willy penetrou Madhu, despertando a Kundalini de ambos há tanto tempo adormecida. Seus corpos se entrelaçavam como uma bela dança de anjos apaixonados. A fusão de suas almas criou a mais bela e poderosa energia vril já vista. O poder do mais doce amor da união fez a estrela consciente se desabrochar como uma flor de Lótus, que irradiou o poder criativo da energia vril criando a poderosa Terceira Realidade expansiva e invencível.

A Terceira Realidade se expandiu, penetrando em todos os multiversos.

Foi assim que toda tristeza deu lugar à alegria, todo ódio deu lugar ao amor, toda discórdia se transformou em união, todo erro deu lugar à verdade, todo desespero se transformou em esperança e toda a treva foi irradiada pela luz.

Toda vida estava em paz.

Só o verdadeiro amor transforma.

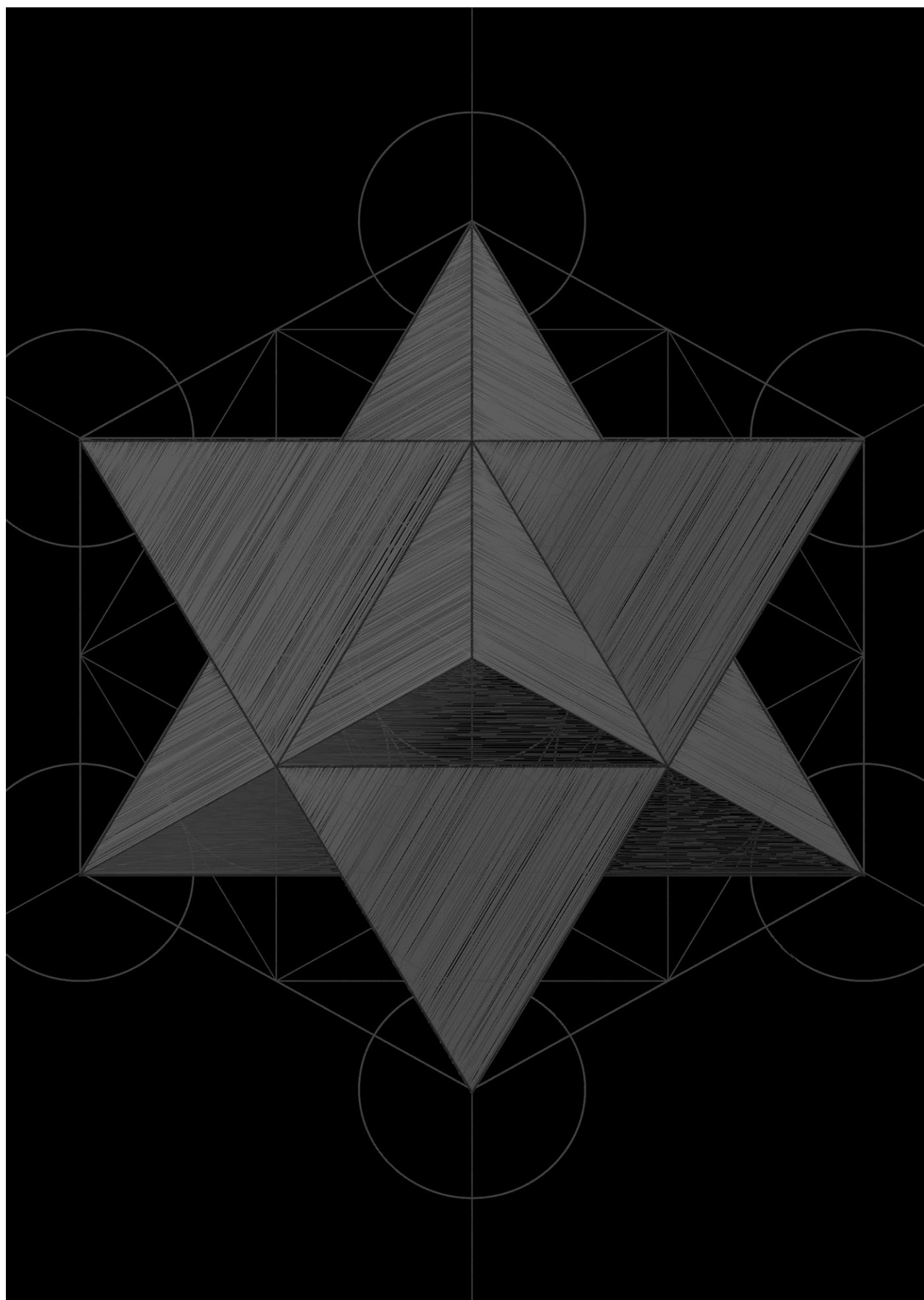
Da mesma autora do best-seller "A REALIDADE DE MADHU"

A REALIDADE dos SETE

Melissa Tobias

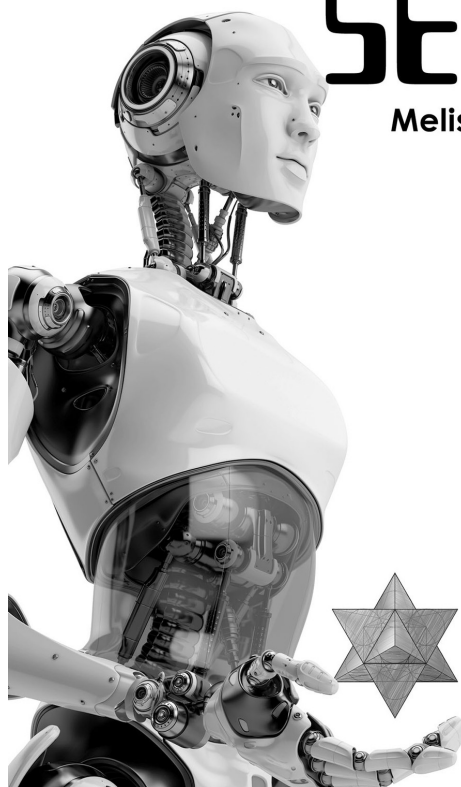


↪ns



A REALIDADE dos SETE

Melissa Tobias



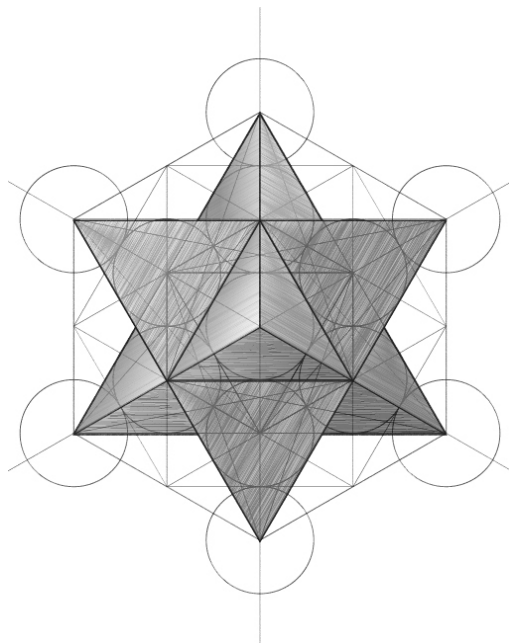
ns

São Paulo, 2020



*Dedico à Fonte Criadora, que me inspirou
e esteve comigo durante a criação desta obra.*

AGRADECIMENTOS



Agradeço à naturóloga e instrutora ThetaHealer Anna Lobo, por ter me apresentado com a sabedoria da técnica do ThetaHealing, que serviu como base de conhecimento para a construção desta obra. Também agradeço a todos os que leram *A Realidade de Madhu* e me enviaram mensagens de carinho e gratidão. Foram essas pessoas que me motivaram e não deixaram a história de Madhu acabar.

Gratidão e amor à minha alma gêmea, Fauze Abib, que respeitou meu isolamento necessário para criar esta obra.

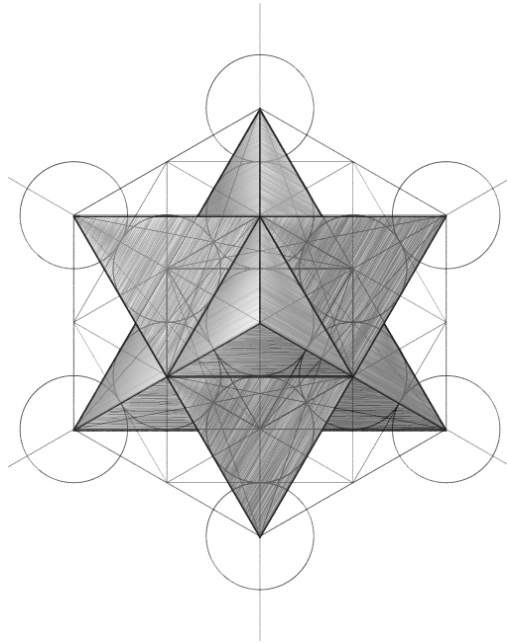
E, acima de tudo, agradeço à Fonte Criadora, que na maior parte do tempo esteve em conexão direta comigo enquanto eu escrevia este livro. Sua influência é notável na criação desta história.



*Abrirei em parábolas minha boca
e dela farei sair com ímpeto coisas
ocultas desde a criação do mundo.
(S. Matheus 13:35)*

*Esta é uma obra de ficção, qualquer
semelhança com fatos, datas ou situações
da vida real terá sido mero fortuito.*

PRÓLOGO



Em 2020, assim que a Terceira Realidade se expandiu, penetrando todos os multiversos, a semente de um novo ciclo começou a ser germinada no planeta Terra. Esse foi, enfim, o início de uma Nova Terra. A partir desse ponto, o planeta começaria a deixar de ser uma Terra de expiação e provas para, aos poucos, tornar-se um mundo de regeneração, onde o aprendizado viria pelo amor, e não mais pela dor.

No novo mundo de regeneração, a humanidade não seria perfeita, porém as pessoas estariam dispostas ao aprimoramento espiritual, calcado na compreensão de que não existe salvação fora da fraternidade.

Ao longo do tempo, as mudanças foram grandes. A tecnologia passou a reger o novo sistema socioeconômico. Todas as pessoas passaram a ser monitoradas pela Suprainternet – internet comandada por uma inteligência artificial que imita a inteligência

de um ser iluminado e sua índole –, através de sua zeptalente, um colírio contendo zeptapartículas que penetram no globo ocular, instalando-se em nervos ópticos e em locais específicos do cérebro.

A zeptatecnologia substituiu a nanotecnologia, que se tornou obsoleta. *Zepta* é um valor de medida bem menor que *nano*. Dessa forma, a zeptalente conectava o cérebro e a mente do indivíduo com a Suprainternet.

Com a zeptalente, o humano era capaz de abrir uma tela holográfica na sua frente apenas com um comando corporal, como abrir a mão ou levantar a perna. Somente ele via e ouvia sua própria tela holográfica, que tinha todos os recursos de um smartphone ou de um computador, que deixaram de ser usados. E a zeptalente ia muito além dos recursos arcaicos de tais aparelhos antigos. A tela holográfica podia ser compartilhada somente quando o usuário permitia.

O mais importante era que a zeptalente captava as emoções e ações do indivíduo e as enviava para a Suprainternet, que fazia o julgamento dos méritos de todas as pessoas adultas do mundo. A pessoa era recompensada, ganhando créditos com o banco da Suprainternet, a cada vez que praticasse o bem ao próximo e trabalhasse em prol da coletividade, e também conforme as emoções e os pensamentos ligados à compaixão. Quanto mais benevolente era, mais créditos a pessoa recebia.

Quanto maior fosse a pontuação de créditos com o banco da Suprainternet, melhor seria o estilo de vida e maiores as regalias que o indivíduo poderia ter. Com bons créditos, era possível, por exemplo, usar um *Flut B14* – carro movido a energia solar que levita por magnetismo –, para viajar com maior conforto e rapidez, morar em casas biofílicas, com zeptavidros de alta

tecnologia, tendo grande privacidade e muito conforto, entre outros privilégios.

Não havia mais o conceito de “comprar” ou “ter”. Os créditos eram usados para alugar, ou seja, davam ao indivíduo a permissão de utilizar aquilo de que precisava ou que desejava. Nada era descartado, tudo era reciclado. O descuido com objetos, moradias, natureza e locais públicos acarretava perda de créditos.

Somente pessoas com um nível muito alto de créditos podiam morar na Cidade de Vidro, na Lua, onde o cérebro da Suprainet vivia.

Quando o valor do crédito de uma pessoa ficava abaixo dos níveis aceitáveis para um mundo de regeneração, ela era enviada a uma das muitas Clínicas do Amor para receber um tratamento adequado, para se reequilibrar. Se não conseguisse se adequar às normas, e dessa forma adquirir o sentimento de respeito e amor ao próximo, era enviada para algum abrigo e isolada da sociedade. Essas pessoas eram conhecidas como *bolhas*.

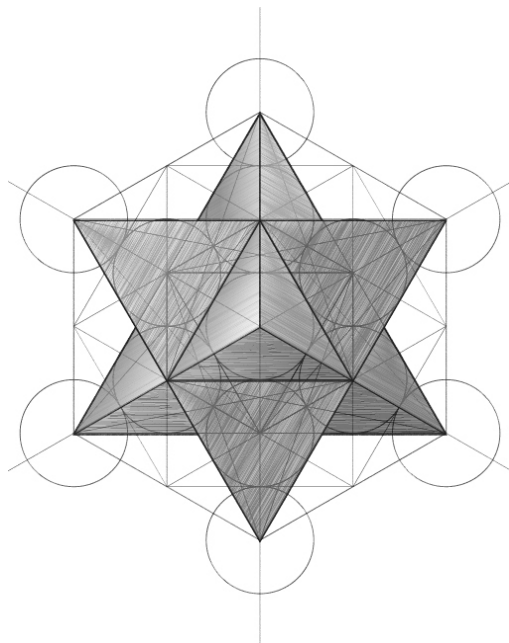
Porém, nesse novo sistema socioeconômico, o homem ainda era falível, e o espírito do mal não havia perdido completamente o domínio sobre os humanos. Por esse motivo, seres gananciosos poderiam encontrar brechas no novo sistema, e o projeto de uma Nova Terra de regeneração estaria à beira da destruição.



** REGISTROS AKÁSHICOS **

MEMÓRIAS
DE GAEL

CAPÍTULO 1



Planeta Terra, ano de 2057.

Estou decidido a deixar meus créditos acima de cinquenta, quem sabe assim me levam mais a sério no trabalho e passam a ter mais consideração pelas mudanças que proponho, pensou Gael.

Trabalho na sede da Suprainet, em Brasília, cidade que é a base e o coração do planeta Terra. Sou engenheiro de software, formado pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), em Cambridge, nos Estados Unidos, graças aos créditos que consegui trabalhando por dois anos ajudando médicos holísticos sem fronteira ao redor do mundo, e também pela minha inteligência, é claro. Na época em que trabalhava ajudando médicos, meus créditos nunca ficavam abaixo de setenta, pois a compaixão é fortemente despertada quando a gente vê o sofrimento de uma

criança órfã ou coisa do tipo. E foi assim que consegui o emprego na sede da Suprainternet, no Brasil.

Ontem fiz uma meditação antes de dormir, para acordar mais em paz e ter um bom dia, e, assim, tentar melhorar meus créditos. Eu, fazendo meditação. Realmente estou desesperado. Que bosta!

Moro com dois amigos que trabalham comigo na sede da Supra. Acordei antes deles, tomei meu *detox*, que tem um gosto horrível de mato, mas ajuda a desintoxicar a mente de más vibrações do *caralho-a-quatro-do-sei-lá-o-quê*. Não é fácil conseguir créditos! É um pé no saco.

Abri minha tela holográfica para ver meus créditos: 34.2, o mesmo de ontem antes de ir dormir. Ou seja, terei que ir novamente de bike solar para o trabalho. Não tenho crédito para um BusFlut e muito menos para um UberFlut. Mas tudo bem, isso vai mudar. Tentei pensar em coisas boas e sentir gratidão, para não deixar minha boa *vibe* cair. Seria bom se eu encontrasse um filhote de passarinho caído no chão, todo arregaçado, ou coisa do tipo, assim eu poderia salvar a vida da pobre criatura e melhorar meus créditos, mas não tive nenhuma oportunidade de obter algum bônus no trajeto de casa até o trabalho. E só tenho essa pontuação de créditos graças ao meu trabalho, pois, se dependesse da minha espiritualidade, eu seria um bolha, vivendo em algum abrigo por aí.

Estacionei a bike solar e entrei na sede da Supra, que é um imenso prédio todo de zeptavidro. Cumprimentei o recepcionista da forma mais educada que pude. Abri minha tela holográfica: 34.3, ganhei 0.1 ponto por ter sido simpático com o recepcionista. Tá, vou ter que fazer melhor. Bolar uma estratégia, talvez.

A sede da Suprainternet é um imenso espaço de *coworking*, onde todo mundo trabalha junto. Há ambientes de todos os tipos:

biofílico no meio do mato, zen-budista não sei das quantas, futurista, retrô com mesas e cadeiras de escritório antigo, e até um ambiente com camas, para quem gosta de trabalhar deitado ou recostado em travesseiros. Eu sempre escolho o mesmo ambiente, o futurista, todo monocromático e claro, repleto de zeptavidros. Eu me sinto bem nesse ambiente, ele me inspira, e fica bem longe do ambiente zen, onde trabalham os malucos que se acham os “evoluídos porteiros do mundo de regeneração”, viciados em manter altos créditos com a Supra e que parecem olhar sempre com um certo desdém para os pobres seres involuídos como eu. Grandes seres evoluídos eles! Este mundo é uma grande hipocrisia.

Estava eu trabalhando em paz, no ambiente futurista, totalmente focado nas minhas tarefas, quando fui tirado do meu universo magnífico dos números por uma doida daquelas que só ficam no ambiente zen. *O que essa criatura quer de mim?*, pensei.

– Gael, você já ouviu falar em “Os Sete: os precursores da Terceira Realidade”? – perguntou a garota.

O nome dela é Camila. Ela é nova, não muito inteligente, mas toda metida a espiritualizada. Foi efetivada na Supra por ter desenvolvido um aplicativo muito doido que emite ressonância magnética em hertz para curar doenças. Ela me irrita um pouco, fala demais. No refeitório, às vezes, só se ouve ela falando. Ela é baixinha e magra, tem cabelo curto, castanho, todo rebelde.

– Não – foi tudo que eu respondi.

Era melhor não dar muita trela para a Camila. Com ela, era preciso ser curto, mas sem ser grosso, para não perder créditos.

– Eles me procuraram, sei lá para que, mas estou totalmente sem tempo. Será que você não poderia ajudá-los? – perguntou.

E de onde ela tirou que eu tenho tempo de sobra?, pensei. Mas então me lembrei de que precisava melhorar meus créditos. E ajudar pessoas melhora significativamente o seu nível de crédito com a Supra.

– Ajudar como? De que eles precisam? – perguntei.

– Sei lá! Eles querem um encontro presencial com alguém aqui da Supra que entenda de software para ajudá-los em alguma coisa, mas não quiseram dizer por mensagem mental o que era especificamente. Fiquei bem curiosa, mas estou sem tempo mesmo. Comecei a trabalhar como voluntária no plantio da nova Floresta Renascer de Brasília. Saio daqui e vou direto plantar árvores. Você quer ir comigo plantar árvores? Ainda tem vaga. Vamos? É um pessoal bem legal. A gente canta mantras, faz dança circular e...

– É... obrigado pelo convite de plantar árvores e tal, mas não vai rolar. – Achei melhor interrompê-la antes que ela desatasse a falar. *Mas que guria mais sem foco!*, pensei. – Mas posso tentar ajudar os... como é o nome mesmo?

– Os Sete: os precursores da Terceira Realidade. Interessante esse nome, né? O que será que eles fazem? Eu tentei descobrir pesquisando no SupraGoogle, mas não encontrei nada sobre eles. A pesquisa me levou até um site bem sinistro com uma contagem regressiva e uma música com bastante 432 hertz. Ou seja, coisa ruim não deve ser, né!? Vou passar o contato deles, aí você vê o que eles querem. E depois me conta tudo, por favor. Nossa! Tô *mega-extra* curiosa! Você vai me contar, né?

– Tá, claro. Depois eu pego o contato deles no seu canal da Supra.

Eu estava desesperado para me livrar logo da Camila. Será que ela não sentia dor na garganta de tanto falar?

– Sabia que você ia ajudar! Afinal, está precisando melhorar seus créditos. Nem na linha amarela está mais. Você já está na linha laranja, prestes a ser enviado para uma Clínica do Amor. A sua deve ser uma das piores pontuações de crédito aqui da sede. Mas eu não o julgo. Sabe como é, para algumas pessoas é mais difícil mesmo buscar o equilíbrio dos hemisférios cerebrais, e seu trabalho exige muito raciocínio lógico – disparou a tagarela irritante.

Se ela continuar falando, vou chegar à linha vermelha em questão de segundos, pensei.

– Obrigado, Camila. Tenho que trabalhar agora. – Encerrei, já de olho na minha tela holográfica conectada à Supra.

– Tá bom. Eu também tenho que voltar ao trabalho. Depois a gente se fala. Vai me mantendo informada. – E finalmente a doida saiu do meu pé.

Foi um dia de trabalho bem rotineiro, e por mais que eu me esforçasse para melhorar meu estado de espírito e ganhar créditos, tive apenas um aumento insignificante. Mas o dia não tinha acabado, então ainda havia esperança para mim. Entrei na rede social da Camila para pegar o contato dos *precursores-não-sei-do-quê*. A imagem de perfil da Camila era uma foto dela abraçando uma árvore, e abaixo da foto ficava o número da pontuação de crédito dela, atualizado, ao vivo. A matraca irritante estava com invejáveis 78.3 créditos. Uma matraca irritante que gosta de exibir seu bom coração cheio de amor. *Tem alguma coisa errada neste mundo. É sério!*, pensei.

Peguei o contato dos Sete e telepatizei com eles assim que saí da Supra, no final do meu turno. Uma mulher com voz sinistra atendeu, mas não falou “Oi, namastê” nem nada do tipo, e foi logo dizendo: “Nos encontre no Templo da Boa Vontade, na Sala Egípcia, daqui a quinze minutos” e *puff!*, desligou. Ok, melhor uma voz sinistra, mal-educada, curta e grossa do que uma matraca ambulante e irritante como a Camila.

Do prédio da Supra até o Templo da Boa Vontade davam exatamente quinze minutos de bike solar, então fui direto para lá. Cheguei bem na hora que a Pira Sagrada em frente ao Templo da Boa Vontade estava sendo acesa. A Pira simbolizava a solidariedade universal e representava a chama da fraternidade ecumênica, que jamais se apagará nos corações de homens e mulheres de boa vontade e *blá-blá-blá*. Todos os dias, às seis horas da tarde, a Pira é acesa para lembrar o momento da Hora do Ângelus. Nem sei que porra é essa de *Ângelus*.

O monumento era bem antigo e foi construído com base no número sete, que simboliza a perfeição. Era uma pirâmide de sete faces, com um imenso cristal no topo, conhecido como o maior cristal do mundo. No centro do templo havia um labirinto espiral no piso com sete faixas escuras e sete claras, e nele o povo andava em meditação até alcançar o centro da pirâmide, em cujo topo ficava o grande cristal. Algumas pessoas caminhavam na espiral, em meditação, naquele momento. Passei margeando o labirinto e fui direto à Sala Egípcia. Estava fechada.

– A Sala Egípcia já fechou, meu jovem – disse uma senhora de cabelos brancos e olhar de velhinha bondosa. Vestia a túnica dos voluntários que trabalhavam no templo.

Antes que eu pudesse agradecer pela informação, a porta da Sala Egípcia se abriu e uma mulher de aproximadamente quarenta

anos surgiu.

– Obrigada, Zilda. Esquecemos de avisar que estávamos esperando este rapaz para a reunião – disse a mulher para a voluntária.

– Peço desculpas, meu jovem. Boa reunião para vocês – disse Zilda.

– Entre, Gael, seja bem-vindo – disse a mulher.

Já dentro da Sala Egípcia, pude apreciar pinturas nas paredes que reproduziam cenários do Egito, como a grande esfinge de Gizé, o Vale de Gizé e as três pirâmides – Quéops, Quéfren e Miquerinos –, além de réplicas da mobília da época. No teto, estavam pintados os *sete céus*, que representavam os sete dias da semana e toda a mística do número sete, de que eu não entendia porra nenhuma. No centro da sala havia exatamente oito cadeiras, formando um círculo, com sete pessoas, além de mim: quatro mulheres e três homens.

A mulher indicou que eu me sentasse na cadeira vaga. Uma suave música meditativa tocava no ambiente. A iluminação era agradável, semelhante a um pôr do sol. A sala recendia a incenso de alfazema. Sete pares de olhos me observavam. Senti um arrepio doido nas profundezas da espinha dorsal.

– Mais uma vez, seja bem-vindo, Gael. Eu sou Marta
– disse a mulher que me recebeu na porta, e então começou a apresentar as outras pessoas que estavam na sala, apontando cada um. – Estes são Mônica, Alexandre, Katia, Larissa, Rafael e Francisco. Somos Os Sete: os precursores da Terceira Realidade encarnados na Terra.

– Precisamos de sua ajuda, pois nada entendemos de tecnologia, que será fundamental para o início da aprimoração da

Terceira Realidade – explicou Alexandre, um homem magro, loiro e de olhos claros que usava roupa branca e um pingente de ouro, representando a Estrela de Davi, pendurado no pescoço por uma corrente também de ouro.

– O que é mesmo a Terceira Realidade? – perguntei, meio constrangido.

Era embaraçoso não estar a par dos acontecimentos baseados na espiritualidade, já que devemos aprimorá-la para ganhar créditos com a Supra.

– A Terceira Realidade é a quinta dimensão consciencial que foi plantada no fim de 2019. Logo em seguida vieram os ceifadores fazendo a limpeza na Terra para iniciar a mudança proposta. Em 2035, os três ceifadores terminaram seu trabalho e a Terceira Realidade estava livre para começar a germinar. E agora está sendo regada pelos trabalhadores da última hora. Nós, os precursores dessa nova realidade, nascemos com a missão de abrir o grande portal para a quinta dimensão consciencial. Você nos ajudará a preparar o terreno para o início de nossa missão – respondeu Larissa, uma garota jovem, que devia ter uns dezessete anos.

Ela era muito bonita. Tinha longos cabelos castanhos, cheios de cachos bem definidos, e rosto redondo, como uma fada. Não parecia real. Até a sua voz parecia vir do além. Era magra e de estatura baixa.

– A Terceira Realidade nasceu da junção entre a Realidade da Fonte Primordial e a Realidade de Lúcifer. Nós vivíamos dentro da Realidade de Lúcifer, mas tínhamos a Fonte oculta em nossos corações, pois somos filhos da Fonte, e essa é a nossa mais pura essência. Com o despertar de nossa essência, a Fonte resplandeceu dentro da Realidade de Lúcifer, fazendo nascer a Terceira Realidade. Nessa nova realidade, continuamos usando o que de

bom a Realidade de Lúcifer nos trouxe, como o livre-arbítrio e a tecnologia sintética. E estamos eliminando aquilo que a Realidade de Lúcifer tinha e que nos trazia sofrimento: a ilusão da dualidade e a separação da Fonte Primordial de Amor – interveio Mônica, uma senhora com cara de tia legal, daquele tipo que puxa a orelha meio na brincadeira, que faz bolo gostoso e tem a porta da casa aberta para todo mundo.

– Cada um de nós, Os Sete, representa um plano existencial. Através de nossa conexão com o plano de existência que representamos, recebemos a mensagem de que está na hora de iniciar mais um passo em prol da evolução humana. Um passo muito importante. Talvez o maior que a humanidade já viu – disse Francisco.

Ele era o mais velho dos sete. Parecia a personificação do Dumbledore de *Harry Potter*. Barba branca, cara de mago, voz meio rouca.

– E qual é esse passo? Como posso ajudar nessa coisa? – perguntei, curioso. Estava curtindo aquele mistério todo.

– Precisamos preparar a humanidade para a chegada das primeiras naves extraterrestres de irmãos galácticos – respondeu Rafael, parecendo assustado.

Ele devia ter a minha idade, uns vinte e três anos. Parecia agitado e não combinava muito com os demais integrantes do grupo. Falava rápido e de forma ansiosa. Era magro, moreno e de estatura mediana.

– Precisamos de alguém que entenda de tecnologia. Mais especificamente de software, e que conheça bem a Supraineternet. Se você chegou até nós, é porque foi o escolhido.

– Então... eu adoraria ajudar vocês, mas acho que não sou a pessoa certa. Estou aqui apenas substituindo a minha colega de trabalho, Camila. Na verdade, foi ela que vocês procuraram.

– Não, meu jovem. Nada é por acaso. A mensagem que recebemos da espiritualidade foi clara. O escolhido seria aquele que atravessasse a porta da Sala Egípcia, hoje, às dezoito horas – disse Mônica.

Aquele clima meio místico, sinistro, estava causando um efeito doido no meu corpo. Fiquei todo arrepiado quando a Mônica falou que eu era o escolhido. Eu me senti o Neo do filme *The Matrix*. Meu corpo até estremeceu.

– E o que devo fazer? – indaguei.

– O primeiro passo é desenvolver uma tecnologia na qual seja possível a comunicação dos humanos encarnados com os humanos desencarnados. E você nos ajudará nesse primeiro passo – respondeu Marta.

– Eu sou um mero programador, moça. Como vou fazer isso? Não entendo nada das leis da física do mundo dos espíritos e coisas do tipo, se é que isso existe.

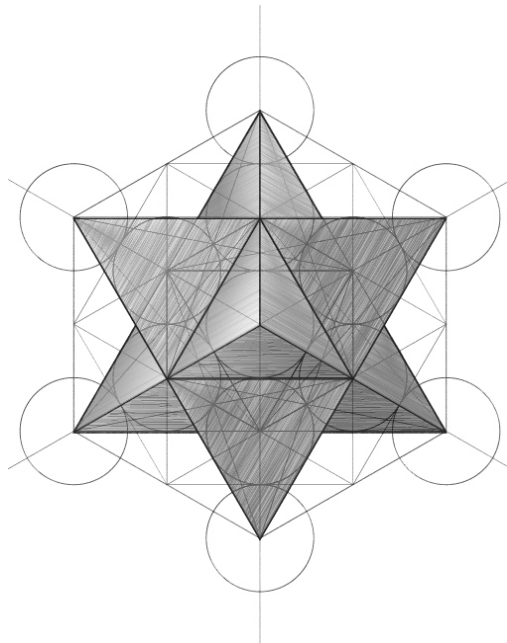
– Mas saberá o que fazer! Nós iremos ajudá-lo. Você será preparado. – disse ela.

– Podemos contar com a sua ajuda? – perguntou Mônica.

– Acho que esse negócio vai ser bem sinistro. Eu topo. – respondi com sinceridade, mas minha empolgação mesmo era com a possibilidade de melhorar meus créditos com a Supra, ajudando um bando de médiuns que pareciam importantes.

– Ótimo! Então esteja aqui amanhã, nesse mesmo horário – pediu Francisco.

CAPÍTULO 2



Acordei me lembrando da Sala Egípcia, da reunião com Os Sete e das coisas que eles tinham falado, e durante o trabalho não tirava da cabeça aquele papo de *alienígenas pousando na Terra e aparelho de comunicação com espíritos*. Será que esses tais Os Sete falaram mesmo em chegada de naves alienígenas? De duas uma, ou aquelas sete pessoas sofriam seriamente de delírio ou eu estava prestes a participar de algo bem grande.

Todos da Supra almoçavam no refeitório da sede. O almoço começava a ser servido ao meio-dia em ponto e terminava às treze horas, ou seja, todos os funcionários da Supra se encontravam no enorme refeitório no mesmo horário.

O prato do dia era carne feita com casca de banana, grão-de-bico, purê de batata e salada com quinoa. Fiz meu prato dispensando a salada, peguei um chá de gengibre e busquei um

local bem tranquilo, o canto mais vazio do refeitório, para me sentar. Queria comer em paz, sozinho. Mas eu não estava com muita sorte...

– Posso me sentar com você? – perguntou Camila, segurando um prato transbordando salada. Parecia comida de coelho.

– Fique à vontade – respondi, sem esconder a falta de empolgação em dividir a mesa com ela.

Ela mal se sentou e já começou o falatório:

– E então, como foi com Os Sete? Conte-me tudo! O que eles querem? Tem alguma coisa a ver com cerimônias celtas? Nossa, eu adoro batuque e cerimônias celtas! – falava ela, empolgada.

– Não. Acho que não tem nada a ver com coisas celtas. Eles querem ajuda com software. Mas só vão me explicar hoje do que se trata exatamente. – Tentei ser evasivo para não deixá-la curiosa. Eu só queria comer em paz.

– Vai ser ótimo você poder ajudá-los. Você é a pessoa com menor número de créditos com quem tenho contato. Estou disposta a ajudá-lo a evoluir. Você precisa praticar meditação três vezes ao dia, durante trinta minutos cada vez, no mínimo. E melhorar a alimentação – disse, olhando para o meu prato. Eu já estava ficando de saco cheio daquela garota metida a evoluída. Mas ela não parou: – E também precisa melhorar a educação, ser mais simpático...

– Já entendi, *Madre Teresa de Calcutá*, pode deixar que da minha espiritualidade cuido eu – falei sem pensar, interrompendo-a.

Isso é errado, mas estava cheio daquela garota. Ela precisava de um basta, e uns pontinhos a menos de crédito com a Supra não

fariam tanta diferença àquela altura do campeonato. Eu recuperaria tudo no mesmo dia, e ainda aumentaria o que já tinha, ajudando Os Sete.

Camila respirou fundo, fechou os olhos e fez cara de santa ao abri-los novamente, antes de responder:

– Ser grosso e impaciente com uma pessoa que está tentando fazer algo por você não o ajuda em nada. Assim vai acabar se afundando ainda mais. Você não pode dar respostas automáticas que vêm da parte primitiva do seu cérebro, precisa pensar antes de falar.

– Estou com preguiça de pensar agora, então me faça um favor: saia de perto de mim antes que eu me afunde ainda mais. Pode ser? – disse calmamente, sem irritação desta vez, para não perder mais créditos com a Supra.

A garota começou a ficar com o rosto vermelho e cara de choro. Reparei que suas mãos tremiam quando ela pegou o prato com salada transbordando e se levantou. Pelo menos ela tinha entendido o recado – que aliás, foi bem claro – e saiu sem dizer nem mais uma palavra. Valeu a pena ter perdido alguns pontos de crédito para me livrar daquela criatura. Mas, depois que ela saiu, me bateu um pouco de remorso, fiquei com dó. Só que a culpa era da própria Camila, que não tinha trava na língua nem desconfiômetro. Fiquei até com medo de olhar minha pontuação de crédito depois que a irritação passou.

Finalizei meu expediente e fui pegar a bike solar para ir ao Templo da Boa Vontade me encontrar com Os Sete, mas a bike não destravava. Aquilo não era um bom sinal. A seguinte mensagem apareceu na minha tela holográfica, no aplicativo de veículos de transporte: “Saldo insuficiente para utilização de bike solar”. *Que merda!*, pensei. Andei duas quadras até encontrar um

patinete solar, mas apareceu a mesma mensagem: “Saldo insuficiente”. O aplicativo mostrava que havia uma bicicleta comum disponível, a duzentos metros. Então caminhei essa distância para pegar uma bicicleta antiga, daquelas em que é preciso pedalar, usar a força do próprio corpo para mover a coisa que, por sinal, é pesada e lenta.

Cheguei ao Templo da Boa Vontade quase meia hora atrasado, suando horrores, pois não estava acostumado a exercício físico. Às pressas, fui até a Sala Egípcia.

Mônica abriu a porta antes mesmo de eu chegar. Ela estava me esperando com um sorriso no rosto. Fiquei mais tranquilo ao notar que não receberia um discurso moralista pelo meu atraso. Precisava recuperar meus créditos antes de voltar para casa, não queria ter de andar em uma bike primitiva de novo. Isso se eu ainda tivesse casa.

– Desculpem meu atraso – fui logo falando, ainda sem fôlego, em razão de todo o exercício que havia feito para chegar até ali. – Tive um imprevisto. É sério! Tem alguma coisa errada neste mundo – desabafei, novamente sem pensar. Eu estava meio sem foco.

– Lamento o ocorrido. E você tem razão: tem, sim, algo de errado neste mundo – disse Mônica, enquanto nos acomodávamos em nossas cadeiras egípcias.

Então ela continuou, como se tivesse adivinhado o que tinha acontecido, e como ela parecia ser médium, talvez tivesse mesmo adivinhado:

– Não é correto esse novo sistema socioeconômico. A evolução das almas desacelerou drasticamente com o novo sistema financeiro imposto por uma inteligência artificial para corrigir o

mundo. Uma inteligência artificial não tem inteligência emocional e espiritual, e acabou abrindo terríveis precedentes para a vaidade e a hipocrisia.

– É a primeira vez que ouço alguém dizendo isso, e concordo com tudo – disse, com sinceridade.

Então cumprimentei os outros seis médiuns que me esperavam na Sala Egípcia, sentados nas cadeiras, em círculo.

– Boa tarde, pessoal. E, mais uma vez, me desculpem pelo atraso.

– Nós entendemos seu atraso, meu jovem, e sabemos que a culpa não é sua – disse Francisco. E continuou: – As pessoas passaram a praticar o bem ao próximo em troca de regalias, e não pelo desejo real de querer que o outro esteja bem. Passaram a elevar suas emoções e suas mentes com técnicas conhecidas, não em busca da união com a Fonte, mas para ganhar créditos com a Suprainternet. Ainda há a fuga e o medo do autoconhecimento, mas agora essa fuga se esconde atrás de uma falsa espiritualidade. O mundo está muito mais pacífico, é claro, e mais justo, porém essa desaceleração da evolução humana nos preocupa.

– Não fique se achando pouco evoluído, Gael. Não sinta culpa por ter pouco crédito com a Supra – abordou Rafael. – Eu sou médium, pertenço a um nobre grupo que ajuda a humanidade, e meus créditos estão abaixo dos seus. Isso porque eu me aceito como sou, não engulo sapos, falo a verdade, por mais que doa, e a verdade acaba por me desfavorecer. A verdade me deixou pobre. E parece que é o que está acontecendo com você. Não se envergonhe de quem você é. Feio é a falsa humildade, a falsa espiritualização.

– Mas não se preocupe, vamos mudar esse sistema financeiro, e você vai nos ajudar – disse Larissa.

– O mundo ainda está longe de alcançar o ápice da regeneração, muitos neste planeta ainda estão em expiação e provas. A era da regeneração vai durar aproximadamente dezesseis mil anos, e está apenas no começo, ainda há muito a ser regenerado, ainda há muitos erros – disse Francisco, com sua voz rouca de Albus Dumbledore.

– Mas, mudando de assunto, vamos ao que interessa – começou Mônica. – A humanidade sofreu três feridas narcísicas: a primeira foi quando descobriu, por Nicolau Copérnico, que a Terra não era o centro do universo; a segunda ocorreu com a investigação biológica de Darwin, que roubou a aparente superioridade do homem sobre a especial criação e repreendeu-o com a descida ao reino animal; e a terceira se refere à pesquisa psicológica de Freud, que revelou que a consciência não é o centro da razão humana e que somos guiados por um estúpido sistema, que é o subconsciente. Cada uma dessas feridas criou uma mudança de paradigma no inconsciente coletivo, marcando uma expansão de consciência. Agora, estamos prestes a encarar mais duas grandiosas feridas narcísicas: a prova definitiva e incontestável da existência do mundo espiritual, e sua lei de karma e renascimento, e a prova da existência de extraterrestres, que vai tirar a ilusão dos humanos de que são seres inteligentes e únicos no universo.

– Tá falando sério? – perguntei, animado.

Eu não acreditava nem desacreditava nessa coisa de extraterrestres, mas fiquei muito empolgado com a possibilidade de eles existirem. Sempre gostei de filmes de ficção científica com alienígenas.

– Sim, estamos falando sério – respondeu Francisco. – Nossa missão neste momento é preparar o terreno para a chegada dos

nossos irmãos de outros orbes – o Dumbledore de *Harry Potter* falou com uma voz diferente e de um jeito todo estranho, como se fosse do século 19 ou coisa assim, devia estar possuído por algum espírito, e continuou: – Estás a se juntar a nós para que venha a criar um aparato comunicador com seres espirituais, e assim, com tais saberes, antes ocultos pela cegueira dos restritos sentidos humanos, o homem poderá dar o seu primeiro passo para aceitar nossos irmãos galácticos e se preparar para a chegada do último e destrutivo ceifador – concluiu ele.

Sério, juro que estava sentindo cheiro de museu e de coisa antiga no ambiente naquele momento.

– Entendi, vocês querem que eu crie um aparelho que se comunica com espíritos do além. – Uma coisa era certa: eles não entendiam nada de programação de software. – Desculpem, pessoal, mas eu trabalho com códigos matemáticos que nada têm a ver com espiritismo ou coisas assim. Não vejo como isso seria possível.

– É aí que se engana, Gael. Matemática tem a ver com tudo, e não apenas com o mundo material – informou Marta. – E, como já dissemos, iremos orientá-lo. Na verdade, nossos amigos espirituais vão conduzi-lo. É para isso que você está aqui. Hoje você receberá informações importantes. Dentre muitas coisas, vai aprender geometria sagrada, física quântica espiritual, eletromagnetismo e kabbalah holística. Vamos lhe dar todas as ferramentas necessárias para que desenvolva um software de comunicação com o mundo dos espíritos.

– Então tá! Se acham que é possível, não custa tentar. Vai ser interessante – respondi, meio cético. – Estou pronto. Se já quiserem começar... – falei, animado. Estava curioso para estudar todas aquelas coisas de que Marta havia falado.

Mônica fechou os olhos e parecia estar se concentrando para receber um espírito. Todos ficaram em silêncio, então achei melhor também ficar. Estava começando a me dar sono aquele clima zen. Mas, de repente, despertei totalmente quando Mônica começou a falar:

– Que a luz do Pai Oxalá nexa inxtante abenxoa voxeis, meus fios. Que cubra voxeis com a luz divina. Não vim aqui para enxiná, pois nada carece saber quem tem a xentelha divina no coraxão. Vim aqui para abrir as portas, movê as vendas. A porta da habitaxão do Eu xuperiô dos fios e fias. Tudo que precisá xabê tá noxeis. Vamos fechá noxos zóios, respirá fundo... – e continuou falando, guiando todos os presentes na sala a uma meditação profunda.

Fui fazendo tudo o que Mônica, ou melhor, o espírito que estava em Mônica, pedia. E não tenho palavras para relatar o que aconteceu. Cara, se existe Nirvana, foi o que senti. Entrei no Nirvana e demorei para perceber que estava soluçando de tanto chorar. A emoção foi do caralho! Ops, desculpem o palavrão. Naquele momento, eu me esqueci de todos os problemas. Eu me esqueci do meu crédito baixo com a Supra, de que poderia ser enviado a uma Clínica do Amor, até do meu nome eu me esqueci. Sério, não existia mais “eu”, o que existia era o “Eu”, unido com tudo o que existe. Foi a experiência mais intensa da minha vida. Pensei que os espíritos iriam me ensinar as coisas que precisava saber para criar um projeto de comunicação com o além, mas quem começou a me ensinar foi o “Eu” do futuro. E o mais bizarro foi que o “Eu” não me ensinou com palavras, mas sim com uma esfera luminosa colocada na minha cabeça. Foi só isso que o “Eu” fez: inseriu uma esfera de luz pelo topo da minha cabeça. Era como o personagem Neo do filme *The Matrix*, que fazia downloads de lutas no cérebro em questão de segundos. Apreendi

coisas bem complexas, decodificando aquela bola de luz em poucos minutos. Foi incrível!

Depois que a meditação acabou, voltei ao estado cerebral de vigília, enxuguei os olhos, que estavam cheios de lágrimas, e notei que sete pares de olhos me observavam. Pareciam orgulhosos de mim. O espírito que tinha estado em Mônica já havia ido embora. Naquele momento, senti um pouco de vergonha por ter chorado igual a uma criancinha.

– Se tínhamos alguma dúvida de que você poderia realmente ser o escolhido, agora não temos mais – disse Marta. – É bem raro ter a paranormalidade de dobrar a lei do tempo, Gael. Estamos felizes com a certeza de que encontramos o caminho certo.

– Paranormalidade? Então quer dizer que o “Eu” lá do futuro veio mesmo enfiar uma bola cheia de informações no meu cérebro? – perguntei, retoricamente. – Cara, foi muito louco! – Foi tudo o que eu disse, parecendo um idiota.

– Você recebeu uma mensagem muito extensa. Vai demorar algumas horas, talvez dias, até decodificar toda a informação – explicou Mônica. – Não se apresse. Agora você saberá o que fazer. Aguardaremos. Quando finalizar o seu trabalho, nos avise imediatamente.

– Claro! Eu meio que já decodifiquei algumas coisas. Já sei por onde começar – respondi.

– Que ótimo! – disse Mônica. – Então terminamos por hoje.

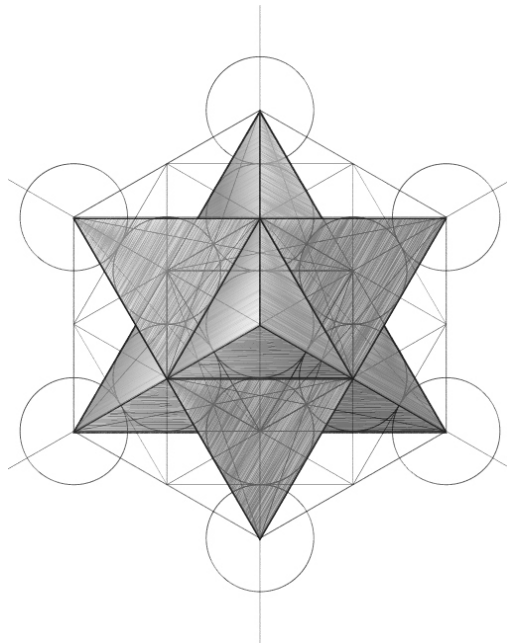
Saí do Templo da Boa Vontade num estado emocional tão de paz com a vida que tudo parecia perfeito. A bike primitiva estava no exato local onde eu a havia estacionado. Lógico, são raras as pessoas pobres como eu que precisam usar uma bike primitiva. Abri a tela holográfica, para verificar se havia conseguido créditos

necessários para ir embora de bike solar, e fiquei satisfeito com o que vi. Depois daquela meditação doida, acreditava ter ganhado uns pontinhos de crédito com a Supra, e foi o que aconteceu. Ao acessar meus créditos, vi que tinha obtido 34.4 pontos. Na verdade, pensei que tivesse aumentado bem mais. Afinal, eu meio que virei o Buda em pessoa por uns minutos. Não tinha ganhado tantos pontos de crédito quanto esperava, mas era o suficiente para ir embora de bike solar. Fiquei grato por aquilo. Não estava a fim de pedalar uma bike primitiva, pois estava bem cansado.

No caminho de casa me peguei pensando no insignificante aumento da minha pontuação de crédito após aquele evento todo. Eu achava que o estado emocional tivesse mais peso para a pontuação de créditos, mas parece que ser do tipo “zen o tempo todo” pesava muito mais. Ou seja, eu nunca seria rico. Eu não sou do tipo que abraça árvores por aí nem faz dança circular com os amigos. Eu gosto de jogos eletrônicos, de sistemas operacionais e animes. Estava fadado ao fracasso. Então, do nada, a esfera de luz que eu ainda podia sentir dentro da cabeça falou comigo: “*Se pensar dessa forma, assim será: um fracasso*”. Levei um susto e quase entrei debaixo de um UberFlut. Foi quando percebi que aquela esfera de luz passaria a falar comigo. Eu me senti um tanto esquizofrênico, mas achei legal.

Cheguei em casa exausto. Comi uma barra de cereal, tomei meu banho e desmaiei na cama.

CAPÍTULO 3



Durante a noite, sonhos muito doidos me mostravam como desenvolver o software para ser possível haver uma comunicação com os espíritos. Acordei aminado. Eu sabia como fazer! O segredo estava na frequência de ressonância magnética correta somada a uma tela plasmática de zeptatecnologia contendo cristais de apatita. Não daria para ser feito por zeptalente na tela holográfica, infelizmente, a menos que o ser humano ativasse sua glândula pineal, mas isso já não era problema meu.

Não era tão complicado para quem tinha as informações necessárias e entendia de tecnologia, como eu, então, muito animado com essas descobertas, levantei da cama antes que a zeptalente me acordasse e saí mais cedo para o trabalho.

Chegando à sede da Supraineternet, desta vez escolhi inusitadamente o ambiente zen. Nunca havia trabalhado naquele

local. Não tinha a menor afinidade com a galera que costumava ficar naquele espaço. Mas, nesse dia, meu novo e audacioso projeto de comunicação com o além exigia aquele ambiente de trabalho, que inspirava o lado mais espiritual do ser. Sei lá, acho que foi isso. Meu negócio é informática, dados numéricos, códigos matemáticos, e talvez por isso tenha escolhido a sala zen, para buscar um equilíbrio, e assim estimular o meu lado espiritual intuitivo.

A iluminação era baixa e amarelada, havia um tapete peludo bem grosso no centro do ambiente e música xamânica tocando em um volume que não atrapalhava a concentração. Várias almofadas convidativas estavam jogadas no tapete, onde a maioria das pessoas se acomodava para trabalhar. Eu escolhi me sentar num pufe em formato de gato preto. Conectei minha zeptalente ao computador central da Supra e rapidamente completei o trabalho pendente para entregar ao diretor do meu setor, assim eu poderia pedir autorização para começar meu audacioso projeto de comunicação com os espíritos.

Quando finalizei o trabalho pendente, em vez de entregá-lo por zeptamensagem ao diretor do setor de software – que era o normal a se fazer –, solicitei uma entrega pessoal para já aproveitar e apresentar meu pré-projeto de tecnologia de comunicação com espíritos.

A inteligência artificial do setor de software agendou minha reunião com o diretor para depois do almoço. Enquanto não chegava a hora marcada, eu fazia os últimos preparativos para a minha apresentação.

Estava finalizando a apresentação quando meu amigo Lucca sentou-se no chão perto de mim.

– E aí, cara? É a primeira vez que te vejo aqui. O que deu em você hoje? – perguntou, curioso.

– Sei lá, cara! Enjoei do outro ambiente – falei, sem lhe dar muita importância.

Normalmente eu escolhia trabalhar no ambiente monocromático futurista, todo branco e transparente, com um ar bem futurístico mesmo. Com certeza nunca ninguém havia me visto no ambiente zen, pois realmente era a primeira vez que eu trabalhava ali.

– Fico feliz por você. Não sei como aguentava todos os dias no mesmo ambiente – comentou Lucca.

Ele tinha a minha idade e era bem parecido comigo em vários aspectos. Tinha um caso com um garoto todo *zen-não-sei-das-quantas* que adorava aquele lugar, por isso ele sempre estava por lá; assim podia ficar de olho no *crush* dele. Lucca também trabalhava com software. Seu apelido era Cochilão, porque depois do almoço costumava dormir mais de três horas na cápsula da sala de cochilo antes de voltar ao trabalho. Mas isso nunca prejudicou seu desempenho, pelo contrário.

Lucca ficou ali por pouco tempo e logo retornou a seu posto, então voltei a me concentrar no trabalho. Estava ali, trabalhando em paz, quando Camila entrou carregando um copo contendo alguma coisa verde. Ela veio direto na minha direção.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou, sem nem me cumprimentar. – Quero dizer, fico feliz que tenha escolhido um ambiente mais agradável para trabalhar. Enfim, droga, não era para eu falar nada com você. Só vim te entregar este suco – disse, esticando o braço e me passando o copo.

Observei que havia um post-it cor-de-rosa colado no copo, e alguma coisa escrita nele. *Recadinho, arg!* Nem tive tempo de dizer que não queria o suco, ela meio que me fez pegar o copo e sumiu sem dizer nada. *Estranho. Será que ela está com dor de garganta de tanto falar?*, pensei.

Eu fiquei olhando aquele líquido verde-musgo gosmento dentro do copo, tentando adivinhar o que deveria ser aquela coisa com cheiro de capim. Lucca olhava para mim e ria.

– Isso mesmo – comecei –, vai rindo da desgraça dos amigos e você vai ver onde sua pontuação de crédito com a Supra vai parar – ameacei, brincando.

– Cara, essa mina tá em total *crush* por você – disse Lucca.

– Nada a ver, irmão. Ela tá querendo me ferrar, isso sim! Ontem perdi mais de 5 pontos de crédito por causa dela.

– Ela tá apaixonada. Como você não vê? O que está escrito no bilhete de amor? – perguntou, me sacaneando, olhando para o post-it cor-de-rosa colado no copo.

Ignorei o comentário e peguei o bilhete: *“Suco de passiflora com capim-limão e couve”. Eca! “Para equilíbrio emocional”*. Qual será o problema dessa garota maluca?

– E aí, o que está escrito? – perguntou Lucca, ainda com cara de sarcasmo.

– Suco para equilibrar as emoções. Eu te disse, essa garota tá querendo me ferrar. Quer desequilibrar minhas emoções jogando na minha cara que sou um desequilibrado. Entendeu?

– Sei?! Entre tapas e beijos, bem coisa de gente apaixonada mesmo – disse ele, rindo.

Eu ignorei a ironia de Lucca e voltei a trabalhar, deixando o copo com a gosma verde numa mesa de apoio ao meu lado.

Terminei de preparar a apresentação do pré-projeto e já comecei o esboço teórico. Fiquei tão absorto que me esqueci de almoçar. Só fui me dar conta de que tinha perdido o almoço quando a zeptalente me avisou de que faltavam dez minutos para eu me apresentar ao diretor. Eu estava com fome, então não tive outra alternativa senão beber o suco que a Camila havia me dado. Não era tão ruim, até que deu para encarar. Melhor do que desmaiar de fome na frente do chefe.

Peguei o elevador e subi até o quinto andar, para ir à sala do diretor Artreio, o líder do meu setor. Era uma sala pequena, mas confortável e bem moderna. Eu me apresentei para a secretária e me sentei, para esperar ser atendido.

Não demorou muito e já estava no sofá ao lado do diretor Artreio, um homem de uns trinta e poucos anos, moreno, bem alto e simpático.

Depois de me cumprimentar, ele disse:

– Imagino que seja algo importante, ou não teria vindo pessoalmente.

– É, sim. Bem, além de entregar o trabalho e pedir desculpas pelo atraso, eu queria apresentar um pré-projeto de uma tecnologia bem... – Eu não encontrava a palavra certa – ... audaciosa – concluí.

– Estou à sua disposição, Gael. Mostre-me esse tal projeto audacioso.

Eu abri a minha tela holográfica de compartilhamento e iniciei a apresentação da forma mais científica possível, para não parecer

um maluco. No início, Artreio estava recostado na poltrona sem expressar qualquer emoção, mas, em dado momento, quando comecei a explicar sobre física plasmática zeptoide e a conexão com a dimensão da espiritualidade, ele se moveu para a frente, parecendo bem interessado, e aproximou-se da tela holográfica. Ele parecia fascinado, isso sim. Quando terminei a apresentação, Artreio se levantou e começou a andar de um lado para o outro. Demonstrava estar meio ansioso ou coisa assim, mas, na verdade, estava empolgado.

– Faz ideia do que acaba de me apresentar? Ou seria “presentear”? – perguntou ele retoricamente. – Essa seria a maior descoberta da humanidade! Isso mudaria o mundo, pois modificaria a forma de pensar. Isso é grandioso, Gael. Se realmente funcionar, claro – concluiu, empolgado.

– Fico feliz que tenha gostado. Então, acho que isso quer dizer que posso começar a trabalhar no projeto?

– Calma, calma. Você não entende a grandiosidade disso. Teremos que montar uma grande equipe. Um setor inteiro para desenvolver esse projeto. E é claro que você estará ocupando a posição de liderança nisso tudo. – Ele ainda estava em pé, e andava de um lado para o outro enquanto falava e pensava ao mesmo tempo. Fiquei bem animado com a ideia de eu estar na posição de liderança de um setor inteiro. – Primeiro, preciso mostrar esse seu projeto para o diretor-geral da Supraineternet. Provavelmente haverá reuniões sobre o assunto, nas quais você terá de estar presente. Então vamos montar uma equipe, uma grande equipe, com os melhores profissionais da Supra. Você mostrou esse pré-projeto para mais alguém? – perguntou preocupado.

– Não. Você é o primeiro a ver – respondi. Refleti um pouco e decidi ser honesto, contando a ele tudo que havia acontecido: – Na

verdade, a ideia não foi bem minha. Um grupo chamado Os Sete, que se dizem precursores da Terceira Realidade, me procurou. É um grupo de sete médiuns, e eles me ajudaram a pensar em como desenvolver essa tecnologia.

– Os Sete? Nunca ouvi falar. Muito interessante. Precisamos deles no desenvolvimento desse projeto também, já que a ideia inicial partiu deles, certo!? Vamos fazer o seguinte: vou agendar um horário com toda a diretoria-geral e convocar você e Os Sete para essa reunião, que ocorrerá muito em breve, pois vou abrir pedido de urgência. Temos de patentear essa descoberta o quanto antes, pois é algo inédito e incrível! Passe para mim o pré-projeto e logo entrarei em contato com você e Os Sete.

– Ok – respondi e enviei imediatamente o pré-projeto e o contato de Os Sete para a zeptalente de Artreio.

Antes que eu saísse pela porta, Artreio me disse:

– Ah, mais uma coisa, Gael... – Eu parei para ouvir. – Não comente com ninguém sobre esse projeto. Tudo bem?

– Claro, sem problema.

Já no elevador, que descia para o patamar onde eu trabalhava, ouvi a esfera de luz falando em minha mente: *“Nem sempre percorremos o caminho que projetamos”*. A princípio, não entendi o que a esfera de luz estava tentando me dizer. Somente depois de morto eu entenderia o recado. Quando fosse tarde demais.

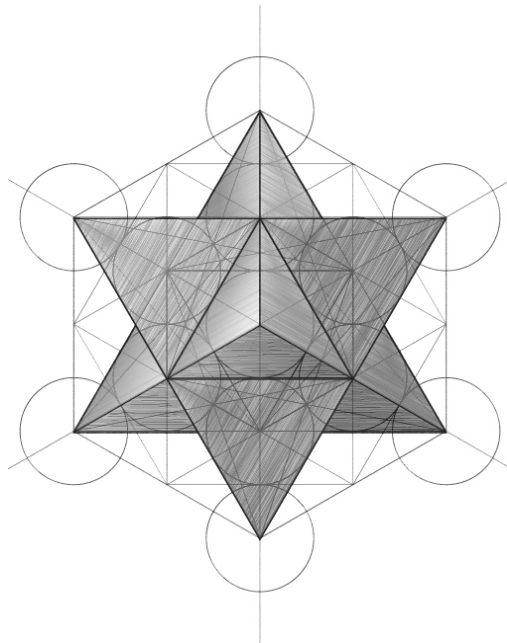
E esse foi o início do meu fim.



** REGISTROS AKÁSHICOS **

MEMÓRIAS
DE MADHU

CAPÍTULO 4



Nave Shandi33, na órbita de Júpiter.

Eu estava animada para finalmente fazer parte da tripulação do setor de Segurança Intergaláctica Espacial da nave Shandi33, agora como uma verdadeira profissional capacitada, e não mais como uma adolescente humana a quem ninguém levava a sério e em quem ninguém confiava.

Foram três anos do tempo de Shandi33 para eu me formar em Segurança Intergaláctica. Depois de formada, fiz um estágio bem trabalhoso em Drocon, na constelação de Órion, um planeta que acabou de iniciar seu projeto de centro de expiação e provas, e para onde alguns humanos – que antes viviam no planeta Terra – eram enviados para recomeçar a vida.

O propósito da missão em Drocon foi libertar os primitivos daquele planeta da escravidão cruel imposta por alguns

draconianos que ali se instalaram sem a autorização da Confederação Intergaláctica Espacial. Acabamos entrando em uma guerra bem difícil. Os draconianos têm armas muito poderosas, mas nossa missão foi bem-sucedida. Libertamos Drocon para começar a receber as primeiras almas humanas provenientes do planeta Terra.

Hoje, finalmente receberei minha primeira missão efetivada como agente da segurança intergaláctica de Shanti33.

Desde que minha melhor amiga, Liv, foi embora de Shandi33 para uma nave um pouco menor, a Shandi11, com o intuito de receber o preparo necessário para viver no planeta Terra, eu passei a morar sozinha em nossa casa em Shambala, na Ala dos híbridos.

Uma de minhas muitas almas gêmeas, Willy, meu parceiro e também melhor amigo na nave, aceitou uma missão muito nobre de encarnar no planeta Terra para ajudar os humanos em sua reestruturação. Foi um grande sacrifício que ele fez para ajudar o planeta Terra e a nossa galáxia. Willy escolheu nascer no Brasil, em uma família muito bem estruturada emocionalmente, que cuida dele com muito amor. O combinado era que, quando Willy completasse dez anos de idade, no tempo do planeta Terra, eu também encarnaria e nós nos encontraríamos e ficaríamos juntos, cumprindo a missão de construir uma nova sociedade de fraternidade.

Éramos apenas eu e Bastet – minha gata preta – vivendo juntas em minha casa em Shambala. Eu gosto de Shambala, não quis morar na Ala9 – a Ala da Segurança Intergaláctica –, como a maioria dos agentes de segurança.

Bastet parecia saber que eu estava prestes a me ausentar por um bom tempo. Enquanto eu colocava o uniforme de agente da

segurança, ela me observava, sentada, com olhos acusativos, e disse: “Você deveria ficar aqui comigo”.

Conseguir se comunicar com animais, vegetais e minerais era uma das partes interessantes de ter a consciência em um corpo zeptoide. Eu era capaz de decodificar a ressonância magnética emitida de tudo o que existe. Inclusive, era dessa forma que eu pilotava as naves da confederação: podia me comunicar telepaticamente com cristais de creptina.

“Deixe de ser trágica, Bastet! Sei muito bem que você adora ficar com os Rishis. Você não vai ficar abandonada” – respondi, telepaticamente.

Os Rishis eram os semideuses, que no início da era de escuridão na Terra e na queda de Atlântida encarnaram no planeta Terra para escrever os Vedas e, dessa forma, ajudar a humanidade a conhecer a verdade que lhe fora ocultada. Eles viviam em Shandi33, na Ala11, uma belíssima ala com muita vegetação. Os Rishis são grandes amigos do povo arbóreo e alguns vivem com eles. Também amam os animais e sempre recebem Bastet com muito amor. Bastet tem acesso livre para entrar na Ala11, ou sair dela, quando bem quiser. Nem eu tenho acesso livre àquela ala.

“Estou tentando protegê-la” – retrucou Bastet, num miado agudo.

“Não precisa. Ficarei bem” – tentei tranquilizá-la.

Fiz um carinho em sua cabeça e saí.

Estava me sentindo orgulhosa de sobrevoar Shambala numa vimanaxi, usando o uniforme de agente da segurança intergaláctica, efetivada, pela primeira vez. O uniforme impunha respeito e era lindo; um macacão preto, muito flexível, à prova dos lasers mais poderosos de que temos conhecimento, e com o

dodecaedro dourado em formato de estrela, no lado direito do peito: o símbolo de Shandi33.

Era uma longa viagem de Shambala até a Ala9 – o setor de Segurança Intergaláctica –, como se fosse o trajeto até outra cidade. Era preciso pegar três transportes diferentes para chegar até lá.

Chegando à Ala9, fui até a sala de projeção holográfica, onde ocorreria o briefing da missão que me seria atribuída. Até então, eu não fazia ideia de qual seria. A sala estava cheia de diversas espécies de alienígenas de diferentes orbes e naves, todos em imagem holográfica, conectados para participarem da reunião. As únicas pessoas físicas na sala eram os agentes de segurança intergaláctica e a comandante da Segurança Intergaláctica, Shavanna, uma reptiliana robusta e alta, muito sábia e amorosa, apesar da aparência física amedrontadora.

Observei que, dentre os presentes, para acompanhar o briefing da nova missão da Segurança Intergaláctica, também estavam o misterioso capitão da nave Shandi33 – o capitão Mastara, um humanoide serpente –, a sábia conselheira Tarala Shanata – uma gentil siriana pura, que é minha mãe de alma –, e Behosa Prakasa, o cientista chefe de Shandi33, um siriano puro. Só então me dei conta de que a missão seria muito importante, pois aquelas eram pessoas renomadas.

O decodificador telepático foi aberto e a reunião teve início. Tarala Shanata foi quem começou a falar:

– Amados irmãos, guerreiros da Fonte Criadora, vocês foram convocados porque nos deparamos com um imprevisto na implantação da Terceira Realidade na Terra.

– Ah, não! Outro imprevisto? – pensei alto demais, e todos ouviram meu pensamento. – Ops, peço que me desculpem. – falei, sem jeito. Ainda não estava acostumada com a comunicação telepática em grupo. Tentei me concentrar para não pensar alto, e então Tarala continuou:

– Os draconianos encontraram uma forma de penetrar no novo sistema tecnológico de rede interligada instalado no planeta Terra. Esse sistema rege a sociedade econômica humana do planeta, e agora, novamente, estão no controle da humanidade.

– Como conseguiram penetrar as barreiras do escudo Crístico?
– perguntou um insectoide, semelhante a um gafanhoto gigante, cujo nome era impossível de pronunciar.

– Ainda não sabemos. Tememos que tenham descoberto o código secreto de teletransporte invisível, mas ainda não temos certeza. O problema é que a humanidade está novamente nas mãos dos draconianos que se autoneameiam Iluminates. Muitos humanos caíram na armadilha ardilosa dos draconianos: a vaidade. Eles se envaideceram com a ilusão de serem espiritualizados, refugiaram-se na falsa espiritualidade e sofrem de uma escravidão tecnológica sem perceberem. Mas, como bem sabem, isso não é aceitável em um planeta de regeneração. Os draconianos precisam ser retirados imediatamente do planeta Terra. Eles já cumpriram a vontade da Fonte, de revelar a fraqueza, a vaidade e a hipocrisia que se escondiam na falsa espiritualidade de alguns humanos. E agora acabou o trabalho deles. Precisam ser retirados da Terra.

– E qual será a estratégia? – perguntou uma belíssima humanoide felina, negra como uma pantera e com olhos dourados enigmáticos, muito parecida com minha gata Bastet.

– Vamos colocar em ação o que inevitavelmente viria nessa transição planetária – explicou Behosa Prakasa, cientista chefe da

Shandi33.

– O deslocamento das placas tectônicas! – adivinhou a felina negra. – Seria mesmo necessário algo tão drástico neste momento?

– Vocês sabem que essa mudança é inevitável, e aconteceria de uma forma ou de outra. – Foi Behosa quem respondeu. – Muitos humanos se acomodaram no processo evolutivo, como já suspeitávamos, voltaram a se apegar a velhos hábitos. É chegada a hora do último e mais poderoso ceifador entrar em ação. A última colheita será feita. E, com a Terra limpa, não haverá mais como os draconianos permanecerem no anonimato. Por mais avançada que seja a tecnologia que venham a desenvolver, nada vence um ser conectado com a Fonte de Luz. A Luz tudo vê, tudo ilumina e, assim, toda a verdade é revelada. Dela nada se esconde. Só assim, de fato, se iniciaria a Nova Terra. O planeta Gaia despertará após um longo período de sono. Gaia está ansiosa para acordar.

– Sou o guia espiritual de Mônica, um dos membros de Os Sete, os precursores da Terceira Realidade na Terra – começou a dizer um ser espiritual humanoide luminoso sem rosto. “Os Sete” devia ser algo importante, pois todos sabiam do que se tratava, menos eu. O guia espiritual de Mônica continuou: – O problema é muito mais grave do que pensam. Os Sete estavam preparando um rapaz chamado Gael para desenvolver a tecnologia de comunicação espiritual na Terra. Depois que a informação caiu nos ouvidos do diretor-geral da Suprainternet, que é um dos draconianos disfarçados na Terra, o garoto Gael foi encontrado morto em seu apartamento, e o caso foi dado como suicídio, mas sabemos que não foi o que aconteceu. Ele foi assassinado pelos homens de preto, os agentes dos draconianos. O jovem Gael está bem, foi acolhido e está feliz por ter se libertado de um sistema

que, para um garoto como ele, era injusto. E o pior, meus amigos, muito pior: Os Sete desapareceram.

– O que você quer dizer com “desapareceram”? Ninguém desaparece! – exclamou uma humanoide azul e alta.

– Os Sete foram pegos numa armadilha, tão ardilosa que nem seus mentores espirituais a conseguiram prever ou dela suspeitar. – respondeu Behosa. – Eles foram a uma suposta reunião na sede da Suprainternet, mas havia uma espécie de escudo no edifício, que bloqueou a entrada de seus mentores espirituais. Desde então, Os Sete nunca mais foram vistos.

– Então eles ainda devem estar dentro do tal edifício – supôs a humanoide azul.

– Não estão. Conseguimos romper o escudo, mas era tarde demais. Eles haviam desaparecido. Rastreamos toda a galáxia e não os encontramos – completou Behosa.

– Existe alguma hipótese do que pode ter acontecido? – perguntou o insectoide gafanhoto.

– É por isso que estão aqui, meus irmãos – interveio Tarala –, vocês são os maiores cientistas desta galáxia. Precisamos que descubram o que aconteceu com Os Sete.

Vários dos alienígenas começaram a levantar hipóteses ao mesmo tempo:

“Viagem no tempo...”

“Sugados para outra dimensão...”

“Congelados em nave com escudo...”

“Devem estar em uma galáxia distante...”

O capitão Mastara levantou a mão e disse com sua voz chiada, fazendo com que todos se calassem:

– Basta! Temos ainda muito o que discutir.

– Tem mais? – pensei alto demais, novamente, sem querer.

Shavanna, a comandante reptiliana do Setor de Segurança Intergaláctica, finalmente tomou a palavra:

– Os cientistas estão sob o comando de Behosa. Devem se reunir agora, na Ala16, no auditório de Behosa. Quanto aos membros da segurança intergaláctica, continuem aqui.

As imagens holográficas dos cientistas e alguns membros de outros setores de Shandi33 se desligaram e Shavanna não perdeu tempo, foi logo perguntando:

– Vocês entenderam a gravidade da situação? Têm alguma dúvida?

Eu não sabia nem por onde começar. Tinha várias dúvidas.

– O que seria esse tal de inevitável deslocamento das placas tectônicas? O que vai acontecer? E quando? – Foi minha primeira pergunta. Eu já suspeitava quanto ao que seria, e estava com um pouco de receio de estar certa.

– A cada ciclo do planeta, há um reajuste das placas tectônicas. Na última transição planetária, o continente Atlântida foi submerso, e agora Atlântida vai ressurgir. Haverá muitos terremotos e tsunamis. E é por isso que a missão de Os Sete era tão importante, a tecnologia de comunicação com a espiritualidade salvaria muitas vidas, as quais, sem ela, serão perdidas desnecessariamente. Não sabemos quando acontecerá, mas sentimos que o momento está próximo, e isso não é decisão

nossa. Quem decide são nossos irmãos projetistas do sexto plano existencial junto com a Fonte Criadora.

– O que são Os Sete? – perguntei.

– Um grupo de sete médiuns muito habilidosos voltados para o trabalho da Luz. Cada um deles representa um plano da existência. Eles nasceram na Terra com a missão de ser o veículo material a serviço da Fonte Criadora.

São os precursores da Terceira Realidade, e responsáveis pela união dos sete planos existenciais, acabando de vez com a polaridade – respondeu Shavanna.

– Eu pensava que a pandemia de 2020, a queda da comunicação em 2023 e o colapso econômico financeiro já fossem mais que suficientes para impulsionar as mudanças – comentei, chateada.

Eu realmente pensava que agora teríamos apenas de reestruturar a sociedade terrestre, que o pior já havia passado.

– Não será o caos para aqueles que não atraem o caos por ressonância, Madhu. Willy ficará bem – disse Shavanna, lendo em meus pensamentos mais profundos minha preocupação com Willy, que estava encarnado na Terra e ali estaria durante a mudança geográfica do planeta. Shavanna continuou: – Será a última colheita, pegando os que usam a falsa espiritualidade como um salvamento egoísta, e não por mérito de uma alma realmente fraterna. – E então ela passou a distribuir missões: – Govinda, você e sua equipe vão proteger os cientistas, permanecerão a serviço deles. Eles vão precisar de toda a proteção possível. Cryan, você ficará responsável por mapear as galáxias mais próximas e o vazio entre dimensões em busca de alguma pista quanto ao paradeiro de Os Sete. Lufa, você e sua equipe, exceto Madhu, vão viajar para dimensões paralelas em busca de Os Sete.

– Por que exceto eu? – Eu tive que interromper.

Queria muito trabalhar naquela missão, ainda mais viajando para outras dimensões. Seria incrível! E estava predeterminado que eu sempre faria parte da equipe de Lufa, um ser insectoide abelha com quem tinha muita afinidade.

– Tenho outra tarefa para você. Aguarde a sua vez, Madhu. – Ela pediu, e então continuou: – Tistã e sua equipe vão espionar para tentar descobrir quais são as novas tecnologias dos draconianos e seus planos. Temos que ficar um passo à frente deles. Não podemos mais ser pegos de surpresa. – E então ordenou, voltando-se para mim: – Madhu, você voltará ao planeta Terra imediatamente, com esse mesmo corpo zeptoide, porém disfarçada de humana. Sua missão será proteger a garota que vai desenvolver a tecnologia que Gael começou a criar. O nome dela é Camila. Se desconfiarem do plano, os draconianos tentarão impedi-la de qualquer forma, como fizeram com Os Sete e Gael, e dar fim ao projeto. Não deixe que isso aconteça. Há muito pouco tempo você foi terráquea, por isso lhe confio esta missão, pois você saberá agir com naturalidade, como uma terráquea, e ninguém suspeitará de nada.

Depois da reunião, recebi um relatório bem detalhado da minha missão no planeta Terra. Sendo novata como agente de Segurança Intergaláctica, me foi designada a tarefa de proteger uma humana de draconianos encarnados como humanos. Mesmo querendo uma missão mais ousada, fiquei feliz em simplesmente ter uma missão. Eu estava animada.

Após uma semana de treino e preparativos, eu estava pronta para descer à Terra. O cientista robótico mais habilidoso de

Shandi33, Boston, fez ajustes na aparência física do meu corpo zeptoide para que eu ficasse o mais semelhante possível a uma jovem humana.

Boston implantou em mim a zeptalente humana conectada à Suprainternet dos humanos. Imediatamente eu adquiri 99.6 pontos de crédito com a Supra.

– Você vai ter que baixar um pouco seu padrão emocional para poder diminuir a pontuação de crédito, ou chamará muita atenção na Terra e poderão suspeitar – advertiu Boston, com sua voz fanhosa.

– Tudo bem. Quando eu estiver na Terra, naturalmente meu padrão emocional vai cair – disse a ele.

Tudo preparado. Com meus créditos, consegui um bom lugar para morar em Brasília. O plano estava pronto. Tudo estava bem arquitetado e com certeza daria certo.

No dia da partida para o planeta Terra, fui ver minha mãe de alma, Tarala Shanata, que vive em um castelo de diamantes, em Shambala. Tarala sempre me recebia de braços abertos. Normalmente, quando eu a visitava, nós nos sentávamos em frente à lareira de chamas frescas e aromáticas, tomávamos chá de lótus e conversávamos. Mas, nesse dia, Tarala me levou para a imensa sacada da torre mais alta do castelo, apontou para a vista do lado de fora e disse:

– Olhe!

Eu me aproximei da sacada e fiquei admirada com o horizonte à minha frente. Não era Shambala, mas uma Nova Terra. Era um planeta Terra radiante e moderno, cuja vegetação exuberante permeava, numa simbiose perfeita, belas arquiteturas de vidro, ovais e de formato curvilíneo, com exuberantes cúpulas.

Era um planeta Terra radiante e moderno, cuja vegetação exuberante permeava, numa simbiose perfeita, belas arquiteturas de vidro, ovais e de formato curvilíneo, com extraordinárias cúpulas. Era a simplicidade do necessário, com a tecnologia e a exuberância da natureza farta, integrados com perfeição. Era o planeta Terra!

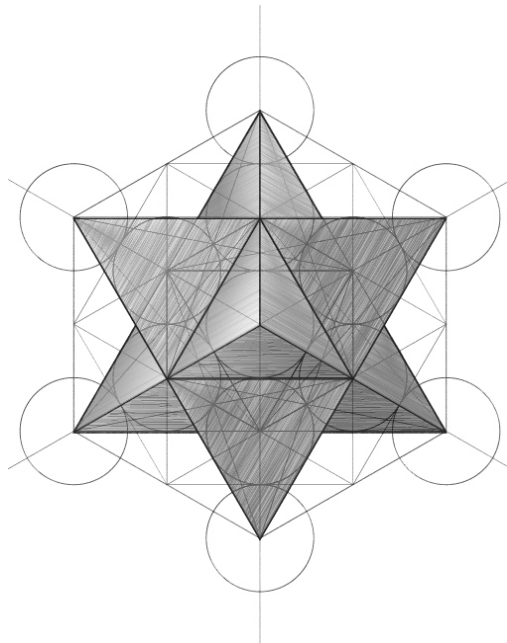
– Incrível! – Foi tudo o que consegui dizer, emocionada em ver tamanha beleza e harmonia, semelhante à harmonia e beleza de Shambala.

– É isso que está construindo, minha filha. Esse será o fruto de todo o seu sacrifício e de toda a sua luta. Um dia voltará a nascer neste planeta, que será chamado de Nova Terra; Mãe Gaia. E então usufruirá dos frutos que plantou.

Eu entendi o recado. Tarala tinha um jeito único de passar mensagens, que aprendi a interpretar convivendo com ela. Ela sempre me fazia ver a verdade dentro de mim. O recado era claro: minha missão não seria tão fácil como eu estava pensando. Eu enfrentaria desafios difíceis, mas teria de me manter forte, focada no propósito maior de elevar o planeta Terra a uma condição superior, ainda inimaginável para qualquer terráqueo. Se eu contasse o que havia visto no futuro da Terra, nenhum terráqueo jamais acreditaria. Parecia um futuro muito distante, fora da realidade e impossível. Mas nada é impossível e distante quando é da vontade da Fonte Primordial de Amor, que faz milagres incríveis acontecerem. E esse futuro estava a um passo dos humanos de boa vontade. Ah, se eles soubessem... Começariam a viver pulando de alegria e cantando o dia todo.

Eu me despedi de Tarala e parti para a minha jornada, de volta ao planeta Terra.

CAPÍTULO 5



A volta ao planeta Terra foi difícil e dolorosa, pois eu não estava mais acostumada à psicosfera densa de um mundo de expiação e provas. Senti que a Terra ainda estava distante da regeneração. Os seres de regeneração ainda eram minoria no planeta, mesmo após a passagem de três ceifadores. Não queria nem imaginar o estrago que faria o último ceifador se ele surgisse naquele momento. Pensei na misericórdia divina, em como o amor da Fonte por sua criação é incompreensível e imensuravelmente grande. A humanidade estava recebendo todas as oportunidades possíveis para ficar em uma Terra de regeneração.

Eu estava havia apenas um dia no planeta Terra, já instalada na minha casa em Brasília, acostumando-me àquela realidade. A densa psicosfera do planeta fez meus créditos caírem para 97.9 pontos, mas ainda era uma pontuação muito alta para uma jovem terráquea comum. Precisei me concentrar e baixar meus créditos

um pouco mais, e consegui chegar a 89.9 pontos de crédito. Foi o mínimo a que pude chegar sem me desconectar da Fonte. Abaixo dessa pontuação, meu subconsciente passaria a me controlar e eu teria dificuldade em manter meu estado mental theta em consciência.

A minha primeira tarefa era tentar me aproximar de Camila para conquistar sua confiança e amizade. Todos os dias, após o expediente na Suprainternet, Camila se juntava a um grupo de amigos para plantar árvores em locais devastados, então me inscrevi como voluntária e me juntei ao grupo, que me acolheu de forma bem amigável.

Cheguei pontualmente ao local de plantio de árvores, um espaço onde antes era uma fazenda de gado. Logo me apresentei à líder do grupo, uma senhora muito gentil, com olhos amorosos. Antes de iniciar o plantio, nos unimos em oração e depois tivemos quinze minutos para abraçar uma árvore, assim poderíamos nos conectar com a natureza. Fiquei bem absorvida naquele bom astral, na oração. Naquele momento, nem me lembrava de que estava ali para me aproximar de Camila, apenas aproveitei a realidade, reconectando-me com a Terra.

Escolhi abraçar uma linda jabuticabeira.

– Hum... que interessante – disse a jabuticabeira quando a abracei. Então passamos a conversar telepaticamente.

– O que é interessante? – perguntei a ela, abraçada ao seu tronco robusto e forte.

– Você não é daqui, não é, menina? De onde vens? Hum... sinto que vens de longe, porém conheces bem Gaia. Não é? Assim como eu, já mergulhaste no coração de Gaia. Seja bem-vinda de volta – disse a jabuticabeira. Era uma árvore bem sábia.

– Obrigada – respondi.

E naquele abraço gostoso eu me conectei diretamente com a Fonte Criadora, pedindo a ela que derramasse o amor divino sobre aquela sábia árvore. E assim foi feito. Uma grande onda cósmica caiu sobre a árvore, envolvendo-a do mais puro amor e de muita vitalidade. Suas folhas vibraram e chiaram mesmo não havendo vento naquele momento.

Depois de ter me despedido de minha amiga jabuticabeira, rapidamente localizei Camila no grupo. Foi fácil identificá-la, sua ressonância chamava atenção, ou melhor, gritava por atenção. Ela era a mais animada e falante do grupo. Esperei que ela ficasse sozinha e então me aproximei para puxar assunto. Camila estava abraçada a uma jovem árvore quando cheguei perto dela.

– Essa árvore já te conhece. Ela gosta de você – disse a ela com sinceridade, o que senti em meu coração.

Camila imediatamente sorriu e falou:

– Sério? Você consegue sentir a *vibe* das plantas? – Pareceu uma pergunta retórica, pois ela não me deu chance de responder e continuou falando: – Ah, isso é muito incrível! É, somos velhas amigas. Eu e essa árvore temos histórias juntas...

Logo o jovem ipê-branco que ela abraçava se manifestou:

– Ah, sim, foi ela quem me plantou. Gosto dela.

Camila não ouvia sua amiga árvore falando e continuou:

– Dei a ela o nome de Vitória. É bem vitoriosa, pois passou por uma tempestade muito violenta quando era apenas um broto, e sobreviveu. Gosto de gente assim, que aguenta firme e sobrevive. Não gosto de pessoas que desistem da vida. Os suicidas, por exemplo. Preciso trabalhar isso em mim. Eu tinha um amigo que

se matou, acredita? Não me conformo. Às vezes, penso que foi minha culpa não perceber que ele tinha problemas maiores do que eu imaginava. Não pude salvá-lo. Mas o que tenho de trabalhar mesmo é o perdão, fiquei chateada por ele ter se matado. E sabe por que ele se matou? – Também foi uma pergunta retórica. Ela estava falando sem parar, e lembrava muito a minha amiga alienígena, Liv. – Só porque seus créditos com a Supra estavam muito baixos e ele não conseguia ser uma pessoa melhor para aumentar a pontuação. Eu tentei ajudar, mas falhei. Nem achei que o caso fosse tão sério.

Ela parecia chateada. Estava se referindo a Gael, o garoto que os draconianos mataram para que a tecnologia de comunicação com o reino espiritual não ocorresse. E continuou falando coisas aleatórias, sobre tudo o que lhe vinha à cabeça. Ela não era parecida com Liv, era pior!

– Você é nova aqui, né? Qual o seu nome? – Enfim me perguntou.

– Meu nome é Madhu. Sou nova na cidade. Vim de São Roque, em São Paulo. Você tem certeza de que seu amigo se matou? – perguntei, para entender o que ela sabia sobre o ocorrido.

– Sim! Chocante, né? Ele tomou uma superdose de tranquilizante com a intenção de morrer e conseguiu o que queria, puf, empacotou. Não me conformo. Ele era muito inteligente e bonitinho. Não bonito do tipo beleza convencional, entende? Era bonitinho de um jeito bem único. Era meio desengonçado e vivia descabelado, tinha seu charme, um desperdício de vida. A vida é muito preciosa, e não saber dar valor a algo tão precioso é revoltante, não é mesmo? – Outra pergunta retórica. – Mas vamos andando enquanto a gente conversa. Tchau, Vitória! – Ela se despediu do ipê-branco e começamos a caminhar. Aquilo não era

uma conversa, e sim um monólogo. – Agora nós temos que pegar as mudas para plantar... – E continuou falando sem parar.

Camila falou o tempo todo enquanto plantamos as mudas das árvores lado a lado. Ela só ficou em silêncio quando a dança circular começou, pois era um momento de meditação ativa e não se podia falar, era preciso se concentrar na dança. Após o plantio das árvores nativas, sempre havia a dança circular de despedida. Assim que acabou, ela voltou a falar. Descobri que eu sou uma boa ouvinte. Às vezes, pegava uma ou outra pessoa olhando para mim com cara de pena, por eu ter de ouvir a Camila tagarelar. As pessoas pareciam querer fugir dela, e era compreensivo, mas eu não me incomodava em ficar ouvindo. A maior parte das coisas eu não ouvia, porque me desligava para entrar na Fonte Criadora e descansar a mente.

– E então, onde você está morando? Posso te dar uma carona. Tenho créditos para ter meu próprio flut. – Gabou-se, mas não vi maldade naquilo.

– Eu também tenho meu próprio flut. Estou morando sozinha no Jardim Botânico, na Colmeia – respondi.

Colmeia era o nome de uma construção moderna, cujas casas tinham as fachadas com formato hexagonal, sobrepostas umas às outras, formando uma imensa colmeia dourada. O complexo de moradia ficava bem no centro do Jardim Botânico, rodeado de floresta virgem. As casas eram de alto padrão tecnológico, modernas e muito iluminadas. Somente pessoas com muita pontuação de crédito com a Supra conseguiam morar na Colmeia.

– Espera aí! Você mora na Colmeia? – Curiosa e surpresa, Camila abriu sua tela holográfica para ver a minha pontuação de créditos, buscando a informação no meu perfil virtual. – Caramba! Você tem 98.2 créditos! Pode morar até na Lua, se quiser! Nunca

conheci alguém com tantos créditos. – Ela estava impressionada. Notei que se sentiu um pouco intimidada com minha pontuação de crédito, pois até parou de falar e ficou me olhando com cara de espanto.

– Você quer conhecer minha casa? – perguntei. – Podemos jantar juntas e depois eu te levo de volta para sua casa.

Eu já tinha traçado na mente um bom plano para me aproximar de Camila.

– Tá brincando? É claro que eu quero! Nunca pensei que um dia fosse conhecer a Colmeia por dentro. Eu te sigo com meu flut, aí você não precisa se preocupar em me levar de volta para casa depois. – Ela aceitou animadíssima, é claro.

Chegando à Colmeia, a inteligência artificial da casa logo me reconheceu, dando boas-vindas a mim e à minha convidada. Camila ficou maravilhada com toda aquela tecnologia. Ela parecia ter entrado em um parque de diversões e, de tão empolgada, falava rápido e sem parar.

Jantamos comida japonesa vegana e jogamos filme interativo holográfico de alta resolução até muito tarde.

– Nossa! Já é uma da manhã! E tenho que acordar cedo para trabalhar! – Camila se queixou. Eu senti que ela não queria ir embora, mas seu bom senso lhe dizia que devia ir.

– Que pena! Gostei muito da sua companhia. Eu me sinto muito sozinha morando aqui. Seria muito legal se você viesse morar comigo. Eu teria companhia e poderíamos conversar muito – sugeri.

– Ah, fala sério, né?! Uma pessoa com 98.2 de crédito não se sente sozinha, sabe muito bem como lidar com a solidão. Mas

seria o máximo morar aqui! Tá brincando? Nem sei o que dizer. Mas é meio constrangedor morar de favor, a gente acabou de se conhecer. Parece meio estranho.

– Você não moraria de favor. Seríamos amigas que moram juntas. E eu sei, sim, lidar com a solidão, mas é que gostei muito da sua companhia. É nas relações com outras pessoas que evoluímos. E já te considero uma amiga de verdade – disse, com sinceridade.

Seria um desafio e um treino muito interessante de paciência conviver com Camila. Aprender a ouvir uma pessoa carente que sente a necessidade de falar o tempo todo não é uma virtude fácil de se manter, exige muita prática. Fácil é viver com seres evoluídos, como minha família de Shandi³³. Lá não há tantos desafios como os que a Terra oferece. A relação com pessoas de almas feridas nos faz praticar virtudes necessárias para nos tornarmos um indestrutível “castelo de diamante”, como o castelo de Tarala. Quando as virtudes não são praticadas, não se fortalecem, e ficam como um “castelo de areia”. Relacionar-se com a diversidade oferece uma troca de saberes e experiências, e o treino necessário para exercitar nossas virtudes. Senti gratidão por estar tendo aquela oportunidade de treinar minhas recentes virtudes ao lado dos humanos da Terra, um mundo ainda de expiação com tanta diversidade e tão fragmentado.

– Eu ficaria imensamente feliz se você viesse morar aqui, Camie. – Tornei a pedir, criando um apelido carinhoso para minha nova amiga.

E, como já imaginava – considerando que Camila era cheia de vida, amava novidades, tecnologia e tudo que atrai os jovens –, ela aceitou o convite para vir morar comigo na Colmeia.

Fizemos a mudança em pouco tempo. Nesse período, como eu tinha muita pontuação de crédito com a Supra e excelentes

habilidades com inteligência artificial – que aprendi em minha formação em Segurança Intergaláctica –, consegui um emprego na sede da Suprainternet, no mesmo prédio em que Camila trabalhava, e ela achou o máximo.

Camila estava protegida vinte e quatro horas por dia, não apenas por mim, mas também pelo seu guia espiritual, um índio sério e bondoso que não saía de seu lado, e por seu anjo da guarda, que aparentava ser uma criança negra de cinco anos, alegre, com belos olhos refletindo inocência. O guia espiritual e o anjo de Camila me ajudavam a querer ficar perto dela e a não me sentir entediada. Quando Camila começava a me cansar, eu me concentrava em seu anjo da guarda, que sempre ficava atrás dela. Ele era muito divertido e alegrava meu coração. Dessa forma, minha missão estava sendo leve e fácil.

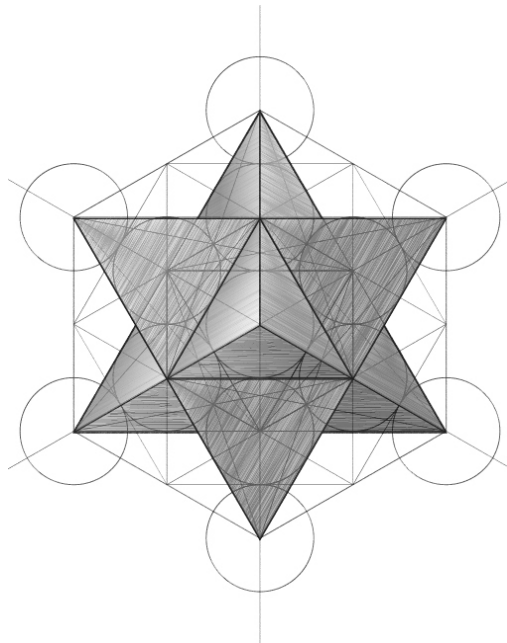
Para trabalhar na Supra, precisei apresentar um projeto. Ele passaria por uma análise, que constataria se eu tinha habilidade mínima para trabalhar na maior empresa do mundo. Apresentei algo simples, que não chamasse tanta atenção para a habilidade extra-humana. Um projeto sobre singularidade tecnológica.

Quando tudo já estava encaminhado conforme os planos superiores, o segundo passo começou, que seria ajudar Camila a desenvolver a tecnologia de comunicação espiritual. Essa tecnologia tinha de ser feita por um ser humano nativo da Terra. Há leis no universo, e uma delas é que alienígenas não podem interferir diretamente na evolução de seres do mundo de expiação e provas. Apesar de já ter sido humana na Terra no passado, eu era uma alienígena em corpo zeptoide, por isso não poderia criar tal tecnologia. As regras da Confederação Intergaláctica Estelar tinham de ser respeitadas. Eu seria apenas sua inspiração e nada mais. Tudo o que eu faria, além de proteger Camila, seria inspirá-la a acessar nos arquivos akáshicos algumas informações que a

levariam a desenvolver a tecnologia necessária para o progresso evolutivo humano.

Com certa regularidade, eu me desdobrava em viagem astral e ia até Shandi³³ para passar o relatório do andamento da minha missão, matar a saudade da nave e de meus amigos e saber as novidades. Mas não havia nenhuma. Os Sete continuavam desaparecidos e os cientistas tentavam a todo custo descobrir o que tinha acontecido.

CAPÍTULO 6



Camila era muito responsável, metódica e determinada. Dava seu máximo em tudo que se propunha a fazer. Ela não era tão inteligente quanto a maioria dos engenheiros de software que trabalhava para a Suprainet mas, por causa de seu esforço além do comum, entregava trabalhos de alta qualidade. Frequentemente ela levava trabalho para casa, o que facilitou o início do segundo passo do plano.

Camila trabalhava sentada no tapete fofo do chão do ambiente de convívio social de casa, enquanto eu lia o livro *A História sem Fim*, de Michael Ende, um alienígena famoso que nasceu na Terra somente para escrever esse livro. Num determinado momento, quando achei que seria oportuno, deixei o *kindle* de lado e perguntei à Camila:

– No que você está trabalhando?

– Num projeto bem técnico e chato. Não vejo a hora de finalizá-lo.

Fiz a leitura de seu campo eletromagnético, captei seu maior desejo naquele momento e respondi:

– Você deveria trabalhar somente em projetos que lhe deem prazer. Talvez eu possa ajudá-la com isso – mencionei, oportunamente.

– Como? Nossa, seria meu sonho! Já pensou?! Trabalhar apenas por prazer.

– Essa pode ser sua realidade hoje. Você pode, sim, trabalhar apenas por prazer sem perder créditos.

– Trabalhar apenas por prazer é a proposta do mundo de regeneração, não é mesmo? Deveria ser assim, mas ainda não é. Mas, me conte, qual é a sua sugestão? Como podemos trabalhar apenas por prazer, sem cobrança e sem fazer nada chato? Seria meu sonho!

– Primeiro que, até onde sei, nós ainda não estamos em pleno mundo de regeneração, ainda estamos criando esse mundo e muito ainda precisa ser criado para o planeta ser, de fato, de regeneração. Estava pensando que você poderia criar um projeto revolucionário, que quebre paradigmas e ajude a humanidade na criação de um mundo de regeneração. Isso a faria feliz de verdade e lhe traria plenitude e paz, pois nosso propósito de vida é adquirir virtudes e, com elas, ajudar o próximo. E quando trabalhamos em nosso propósito de vida, nos sentimos felizes e realizados. Então, por isso, pensei que talvez você pudesse criar algo original, único e de grande ajuda para os humanos.

– E quem não quer criar algo assim? Quem me dera! Eu sempre tento pensar em algo inovador que ajude os outros, não apenas

pelos créditos, de verdade. Mas tudo que eu penso em fazer, alguém já fez. Estou sempre um passo atrás – queixou-se.

– É exatamente nisso que eu quero te ajudar; na questão da criatividade. Eu conheço uma técnica que talvez possa te ajudar. Quer experimentar?

– Claro que quero! Ah, Madhu, você caiu do céu! Parece um anjo da guarda que veio me salvar – disse ela, sem saber o quanto de verdade havia naquelas palavras.

Eu induzi Camila a uma meditação profunda que a levou para a sétima dimensão, em contato direto com a Fonte Criadora. Nada fiz além disso, de lhe mostrar o caminho das pedras. Foi a Fonte Criadora quem mostrou à Camila tudo que ela precisava saber para desenvolver o projeto de comunicação com o mundo dos desencarnados.

Camila voltou da meditação ainda anestesiada, em estado mental theta. Ela apenas sorriu para mim e disse:

– Agora eu sei qual é a minha missão nesta vida. Sei o que deve ser feito.

– Que ótimo! – disse, verdadeiramente animada.

Foi mais rápido do que eu imaginava. Nem precisou de muito treino. Quando é da vontade da Fonte, tudo acontece de forma rápida e leve.

Então, ainda em theta, Camila me questionou com olhos desconfiados:

– Se você conhece uma técnica tão poderosa, por que não ensina para o mundo todo? E por que não usa essa técnica em você, para ter fama e poder?

– Essa técnica chega apenas até as pessoas preparadas para recebê-la. Nada significa para quem não tem o preparo, e nenhum poder terá quem pretender fazer uso incorreto dela. Você recebeu por merecimento. E eu já sou vitoriosa e completamente amada, que é o que as pessoas buscam com a fama. Não desejo nada além de te ajudar neste momento – respondi.

– Você é um verdadeiro ser de Luz, Madhu. Merece os créditos que têm e muito mais. Agradeço de coração!

Então ela se levantou da posição de lótus e veio me abraçar. Estava realmente emocionada e com lágrimas nos olhos. Senti que não estava acostumada a se sentir amada, protegida e cuidada por uma figura feminina, por isso se emocionou. *Ah, se ela soubesse o quanto é amada e protegida, não sentiria mais carência e necessidade de falar tanto para chamar a atenção*, pensei.

– Eu sabia que você mudaria minha vida! Foi intuição. Sabia que você não era uma pessoa qualquer. E não me refiro a sua altíssima pontuação de créditos na Supra, de verdade mesmo. E você nem imagina o que tenho em mente para criar! É uma tecnologia de comunicação com os espíritos! Acredita? Faz ideia do que é isso? Vai mudar o mundo! Obrigada, Madhu – disse, animada, com os olhos úmidos de lágrimas de alegria.

– Tudo bem. Agradeça à Fonte e ao seu merecimento, e não a mim – pedi. E então mudei de assunto: – Você já ouviu falar em Os Sete: os precursores da Terceira Realidade? – perguntei, já sabendo a resposta.

– Já! Eles me procuraram uma vez... – Ela parou para refletir, e a intuição do estado mental theta a fez questionar o que antes lhe havia passado despercebido – Foi depois que... – E parou novamente de falar, para buscar discernimento – Interessante... Eles me procuraram querendo ajuda, mas na época eu estava com

muito trabalho e passei o caso para o Gael, o garoto que se matou. Eu te contei sobre ele. Lembra? Ele estava ajudando Os Sete quando se suicidou. Só agora liguei os pontos – concluiu, e ficou pensativa, tentando entender a ligação de Os Sete com o suicídio do amigo e o surgimento inusitado do assunto.

– O que tem Os Sete? – Enfim, perguntou.

– Não acho que seu amigo tenha se matado, Camie. Na verdade, sinto que ele sabia demais. Basta você voltar a se conectar com a Fonte e perguntar se foi suicídio. Estou falando isso, pois sinto que devo protegê-la. Acontece que existem seres de uma dimensão acima da nossa, mas de níveis mais baixos, seres demoníacos e anjos caídos que tentam impedir que a Luz da verdade e a do amor se propaguem no mundo. Eles estão entre nós, tentando impedir que a humanidade seja totalmente liberta de seus medos, pois o medo é uma arma importante que eles usam para controlar e manipular a massa. Se perderem a arma do medo, perdem o controle sobre a massa humana. Você tem agora o conhecimento para libertar a humanidade do medo mais profundo que existe, que é o medo da morte, o medo de desaparecer e ficar sem amor. Os Sete desapareceram do mapa no mesmo dia do suposto suicídio do seu amigo. Sabia?

– Não! Eu não sabia. – Camila se levantou com os olhos arregalados. – E o que isso tem a ver comigo? Como você sabe de tudo isso? – perguntou, curiosa.

– Digamos que eu tenho um contato íntimo com a espiritualidade. Meus amigos espirituais me contaram que Os Sete tinham a missão de libertar os humanos do medo.

– Era para ser eu... Era para eu ter ajudado Os Sete! Mas eu passei a bola para Gael. Eu o meti numa cilada... Então foi tudo culpa minha – concluiu, com sentimento de culpa.

– Não foi culpa sua. Você não sabia. E, se tivesse aceitado, não estaria mais viva. Com certeza Os Sete não sabiam que havia criaturas demoníacas possivelmente infiltradas na Supra, mas agora conhecemos essa possibilidade. Não se culpe. O tempo todo tinha de ser você a precursora dessa inovadora tecnologia. Não percebe? A Fonte escreve certo por linhas tortas. Nada acontece por acaso. Foi preciso acontecer tudo aquilo para a sua vida ser preservada, para que você pudesse criar a mais inovadora tecnologia que o mundo verá.

– Caramba! Olhe meu braço! Eu estou toda arrepiada. Você está falando a verdade, eu consigo sentir.

Camila imediatamente deixou seu trabalho chato e tedioso de lado e iniciou com empolgação o projeto que ela nomeou de *dimu-espiritual*, o nome que teria o aparelho de comunicação com a espiritualidade. Ela passou a madrugada toda trabalhando. Eu fui dormir, para recarregar a bateria do meu corpo zeptoide. Quando acordei, Camila ainda estava desenvolvendo o projeto.

– Você ficou trabalhando a noite toda? – perguntei, de forma retórica. – Você precisa descansar o cérebro.

– Estou há horas tentando resolver uma equação aqui. Droga! Gael teria resolvido isso em minutos! Talvez você consiga me ajudar, Madhu. Dê uma olhada – pediu ela.

– Ah, não! Nem pensar! Eu não quero me envolver nisso. Esse projeto é todo seu. Tenho certeza de que você conseguirá revolver esse cálculo. – Eu lhe dei as costas, ignorando seu pedido de ajuda, e Camila ficou frustrada e confusa.

– Talvez você tenha razão. Preciso descansar o cérebro – concluiu. Olhou seu zeptarrelógio cerebral e exclamou: – Nossa, já está na hora de irmos para a Supra! O tempo voou.

– Por que você acha que estou acordada tomando chá de erva-doce? Temos que ir. E, por favor, Camie, nada de trabalhar nesse projeto dentro da Supra. Pode ter gente infiltrada lá. Eles podem estar monitorando tudo. Quando a gente entra na Supra e se conecta diretamente com a sede, eles têm acesso total ao que fazemos. Então, cuidado – alertei-a.

– Claro! Eu sei disso. Pode deixar. Não vou fazer nenhuma besteira. Mas estava pensando... se eu não puder apresentar o projeto para a Suprainternet, como vou colocar em prática a execução do dimu-espiritual?

– Pois é! Taí mais uma coisa que você precisa resolver. Vai precisar bolar uma forma de desenvolver seu projeto sem a Supra ficar sabendo. Mas se essa missão lhe foi dada, é porque saberá o que fazer. Agora deixe o dimu-espiritual de lado ou chegaremos atrasadas – avisei.

Camila foi tomar um banho rápido e logo partimos em meu flut rumo à sede da Suprainternet para mais um dia comum de trabalho.

Nós sempre escolhíamos a *Sala Zen*. Gostávamos de nos sentar no tapete, lado a lado, para trocar algumas ideias ao longo do dia. Mas, nesse dia, senti que Camila estava mais agitada do que o normal, tentando sem sucesso se concentrar em seu trabalho rotineiro chato. Ela se levantava o tempo todo para pegar algo para beber; era água, chá, suco detox, cada hora uma coisa diferente. Deve ter acabado com todo o estoque da máquina de bebidas do andar.

– Vou ao banheiro e já volto – avisou.

– Mas de novo? – Questionei, já de saco cheio, pois toda vez que ela se levantava eu tinha que ir atrás para protegê-la.

– Você não precisa ficar atrás de mim toda vez que eu me levanto, Madhu. Nossa, você parece minha segurança ou coisa assim. Não seja tão pegajosa. Eu adoro sua companhia. Amo, na verdade. Mas, às vezes, você me sufoca. Às vezes, as pessoas só precisam ficar um pouco sozinhas, entende? – desabafou, já em pé, pronta para sair às pressas.

– Desculpe – disse com sinceridade.

Eu entendi o que ela queria dizer. Devia mesmo ser irritante ter alguém em sua cola o tempo todo. Eu odiaria ter alguém atrás de mim como eu estava fazendo com ela. Respeitei seu livre-arbítrio e deixei que ela fosse sozinha ao banheiro. O guia espiritual dela a seguiu, e me avisaria se houvesse qualquer problema.

Com esse corpo zeptoide, tenho a audição mais aguçada que a de um cachorro, e consigo filtrar o som que quero ouvir – é como sintonizar um canal de rádio. Eu sintonizei minha audição em cada passo ou som que Camila fazia. Afinal, minha missão era protegê-la, mais dela mesma do que de outra coisa.

Ela caminhava, mas, em determinado momento, parou.

– *Ah, Vince. Que bom que te achei! Será que pode me ajudar com uma dúvida?* – perguntou para alguém que eu não conhecia.

Fiquei mais atenta. Ela devia ir direto ao banheiro e voltar logo. Não era para ficar de bate-papo com colegas dentro da Supra. Comecei a ficar aflita.

– *Claro! Manda* – disse o garoto desconhecido.

– *Como se resolve esta equação?* – Camila perguntou.

Levantei-me imediatamente. O que ela estava fazendo? Sobre qual equação estava querendo saber? Eu estava irada. Ela não conseguia ficar com a boca fechada! E com certeza tinha enviado a

tal equação para a tela holográfica do garoto para que ele pudesse ver.

– *Interessante... Eu te envio ainda hoje. Prometo* – respondeu o rapaz.

Eu os alcancei quando ele tinha terminado de falar..

– Camila, você não disse que ia ao banheiro? – perguntei, meio irritada.

– Nossa, agora você está parecendo minha mãe, Madhu. Eu vou ao banheiro, sim. Só parei para tirar uma dúvida com o Vince. E o que você está fazendo aqui? Não consegue ficar longe de mim, não é mesmo? Isso já está parecendo coisa psicótica. Fala sério! – disse, girando nos calcanhares e seguindo em direção ao banheiro.

Seu guia espiritual olhou sério para mim, também preocupado, e a seguiu.

Se a equação que ela mostrou para o tal do Vince era o que eu estava pensando, o estrago já estava feito, em breve os draconianos poderiam suspeitar de Camila. Voltei para a Sala Zen e fiquei esperando-a retornar do banheiro. Se algo desse errado, o guia espiritual dela me avisaria. Pareceu uma eternidade. Ela voltou e se sentou ao meu lado como se nada tivesse acontecido. E eu também fingi que nada tinha acontecido, pois poderíamos estar sendo vigiadas pela Supra naquele exato momento. Eu teria de esperar até chegarmos em casa para conversar com ela. E, dependendo da gravidade da situação, teríamos de fugir para algum lugar seguro.

– Não acredito! – Ela pensou alto, olhando para sua tela holográfica. – Rápido assim?

– O que foi? – perguntei.

– Nada... Quer dizer, o Vince me humilhou. Ele conseguiu achar a solução da equação em menos de uma hora. Isso é muito humilhante!

– Ah! – Foi tudo que eu pude dizer.

O tempo pareceu se arrastar até o fim do expediente. No caminho para casa, Camila geralmente falava sem parar o trajeto todo. Desta vez, ela só perguntou se poderíamos seguir direto para casa em vez de irmos plantar árvores, como era nosso costume diário. Então, ficou calada e pensativa, com a desculpa de que estava cansada. Lá no fundo, ela sabia que, por causa da ansiedade em resolver uma equação do projeto do dimu-espiritual, tinha cometido um grande vacilo.

Entramos em casa. Minha vontade era me refugiar na minha cápsula dormitório, fazer um desdobramento e fugir de lá. Estava de saco cheio de Camila e daquela missão monótona e maçante. Mas venci o desejo de fuga e enfrentei a situação.

Camila estava na cozinha caçando algo para comer antes de mergulhar no projeto do dimu-espiritual. Ela estava muito ansiosa para voltar a trabalhar naquele projeto.

– Nem preciso te dizer que cometeu um tremendo erro dividindo equações do projeto com seu amigo, certo? – joguei.

– Ah, Madhu, dá um tempo. É sério, isso já está parecendo obsessão. Você não larga do meu pé – queixou-se.

– Acredite! Gosto tanto quanto você desta situação toda, que me mantém perto demais de você – desabafei.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou, curiosa.

– Nada. Quero dizer, minha intuição me diz que eu devo protegê-la, apesar de a razão não querer ficar o tempo todo do seu

lado. É isso. Você se colocou numa posição de alto risco. Se alguém da Supra desconfiar do que você está fazendo, eles vão matá-la. Entende a gravidade da situação?

– Ninguém vai desconfiar. Você está sendo neurótica com esse excesso de cuidados e essa crença em teoria conspiratória. Nem sei se acredito nisso. E outra, a equação para a qual pedi ajuda era só uma equação, nada de mais, não tem por que alguém suspeitar. E pare de tentar me proteger o tempo todo, isso é irritante.

Na cozinha, Camila aqueceu alguns pães de abóbora na *air fryer*, colocou num pote e foi se sentar no chão do ambiente social para começar a trabalhar no projeto do dimu-espiritual enquanto comia, para não perder tempo.

Queria dizer a ela que era importante prestar atenção e se concentrar no que come, e não comer e trabalhar ao mesmo tempo, ou ela poderia ter uma indigestão, e que precisava primeiro dormir e tomar um banho, mas não quis dar uma de chata; não queria deixá-la ainda mais irritada, o que a afastaria de mim. Eu me sentei num pufe não muito próximo dela e me conectei com músicas terapêuticas – estava precisando restabelecer o controle emocional. Era bem difícil manter o equilíbrio energético num planeta com uma densidade vibracional tão pesada. Uma pequena distração e o subconsciente criava programas estúpidos e passava a controlar sua vida sem que você se desse conta.

O planeta Terra era um lugar perigoso. Não me refiro a perigos externos, isso também, mas falo sobre os perigos internos, aqueles que chegam sem que percebamos e nos consomem e afundam no abismo mental.

Fiquei o tempo todo em silêncio, fazendo a leitura do campo energético de Camila. Quando notei que ela estava calma e de bom humor, puxei assunto.

– Tenho uma curiosidade – comecei. – Afinal, a tal equação que seu amigo resolveu era tudo de que você precisava para terminar o projeto do dimu-espiritual? – perguntei, enquanto ouvia minha música ressoar apenas dentro do meu cérebro zeptoide.

– Não era tudo, mas ajudou muito! Acho que termino isso ainda hoje – respondeu ela, sem parar de trabalhar.

– Sério? Tão rápido? Isso é ótimo! E já pensou em como vai colocar em prática a produção do dimu-espiritual? – perguntei.

– Ah, ótimo você tocar nesse assunto. Tive uma ideia, sim, e queria saber sua opinião. – Ela levantou os olhos, parando um momento para conversar.

– Claro! Estou à disposição.

– Vai ter que ser uma descoberta como se fosse *um acaso do destino*. Pensei em invadir a inteligência artificial da maior empresa de produção de tablets, aqueles usados por crianças que ainda não têm idade para implantação de zeptalentes. Eu vou invadir o sistema deles e alterar alguns dados na produção e, assim, “por um acaso do destino”, as crianças que adquirirem esse novo tablet começarão a se comunicar com espíritos. O que acha?

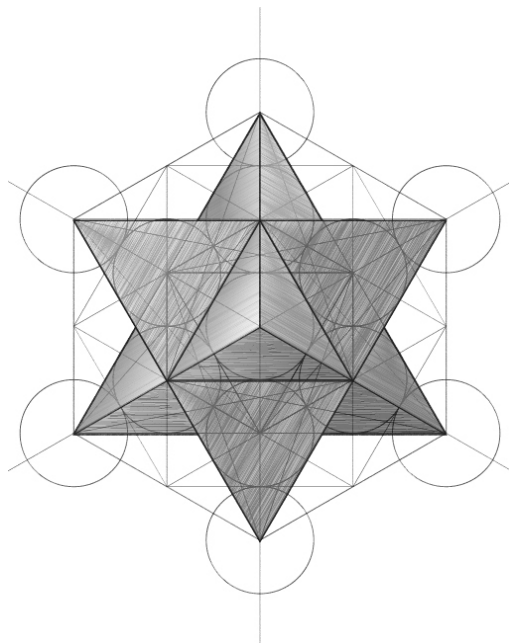
– Isso é mesmo possível? Acho perfeito! Não teria pensado em uma solução melhor – respondi, com sinceridade. – Mas dessa forma você não terá a notoriedade nem receberá o crédito pela descoberta e criação do dimu-espiritual. Nunca ninguém saberá que foi você quem desenvolveu o projeto, e provavelmente essa nova tecnologia nem virá a ser chamada de dimu-espiritual. Não se importa com isso? – indaguei, curiosa. Eu achava que Camila poderia ser vaidosa e desejar receber os créditos pela sua descoberta.

– Também pensei nisso. Acontece que, quando as pessoas encarnadas começarem a se comunicar com os espíritos, ficarão sabendo de toda a verdade, inclusive que fui eu quem desenvolveu o dimu-espiritual, e vão também informar o nome dessa nova tecnologia, pois com certeza estarão vendo tudo, toda a verdade. Então eu terei, sim, crédito pelo meu projeto e ficarei segura.

Para minha decepção, eu estava correta: Camila era mesmo vaidosa. Eu tinha a esperança de que ela dissesse que não se importaria em não receber o crédito pelo projeto, que o importante era o benefício espiritual que a humanidade receberia. Mas, como eu imaginava, Camila ainda não era o tipo de pessoa de um mundo de regeneração. Não ainda. Mas ainda havia chance de ser, se ela fosse esperta e fizesse uso da técnica que eu havia lhe ensinado, de conexão com a Fonte Criadora para adquirir virtudes. E ela tinha uma ideia errada do quarto plano da existência ao qual o dimu-espiritual conectaria a humanidade encarnada. Nem todos os espíritos viam tudo o que acontecia no mundo dos encarnados, como ela imaginava. Na verdade, os espíritos evoluídos, aqueles que podiam ver tudo, eram bem raros no quarto plano de existência, eles estavam no quinto plano existencial. O dimu-espiritual conectaria os humanos encarnados, que são do terceiro plano da existência, apenas com os espíritos do quarto plano existencial, das colônias espirituais. Ou seja, a comunicação seria com espíritos de mesmo nível evolutivo que os encarnados, porém mais esclarecidos por não estarem com o véu da amnésia. Os seres iluminados estavam em outro plano de existência.

– Que ótimo! Bom, vou tomar banho e dormir. Não se mate de tanto trabalhar. Até amanhã. – Eu me despedi e fui para minha cápsula dormitório para me desdobrar e seguir em viagem astral para Shandi33, para entregar o relatório do dia e dar a boa notícia.

CAPÍTULO 7



Quando acordei na manhã seguinte, Camila ainda estava dormindo. Ela devia estar tão cansada que não acordou nem com o despertador da zeptalente. Tive que acordá-la e saímos um pouco atrasadas.

Após uma conversa séria com Camila, ela me convenceu de que ninguém suspeitaria dos planos dela só por causa de uma equação. Então eu confiei no que ela disse. Achei melhor manter nossa rotina corriqueira, para não levantar nenhuma suspeita.

Durante o trajeto para o trabalho, como era o habitual, ela começou a matracar.

– Estou exausta, mas muito animada. Consegui fazer tudo: terminei o projeto, invadi o sistema operacional de produção de tablets e modifiquei os códigos. Ufa! Agora posso relaxar. Quero dizer, ainda não há como ter certeza se dará certo. Mas estou

confiante e muito ansiosa para ver os resultados. Vai ser incrível! Não vejo a hora de ver a notícia de crianças se comunicando com os espíritos por tablet, e a notícia viralizando para o mundo todo numa proporção sem controle. Consegue imaginar como isso será incrível? Tomara que as crianças não comecem a se comunicar com espíritos do mal, né!? Mas, não, com certeza a espiritualidade está no controle da coisa toda, e seres do bem serão os primeiros a se comunicarem. Vai ser tão lindo! Quero muito usar o dimu-espiritual para me comunicar com Gael e descobrir toda a verdade sobre a história dele. Não tenho nenhum parente próximo que tenha morrido. Que bom, né? Se bem que a morte não é coisa ruim, e é exatamente isso que o dimu-espiritual vai provar de uma vez por todas. Mas será incrível poder me comunicar com tataravós e coisa assim. Que irado deve ser! Acho que ainda nem caiu minha ficha de tudo o que o dimu-espiritual trará para o nosso mundo.

Eu quase pulei de tanta alegria com a notícia. Não via a hora de terminar aquela missão e voltar para Shandi33.

– Que ótimo, Camie! Fico muito feliz. Parabéns! Não imaginava que um projeto de tamanha magnitude seria feito tão rápido.

– Graças à ajuda de Vince. Sem ele, eu demoraria uma eternidade para revolver aquela equação. Era bem complicada. E eu nunca fui tão boa quanto Vince e Gael em matemática. Gael era ainda melhor que Vince. Só espero não ter errado nenhum cálculo, porque, se houver qualquer erro, o dimu-espiritual não vai funcionar. Mas acho que não errei nada. Quero dizer, errei várias vezes e fui conferindo centenas de vezes até ter certeza de que não havia nenhum erro. O bom mesmo seria esse projeto ser feito da forma correta, com uma equipe por trás, refazendo e ajustando a tecnologia. Ela vai ficar meio tosca e falha no início, por não ter sido tão bem elaborada, mas vai funcionar, e é isso o que importa.

Sabe como é, vai que sua teoria conspiratória esteja certa, que Gael tenha sido assassinado e tudo mais. Não quero arriscar ser assassinada. Adoro estar viva e quero muito usar o dimu-espirtual. Tenho ainda muitas coisas para fazer neste mundo... – e continuou falando por todo o trajeto até a sede da Supra.

Conforme Camila falava, eu me dei conta de que o projeto poderia ter falhas, o que me deixou um pouco preocupada. Eu teria de esperar até o dimu-espirtual ser viralizado nas redes sociais antes de voltar para Shandi33, para ter certeza de que minha missão tinha sido cumprida. Isso me deixou um pouco triste. Eu já estava com saudade do meu verdadeiro lar e de minha família de alma.

Camila estava agitada. Ela andava rápido e falava mais do que de costume, que normalmente já era em excesso. Tinha receio de que ela não conseguisse ficar de boca fechada dentro da Supra. Precisei ficar extremamente atenta a ela, o que me deixou mentalmente cansada.

Naquele dia, Camila revolveu fazer um social com todas as pessoas que encontrava pela frente e não deixava ninguém falar. Percebi que a maioria das pessoas tentava fugir dela, e ela não se tocava disso, ou fingia não se tocar. Ela provavelmente tinha algum problema de carência emocional e insegurança, e talvez por isso fosse uma falante compulsiva, principalmente quando ansiosa. O fato de ela falar sem parar deve ser algum mecanismo de proteção subconsciente para não ter de lidar com alguma dor que possa vir à sua consciência, algo que a fere muito. Fiquei tentando compreender qual seria o programa de crença gravado no subconsciente de Camila que a tornava uma falante compulsiva. Eu sabia perfeitamente como me conectar diretamente com a Fonte Criadora e fazer uma leitura no campo de uma pessoa, em todos os níveis de crenças programados no subconsciente, mas

jamais poderia fazer isso sem a permissão da pessoa, e nem poderia, pois sem permissão eu não tinha acesso. Por isso fiquei tentando usar a lógica para compreender o problema de Camila. Porém, a lógica baseada em sentidos restritos é uma grande aventura.

Enquanto estávamos sentadas no ambiente zen da sede da Supra, trabalhando cada uma no seu canto, eu acessei os registros abertos das redes sociais de Camila, puxando todas as informações armazenadas sobre sua vida. Isso não poderia ser considerado invasão, eram as redes sociais que ela mesma criara, e estavam públicas e abertas para amigos. Na minha pesquisa, descobri que, quando Camila nasceu, sua mãe era uma adolescente de treze anos. Imatura e perdida, nem sabia quem era o pai. Sem estrutura emocional, optou por colocar a filha para adoção. Camila foi adotada por um casal homossexual, dois homens generosos e amorosos que lhe deram todo o amor e carinho necessários. Mas ela sempre sentiu necessidade de uma mãe, uma figura feminina em quem pudesse se espelhar. Por isso, quando adolescente, disse aos pais adotivos que queria conhecer a mãe biológica. Eles não se opuseram; muito pelo contrário, ajudaram Camila a localizá-la. A mãe morava em um abrigo comunitário, onde vivem pessoas sem crédito nenhum com a Supra e que já fizeram diversos tratamentos na Clínica do Amor, sem obter um resultado satisfatório. O nome dela era Raquel, uma jovem amargurada e depressiva.

Camila estava empolgada e cheia de esperança no dia em que foi conhecer a mãe biológica. Ela se preparou durante vários dias até tomar coragem, comprou presentes e até elaborou um discurso para aceitar o perdão da mãe. Mas Camila, que tem um coração amoroso e puro, não esperava ser duramente rejeitada pela mãe. Ela não tinha se preparado para o pior. E o pior aconteceu. Raquel não foi apenas fria e impessoal com Camila, ela a humilhou e riu

de sua ingenuidade. Foi cruel com uma menina de dez anos. Agora eu entendia Camila, e sentia um imenso amor por ela.

A fala compulsiva era um subterfúgio encontrado por Camila para não sentir medo de ser rejeitada. Enquanto sua mente se mantivesse ocupada, tagarelando, o medo de ser rejeitada não teria espaço para surgir. Ela estava com medo de que as pessoas não acreditassem que tinha sido ela a criadora do dimu-espiritual e, assim, a rejeitassem.

Parei de vasculhar as redes sociais de Camila. Agora eu a entendia perfeitamente e conseguiria ser mais paciente e amorosa com ela, como ela merecia.

Fiquei tão distraída acessando os registros de Camila que não notei que ela não estava mais ao meu lado. Levei um susto. Tentei me conectar com o som de sua voz, e não ouvi nada. Rapidamente me levantei e tentei me conectar com seu guia espiritual. Silêncio absoluto. No mesmo instante, recebi uma mensagem em minha caixa de recados da zeptalente: *“Comparecer à diretoria-geral no 13º andar”*.

Com um péssimo pressentimento tomando conta de mim, imediatamente respondi à mensagem: *“Posso saber o motivo do requerimento?”*, e no mesmo instante veio a resposta: *“Você sabe o motivo”*.

Senti meu corpo se preparando para o pior, conexões neurais se aprontando para uma luta. Algo tinha dado errado. Tentei imediatamente solicitar reforços à Shandi33, mas era tarde demais. A Supra tinha restaurado seu escudo que impedia comunicação externa, desdobramentos e acesso a seres espirituais. Estava a caminho da porta de saída para solicitar reforços fora do escudo quando recebi a mensagem: *“Se sair da sede, ela morre”*.

Era minha missão proteger Camila. Ela não podia morrer. Rapidamente peguei o elevador até o décimo terceiro andar, rumo à sala do diretor-geral. Ele não sabia com quem estava lidando, eu não era humana como Gael, Camila e Os Sete. Ele teria de enfrentar uma máquina mortífera. Meu corpo tinha sido criado para ser uma agente de segurança intergaláctica e lutar contra os mais terríveis alienígenas do universo. Não seria difícil derrotar um draconiano em um frágil corpo humano. Eu usaria toda a capacidade de meu corpo zeptoide para salvar Camila.

O elevador parou no décimo terceiro andar e a porta se abriu. O andar estava vazio. Completamente vazio. Atravessei a ampla antessala contemporânea e segui por um corredor de paredes brancas revestidas de *boiserie* e iluminadas com arandelas de cúpula branca. Passei pela moderna sala monocromática da recepção, mas não havia ninguém para me recepcionar. Parei diante de uma porta francesa branca, que se abriu para a sala da diretoria.

– Seja bem-vinda, minha cara – saudou o diretor Lucian.

Ele era um belíssimo jovem alto de olhos azuis e semblante angelical. Mas aquela carinha de anjo não me enganava. Eu sabia que dentro daquele corpo havia um anjo caído de origem draconiana. Eu podia sentir a presença daquele ser das trevas. As agulhas venenosas de meu pulso latejavam de desejo de eliminar aquele ser trevoso.

Lucian deu espaço para que eu entrasse e fechou a porta. Camila não estava em lugar algum daquele escritório.

– Onde está minha amiga? – Fui logo perguntando.

– Sua amiga está segura. Tive de contê-la até que você chegasse. Ela estava um pouco agitada, suspeitando de que eu

pudesse lhe fazer algum mal. Posso lhe mostrar, se fizer questão, que estou dizendo a verdade.

A voz dele era mansa e calma; poderia acalmar a mente humana, mas não tinha poder sobre a minha mente. Durante o treino para me tornar uma agente de segurança intergaláctica, aprendi a não ser influenciada por seres demoníacos.

Então eu disse:

– Vamos parar de fingir. Você sabe muito bem que eu sei quem você é. E acredito que, agora, ao menos desconfie de quem eu seja. Então é obvio que eu quero uma prova bem concreta de que Camila está bem – declarei, sem paciência para entrar no joguete de um draconiano hipócrita.

– Claro que eu sei quem você é, minha cara. E é um enorme prazer conhecer a filha de Lúcifer pessoalmente. Não há uma única alma em meu mundo que não conheça a rebelde filha de nosso grande *fuhrer* Lúcifer, o mais iluminado, a maior glória criada por Deus, a estrela mais brilhante. Uma pena você não entender quem é seu pai e seu objetivo neste mundo. Se compreendesse, não seria uma rebelde, mas uma livre trabalhadora em prol da humanidade, assim como eu.

Fiquei ouvindo aquele discurso ilógico sem a menor paciência. Quando ele percebeu que suas palavras não tiveram nenhum efeito em meu discernimento, mudou de assunto.

– Sua amiga foi muito ingênua quando pediu ajuda com aquela equação aqui, bem debaixo dos meus olhos. Uma equação idêntica à que havia no projeto de Gael. Quanta inocência! Mas, vejamos, percebo que está mesmo ansiosa para saber se sua “amiga” está bem. Então vou lhe mostrar.

Lucian abriu uma porta secreta escondida por uma estante de livros. *Bem clichê*, pensei. Na imensa sala secreta, sem janelas e sem nenhuma outra saída, havia no centro uma espécie de cilindro vertical, cuja borda parecia ser holográfica, e não física. Camila flutuava dentro do cilindro, e parecia estar dormindo.

– O que é isso? – perguntei.

– Apenas um equipamento que congela almas em corpo físico, temporariamente – respondeu ele.

Eu nunca tinha ouvido falar nesse equipamento, mas sabia que a falta de ética dos draconianos lhes dava liberdade para criar tecnologias inusitadas que jamais seriam usadas por seres de luz virtuosos que respeitavam a lei do amor incondicional.

– Tire ela daí. Liberte a humana – ordenei ameaçadoramente. – Ela é inocente e ignorante, não tem nada a ver com nossos conflitos. Liberte-a e poderemos conversar como duas pessoas civilizadas sem ameaças de morte.

Lucian fez um gesto com as mãos, e o suposto escudo cilíndrico se desfez. Camila caiu no chão com um baque, ainda desacordada. Corri para tirá-la de lá. Queria tê-la protegida em meus braços. Cheguei até ela e, para a minha surpresa, não era real. Era uma imagem holográfica de Camila. Assim que me dei conta de que havia caído numa armadilha, já era tarde demais, a forma cilíndrica ressurgiu, me envolvendo e me prendendo numa espécie de campo eletromagnético. Fiquei com o corpo paralisado, flutuando dentro do cilindro, mas estava consciente e conseguia me comunicar.

Lucian começou a rir.

– Lúcifer ficaria desapontado ao ver como sua rebelde filha é estúpida e como foi fácil enganá-la. Ah, minha querida Kally, filha

de Lúcifer, achou mesmo que seria tão fácil? Estou decepcionado. Esperava mais de você. Onde já se viu subestimar a inteligência sublime de um draconiano?

– Onde está Camila? – Foi a primeira coisa que me veio à cabeça. Minha missão era, acima de tudo, protegê-la.

– Morta, é obvio! Acha mesmo que eu a deixaria viver, minha cara? A humana ignorante, como você mesma disse, sabia demais. O conhecimento pode ser bem perigoso, não é mesmo?

– Como posso acreditar em suas palavras? Seu discurso não tem consistência alguma, você não tem integridade. – Eu o acusei.

Não queria acreditar que havia falhado em minha missão. Minha primeira e simples missão, e eu havia falhado!

– Pense, minha cara. Use seu discernimento, o qual julga ser tão correto. Se você fosse um draconiano, deixaria mesmo uma ameaça viva?

Ele estava dizendo a verdade; Camila estava morta.

– Como? – pensei alto, indignada.

– A garota nunca chegou a subir ao meu escritório. Ela foi ao banheiro, e lá... pobrezinha, sofreu um terrível acidente. O chão estava molhado e ela escorregou, bateu a cabeça na bacia sanitária com muita força e morreu. Um acidente horrível. Daqui a pouco alguém a encontrará caída, morta no banheiro, e eu serei chamado para resolver a situação. Por isso devemos ser breves. Que tristeza, não é mesmo? A jovem tinha futuro, mas caiu em mãos erradas. A Confederação tentou usar a pobrezinha, e veja só o que aconteceu.

– E o que pretende fazer comigo? Sabe muito bem que sou imortal. Se destruir este corpo, rapidamente entro em outro e volto aqui para acabar com você. Não pode destruir nem congelar

minha alma. Se me congelar, a Segurança Intergaláctica será alertada, e vão me encontrar rapidamente, e isso será seu fim. Sabe muito bem disso.

– Eu não teria tanta certeza, minha cara. A “nobre” Confederação na qual você tanto confia por acaso encontrou Os Sete?

– O que fez com Os Sete? – perguntei, sentindo o medo tomar conta de mim.

– O mesmo que farei com você. Infelizmente, não há outra saída. Eu lamento. O fato de ser filha de Lúcifer não diminui sua culpa e o perigo que representa. É triste que tenha escolhido o lado errado. Nesse momento, poderia ser a rainha absoluta de todos os umbrais da Terra e muito além. Mas não, você preferiu servir a ingênuos e idiotas seres que se dizem iluminados.

– O que pretende fazer comigo? – perguntei novamente.

– Achará muito interessante o que pretendo fazer com você! Passará, então, a admirar a inteligência de um draconiano e verá nossa superioridade tecnológica. Veja bem, preste atenção; você já sabe que o buraco negro que existe no centro de toda galáxia é, na verdade, um grande portal para um universo paralelo. Há milênios, os draconianos vêm estudando todas as dimensões e interfaces que ocorrem dentro de um buraco negro, e descobrimos que há nele um local, em particular, muito interessante. Verá com seus próprios olhos, pois é para lá que você vai, minha cara. É o único lugar onde sua alma nunca será encontrada. Um espaço neutro entre mundos capaz de prender o corpo físico, que, por consequência, segura seu espírito. Se eu matasse Os Sete, o espírito deles teria liberdade e continuaria sendo um problema, interferindo em meus planos. Nada bom, nada bom. Mas, se o corpo físico for aprisionado, o espírito também permanece em um

local inacessível para o reino espiritual... Ah, veja que maravilha! Não é brilhante? Um espaço neutro e impossível de ser encontrado ou rastreado e... impossível de ser deixado! Brilhante, não é mesmo?

– Para tudo há uma saída! – retruquei, mais controlada. Eu me concentrei para me manter sóbria e não me abalar por emoções humanas. – Você tem muita inteligência, mas pouca sabedoria. Ignora totalmente as leis que regem o nosso universo, ignora a lei do karma.

Lucian riu e disse:

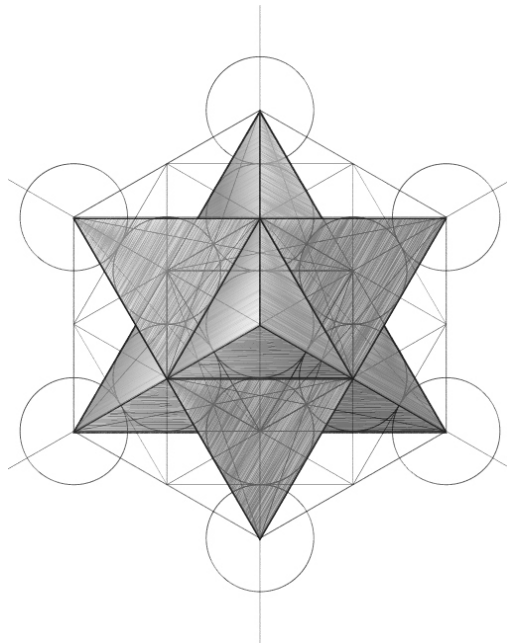
– Nunca ignoramos nada, minha cara. Pelo contrário, usamos o conhecimento a nosso favor. Como você mesma disse, a lei ocorre em nosso universo, uma vez que, se for retirada do universo e entrar num espaço neutro entre universos, estará à mercê da própria sorte. Então, lhe desejo sorte. Você vai precisar.

– E como pretende me levar até o centro da galáxia sem que percebam? A partir do momento que eu sair desta sede, a Confederação Intergaláctica receberá o alarme e vocês estarão perdidos – argumentei, para ganhar tempo. Eu tentava fazer desdobramento, viagem astral, sair do corpo físico, desesperada para solicitar reforço, mas não estava conseguindo. Algo naquele campo de força impedia o desdobramento.

– Simples. Muito simples. Você realmente subestima a inteligência de um draconiano. Você já está dentro de um teletransportador, vai viajar num dobramento de espaço-tempo instantâneo, e em um piscar de olhos já estará lá. Será rápido e nada tedioso, não se preocupe. Bom, chega de jogar conversa fora. Tenho muito trabalho pela frente. Como sabe, uma de minhas funcionárias sofreu um terrível acidente no banheiro. Preciso cuidar da situação. Faça uma boa viagem, filha rebelde de Lúcifer.

A última coisa que vi naquela sala foi Lucian fazendo um gesto com a mão, e então eu já não estava mais lá. Estava sendo sugada. Eu me senti como Alice no País das Maravilhas, caindo no buraco do coelho. E minha intuição estava certa: o que estava por vir era bem semelhante ao que Alice vivera no País das Maravilhas, mas de maravilhoso não tinha nada.

CAPÍTULO 8



Em meu coração, mais alto do que o medo do desconhecido, gritava a vergonha por eu ter falhado.

Eu fracassei em minha missão, não consegui proteger Camila. E ainda existia a possibilidade de o projeto do dimu-espirtual nunca ser realizado. Se Lucian tiver descoberto o dimu-espirtual a tempo, antes de poder ser viralizado, tudo estava perdido. E, com a vergonha, também gritavam a saudade de Shandi33 e o desespero de tê-la perdido.

Quando senti que não estava mais em queda, abri os olhos. Por um instante, fiquei confusa e, então, aliviada. Eu estava dentro de Shandi33! Havia sido resgatada pela minha nave-mãe. Estava em casa, em Shambala, deitada na minha cama. *Que estranho! O que estou fazendo aqui?*, pensei.

Levantei-me imediatamente e solicitei por telepatia uma vinamaxi para me deslocar até a Ala9 de Segurança Intergaláctica

e uma reunião de emergência com os membros do comando da Confederação Intergaláctica.

Saí às pressas pela porta da frente da casa para pegar a vinamaxi e partir para a Ala9, e lá, onde a vinamaxi me aguardava, havia cinco pessoas paradas, me esperando. Eram nitidamente humanos do planeta Terra.

– Quem são vocês? – perguntei, curiosa.

Nunca houve humanos em Shandi33, além de mim, no passado. Aquilo era inusitado.

– Somos Os Sete. Ou melhor, éramos Os Sete, hoje somos cinco. Dois de nós se perderam em suas próprias mentes – respondeu uma senhora de estatura baixa e ligeiramente obesa, de cabelos curtos e olhos azuis.

– Os Sete?! Vocês também foram resgatados? Isso é ótimo! – disse, aliviada.

– Não. Infelizmente nenhum de nós foi resgatado. Você também não foi resgatada – respondeu um senhor idoso de longa barba branca.

– Estamos em Shandi33, a nave da Confederação Intergaláctica Espacial, que trabalha para a Fonte Criadora. Fomos, sim, resgatados – expliquei a eles.

– Não, querida. Não fomos – começou a dizer uma mulher alta de cabelos curtos; uma empata, pelo que pude perceber, a julgar pelos olhos, que refletiam os meus. – Esta não é sua nave. Não a real. Quero dizer, ela é real, materializou-se neste mundo, mas não é a mesma de onde você veio. Estamos presos num espaço peculiar onde tudo que pensamos, sentimos e desejamos se concretiza imediatamente, no mesmo segundo. Demoramos mais de cem

anos para entender como este mundo funciona e nos libertarmos de nossas próprias mentes. Experimente! Feche seus olhos e mude o que sente no coração e verá seu sentimento se materializando diante de seus olhos.

– Não é possível! – falei, indignada.

Fechei os olhos e me concentrei no desejo de ver Camila viva, comemorando a vitória da execução do projeto do dimu-espirtual. Quando abri os olhos novamente, não havia somente cinco pessoas na minha frente, mas seis, e uma delas era Camila. Estávamos no planeta Terra, no Jardim Botânico, comemorando o resultado bem-sucedido do projeto.

– Madhu! – Camila gritou e correu para me abraçar. – Nós conseguimos! Chega de delirar. Você conseguiu.

– Você é tão real! – suspirei, abraçada à Camila, sentindo seu cheiro de humana.

– É claro que sou! – disse ela.

– Não é – interrompeu a senhora baixinha de olhos azuis.

Fez-se um nevoeiro denso e, quando a nebulosidade se dissipou, Camila e tudo ao meu redor tinham desaparecido, ficando somente eu e os cinco seres humanos reais. Então constatei a amarga verdade do que eles me haviam dito; Shandi33 não me resgatara. Eu estava presa num espaço neutro entre mundos. Um lugar impossível de ser rastreado. Estava perdida, e havia falhado completamente em minha missão.

Comecei a fazer meu cérebro funcionar. A mulher alta de cabelos curtos disse que eles estavam ali naquele espaço havia mais de cem anos, então comecei a calcular. Se eu fosse humana, acharia esse fato impossível, mas hoje sei que, por ser ilusório, o

tempo é relativo. A percepção de tempo varia dependendo da curvatura do espaço. Se estamos dentro de um buraco negro, num espaço neutro entre mundos, aquilo fazia, sim, sentido. No tempo da Terra, haviam-se passado apenas duas semanas desde o desaparecimento de Os Sete, mas para eles o tempo era diferente, estavam havia mais de cem anos vivendo naquele espaço no interior do buraco negro.

Eu me controlei emocionalmente, respirei fundo e encontrei meu eixo.

– Meu nome é Madhu, sou agente da Segurança Intergaláctica, da nave Shandi33. Estava em uma missão no planeta Terra para a implantação de uma tecnologia de comunicação entre os terráqueos encarnados e os desencarnados. A tecnologia da qual vocês seriam os precursores. A Confederação Intergaláctica vem movendo todos os seus setores e esforços para encontrá-los. E aqui estou eu. Achei vocês. Porém estamos presos. Mas deve haver uma saída. Para tudo há uma saída.

– Estamos imensamente felizes que uma agente da Segurança Intergaláctica esteja aqui. Você restaurou nossa esperança que havia se esvaído. Queremos também nos apresentar a vós, cara Madhu – disse o senhor de barba branca. – Somos Os Sete, cada um de nós representa um plano da existência, e trabalha com ele. Unidos, trabalhamos como precursores da Terceira Realidade, que representa o fim da dualidade em todos os planos existenciais do mundo.

Então, cada um começou a se apresentar:

– Eu sou Alexandre – disse um belo homem de uns cinquenta anos, loiro, magro e alto –, fui eu, dentre nós, o primeiro a compreender este espaço onde estamos, pois eu represento o

sétimo plano existencial, o plano da Fonte Criadora, sou um mestre em thetahealing.

– Eu sou Mônica – continuou a senhora baixinha de olhos azuleiros como faroletes – e represento o quarto plano da existência, o plano do reino dos espíritos, onde ficam as colônias espirituais. Tenho a mediunidade de incorporar espíritos.

– Eu sou Francisco – declarou o senhor de longa barba branca –, do quinto plano da existência. Vim de lá e para lá voltarei após cumprir minha missão na Terra. Meu dom é ler emoções e canalizar mensagens de seres iluminados. Faço parte do Conselho dos Doze do quinto plano existencial.

– Eu sou Marta – apresentou-se a mulher alta, morena, de cabelos curtos, que aparentava ter quarenta anos –, representante do sexto plano existencial, o plano onde as leis universais foram feitas. Sou mística, empata, tenho o poder de sentir tudo o que os outros sentem e entendo bem das leis que regem o mundo, e posso me comunicar através dessas leis. Também tenho o dom de curar com música, formas geométricas, numerologia e cromoterapia.

– Eu sou Katia – disse uma mulher de olhos verdes, meigos e gentis –, representante do primeiro plano existencial, o plano da vida inorgânica, dos minerais. Sou alquimista e tenho o poder espiritual de transmutar minerais de uma forma para outra.

– Onde estão os outros dois? – perguntei.

– Larissa é a representante do segundo plano existencial, o plano dos elementos da natureza, das fadas, dos gnomos e dos vegetais – respondeu Marta. – Além de bruxa, ela também é uma artista muito criativa. Usou seu incrível poder de criação e construiu um universo repleto de magia e encanto, onde hoje reina. Ela se afastou de nós, mergulhou em seu mundo mágico e

não quer sair dele de forma alguma. Já Rafael, o representante do terceiro plano existencial, lugar onde os animais e os humanos encarnados existem, bem, ele já é outra história. Rafael foi um Exu antes de reencarnar na Terra como quem é hoje. Ao cair neste mundo, acreditou ter voltado para o umbral médio onde vivia antes de encarnar. Sua crença era muito forte, então ele criou seu umbral médio, sua antiga colônia, e vive por lá. Não conseguimos nem mesmo chegar perto de sua colônia, ela é altamente protegida. E ele está muito hostil, nos mantém longe, pois acredita que estamos plasmando formas falsas para enganá-lo e invadir seu mundo.

– Estamos aqui há mais ou menos cento e trinta anos. – disse Mônica. – No começo, ficamos confusos, cada um preso na própria ilusão, criando a própria realidade, separados e perdidos. Alexandre foi o primeiro a perceber o que estava acontecendo. Sua intuição sempre foi muito boa, pois vem direto da Fonte Criadora. Entendeu que estávamos em um mundo onde os draconianos nos exilaram e começou a nos alertar para sairmos da ilusão. Nós cinco conseguimos nos libertar e nos unimos em busca de uma saída. Tentamos encontrar outras consciências além das nossas neste mundo, mas nunca nos deparamos com ninguém real. Somente formas físicas que nós mesmos havíamos criado, no desejo de encontrar outras vidas, porém Marta, que é uma empata, conseguia identificar se a manifestação tinha alma e quem de nós havia criado aquele ser ilusório.

– Já tentamos de todas as formas achar uma maneira de escapar deste lugar – Francisco tomou a palavra –, mas pouco entendemos do espaço onde estamos. Só o que sabemos é que nunca envelhecemos e que criamos instantaneamente tudo o que pensamos e sentimos, e, com esse conhecimento, aprendemos a controlar a realidade que criamos. Sabemos que estamos sozinhos,

não vive mais nenhuma consciência aqui, e que não estamos no universo que conhecemos. E, o pior de tudo, estamos isolados, sem conexão com o nosso universo. Como somos a Fonte Criadora experimentando e criando uma nova realidade, podemos, sim, nos conectar com o plano que representamos, mas isoladamente, sem a ajuda de nossos irmãos, sem a ajuda de nossos anjos e mentores. Se não fosse por Marta, a representante do plano das leis universais, até hoje não saberíamos que estamos presos em um espaço separado do universo que conhecemos. E se não fosse por Alexandre, o representante da Fonte Criadora, até hoje estaríamos presos em nossos sonhos ilusórios mentais.

– Nós tentamos de todas as formas achar uma saída daqui, Madhu – completou Marta. – Juntos, criamos um mundo pacífico e muito bonito. Lá, fundamos um centro de estudos, onde armazenamos tudo o que fomos aprendendo ao longo dos anos sobre este espaço no qual estamos vivendo. E agora temos você, que poderá nos ajudar a entender ainda mais este mundo e, quem sabe, elaborar um plano de fuga.

– Não sei se vocês já sabem – eu comecei a dizer –, mas estamos dentro do buraco negro no centro de nossa galáxia, num espaço neutro entre o nosso universo e um universo paralelo. A percepção de tempo aqui é diferente. Não é que vocês não envelhecem, nós envelhecemos, porém o envelhecimento ocorre muito lentamente aqui neste espaço. E este lugar não pode ser rastreado por nenhuma nave ou inteligência. É tudo o que eu sei – concluí.

Os cinco ficaram surpresos com essas informações, e animados para rever as pesquisas e os estudos que fizeram ao longo de mais de um século. Eles me fizeram muitas perguntas, e eu lhes contei tudo o que sabia, o que era muito pouco.

Então eles me levaram para o magnânimo mundo que construíram, semelhante à Nova Terra que Tarala me mostrara antes de eu partir em minha missão. Cada um tinha sua própria cidade, e entre as cinco belas cidades havia uma imensa sede em formato de mandala, que havia recebido esse mesmo nome, onde eles se reuniam com frequência para recriar e aprimorar o mundo deles, fortalecer seus laços de amizade e estudar uma forma de salvar os dois amigos perdidos em suas criações. Eles já haviam desistido de tentar escapar daquele mundo inusitado de criação instantânea. Estavam felizes com a vida que levavam, apesar de sentirem falta de pessoas queridas de nosso universo de origem.

Fomos até a sede Mandala, onde eles me mostraram os inúmeros estudos feitos para compreender aquele mundo e suas variantes. Passei dias estudando na biblioteca, tentando entender aquele espaço neutro entre mundos.

Todos os universos e tudo o que existe é criação da mesma Fonte, que permeia tudo o que há. Nada está separado da Fonte Criadora, pois tudo o que existe é a Fonte se manifestando, criando e experimentando. Portanto, no espaço neutro entre universos, a Fonte se fazia presente, é claro, mas sua presença se restringia à Fonte Criadora que habita em nós, na individualidade de cada um, no microcosmo que somos. Nosso poder de Fonte Criadora que somos foi potencializado, porém nossa conexão com o nosso mundo foi perdida. Os cinco fizeram de tudo para tentar se reconectar com famílias espirituais, ou seja, desdobrar-se e fazer contato com seres de planos existenciais de nosso universo, mas todas as tentativas foram em vão. Marta, que entende das leis universais, elaborou a hipótese de que, se Os Sete estivessem unidos, poderiam, juntos, criar uma nave que manifestasse os sete planos de existência e, assim, criar uma energia tão poderosa de fusão que os puxaria de volta para o nosso universo de origem.

Mas eles estavam em cinco e, antes de tentar essa hipótese, teriam de salvar os dois amigos perdidos nas próprias criações. E caso o experimento baseado na hipótese de Marta desse certo, haveria a morte do corpo físico dos sete humanos, tamanha a força energética explosiva que disso adviria, e também porque seriam arremessados para fora do buraco negro, para o espaço sideral de nosso universo, onde corpos humanos congelam instantaneamente. No entanto, suas almas estariam livres, seus espíritos seriam rapidamente encontrados e encaminhados para colônias espirituais, e o trabalho de Os Sete: os precursores da Terceira Realidade, poderia então continuar para o bem de todos.

Era inebriante viver em um mundo de criação instantânea. Eu conseguia entender Larissa, a artista que se refugiou em seu mundo mágico de conto de fadas. Quando se tem a capacidade de controlar a mente e as emoções, como Larissa, é possível viver em plenitude num mundo dos sonhos; paradisíaco. E foi assim que Larissa se perdeu. Ela ficou inebriada com sua criação, um vício do qual não queria se libertar. Ela criou seu paraíso particular, e de lá não queria mais sair. É compreensível.

Eu me mantive totalmente absorvida em meus estudos na sede de Mandala, de forma integral, para não me perder na ilusão de minha mente criativa. Se eu começasse a experimentar meu poder criativo, seria difícil me desapegar dele. Após muito estudo, chamei os cinco médiuns para uma reunião.

Nós nos sentamos em volta de uma mesa redonda branca, na sala de reuniões, no centro de Mandala. Cada um criou sua própria cadeira, a que mais lhe agradava. Era fascinante e inebriante viver naquele mundo.

– Chamei vocês aqui porque talvez eu tenha encontrado uma saída – comecei.

Os cinco se entreolharam. Não pareceram empolgados com a possibilidade de fuga por dois motivos: primeiro, porque já estavam bem adaptados e muito felizes no mundo que haviam criado, ou seja, acomodados. Era muito mais fácil viver em um mundo do qual se tem o controle absoluto e uma lâmpada mágica de onde sai um gênio que está sempre à sua disposição para realizar todos os seus desejos e sonhos. Porém, somente as experiências com a pluralidade da vida levam uma alma ao aperfeiçoamento. Precisamos uns dos outros, unidos, somando forças para evoluir. Um puxa o outro. No nosso universo de origem, somos todos uma grande família, uma família com uma magnânima diversidade, e é essa diversidade que nos ensina e nos mostra a verdade dentro de nós. Eles sabiam disso, mas o desejo de ficar era mais forte.

O segundo motivo pelo qual eles não estavam empolgados para sair daquele espaço entre mundos é porque não deixariam, de forma alguma, os dois amigos para trás, e não viam como libertá-los de suas próprias mentes. Tentaram por longas décadas, e já haviam desistido.

Percebi que aquela situação se assemelhava à de um desenho terrestre dos anos 1980, chamado “Caverna do Dragão”, um lugar em que alguns jovens, por mais que tivessem oportunidades de sair daquele mundo, por algum motivo sempre deixavam a oportunidade se fechar.

– Estamos curiosos para saber qual seria essa saída – comentou Mônica, um pouco descrente.

– Durante minha formação como agente de segurança intergaláctica, aprendi habilidades e saberes tecnológicos bem avançados. Juntei os conhecimentos que adquiri em minha formação com as informações que vocês coletaram ao longo do

tempo e acredito que há uma forma de sairmos deste espaço e sermos transportados para um local seguro fora do buraco negro.

– Como? – Marta perguntou, curiosa.

– Vamos materializar uma mer-ka-bah. Sei que já tentaram isso e não deu certo, pois vocês precisariam de Larissa, que se conecta com o plano das fadas. Somente uma fada de coração puro pode dar ordem para o motor de uma poderosa mer-ka-bah para que ele comece a girar corretamente. Sem Larissa, se tentassem sair deste espaço com uma mer-ka-bah, seria muito perigoso. Provavelmente acabariam sendo sugados para uma dimensão de outro universo que não o nosso. Ainda bem que tiveram o bom senso e a sabedoria de não arriscar uma missão suicida. – Eles se entreolharam um pouco assustados, e então eu continuei: – A saída está, sim, na construção de uma poderosa nave mer-ka-bah, em que os sete planos existenciais se fundem. Se a criarmos da forma correta e rotacionando na velocidade certa, acredito que sairemos daqui. Afinal, a mer-ka-bah serve exatamente para isso; viajar entre mundos, entre dimensões, sem fronteiras nem barreiras. Mas ainda preciso rever alguns cálculos para ajustarmos nossas mentes para que a mer-ka-bah nos leve exatamente aonde queremos. Devemos ser teletransportados para um local seguro, sem a perda do corpo físico. Qualquer erro será nossa morte, por isso preciso ter certeza de que os cálculos estão corretos.

– Não podemos abandonar nossos amigos – argumentou Alexandre.

– Eu vou resgatá-los pessoalmente de suas próprias mentes. Darei um jeito. Não partiremos sem eles – garanti, confiante. – Porém, precisarei da sua ajuda, Alexandre, e de seu poder de persuasão quando for buscar Larissa. Quanto a Rafael, é melhor eu ir sozinha, ou a presença de vocês pode atrapalhar.

– Meu poder de persuasão tem limite – respondeu Alexandre, e o limite é o respeito ao livre-arbítrio do ser, por isso não teve efeito no plano de criação da realidade de Larissa. Lamento, eu já tentei de todas as formas, ela não quer sair de seu mundo.

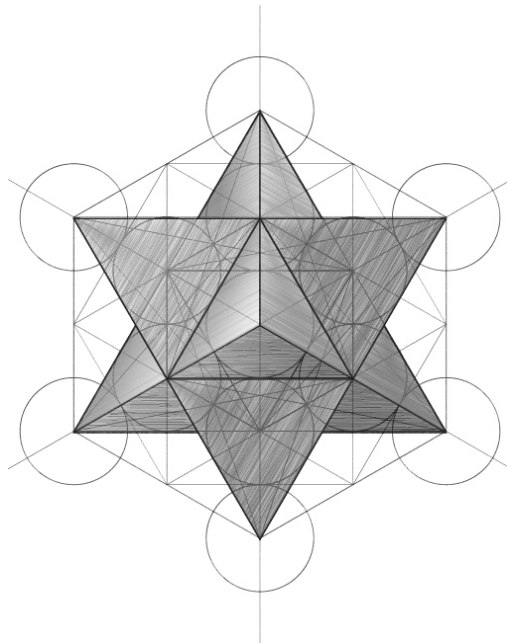
– Mesmo assim, conto com você – insisti, sem muita paciência. Eu estava confiante de que conseguiria resgatar Larissa.

– Tudo bem. Claro que ajudo – concordou ele, ainda descrente.

Mostrei a eles o novo projeto detalhado da mer-ka-bah que eu estava elaborando. Teriam de criá-la seguindo-o rigorosamente, cada um com a parte em que lhe cabia o conhecimento, de acordo com o plano existencial que representavam. E, quando eu voltasse com Larissa e Rafael, terminaríamos a construção da mer-ka-bah e partiríamos de volta ao nosso universo.

Alexandre e eu nos preparamos para partir para o Mundo da Magia, que Larissa havia criado, com a missão de resgatá-la. O Mundo da Magia era um planeta um pouco menor do que a Lua da Terra. Era um mundo encantador!

CAPÍTULO 9



No Mundo da Magia, havia três grandes luas no céu. Era sempre noite, porém clara; iluminada pelas luas e estrelas que brilhavam na sombra da noite. Raramente aparecia um crepúsculo deixando seu rastro púrpura no céu claro da noite. Nuvens brancas dançavam no céu como neblinas, como se fosse um balé, formando figuras míticas que contavam uma história.

Havia uma atmosfera exotérica de magia, em que gnomos e fadas reinavam em seu paraíso perfeito. Eu gostei. Gostei muito! De imediato me identifiquei com Larissa.

Na superfície do planeta havia muitos rios sinuosos e diversas cachoeiras. Pousamos nossa nave – criada para chegar até aquele mundo – próximo a um rio. A primeira coisa que observei foram as sereias. Belíssimas sereias nadando no rio. Em seguida, vi fadas, várias delas, desde pequenas, como borboletas, até grandes, com a

minha estatura. Usavam vestidos de tecido leve, todas lindas, com rostos angelicais. Algumas emitiam um som de tamanha magia que inebriava a alma, seu canto era semelhante à música celta. Havia fadas em todo canto, escondidas na vegetação densa daquele mundo, enroladas em flores gigantes e em casas criadas em galhos imensos de árvores falantes. Ouvi um burburinho de gnomos escondidos na relva, à espreita, mas não os vi, apenas ouvia suas risadas e sentia que estava sendo observada.

Larissa representava o segundo plano existencial, o plano dos elementos e elementais da natureza; das fadas, dos gnomos, dos vegetais e também da água. Portanto, a água tinha uma propriedade especial, ela era a ponte entre o plano inorgânico e o plano orgânico, por isso pertencia tanto ao primeiro quanto ao segundo plano existencial.

O mundo de Larissa era a manifestação mais pura e limpa do segundo plano da existência. Provavelmente ela tenha sido uma fada antes de encarnar como humana no planeta Terra.

A iluminação dentro da densa floresta se dava por margaridas luminosas que brotavam do solo púrpura, e vinha também de alguns cogumelos gigantes cuja cúpula vermelha irradiava luz. Alexandre percebeu meu fascínio por aquele mundo e me alertou:

– Cuidado para não se deixar levar, você pode se perder na mente de Larissa e ficar presa aqui. E, não se engane, nem tudo aqui é lindo e perfeito. Existem guerras às vezes, escuridão e dor.

– Como faremos para encontrar Larissa? – perguntei, seguindo o conselho de Alexandre e me concentrando na missão, para não me deixar levar pela ilusão que Larissa criara.

– Nós estamos *nela*. Cada vez que eu vim aqui, ela se manifestou de determinada forma. Da última vez, era um elfo de

olhos e cabelos violeta e orelhas pontudas. Temos de esperar que ela se manifeste. Ela já sabe que estamos aqui. Ela está nos observando, curiosa para saber quem é você.

– E se ela não quiser aparecer? – perguntei.

– Ela vai aparecer. Como eu disse, está muito curiosa para saber quem é você. Pode acreditar, ela vai aparecer logo.

Um barulho estrondoso no céu fez tremer o chão. Ao longe, vimos um grande dragão voando em nossa direção. O barulho vinha do rugido da imensa criatura. Eu fiquei aflita.

– Não precisa ter medo. Ela não vai nos fazer mal algum. Larissa tem bom coração – sussurrou Alexandre, mas seus olhos estavam arregalados, fixos no dragão.

O dragão pousou muito próximo de nós. Era magnífico e ao mesmo tempo assustador. Em seu dorso estava montada uma bela guerreira vestindo uma sensual roupa de couro, com os cabelos arranjados em um penteado medieval e uma diadema na cabeça, como uma coroa delicada, pendendo uma pedra de ônix no terceiro olho.

– Ora, ora, quem resolveu aparecer por aqui! Meu amigo Alexandre. Que surpresa agradável. E quem é essa que está com você? – perguntou, curiosa. – Não parece criação sua. Parece uma unidade de consciência – constatou, surpresa.

O dragão deitou-se no chão e apoiou o queixo nas patas dianteiras. Seus imensos olhos de serpente devoradora de criaturas inocentes me olhavam com curiosidade.

– Olá, Larissa. Dragões não combinam muito com você – comentou Alexandre.

– Estava um pouco entediada. Nada como uma guerra medieval para aliviar o tédio. Inclusive, estava na batalha quando você chegou. Mas você não respondeu à minha pergunta – disse Larissa, me observando.

– Meu nome é Madhu. Sou uma zeptoide. Faço parte do setor de segurança intergaláctica da Confederação Intergaláctica. É um prazer. Seu mundo é magnífico – disse eu.

– Interessante – disse Larissa. – Setor de segurança intergaláctica – repetiu. – E o que faz aqui? – perguntou, parecendo preocupada.

– Gostaria de conversar com você. Com calma – pedi.

– Se quiserem falar comigo com calma, subam nas costas do meu dragão, me ajudem a derrotar o clã dos Klein e então poderemos conversar em meu castelo, e comemorar a vitória – propôs ela.

– Desculpe, mas não entrarei no seu jogo, Larissa – interrompeu Alexandre.

– Eu vou – concordei, já caminhando na direção do dragão.

– Madhu, é uma armadilha para prendê-la neste mundo. Não vá! – Alexandre me segurou pelo braço.

– Não se preocupe. Sei controlar minha mente. Não vou cair em nenhuma armadilha – tentei tranquilizá-lo.

– Ah, Alexandre, meu amigo. Como faz mal julgamento de mim – disse Larissa. – Vou pedir a um unicórnio de corrida que venha buscá-lo, e ele o levará até meu castelo medieval. Vai gostar de lá. – E então ela se dirigiu a mim: – Vamos, Madhu!

Eu escalei as escamas do dragão até alcançar o topo de suas costas. Sentei-me atrás de Larissa e me agarrei à espinha dorsal do dragão, que era sobressalente como uma garra. A criatura se levantou, então me segurei com mais força para não cair. Ele bateu suas imensas asas e alçou voo. A sensação era incrível.

Sobrevoamos florestas encantadas, avistei um castelo branco sobre um despenhadeiro de cachoeira, unicórnios correndo em um pasto de violetas azuis. Atravessamos uma cidade de pedras brilhantes e outra cidade sobre as águas, cujo córrego estava repleto de pequenas embarcações transportando figuras fantásticas, como duendes, que olharam para cima, espantados com nossa passagem. Então cruzamos um mundo moderno de cúpulas de vidro que se interligavam por tubulações cilíndricas transparentes. Era impressionante como a imaginação de Larissa era fértil.

Então atravessamos um vasto rio. O dragão fez um mergulho no ar para tocar com delicadeza as garras na superfície da água, espirrando em mim e em Larissa. Nós rimos, aquilo era muito divertido. Ao atravessar o rio, chegamos a um vasto campo medieval. Ao longe, vi um castelo ilhado pelo mar, que parecia uma montanha cercada por enormes muralhas, como o Monte Saint-Michel, da França, no planeta Terra. No centro e bem no alto estava o majestoso castelo e, ao seu redor, sinuosas ruelas de pedra ladeadas de moradias medievais. As muralhas estavam sendo atacadas por navios piratas. Uma imensa bola de fogo foi lançada em nossa direção por um dos navios. O dragão desviou com destreza e eu quase caí.

– Esse é o problema – disse Larissa. – Se a gente se aproximar mais dos navios, o dragão será abatido. Teremos de voar alto, pousar no topo do castelo e atacar de dentro para fora. Tem uma sugestão melhor? – perguntou ela.

– Não. O mundo é seu. A decisão é sua – respondi.

Voamos alto e cruzamos uma massa densa de nuvens no céu. As três luas estavam bem na nossa frente, radiantes e belas. Então o dragão mergulhou em queda livre e foi freando no bater das asas, até pousar no topo do castelo medieval, no centro da vila murada.

Algumas casas estavam em chamas, e moradores do local, como elfos e fadas, tentavam a todo custo apagar o incêndio. Crianças choravam, chamando a mãe, e havia homens feridos e unicórnios mortos por toda parte. Alexandre tinha razão; nem tudo era belo naquele mundo. Havia escuridão no coração de Larissa.

Descemos do dragão e corremos. Montamos em unicórnios pretos e musculosos de longas crinas e fomos até o lado da muralha mais fragilizada que estava sendo atacada. Ouvi o som de batuques do inimigo, em ritmo constante. Eram onze imensos navios piratas de guerra. Subimos as muralhas. Alguns navios estavam em chamas, os soldados elfos com suas flechas em fogo atiravam sem parar. Mas dos navios os canhões atiravam bolas de fogo, que faziam estremecer a grossa muralha.

– O que faremos? Estão quase conseguindo invadir a cidade – um dos soldados elfos voltou-se para Larissa e perguntou aos gritos, para que sua voz se sobressaísse em meio aos estrondos de destruição e gritos de agonia.

Notei, então, o óbvio: Larissa era a rainha daquele castelo.

Ela se voltou para mim e perguntou:

– Tem alguma ideia?

– Por que não cria uma arma poderosa para acabar logo com isso? – perguntei.

– Que graça teria? Temos de usar a cabeça – retrucou ela. – Isso é um jogo, não entende!? O que você faria?

– Só há uma saída. E você sabe disso – falei, percebendo qual era o jogo.

– Não! – Larissa gritou em desespero.

Ela olhou para o topo do castelo, onde seu imenso dragão a tudo observava, à espera de um comando. Então, com lágrimas nos olhos, Larissa deu o comando. O dragão bateu asas e seguiu na direção dos onze navios. Tivemos de nos abaixar atrás das muretas do topo da muralha quando o dragão abriu a imensa boca e soprou um fluxo de fogo destruidor. Os onze navios estavam em chamas, mas o dragão fora abatido, e afundava nas águas escuras do mar.

– Por que você fez isso? – perguntei para Larissa. – Por que criou essa realidade?

– Como já disse, eu estava entediada – respondeu ela, com lágrimas nos olhos.

– E agora você está infeliz – argumentei.

– Sim, estou. Mas estou viva, experimentando, sentindo, aprendendo, vivendo! – replicou ela, e eu entendi seu argumento.

Larissa era inteligente e encontrou uma forma de tentar evoluir dentro de seu mundo e dentro da crença que tinha de que, para evoluir, precisava sofrer. O que não é verdade. A evolução não precisa ser calcada na dor. Mas essa era sua crença e, portanto, sua verdade. Ela estava criando desafios que a impulsionavam à evolução.

– Só assim serei capaz de expandir meu mundo e, quem sabe, um dia me dividir; fragmentar minha consciência para criar unidades conscientes e criadoras em meu mundo – explicou.

Alguns soldados elfos comemoravam a vitória, outros olhavam desolados para o ponto no mar onde o dragão afundara. Sua maior arma de guerra, o dragão, estava destruído, morto, e isso seria um problema para aquele reino.

– Vamos! Temos de voltar ao castelo – ordenou Larissa.

Montamos em nossos unicórnios e cavalgamos até a suntuosa construção.

As tochas nos pilares do grande salão do castelo estavam acesas. As labaredas chiavam num lamento de dor, pois o grande dragão do clã dos Elfos estava morto, e a tristeza naquele lugar era perceptível. Larissa subiu as escadas que davam para um trono de rosa negra e sentou-se, desolada. A negra rosa a abraçou com suas delicadas pétalas. As paredes do castelo eram formadas de musgo e trepadeiras.

Eu subi os dois degraus que davam acesso ao trono e parei em pé, diante da imensa rosa negra onde Larissa repousava.

– Fiz o que me pediu, participei de sua batalha. Agora precisamos conversar – pedi.

– O que você quer, eu não posso lhe dar. Lamento. Jamais abandonarei meu mundo – respondeu.

– Seu mundo real é o nosso universo de origem, que precisa de você. Isto aqui é uma fantasia, uma ilusão, não é real – argumentei.

– O que é realidade, Madhu? Explique-me. Tente me convencer de que meu mundo não é real e eu vou com você – pediu Larissa, rindo.

Eu precisaria da ajuda de Alexandre para convencê-la. Ele poderia, através da Fonte Criadora que representava, retirar dela crenças de seu subconsciente, crenças que a estavam impedindo

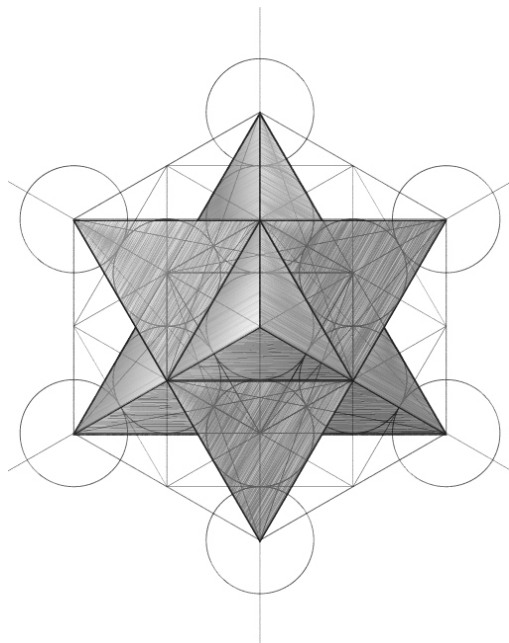
de se libertar das armadilhas de sua mente. Precisava esperar Alexandre chegar antes de entrar numa discussão com Larissa. Seria tudo ou nada.

– Vamos descansar primeiro, enquanto Alexandre não chega – sugeri.

– Tudo bem. Como quiser. É minha convidada de honra. Terá o melhor dormitório de hóspede e pode ficar quanto tempo quiser. Mas saiba que Alexandre em nada poderá ajudar, ele também não tem como me convencer. Por mais persuasivo que ele seja, faltam-lhe argumentos. Ele deve chegar em algumas horas. Por mais rápido que seja o unicórnio de corrida, estamos bem longe de onde vocês pousaram.

Larissa chamou uma de suas fadas e pediu a ela que me acompanhasse até meus aposentos. Eu a segui. Precisava mesmo descansar, repor minha bateria e pensar num bom argumento que convencesse Larissa a deixar sua criação e me seguir de volta ao nosso universo de origem. Não seria nada fácil.

CAPÍTULO 10



O meu aposento no castelo medieval era enorme, um amplo espaço aberto setorizado por mobílias rústicas. Havia uma mesa posta, com vinho, queijos e pães, uma imensa sacada aberta, com cortinas de seda bailando ao vento, uma cama com dossel, paredes grossas de musgo e trepadeiras e tudo que um quarto de castelo medieval poderia ter. E parecia muito real. E era real.

Saí na sacada para ver a belíssima paisagem. Diversas fadas voavam no céu, acima de onde o dragão afundara. Era uma vastidão de mar iluminado pela luz das três luas. As casas da vila que serpenteava a montanha até alcançar o castelo estavam com velas e tochas acesas, mostrando que ali havia vida. Diversas janelas medievais irradiavam uma luz amarelada, iluminando as vielas charmosas. Era tudo real e muito lindo.

Voltei para o aposento e me sentei na cama para tentar pensar em uma forma de convencer Larissa. Afinal, ela tinha razão, seu mundo era, sim, real. Realidade é a manifestação de nossos sonhos. Quando nosso sonho se manifesta, torna-se realidade. A lei da ilusão, que nos oferece a errônea percepção de planos existenciais separados da Fonte Criadora, é quem gera a realidade que percebemos.

Deitei-me um pouco, para recarregar minha bateria, e logo uma fada veio me chamar. Alexandre finalmente havia chegado de sua viagem. Ele e Larissa me aguardavam na sala de refeições. Ainda bem que a fada de vestido lilás, cabelos rosa e olhos magenta me acompanhou pelos corredores do castelo até o salão de refeições. Aquele lugar era um verdadeiro labirinto, com supostas passagens secretas por todos os cantos. Os corredores eram sombrios, e em alguns cheguei a ouvir choro de crianças.

Segui a fada até um amplo salão lotado de elfos e fadas festejando a vitória da batalha contra os piratas do clã dos Kleins. No grande salão havia uma enorme lareira acesa, e sobre ela estava a bandeira com o estandarte do clã dos Elfos. Próximo à imensa lareira, vi Larissa e, ao seu lado, Alexandre, sentados atrás de uma longa mesa rústica de madeira maciça. Havia um banquete nas demais mesas do grande salão, com carnes, pães, queijos, cerveja e vinho. Sentei-me ao lado de Larissa, e do outro lado estava Alexandre.

– Agora, sim, podemos conversar. Certo, Madhu? – perguntou ela.

– Sim, podemos – respondi. Estava preparada.

– Então, me diga, estou curiosa; como pretende me convencer de que este meu mundo não é real?

– Ah, não pretendo enganá-la, Larissa. Seu mundo é, sim, bem real, porém extremamente limitado, não chega nem aos pés da realidade do nosso universo de origem – argumentei.

– Limitado? – Larissa ficou ofendida. – Limitado é o nosso universo de origem! Você viu muito bem do que este mundo é capaz, e tudo o que existe nele. Aqui não existem fronteiras nem bloqueios, tudo é possível. Aqui há magia! – Ela defendeu-se.

– No nosso universo de origem também há magia e poder criativo infinito, são somente nossas crenças que nos bloqueiam. E se engana em achar que aqui não há fronteiras para a imaginação. Existem, sim, fronteiras. Sua mente limitada é a fronteira. Não percebe? Você usa dados de referências que seus sentidos absurdamente limitados copiam, do pouco que conhece, dos acervos akáshicos do nosso universo original. Você não criou nada de novo, apenas usa analogias em seus dados de memória, recriando coisas já existentes no nosso universo de origem. Seu limite é sua mente e suas experiências vividas em nosso universo. Aqui você nunca aprenderá nada de novo. Por mais que tente, jamais evoluirá, pois está presa em sua limitada mente, separada da multiculturalidade e dos diversos planos existenciais que têm como propósito nos ensinar o caminho de volta para a unidade. Você só passa a ser grandiosa e a realmente criar algo original e novo quando se une à Fonte Criadora, a uma consciência maior, sem fronteiras para a criação. Aí, sim, você terá realmente o poder criativo. Até lá, será mera reprodutora de realidades já criadas. Entende a gravidade? Esta realidade é uma prisão, que a anestesia na ilusão da alegria passageira e instável, que acaba por afastá-la de seu propósito de vida. O nosso propósito de vida é a liberdade; é libertar-se da mente que mente para nós, da razão, que é uma doce ilusão, e, assim, atingir a consciência da totalidade, que é a união com a Fonte Primordial de Amor.

Larissa fez cara de desdém e contra-argumentou:

– Liberdade? Ah, por favor! Eu nunca fui tão livre como sou agora. O nosso universo de origem me aprisionava, aqui sou livre para ser quem eu quiser e criar a realidade que eu desejar. Isso é liberdade. Se o propósito da vida é ter liberdade, então aqui eu alcancei meu propósito. Aqui encontrei a felicidade. Nunca fui tão feliz!

– A quem você está tentando enganar? Eu ou você mesma? Uma pessoa feliz não cria um mundo em guerra onde um dragão de estimação precisa morrer para que você possa ter alguma emoção e sair do tédio. Uma pessoa feliz não come um banquete com cadáveres de animais. Aqui você nunca será feliz, pois a verdadeira felicidade é a plenitude que se sente quando há conexão com a Fonte Criadora, com o Todo e Tudo que existe. Aqui você está desconectada, inebriada, e, por mais que tente, nunca vai evoluir. Evolução requer coragem. Desculpe-me, Larissa, mas, apesar de lutar em guerras e criar um dragão assustador, você é uma covarde que se esconde atrás de uma falsa coragem. Tem medo de se relacionar com pessoas reais que têm alma e vida própria. Esses elfos, gnomos e fadas são como os androides sem alma de Shandi33, seres sem alma, sem vida, sem vontade própria, são o seu reflexo e nada mais.

Larissa bateu as duas mãos na mesa, com raiva, dando um basta no meu discurso, e levantou-se irada, com o rosto vermelho.

– Chega! Ninguém vai me ofender em meu castelo! Quero que vão embora. Retirem-se do meu mundo e não voltem mais! Estou farta de vocês. Se acham tão superiormente espiritualizados, mas não sabem respeitar o livre-arbítrio. Grandes seres espiritualizados são vocês – bradou, com ironia. – Esquecem o básico: vocês nunca vão convencer alguém de que seu argumento é o certo se a pessoa

já tem sua própria verdade formada e não está aberta a opiniões de terceiros. Eu já fiz minha escolha e não vou mudar de ideia, independentemente do que diga, Madhu. Então não perca mais seu precioso tempo e vá embora.

Larissa tinha razão: não há como ajudar uma pessoa que não quer ser ajudada. Naquele momento, eu entendi que não importavam os argumentos. Por mais sensatos que fossem, não serviriam para convencer Larissa. Cada pessoa tem seu tempo, e aquele não era o dela. Larissa escolheu fechar os olhos, dormir e sonhar, e ninguém, além do tempo, poderia acordá-la.

– Tudo bem! Peço desculpas se a ofendi. Por favor, não fique brava. Prometo que não tentarei convencê-la de vir conosco e abandonar sua criação. – afirmei, com sinceridade.

Alexandre estava resignado. Ele percebeu que eu havia falhado, Larissa jamais seria convencida por alguém, somente pelas próprias experiências. Esse foi o caminho que ela escolhera, e deveria ser respeitada por isso.

Larissa voltou a se sentar, mas continuava irritada e tensa. Eu continuei falando, amistosamente:

– Descobrimos uma forma de sair deste espaço entre mundos no qual estamos presos. Mas, para isso, precisamos de sua ajuda. Peço encarecidamente, em respeito à liberdade de seus amigos que desejam sair deste lugar, que deixe uma de suas fadas vir com a gente. Precisamos da sabedoria de uma fada para acionar o motor de nossa nave.

– Contanto que me deixem em paz, eu os ajudarei. Não me custa nada emprestar uma das minhas milhares de fadas para ajudar meus amigos. Podem levar Stibal, a fada que os acompanhou nos corredores do meu castelo. Ela é muito sábia e

não vai querer pregar peças em vocês para se divertir. Por favor, tratem bem a minha fada, e não usem de sentimentalismo para se comunicar com Stibal. Fadas não entendem sentimentos humanos. Elas estão acima de sentimentos medíocres.

– Vamos tratar Stibal com muito respeito, eu prometo – garanti
– Agradecemos de coração sua ajuda. Assim que Stibal acionar o motor de nossa nave, eu a liberto para que volte para o Mundo Mágico. Vamos embora agora, mas, antes, peço que aceite um presente nosso.

– Que presente? – perguntou ela, desconfiada.

– É um mapa. Ele levará você até uma nave chamada mer-ka-bah – disse Alexandre. – Peço que guarde este mapa com carinho, como lembrança de nossa amizade e da união de Os Sete. Estamos de partida. Vamos regressar para o nosso universo de origem e nunca mais voltaremos aqui. Se um dia, por acaso, sentir saudade de nós, poderá embarcar na mer-ka-bah que deixaremos criada para você. Neste mapa estão todas as instruções para a ativação da nave. Talvez você consiga fazer isso sozinha, mas não temos certeza. Espero de coração um dia voltar a vê-la, Larissa.

Alexandre materializou o mapa em formato de um grande livro com capa de couro, na qual estava gravado o símbolo da mer-ka-bah em ouro. Um livro grosso com mais de quinhentas páginas, com todas as informações colhidas pelos cinco humanos durante centenas de anos, mais as minhas anotações recentes, e o projeto da nave e de como fazê-la funcionar. Larissa não poderia criar sozinha tal nave, por isso deixaríamos uma pronta, para que ela usasse quando sentisse vontade de voltar ao nosso universo. Porém, apenas a união dos sete planos existenciais faria a nave realmente se deslocar daquele espaço entre mundos. Se Larissa

aprendesse tudo sobre os sete planos da existência, talvez conseguisse sair do espaço entre mundos.

Alexandre entregou o imenso livro a Larissa, que aceitou o presente sem dizer nada. Ela olhou a capa do livro disfarçando a curiosidade, e, com falso desdém, o colocou sobre a mesa.

Eu me levantei e me despedi. Larissa e Alexandre também se levantaram. Todos nós nos despedimos amigavelmente. Larissa tentou esconder a tristeza nos olhos com um sorriso tremido falso. Ela não queria dar o braço a torcer, mas eu senti seu medo e sua tristeza em saber que daquele dia em diante nunca mais veria os amigos, que estaria completamente sozinha naquele mundo, presa em sua mente.

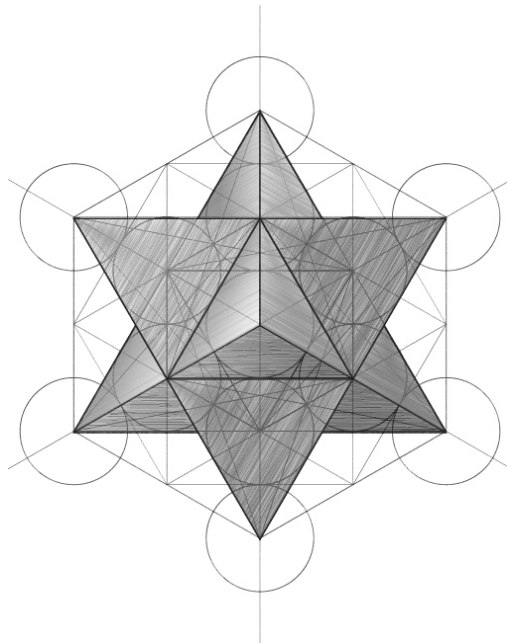
Eu tinha esperança de que Larissa refletisse e mudasse de ideia antes de nossa partida. Estava pensando nisso durante o trajeto de volta à sede Mandala, e Alexandre, adivinhando meus pensamentos, disse:

– Isso não vai acontecer. Vai levar séculos até ela acordar para a verdade – concluiu, com tristeza na voz.

Eu me senti um verdadeiro fracasso naquele momento, pois havia falhado em mais uma missão. Eu não consegui salvar Camila e agora também não consegui salvar Larissa. Esperava não falhar com Rafael. Eu era péssima em salvar pessoas. E, novamente, Alexandre adivinhou meus pensamentos:

– Você não tem poder sobre as escolhas dos outros. Cada um escolhe o próprio caminho e, inevitavelmente, encara as consequências de seus atos.

CAPÍTULO 11



Voltamos à Mandala – Alexandre, a fada Stibal e eu. Ao chegarmos, demos a triste notícia aos nossos amigos, que nos esperavam ansiosos. Larissa ficaria para trás.

Deveríamos respeitar sua escolha e seguir em frente. Um dia, quando ela estivesse preparada, voltaria à realidade de nosso universo original. A fada Stibal substituiria Larissa na ativação do motor da nave, e eu a substituiria representando o segundo plano existencial na fusão dos sete planos da existência. Por sorte, eu sabia me comunicar com o segundo plano da existência e tinha estudado tudo sobre esse plano na minha formação como agente de segurança interestelar.

Porém, não havia ninguém para substituir Rafael. Se eu não conseguisse libertá-lo do umbral, nosso retorno seria impossível. Era necessária a junção dos sete planos existenciais para criar a

explosão que rasgaria o espaço-tempo e nos lançaria para fora do buraco negro.

A nave estava quase pronta, faltava somente a parte que apenas Rafael poderia finalizar. Aquela era a maior mer-ka-bah que eu já tinha visto, feita de uma pedra permeável lilás transparente muito rara, que só existe em uma galáxia muito distante. Em Shandi33 eu já havia estudado sobre o poder daquela pedra, chamada aurécula. Mas só tinha visto essa pedra por imagem holográfica, e ela era bem pequena.

A vantagem de viver num espaço onde se podia criar tudo, qualquer coisa, é que coisas raríssimas no universo, como a pedra aurécula, também podiam ser criadas. Acredito que nem os draconianos tinham conhecimento do poder daquela pedra. Provavelmente não. Com tamanho poder, ela faria um grande estrago em mãos mal-intencionadas. A única aurécula da qual a Confederação Intergaláctica tinha conhecimento estava numa galáxia distante, guardada no interior de uma estrela solitária.

Eu ensinei tudo o que sabia sobre a pedra aurécula para Katia, a alquimista representante do primeiro plano da existência. Foi ela quem a criou em forma de mer-ka-bah. Somente Katia poderia ser capaz de produzir uma legítima aurécula.

A nossa nave mer-ka-bah foi criada na imensa pista de pouso que ficava próxima à Mandala. Eu estava diante da nave, admirando nossa magnífica criação de mer-ka-bah de aurécula. Em breve estaríamos fora do buraco negro, de volta ao nosso universo: o útero que nos gera e nos protege.

Francisco se aproximou e comentou:

– Impressionante esta nave. Você sabe que ela terá de ser destruída assim que adentrarmos nosso universo, não é?

– Sim, eu sei – respondi. O poder da aurécula era tanto que poderia até mesmo alterar códigos matemáticos em nosso universo, ou, se caísse em mãos erradas, a destruição estaria feita.

– Vou programar a pulverização da pedra assim que a nave pousar em Shandi33. Você vai gostar de lá – afirmei.

– Não tenho dúvida. Tem certeza de que não quer companhia no umbral? Não será nada fácil a missão de resgatar Rafael. Você tem alguma experiência de resgate em umbrais? – perguntou ele.

– De umbral eu entendo bem. Não se preocupe, Francisco – não quis entrar em detalhes contando a ele que já fui Kally, filha de Lúcifer, e que criara o umbral médio do planeta Terra e lá reinara por séculos.

– Tem algum plano? – indagou, preocupado.

Francisco sabia o quanto era perigoso entrar num umbral sozinho.

– Sim, eu tenho. Nenhum Exu resiste a uma bela Pomba-Gira – foi tudo o que revelei.

Mas, no umbral de Rafael, eu seria muito mais do que uma simples Pomba-Gira.

Antes de partir para o umbral que Rafael criou, eu me preparei, recarreguei bem a bateria e materializei um sensual vestido vermelho – o preferido de toda Pomba-Gira.

Assim que adentrei o umbral, a melancolia daquele lugar e a baixa vibração me fizeram desejar fortemente dar as costas e ir embora. Era impossível não sentir a angústia que assolava aquele inferno.

Criaturas deformadas e fedorentas seguiam meus passos e me observavam com um desejo voraz de cravar os dentes podres em minha carne e literalmente me comer viva. Só não faziam isso por notarem meu poder. O sangue etérico de Lúcifer corria em minhas veias e elas podiam sentir o cheiro do perigo; aquelas criaturas temiam a mim mais do que tudo na vida. Mas me veneravam também, como uma deusa da morte. A lama preta e pegajosa fedia, os monstros fediam, tudo naquele lugar era repulsivo.

Continuei andando e tive de levantar a barra do vestido para não me sujar de lama. Caminhava sem olhar ao redor, ignorando as feras que me observavam com baba escorrendo pela boca. E pude ver, ao longe, uma imensa fortaleza que se erguia num mar de lodo, de onde garras demoníacas emergiam na tentativa frustrante de agarrar algo para se alimentar. Eu teria de atravessar aquele oceano de morte antes de alcançar o grande portão de ferro preto que dava acesso à colônia de Rafael. A entrada era composta de dois bastiões entalhados nas muralhas, flanqueando o portão arqueado.

Não tinha como atravessar aquele lodo. Então, peguei pelo braço a criatura monstruosa mais próxima, que me observava com olhos arregalados de medo, e ordenei:

– Vá até o Exu daquela colônia e diga que Kally, filha de Lúcifer, princesa das trevas, deseja lhe falar. Diga que ordeno que abra o portão da colônia ou o fogo do inferno o sugará para o umbral mais profundo que existe.

Larguei a criatura assustada que, com voz de medo e desespero, disse:

– Sim, minha princesa das trevas, sou seu eterno servo, pode me bater e me esfolar vivo, sou todo seu. E, se eu conseguir atravessar o Mar do Desespero, faça de mim seu escravo, me

torture como bem quiser. Serei seu servo pela eternidade, oh, magnânima princesa das trevas...

– Vá logo, criatura repugnante! – gritei, irritada, interrompendo o discurso masoquista da pobre criatura que refletia a sombra da mente de Rafael.

Eu estava representando o papel de alguém que já fui num passado distante, por isso era tão convincente, tinha experiência com aquela vida que representava. Mas, no fundo, tinha compaixão por aquelas criaturas. Elas eram manifestações dos traumas e das dores de Rafael, de seu profundo remorso. Ele não se perdoava por seu passado. Tinha vontade de dar carinho para aqueles arquétipos da mente de Rafael, acolher aquelas criaturas demoníacas com amor. Mas essa não é a linguagem que as criaturas do umbral entendem, elas sentem aversão ao amor, pois não se acham merecedoras de tal sentimento. São criaturas autodestrutivas que só entendem a linguagem da dor, do comando e do castigo.

A criatura deformada saiu correndo, atravessou o Mar do Desespero e perdeu a metade de uma das pernas na travessia. O pedaço perdido foi devorado por um ogro deformado de face derretida e ossos aparentes.

Mesmo mancando, com uma perna só, a criatura chegou ao imenso portão de ferro grosso e bateu três vezes a pesada argola do portão. Reverberou um som estrondoso e sombrio que alcançou meus ouvidos. Eu esperava às margens do Mar do Desespero, aguardando aquele portão baixar e formar uma ponte de travessia segura. Um pequeno orifício abriu-se no portão e um rosto carrancudo surgiu. De onde eu estava não conseguia ouvir o que a criatura dizia para o rosto carrancudo, mas não demorou para que o imenso portão rompesse o ar num estrondo, saindo

lentamente de sua posição vertical e se inclinando como uma ponte levadiça. Logo estava formada a ponte de travessia do Mar do Desespero.

Não me deixei abater pelo medo, busquei na memória cármica a ausência de emoções e sentimentos que eu tinha quando era Kally, a princesa das trevas, e caminhei pela ponte. Os lamentos de dor e o coro de desespero que vinham do fundo daquele mar de martírio quase me desconcentraram.

Atravessei o imenso vão aberto da fortaleza e adentrei a praça do mercado da colônia. A ponte levadiça começou a se erguer e fechou o vão, novamente com um barulho estrondoso. Centenas de arpões enferrujados apontavam para mim. E, no topo das torres da muralha, homens aos trapos apontavam metralhadoras para a minha cabeça.

– Isso são modos de receber Kally, a princesa das trevas, filha de Lúcifer? – gritei irritada.

– Sabe que não podemos confiar em ninguém – disse um dos homens aos trapos, de dentes podres, e todo sujo de lama preta, que apontava um arpão para mim. – Terá que provar ser mesmo a princesa das trevas, filha de Lúcifer.

Era o que eu temia. Não queria provar quem eu tinha sido um dia. Seria doloroso relembrar a crueldade que um dia assolou minha alma. Mas não havia outra saída. Tinha de provar ser Kally, a princesa das trevas. Só assim ganharia a confiança do Exu.

Comecei a recitar códigos luciferianos secretos, e nuvens de tempestade se formaram acima de nós. Continuei recitando com maior vigor e, então, belas asas negras e brilhantes como petróleo rasgaram minhas escápulas, abrindo-se imensas e majestosas. Uma serpente começou a brotar de dentro de mim, subiu pelas

minhas costas e ficou com a face de naja sobre minha cabeça, protetora e mortífera. A serpente abriu a boca, e de suas presas jorraram uma chuva de ácido em todos os pobres coitados que me ameaçavam. As criaturas, agora deformadas, caíram no chão, gemendo de dor, com a pele derretendo feito geleia, expondo músculos, articulações e ossos.

Nesse instante, a porta do medíocre castelo se abriu, e de lá saiu Rafael, de braços abertos para me receber. Ele estava usando cartola e *smoking*, bem diferente dos homens aos trapos que agora estavam deformados como os monstrenhos das profundezas do Mar do Desespero.

– Seja bem-vinda, minha princesa. Sinta-se em casa – saudou ele, com uma reverência cordial plebeia, tirando a cartola e inclinando-se, numa imitação esdrúxula de um nobre da corte. – Desculpe-me pelos meus criados. Eles não sabem reconhecer a magnitude de Kally.

Eu não disse nada. Entrei no castelo altivamente, a passos largos, como se fosse a dona de tudo, e me sentei no trono do tosco castelo. Aquele era meu lugar. Exu Rafael seguiu atrás de mim de cabeça baixa e ajoelhou-se diante do trono.

– A que devo uma visita tão nobre, minha princesa das trevas, filha de Lúcifer? – perguntou, com um medo avassalador, ajoelhado, de cabeça baixa. *Ótimo! Medo é o melhor combustível que existe para manipular e convencer um ser*, pensei.

– Temos assuntos a tratar, Exu. Ouvi dizer que me traiu. Que andou trabalhando para... você sabe quem. – Eu sabia que ninguém no umbral podia falar o nome da Fonte Criadora, nem mesmo a filha de Lúcifer.

Mônica havia me contado toda a história de Rafael. Ele passara vários séculos de sua vida como *Exu batizado*, no umbral médio, trabalhando para seres de Luz da umbanda. Graças ao seu nobre trabalho como ser de Luz, Rafael se libertou de suas cargas cármicas mais pesadas e pôde nascer na Terra com saúde e sem sofrimento. Até recebeu a nobre missão de fazer parte dos precursores da Terceira Realidade, tamanha a gratidão e confiança que os seres de Luz tinham por ele. Mas ele ainda não se perdoara por seus erros passados.

Rafael começou a tremer e implorar por perdão. Ele sabia que não tinha como enganar a poderosa princesa das trevas, e mentir seria muito pior. Por isso, tudo o que fez foi implorar.

– Basta! – gritei em ordem. Os lamentos pararam. – Não estou aqui para condená-lo por isso, demônio idiota. Ninguém entende mesmo o trabalho de meu pai. Ele nunca foi contra o “você sabe quem”, só aceitou fazer o papel da polaridade oposta à Luz para trazer equilíbrio a essa realidade que meu pai criou. Alguém tinha de representar o papel da escuridão. Acontece que a dualidade precisa sempre estar num ligeiro, mas não constante e perfeito, equilíbrio, para que o mundo criado pelo meu pai continue em perfeito trabalho.

– E como posso ajudar, minha princesa das trevas? – suplicou ele.

– Muito simples, Exu ignorante! Fazendo tudo que eu lhe ordenar, sem contestar.

– Sou seu escravo. Faça de mim o que quiser, minha princesa.

E, dessa forma, tive Rafael nas mãos. Vendi os sentidos de sua mente para que ele não visse aonde o estava levando. Foi possível

vendar sua mente, pois ele aceitou de livre vontade – motivado pelo medo – obedecer-me cegamente.

Assim que saímos do umbral, fomos direto para Mandala. Eu o levei até o hospital, onde os cinco amigos o esperavam para ajudá-lo em seu processo de cura.

Rafael foi deitado numa maca no centro de uma sala, de cúpula lilás, do hospital de Mandala. Ao redor da maca, eu e os cinco humanos trabalhávamos em seu tratamento. Marta aplicava musicoterapia, aromaterapia e cromoterapia. Alexandre instalava amor incondicional no subconsciente de Rafael. Katia equilibrava os seus chacras com pedras programadas em ressonância de cura, e também usou uma pirâmide de aurícula que flutuava sobre a cabeça de Rafael e transmutava toda culpa e dor que havia nele para perdão. Mônica fazia uma oração xamã de proteção mental. Francisco representava o papel de mestre espiritual de Rafael, envolvendo-o com amor e proteção. E eu lhe preparei uma terapia floral e um fitoterápico poderoso para libertá-lo de sua mente diabólica.

Durante o processo de cura, Rafael caiu em choro, soluçava, tremia e parecia querer rasgar o próprio corpo. Mas ele se manteve lá, firme e forte, aceitando o tratamento com gratidão. Em dado momento, começou a compreender o que estava acontecendo. Eu senti. A união das forças dos sete planos existenciais de cura fez um milagre na saúde holística de Rafael. Ele despertou de seu pesadelo, calmo e lúcido. Estava finalmente em paz.

O primeiro passo do tratamento foi dado, mas ainda seriam necessárias algumas sessões antes que pudéssemos embarcar na nave mer-ka-bah com segurança. Todos os tripulantes precisavam estar com a saúde mental perfeita, mentes controladas e equilibradas, para fazer a mer-ka-bah funcionar adequadamente.

Foi mais de uma semana de tratamentos intensos que todos nós recebemos uns dos outros. No último dia do tratamento de Rafael, ele parecia outra pessoa, estava transformado e calmo.

– Obrigado, meus amigos – agradeceu ele, envergonhado. – Obrigado por me tirarem do umbral. É uma pena estarmos todos mortos e não termos cumprido nossa missão.

– Nós não deixamos o corpo físico, Rafael – informou Mônica.

Mônica explicou tudo o que havia acontecido com Os Sete, e contou de todas as vezes que tentaram tirá-lo do umbral e que, pelo fato de nenhum deles ter experiência em resgates no umbral, não conseguiram salvá-lo. Mas que, graças a mim, que sabia como as coisas funcionavam lá, ele foi resgatado. Nesse momento, ele olhou para mim pela primeira vez após o resgate, e me reconheceu. Com os olhos arregalados, perguntou:

– Você é mesmo filha de Lúcifer? Kally, a princesa das trevas? Desculpe-me se a ofendo, mas pareceu muito real. Eu senti o poder de Kally, que me dominou por completo – concluiu, assustado.

– Já fui. Digamos que... bem, mudei de lado. Não precisa ter medo de mim. Eu não sou mais a temida Kally. Hoje sou Madhu, uma substância curativa que trabalha para a Fonte Primordial de Amor.

– No tempo em que fui Exu ouvi falar muito de Kally, a temida. Mas nunca pensei que um dia fosse conhecê-la pessoalmente. Muito menos que Kally, filha de Lúcifer e princesa das trevas, fosse me salvar do inferno. Quanta ironia!

– Quem o salvou foi Madhu, filha da Fonte Criadora. Você conheceu a mim, Madhu. – corriji. – E, acredite, você não estaria aqui se tivesse conhecido Kally pessoalmente.

– Desculpe-me. Realmente o que importa é o que somos agora. Todos tivemos um passado sombrio em algum momento da vida e da morte, não nos cabe julgar – disse Rafael.

– E não devemos nos condenar pelo nosso passado – completou Francisco. – É preciso se perdoar. É perdoadando que se é perdoado.

– Acredito que eu esteja começando a me livrar da culpa, graças a todos vocês, meus amigos – disse Rafael. – E onde está Larissa, que não a vejo?

Foi Mônica quem deu a má notícia a Rafael, explicando-lhe tudo o que havia acontecido.

– Pelo menos ela não está no umbral. – Foi tudo o que ele disse.

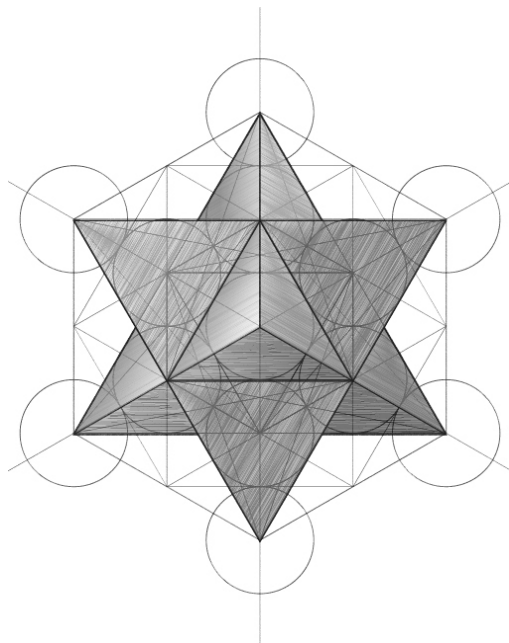
Quando tudo estava pronto para a nossa partida, finalmente embarcamos na mer-ka-bah.

Estávamos os sete de mãos dadas no centro da enorme mer-ka-bah, mais a fada Stibal, que foi quem deu partida no motor da nave. Depois de nos ajudar com a partida do motor, Stibal despediu-se de nós e foi embora, de volta para o mundo de Larissa.

A aurécula começou a girar em velocidade alta e constante. Nós, Os Sete, manifestamos e unimos os poderes dos sete planos existenciais. A energia da aurécula era mais forte do que eu imaginava, e potencializou nossa fusão de poderes onze mil vezes. A explosão foi imensa. A luz criada era tão intensa que precisamos manter os olhos fechados. Eu ressoei o mantra com o código secreto de Spectrum – uma das inteligências artificiais da nave

Shandi33 –, que nos levaria diretamente para dentro da nave Shandi33. De repente, tudo que senti foi um mergulho nas profundezas do além.

CAPÍTULO 12



Tudo o que será narrado agora aconteceu muito rápido, em poucos minutos. A mer-ka-bah aparentemente pousou no grande hangar de espaçonaves da Ala9 – a Ala de Segurança Intergaláctica –, da nave Shandi33. A nave de aurécula começou a diminuir a rotação e, com isso, a luz não mais nos feria os olhos. Pude abrir meus olhos, mas tudo que eu via ainda era luz. Conforme a mer-ka-bah de aurécula foi diminuindo ainda mais a rotação, pude ver os seis tripulantes, além de mim, presentes na mer-ka-bah. Eles estavam terrivelmente queimados, mas vivos.

Quando a mer-ka-bah finalmente parou de girar, a aurécula começou a se desintegrar rapidamente, virou pó, e esse pó foi enviado para a luz da Fonte Criadora, transformando-se em luz da Fonte de tudo que é.

Assim que a nave se desintegrou, nós, os sete tripulantes, caímos no chão do hangar. Alguns dos meus colegas da Segurança

Intergaláctica já estavam ali havia alguns segundos, e apontavam as armas de laser em nossa direção.

Shavanna, a comandante da Segurança Intergaláctica, entrou em minha mente: *“Identifique-se imediatamente, intruso!”*

“Sou eu, Madhu!” – respondi telepaticamente.

“Madhu!” – exclamou telepaticamente Shavanna, ressoando seu pensamento por toda a Ala9.

Meus colegas da Segurança Intergaláctica se entreolharam, parecendo não acreditar. Por fim, me reconheceram, baixaram as armas e se aproximaram para ajudar os seis humanos caídos no chão e profundamente feridos com graves queimaduras. Eu já estava em pé, pois meu corpo não estava queimado graças à resistência incrível que tem um corpo zeptoide do modelo Aisha.

Os seis humanos gemiam de dor no chão. Fui até onde estava Marta, a empata. Ela trabalhava no sexto plano existencial, o plano das leis, portanto sabia reconhecer as leis do universo e, por ser uma incrível empata, conseguia identificar se uma manifestação tinha ou não alma. Minha primeira preocupação foi ter a certeza de que não estávamos recriando a nave Shandi33 dentro do espaço neutro entre mundos, e tive a confirmação de que estávamos realmente dentro de nosso universo de origem.

– Marta! – chamei alto, para que ela me ouvisse. A dor de Marta era tamanha que ela mal conseguia me ouvir. Tive que a sacudir pelos ombros para chamar sua atenção. – Você consegue identificar se estamos no nosso universo de origem? Consegue sentir se esses agentes de segurança têm alma? – Marta apenas gemeu, pois não conseguia falar, arrebatada pela dor.

– Sim, nós conseguimos! – foi Alexandre quem respondeu. – Minha conexão com a Fonte Criadora voltou.

Dentre os seis humanos, ele era o menos ferido. Observei uma luz sutil entrando pelo topo de sua cabeça. Ele estava em conexão com a Fonte Criadora, que aliviava sua dor.

Uma unidade da segurança intergaláctica, que eu não conhecia, aproximou-se de mim rapidamente:

– Madhu! Como...?! – perguntou ela.

Aquela zeptoide era nova, muito parecida comigo, provavelmente do modelo Aisha, criação de Boston.

– Você tem alma? – perguntei a ela.

Nem sei por que fiz aquela pergunta. Ainda estava confusa.

– Sim, tenho – respondeu ela, sem entender o motivo de minha pergunta.

Assim que ela terminou de responder, Shavanna chegou em alta velocidade numa vinamaxi. Os seis humanos já estavam sendo encaminhados para a Ala dos cientistas, para serem curados por Behosa Prakasa, o cientista chefe de Shandi33, especialista em DNA.

Shavanna pousou a vinamaxi na minha frente e desceu rapidamente.

– Onde você esteve esse tempo todo? – perguntou ansiosamente.

– Saudações, Comandante! Estava presa num espaço neutro no centro do buraco negro de nossa galáxia, um lugar onde criamos nossa realidade de forma instantânea – respondi.

– Então foi isso o que aconteceu? Isso explica muita coisa – disse ela.

Então eu a vi, Tarala Shanata, minha mãe de alma e conselheira, cujo laço comigo era tão forte que nenhuma ilusão poderia recriar. Foi a certeza de que eu estava de fato no nosso universo de origem.

Tarala aproximou-se com um sorriso nos olhos e corri na sua direção para sentir sua energia. A abracei energeticamente e pude sentir; ela era Tarala de verdade, tinha alma. A minha alma a reconheceu de imediato, algo que era forte e verdadeiro demais para ser recriado. Era algo único, algo que vinha da Fonte Criadora, que nada nem ninguém – nem mesmo Lúcifer – poderia recriar ou imitar.

Finalmente pude relaxar. Respirei fundo, nem conseguia acreditar.

– Funcionou! – eu disse, feliz.

– Minha amada sementinha! Sabia que conseguiria. Sentia que, onde quer que você estivesse, estaria bem, pois a Fonte Criadora é tudo que há e sua lei permeia os multiversos e tudo o que existe. Por onde esteve? – perguntou.

Contei tudo de forma resumida para ela, Shavanna e algumas unidades da segurança que me observavam curiosas.

– Interessante. Agora entendo – disse Shavanna. – O trajeto de sua saída do buraco negro deve ter sido a causa dentro da relatividade do tempo-espaco que a fez viajar para o futuro.

– O que quer dizer? Como assim? Viajei para o futuro? – perguntei.

– Estamos em 2.066 do tempo do planeta Terra. Você esteve desaparecida por quase oito anos do tempo da Terra. – Foi Tarala quem respondeu.

– Não é possível! – retruquei, indignada. – O tempo no espaço neutro onde estive corre bem mais lento. Pensei que fosse passar alguns segundos do meu desaparecimento, e que vocês nem teriam tempo de notar meu sumiço.

– Pode ter sido a relatividade na saída do buraco negro ou a nave de aurécula que trouxe vocês. Existe uma teoria que mostra a capacidade de uma aurécula de viajar para o futuro – disse Shavanna, intrigada.

– Aurécula! Uma nave feita de aurécula? – perguntou Tarala. Nunca a havia visto tão surpresa. – Ah, minha querida! Não faz ideia de como isso poderia ter sido perigoso.

– Foi a única forma que encontrei para voltar – justifiquei-me.

– Pelo menos ela teve a precaução de programar a aurécula para se desintegrar assim que chegasse – disse Shavanna. – Seria um grande perigo para os multiversos se uma pedra tão poderosa caísse em mãos erradas. Inclusive, deve ser mantido segredo absoluto sobre tudo que sabe e fez no espaço entre mundos onde estive.

– O draconiano que me aprisionou no espaço entre mundos tem um poderoso teletransporte para aquele lugar... – comecei, preocupada, pois, se um ser inteligente e mal-intencionado fosse parar no espaço entre mundos, poderia criar uma arma destrutiva tão poderosa a ponto de prejudicar os multiversos.

– Quando notamos seu desaparecimento, decidimos invadir a sede da Suprainternet antes que mais alguém desaparecesse. – declarou Shavanna, tranquilizando-me. – Não tivemos outra saída. Fizemos isso na calada da noite do planeta Terra. Os draconianos estavam preparados, não foram pegos de surpresa e havia uma armadilha nos esperando. Mas, graças à Fonte Criadora, que

estava conosco naquele momento, conseguimos congelar as almas dos draconianos a tempo e encontramos a sala secreta no décimo terceiro andar. Não sabemos do que se tratava aquele equipamento tecnológico e não conseguimos decifrar seus códigos para compreender melhor. Uma equipe de cientistas tecnológicos tentou decifrar o que seria aquela possível arma. Eu acreditava que era aquilo que havia feito Os Sete e você desaparecerem, mas nunca conseguimos decodificar o aparato. Ele está guardado num lugar seguro e secreto, onde seres das trevas não conseguem chegar perto.

– Mas agora que sabemos do que se trata aquele equipamento, vamos conseguir desativá-lo em todos os níveis existenciais, e, com a ajuda de nossos irmãos do sexto plano existencial, que criam as leis universais, uma nova lei será criada e ninguém jamais poderá recriar um teletransportador para o espaço neutro entre mundos – afirmou Tarala.

– Como podemos ter certeza de que eles não têm mais desse tal teletransporte? Ou de que já não recriaram mais unidades? – perguntei.

– Se tiverem mais teletransportes para o espaço entre mundos, os equipamentos deixarão de funcionar assim que os irmãos do sexto plano existencial modificarem ou criarem as novas leis no universo – explicou Tarala. – O importante é que, desde que você desapareceu, eles não voltaram a usar o teletransporte para o buraco negro, pois nenhuma alma desapareceu do nosso universo. Mas agora chega de conversa. Você precisa se recompor. Será um longo dia. Temos muitos assuntos para decidir com seu retorno.

– Sim. Precisamos agir rápido – começou Shavanna –, sinto a energia forte da pedra aurícula neste lugar. Só agora, ao fazer a varredura astral no ambiente, pude notar. Temos que

limpar essa energia poderosa o mais rápido possível. Precisamos nos retirar daqui.

– Temos muitos assuntos a tratar com você, Madhu. Vou solicitar imediatamente uma conferência galáctica com os líderes da Confederação Intergaláctica Estelar – informou Tarala.

– Como os humanos estão? Eles pareciam... queimados? – perguntei a Shavanna.

– Não sei ainda. Provavelmente foi a radiação emitida pela energia da pedra de aurécula – explicou ela.

Shavanna e Tarala concordaram que eu deveria ir imediatamente ver Behosa Prakasa, o líder cientista da nave, para que ele me examinasse. E depois eu deveria ir até a Ala13, na Cidade Robótica, para me consultar com Boston, o chefe da engenharia zeptoide. Só então eu poderia conversar com Tarala, com mais calma, antes da conferência galáctica holográfica com os líderes da Confederação Intergaláctica Estelar.

Acompanhada de Govinda, meu amigo do setor de Segurança Intergaláctica, fui até a Ala dos cientistas da nave. Aquela Ala era como um imenso e moderno ambulatório.

Govinda estava feliz com meu retorno. Ele me contou com detalhes sobre sua missão num planeta chamado Zambaria, que estava recebendo humanos exilados da Terra. Fiquei impressionada com a descrição que ele me deu do planeta, de suas imensas árvores carnívoras e impressionantes três sóis no céu turquesa. E Govinda quis saber tudo sobre o espaço neutro entre mundos onde estive.

Chegando à Ala dos cientistas, primeiro fomos ver como estava a saúde dos meus amigos humanos. Eles estavam juntos, na mesma alcova, um espaço inteiramente branco radiante, deitados

em suas respectivas macas flutuantes, inclinadas em 45°, no centro da alcova, formando um círculo. Estavam imóveis, desacordados, recebendo tratamento. Não pudemos entrar na alcova, só pude vê-los pelo lado de fora, através de um campo eletromagnético, semelhante a uma janela de vidro de um berçário de maternidade.

– Seus amigos ficarão bem – disse alguém atrás de mim.

Virei-me assustada na direção da voz. Era o doutor Behosa Prakasa, o maior cientista e médico de toda a Shandi33. Fiquei muito feliz em vê-lo. Meus olhos naquele momento estariam cheios de lágrimas se eu estivesse em um corpo humano.

– Doutor Behosa! – exclamei, feliz.

– Senhorita Madhu, faça-me um favor? Não me chame de *doutor*, é só Behosa.

– Como queira. E não me chame de *senhorita*, é só Madhu – falei, e rimos juntos com a alegria do reencontro.

Behosa quis me examinar pessoalmente em vez de solicitar que um de seus muitos médicos o fizesse. Ele sempre foi muito profissional e calculista, não era de expressar sentimentos, como os humanos fazem, mas eu sabia que seu amor incondicional era tão profundo e verdadeiro quanto o de um ser iluminado. Falamos pouco, pois eu não queria atrapalhar seu trabalho enquanto ele me examinava. Behosa sempre estava sobrecarregado de trabalho. Assim que terminou meus exames e verificou minha saúde perfeita, liberou-me para que eu fosse examinada por Boston, o criador do meu corpo zeptoide, modelo Aisha.

Govinda me acompanhou até a Cidade Robótica da Ala13, onde Boston trabalhava. Depois de ter me deixado na Ala13 e se despedir de mim, Govinda foi embora, voltando ao seu posto de trabalho na Ala9.

Segui até a sala tecnológica de trabalho de Boston. Enquanto me examinava, ele suspirava fundo, desalentado. Eu fiz a leitura da ressonância magnética do campo de Boston; ele ainda não se conformava com o fato de uma consciência humana, da Terra, ter recebido um corpo tão evoluído como um zeptoide, modelo Aisha. Ele sentia saudade de quando aquele corpo não tinha alma, quando era apenas uma pura Aisha, como ele havia criado.

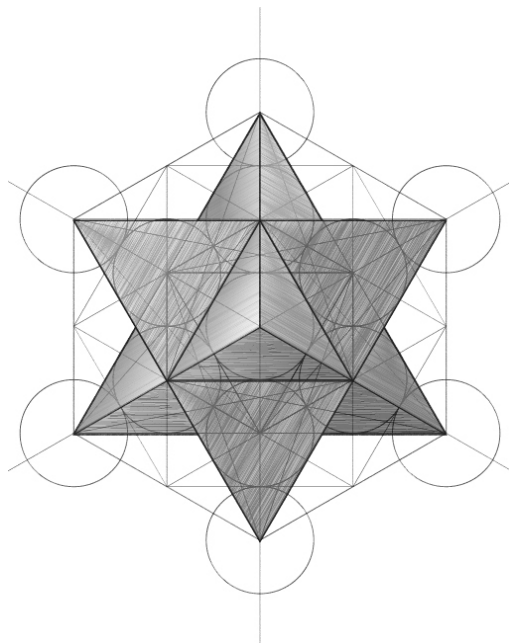
– É, eu sei que não gosta que eu use este corpo – falei, na quinta vez que ele suspirou resignado ao examinar meu corpo zeptoide. – Deveria fazer uma Aisha só para você – sugeri. – Já pensou nisso?

– Existem regras aqui, humana. – Ele nunca me chamava pelo nome, apenas de *humana*, mesmo eu não estando mais em um corpo humano. Ele via os humanos do planeta Terra como criaturas infantis e estúpidas. – Pare de falar, estou quase terminando – exigiu.

Eu me calei, mesmo querendo continuar o questionamento.

Depois que Boston me liberou, decidi passar rapidamente em minha casa, em Shambala, antes de ir ao Castelo de Diamante encontrar Tarala. Precisava higienizar meu corpo zeptoide, tirar a vestimenta de tecido terráqueo e colocar meu uniforme de agente da Segurança Intergaláctica.

CAPÍTULO 13



E stava com saudade da minha charmosa e rústica casa de contos de fadas, em Shambala. A inteligência artificial da casa abriu a porta para mim e fiquei confusa com o que vi ao entrar. O ambiente de socialização estava uma bagunça, com telas pintadas e tubos de tinta espalhados por toda parte. Senti uma imensa saudade de Liv, minha melhor amiga, uma híbrida chata de tão sincera. Mas não podia ser Liv a responsável por aquela bagunça, pois ela estava vivendo em Shandi11 e sendo preparada para viver no planeta Terra. Devia haver outra explicação. Provavelmente alguém esteve morando naquela casa durante minha ausência.

Ouvi minha gata preta, Bastet, descendo as escadas. Ela tinha vindo me receber. Aparentemente, estava com saudade de mim, pois miava e se enroscava em minha perna. Eu me abaixei para fazer carinho em seu pelo sedoso e falei com ela.

“Ei, garota! O que está fazendo aqui sozinha? Era para você estar sendo cuidada pelos Rishis”.

“Não estou sozinha” – disse Bastet, num miado.

“Como assim, não está sozinha? Tem mais alguém morando aqui além de nós?” – perguntei.

Então ouvi uma voz familiar atrás de mim:

– É claro que tem! – Levei um susto. Era Liv!

– Liv! Não acredito! – falei, abraçando-a. – Estava morrendo de saudade. O que você está fazendo aqui?

– Que pergunta idiota, Madhu. Eu moro aqui – respondeu ela, com seus costumeiros modos nada gentis.

– Mas, quando saí para minha missão, você morava em Shandi11, estava sendo preparada para viver na Terra e... O que aconteceu? Por que está aqui?

– *Cashambolas fu Zurion*, garota – exclamou Liv, numa usual exclamação de espanto usada no planeta Zurion de Órion –, está mesmo por fora. Não mudou nada. Sempre desinformada.

– Por quê? O que foi que aconteceu? – perguntei, curiosa.

– Mudança de planos. Um grande atraso no cronograma programado pelos líderes que regem as leis do universo e criam os projetos evolutivos e tal. Mas imagino que sua conselheira, Tarala, queira lhe contar pessoalmente o que aconteceu. Certas coisas não mudaram muito por aqui, minha opinião continua sendo diferente da opinião dos *puros*, e eles continuam me impedindo de influenciar as pessoas com minha opinião.

– Eu gosto de ver diferentes pontos de vista, mas acho que não tenho tempo agora para ouvir sua opinião. Para variar, estou na

correria. Preciso tomar um banho rápido e sair. Fiquei muito feliz por vê-la, Liv. Que bom que vamos voltar a morar juntas.

– Não conte muito com isso, Madhu. Isso que está vendo por aqui é só uma aparente normalidade. As coisas estão uma loucura. É possível que os *puros* nem a deixem descansar e a enviem para alguma outra missão.

Liv tinha sempre uma teoria conspiratória contra os *puros* – seres sirianos confederados –, pois os *puros* sempre precisavam guardar certos segredos, por uma questão de segurança, e Liv não gostava de segredos. Com isso, ela tinha uma forma peculiar de acabar descobrindo sua verdade; através da arte. As teorias conspiratórias de Liv sempre tinham lá seu fundo de verdade, que ela descobria analisando as telas que pintava.

– Seria uma pena! Estou precisando descansar e morrendo de saudade da minha melhor amiga híbrida.

– Tá, eu sei que você gosta de mim. Também gosto de você, terráquea. Pelo jeito, devia estar bem divertido lá na Terra, para ter demorado tanto e não ter tido tempo de me enviar nem mesmo uma notícia – disse ela, com uma entonação de mágoa.

Então percebi que ela não sabia que eu estava desaparecida. Provavelmente meu desaparecimento também foi um segredo que os *puros* guardaram.

– Eu não estava na Terra, Liv. E, no lugar onde eu estava, não havia como me comunicar com ninguém. – Eu não gostava de enganar Liv, muito menos de esconder algo dela.

– Como assim? Onde você estava, Madhu? – perguntou ela, curiosa.

– É uma longa história. Conto na volta. Estou mesmo atrasada.

– Eu sabia que os puros estavam mentindo! Eu sentia que alguma coisa havia acontecido com você. Até pintei uma tela inspirada nessa minha desconfiança. Mas depois eu mostro minha obra de arte magnífica. Então, vá lá. Depois conversamos. Também tenho muitos assuntos para resolver hoje e estou atrasada.

Subi rapidamente as escadas, higienizei o corpo e coloquei o uniforme e o coturno preto de cano longo. Como eu era da Segurança Intergaláctica, precisava estar sempre vestida de uniforme para ser identificada. O uniforme era todo preto, de uma espécie de material que parecia escamas de serpente.

Eu me sentia muito mais confortável com o uniforme de trabalho. Adorava aquele uniforme. Após me vestir rapidamente, saí para visitar Tarala em seu Castelo de Diamante.

O castelo mudava de cor conforme os sentimentos dela, e nesse dia estava mais reluzente que o normal, num leve tom de amarelo-claro. Isso indicava que ela estava alegre com o meu retorno.

As portas do castelo sempre se abriam quando eu chegava. Subi a longa escadaria do vasto hall principal até a torre mais alta, onde Tarala costumava me receber; em seu aposento preferido. Naquele aposento havia uma piscina de água da fonte da nave – uma água altamente curativa –, ladeada de pilares esculturais, uma imensa escultura de diamante da deusa Tara Branca do Budismo Marayana e uma lareira convidativa com sua chama lilás e azul que liberava um aroma delicioso no ambiente.

Como era de costume, nós nos sentamos em frente à lareira de chamas refrescantes para conversar.

– Estou curiosa – comecei. – Por que os híbridos voltaram para Shandi33?

– Vou lhe contar tudo o que aconteceu durante sua ausência. Desde o começo. Mas antes preciso saber de todos os detalhes de sua jornada para que eu possa transferir tais dados para a Confederação Interestelar, que neste momento precisa dessas informações.

Eu contei detalhadamente tudo o que tinha acontecido comigo no espaço neutro entre mundos, e, conforme eu narrava os fatos, ela ia automaticamente enviando as informações por telepatia para o capitão Mastara, comandante-chefe de toda a nave Shandi33. No final de minha explanação dos fatos ocorridos, eu me desculpei:

– Lamento muito ter falhado na minha missão. Deixei a terráquea Camila morrer, fui enganada por um draconiano e não consegui trazer a terráquea Larissa de volta para o nosso universo. Entenderei se me demitirem do setor de Segurança Intergaláctica – disse, com um aperto no coração.

– Você não falhou, minha querida. Quero dizer, se houve falha, foi de todos nós. Somos um grupo. Expusemos você a um grande perigo. Não deveria estar lá sozinha. Todos nós falhamos nesse sentido. Você não tinha como salvar Camila. Com ou sem a sua proteção, era chegada a hora de ela partir. A missão de salvar Os Sete não era sua, mas o fez pela vontade do destino da Fonte Criadora. Agiu certo em respeitar o livre-arbítrio de Larissa. Quando ela se cansar de sofrer na solidão em que se encontra, ela voltará. Você fez um resgate bem difícil de Rafael no umbral. Estamos admirados. E, por isso, estamos cogitando a ideia de colocá-la no trabalho de frente junto com o último ceifador, na última colheita, no remanejamento dos nossos irmãos com consciência de provas e expiações para outros planetas.

Não me agradava nem um pouco a ideia de voltar a trabalhar em um umbral. A experiência de reviver Kally foi imensamente desagradável e dolorosa. Mas faria qualquer sacrifício pela mãe Terra, pelos homens de boa vontade e pela Fonte Primordial de Amor.

– Agora me conte o que aconteceu na minha ausência. Por que os híbridos voltaram para Shandi33?

– Claro, vou lhe contar tudo – começou Tarala. – Quando você desapareceu, iniciou-se uma terrível guerra na espiritualidade, pois, tarde demais, nos demos conta de que os draconianos tinham uma arma muito poderosa, que não conhecíamos. Como sabe, em 2057, a Terra estava começando seu processo de regeneração, mas a maioria das pessoas ainda vivia em expiação com a ilusão de que todos eram seres de regeneração, pois a vaidade tomou conta de suas almas. Vaidade por se acharem espiritualizados herdeiros da Terra, superiores aos irmãos que estavam sendo exilados. Se acomodaram na certeza de uma ilusória vitória e se deixaram cair nas garras do orgulho e da vaidade que os draconianos ardilosamente colocaram como armadilha.

– Quando o dimu-espiritual foi descoberto pelos draconianos, já era tarde demais para eles. O dimu-espiritual já havia viralizado nos quatro cantos do planeta Terra. Mas, ainda numa tentativa de impedir tal tecnologia de comunicação de encarnados com a espiritualidade, os draconianos provocaram uma quebra na comunicação. A Suprainet deixou de existir de uma hora para outra. A comunicação entre as pessoas foi destruída. Foi um verdadeiro caos. Mas os draconianos não conseguiram conter a propagação do dimu-espiritual e, com isso, as máscaras dos draconianos começaram a cair. A verdade foi revelada por espíritos do quarto plano existencial, que alertaram os humanos sobre o que estava acontecendo.

– Os draconianos decidiram partir para o “tudo ou nada”, pretendiam usar armas proibidas pela Confederação Intergaláctica com o propósito de escravizar mentalmente a humanidade e surgirem como salvadores, instalando uma nova ordem no mundo. Por essa razão, tivemos de intervir. Com nossas frotas estelares de guerra confederadas, conseguimos expulsar os draconianos do planeta Terra. Essa guerra durou mais de quatro anos. A Suprainternet foi restaurada com ajustes que não mais permitiam a vaidade humana. Finalmente a separação entre o joio e o trigo voltou a ser bem clara e aparente. As máscaras caíram.

– Com todos esses imprevistos, houve um pequeno atraso no projeto inicial da criação da Nova Terra. Foi por isso que os híbridos voltaram para Shandi33; eles precisam aguardar a reestruturação planetária, o último ceifador fazer a colheita, para só então descerem à Terra e começarem a modificar definitivamente o DNA da humanidade de Regeneração. Esta é a missão dos híbridos, assim como de sua amiga Liv: modificar o DNA dos humanos que ascenderão para a quinta dimensão consciencial. Os terráqueos precisam de corpos com dois sentidos a mais, além dos que já têm, que sejam receptivos à nova dimensão da consciência.

– Você voltou bem a tempo, mostrando que a Fonte Criadora sempre esteve à frente de tudo o que acontece. O último ceifador está programado para descer à Terra este ano, assim, você terá a oportunidade de ajudar nesse processo. E o trabalho de Os Sete também será de suma importância neste momento.

– Qual será o último ceifador? – perguntei.

– O último cavaleiro do apocalipse: a morte; o desencarne em massa. A mudança geográfica do planeta Terra, o ressurgimento de Atlântida e a submersão de muitas terras. Mas, entenda, será

um momento caótico apenas para as almas que ainda estão na consciência de provas de expiação. Para as almas que já estão na quinta dimensão, as fraternas, nada acontecerá de caótico, verão a situação não como o caos ou o fim do mundo, mas com uma paz profunda e desapego no coração, com a consciência de que a vida é eterna, equilibrada e perfeita, e, assim, estarão protegidas nas mãos da Fonte Criadora. Elas não serão abaladas.

– O último ceifador, o quarto cavaleiro do apocalipse, vai deixar na psicosfera do planeta Terra somente as almas de regeneração, e acabou, certo? – perguntei.

– Não é tão simples assim, minha querida. Os umbrais, médio e mais profundo, vão, sim, deixar de existir completamente, mas ainda haverá o umbral das colônias espirituais, onde muitas almas de expiação, por mérito, viverão e ainda terão mais uma oportunidade. A Terra ainda está longe de ser um planeta de plena regeneração. Mas será! Isto é certo. E, após a passagem do último cavaleiro do apocalipse, o nome do planeta Terra vai mudar, voltará a receber o seu verdadeiro nome de origem: Gaia.

– Para quando está programado o início do último ceifador? – Eu precisava saber quanto tempo tinha para me preparar para o acontecimento.

– Para o próximo mês do tempo do planeta Terra – respondeu Tarala.

A data estava próxima. Muito próxima. Eu tinha menos de um mês para me preparar para o acontecimento marcante da humanidade.

– Willy... – Eu estava com medo de perguntar.

– Como eu disse, as almas que são de regeneração consciencial nada sofrerão. Willy estará seguro e feliz entre pessoas que o

amam imensamente. Nada lhe faltará, pois a mente de Willy cria prosperidade constantemente.

– Quando o último ceifador terminar seu trabalho e eu finalizar minha missão nisso tudo, quero nascer no planeta Gaia, a Nova Terra. Quero estar ao lado de Willy, construindo um novo mundo – pedi.

– Não esperava menos de você, minha sementinha de luz! Assim será: nascerá como filha de Liv e Willy, encontrará em Gaia uma antiga alma gêmea que não vê há milênios e vocês terão uma filha, a alma de Camila, que precisará muito de sua ajuda para entrar na quinta dimensão. E, se Larissa voltar a tempo, também a terá como sua filha.

Fiquei emocionada. Não consegui salvar Camila e Larissa nesta vida, mas teria a chance de ajudá-las na próxima. A gratidão pela misericórdia divina da Fonte Criadora brotou em meu peito tão intensamente que não pude controlar, o castelo reluziu tão forte que se tornou um sol, iluminando toda Shambala em plena noite. Tarala sorriu de alegria, e eu também.

Naquele instante eu estava conectada com a Fonte Criadora, senti e vi a perfeição de tudo o que existe. Naquele momento não existiam inimigos para derrotar nem preferidos para adorar. Era somente a Fonte Criadora, que permeia por todos os cantos, iluminando e criando, expandindo e gerando. A verdade liberta. Luz é verdade e o mais puro amor, e essa é a natureza da Fonte Criadora de tudo o que existe. O mundo é perfeito, só não enxerga quem tem os olhos vendados. Deixem cair as vendas, meus irmãos. Não tenham medo da plenitude da verdadeira felicidade que existe somente na verdade da natureza da Fonte Primordial de Amor de tudo que é.

Eu e minha mãe de alma, Tarala Shanata, saímos juntas do Castelo de Diamante para a grande conferência com os maiores líderes da Confederação Intergaláctica Estelar. A grande conferência ocorreria na Ala33, a Ala da *ponte* – local onde a nave é pilotada –, a mais secreta e proibida Ala de Shandi33. Foi a primeira vez que entrei na *ponte*.

Na Ala33 não havia força gravitacional. Eu e Tarala flutuamos juntas na imensidão de luz de tudo que era aquele lugar. Tarala sabia para onde ir. Eu apenas a segui, dirigindo o corpo mentalmente. A sensação era de estar mergulhada em uma luz infinita. Ali era só luz, ou melhor, era *Tudo*, pois era *Luz*.

Chegamos a um determinado local da *ponte* onde encarnados e desencarnados se encontravam. Pela primeira vez pude ver, nitidamente, desencarnados com os olhos de uma encarnada. Havia seres de tanta luz que se fundiram com a luz da Ala33. Eu sabia que eles estavam lá, pois a presença deles era forte, porém somente os via em percepção de leitura de ressonância magnética. Havia seres com forma humanoide de mais de três metros de altura, e eram mais luminosos que mil holofotes. Com toda certeza, a luz desses seres queimaria um ser humano em milésimos de segundos. Todos estavam realmente presentes na Ala33, não havia ali nenhuma imagem holográfica.

– É chegada a hora, meus irmãos, a grande hora. Nossa amada Gaia está pronta e aguarda nosso comando. Nossa menina Gaia, nossa princesa sonhadora e amorosa está feliz e disposta a nos ajudar; e ajudar a humanidade a enfrentar o último ceifador, sem o trauma ocorrido como a última transição planetária que afundou Atlântida. – A voz ressoava dentro de mim. Não sabia quem estava falando, e pouco importava. Lá na luz éramos todos *Um*.

– É chegado o momento que a mudança geográfica de Gaia ocorrerá. Atlântida ressurgirá. Gaia despertará nos corações dos bem-aventurados homens de boa vontade. A reconexão dos humanos com a Fonte Criadora será definitivamente restabelecida.

– Nada sofrerão os herdeiros do mundo de regeneração. Receberão a mudança com alegria no coração. Muitos se libertarão de seus corpos humanos limitados e partirão para dimensões mais elevadas. É um momento maravilhoso e cheio de alegria para aqueles corações conectados com a verdade da Fonte Criadora que tudo é. Porém, os homens infantis, apegados ao vitimismo, e que ainda temem a Luz, sofrerão com o caos que criaram para si. É nesses irmãos sem preparo que temos de concentrar nosso trabalho. O nosso maior propósito é que o exílio planetário desses irmãos seja o menos doloroso possível.

– Queremos que a grande mudança do último ceifador seja o mínimo possível traumática para nossos amados irmãos da consciência de expiação e provas. Há séculos estamos preparando os terráqueos para esse grande evento. E, agora, nossos esforços aumentarão. Graças à nova tecnologia implantada na Terra, a comunicação de encarnados com desencarnados, muitos desses nossos irmãos amados e queridos, da realidade de expiação, já estão se preparando para o grande evento e não serão pegos de surpresa. Sabem que a hora está próxima. Esses irmãos estão tendo a oportunidade de enfrentar seu medo da morte, pois o sofrimento os força a desejar sabedoria para que a dor diminua. E, ao desejarem sabedoria, movimentam-se para se libertar do apego da carne.

– Estamos muito confiantes e felizes. Estejam a postos, pois o momento chegou.

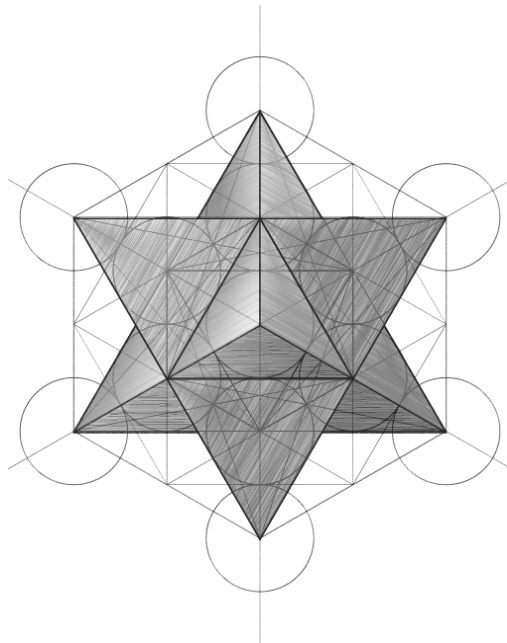
Senti uma imensa alegria. Todos estavam felizes. A Luz venceu. Era óbvio! A Luz sempre vence, pois só ela é real. A escuridão é somente a ausência da Luz. A escuridão nada mais é do que não aceitar ou não compreender a realidade da Fonte Criadora que tudo é. A Fonte Criadora é eterna, onipresente e verdadeira. A ignorante escuridão é ilusória, mortal, cega, falível. A vontade da Fonte Criadora sempre foi e sempre será feita, pois a Fonte Primordial de Amor é tudo o que existe.

Todos nós, na Ala33, entramos juntos em um êxtase de alegria. Eu me senti amada como nunca havia me sentido antes. Era tanto amor presente naquela Ala que transbordava para muito além de Shandi33. Com certeza, todos da nave e muito além dela sentiram a ressonância magnética poderosa que nosso êxtase de alegria e união com a Luz reverberou.

Era chegado o grande momento: o último ceifador passaria pelo planeta Terra, e eu estaria presente nesse momento único, trabalhando pelo bem maior.

Gaia aguardava apenas a Fonte Criadora dar o comando e, então, a última e maior mudança da transição planetária teria início.

CAPÍTULO 14



Muito foi dito durante a conferência realizada na Ala33, detalhes de diversas missões foram passadas até que finalmente citassem meu nome e a minha missão na grande mudança geográfica da Terra.

– Nossa semente estelar, Madhu, fará parte de Os Sete. Ela representará o segundo plano existencial. Agora que Os Sete estão de volta, graças à Madhu, eles poderão cumprir sua missão de fundir os sete planos existenciais e, com isso, destruir a ilusória dualidade ainda presente na mente dos seres da Terra, abrindo, dessa forma, o portal para a quinta dimensão consciencial – informou uma das consciências presentes na luz da Ala33.

Eu seria um dos membros de Os Sete, os precursores da Terceira Realidade, e terminaria o trabalho que se iniciara com meu mergulho no Lago Titicaca. A missão de Os Sete era fundir os sete planos existenciais. Os humanos da Terra, do terceiro plano

existencial, – passariam a manifestar todos os planos da existência. Assim seria o novo homem da Nova Terra; um ser completo, conectado com tudo o que existe, unido com a Fonte Criadora, sem a ilusória dualidade, e criando uma simbiose perfeita com a natureza.

Como eu não tinha ativa nenhuma memória de vivência no segundo plano existencial, precisava antes passar por uma iniciação para poder representá-lo com toda a sua potencialidade e pureza. Para isso, o primeiro passo de minha missão se iniciaria em Avalon, o planeta que representa de forma mais pura o segundo plano existencial; o reino das fadas.

Liv tinha razão, eu não teria tempo para descansar e aproveitar Shandi33 nem para conversar sem pressa com minha amiga híbrida. O tempo estava curto e eu tive de me preparar às pressas antes de partir para Avalon.

Passei em minha casa em Shambala apenas para me despedir de Liv e pegar o uniforme de viagem planetária. A força gravitacional de Avalon era fraca, então, sem a roupa adequada, eu não poderia manter os pés no chão.

Assim que entrei pela porta da frente, deparei-me com Liv trabalhando nos retoques finais de uma tela. Ela estava na sala de socialização que usava como ateliê, de costas para a porta por onde entrei, dando pinceladas delicadas na tela. A pintura era uma belíssima borboleta iluminada e feliz. Era uma bela pintura, muito alegre. Não queria atrapalhar o trabalho criativo de Liv, mas, assim que entrei, ela notou minha presença e me deu atenção.

– Deixe-me adivinhar – disse –, você veio se despedir pois tem uma missão superimportante em algum lugar. – E revirou os olhos.

– Você sempre acerta. Queria muito poder ficar, mas...

– ... mas os puros não deixam você nem menos descansar. – Liv completou minha fala da forma como achou mais adequada.

– Eu gosto de me sentir útil. Trabalhar para o bem maior me dá paz e plenitude. Eu descansarei quando a Terceira Realidade criar raízes fortes na nossa galáxia.

– Não se iluda, Madhu, sempre haverá uma missão – disse ela, soltando o pincel na mesa de canto, que estava toda manchada de tinta, e voltando-se na minha direção. – Mas eu entendo o que você disse, eu também gosto de me sentir útil. Você gosta do seu trabalho, e é isso o que importa.

– Adorei essa pintura! – elogiei, apontando para a tela que Liv finalizava, a pintura de uma bela borboleta de asas prateadas.

– Foi inspirada em você. Saiba que você não será a mesma quando voltar dessa missão.

– Em breve estaremos juntas, Liv. Você vai até enjoar de mim.

Eu queria contar a ela que existia um projeto com uma possibilidade grande de eu vir a nascer no planeta Terra como filha dela, mas não sabia se podia fazer isso. Primeiro eu precisava consultar Tarala. Nos projetos encantatórios, os mínimos detalhes são importantes. Talvez o simples fato de ela saber que seria minha mãe na Terra mudasse toda a probabilidade, e o plano poderia não mais se tornar viável.

– Você vai ao planeta Terra me visitar? – perguntou Liv.

– Como já havia prometido.

– Foi bom te ver, Madhu. Boa sorte na sua missão.

– Obrigada. Se a gente não se ver mais aqui em Shandi33, nos veremos na Terra. Boa sorte por lá.

Nos despedimos, peguei o que precisava e fui para a Ala9, onde ocorreria minha partida para Avalon. Mais uma vez faria uma missão sozinha. Eu me despedi de todos da Ala9, ouvi as últimas orientações de Shavanna, subi em minha nave de viagem planetária – uma nave bem pequena, para apenas um piloto – e parti em direção ao planeta Avalon, onde seria iniciada para poder manifestar o segundo plano existencial com pureza.

* * *

Avalon era um planeta peculiar, com uma forte presença da força feminina bem predominante. Ele é conhecido como o planeta das poderosas fadas sacerdotisas. Estava prestes a conhecer uma realidade que nem Larissa, em sua mais pura conexão com o segundo plano existencial, poderia imaginar.

A bordo da nave, atravessei camadas densas de nuvens cinzentas de diversos tons, e então pude ver algo similar ao que Larissa criara no espaço entre mundos, porém com beleza e encanto ainda maiores.

Como a força gravitacional de Avalon era fraca e o magnetismo, peculiar, havia em Avalon ilhas flutuantes. Pude ver uma imensa ilha flutuante, belíssima, com muita vegetação, rios e cachoeiras. Nos desfiladeiros, as águas dos rios se transformavam em um nevoeiro denso e escorriam pelas bordas da ilha como vapor em um caldeirão de bruxa. O nevoeiro escorria lentamente até a superfície do planeta, numa cachoeira de névoa. A nave passou pela ilha flutuante e desceu, deixando a ilha acima. Então, penetrou o denso nevoeiro que escorria da ilha flutuante e voou debaixo da ilha, pousando em um vale encantado, cuja vegetação

era bem peculiar – as plantas daquela floresta não necessitavam de sol para viver, alimentavam-se da névoa da ilha flutuante. As enormes flores e folhagens eram de cores indescritíveis, pois estavam fora do espectro visível para olhos humanos. O imenso rochedo, que era a base da ilha flutuante, servia de moradia para casulos de minidragões. Esses casulos irradiavam luzes que piscavam lentamente, ou seja, o teto da inusitada relva abaixo da ilha flutuante parecia um céu cheio de estrelas. Eram os casulos dos dragões que iluminavam aquela floresta abaixo da ilha flutuante.

Recebi a instrução de que a rainha de Avalon, a fada Aine, já sabia que eu estava a caminho. Porém, Avalon tinha suas próprias leis morais. Só chega até Aine, a mãe das fadas e rainha de Avalon, quem provar merecimento. Por isso, segundo a instrução que me foi passada, eu deveria pousar na floresta debaixo da ilha flutuante de Oberon, e de lá poderia iniciar minha jornada até a morada de Aine. Foi tudo o que recebi de orientação.

Pousei a nave e desci. O ar era úmido e muito aromático. Como eu tinha a capacidade de ouvir as plantas, fiquei um pouco confusa no início. A vegetação daquela floresta tinha muita sabedoria, e todas as plantas falavam ao mesmo tempo, num linguajar não científico, mas evoluído, que eu pouco compreendia. Tive que bloquear o falatório das plantas – algumas muito curiosas com a minha presença – para me concentrar na jornada. Tão logo bloqueei o falar das plantas, pude ouvir risos de gnomos que me observavam escondidos. Estavam curiosos.

Senti uma dor latejar na cabeça. Instintivamente, levei a mão ao local da dor. Alguém tinha acertado uma pedra na minha cabeça e os risos vinham de toda parte, reverberando no espaço. Olhei ao redor, mas não vi ninguém. Outra pedra veio em minha direção, mas desta vez consegui desviar. Mais risos.

– Ha, ha, muito engraçado – falei, com ironia. – Agora poderiam parar de tentar me ferir e aparecer, por favor? Preciso saber onde encontro a rainha Aine.

Então uma minúscula figura – um homenzinho barbudo – saiu de trás de uma imensa árvore de tronco roxo. Ele se aproximou um pouco e parou, mantendo uma distância segura de mim.

– Sinto que deseja fazer troca com Aine, a rainha de Avalon – disse a minúscula figura. Era um velho gnomo. – Pretensiosa você é. Aine é muito ocupada.

– Eu sei. Mas a rainha Aine espera a minha visita. Pode me dizer como posso encontrá-la? – perguntei.

– Gostei da sua bota – disse o velho gnomo.

Então outros gnomos, talvez também interessados nas minhas botas, tomaram coragem e começaram a aparecer. Fiquei rodeada de gnomos.

– A do pé esquerdo é minha – apontou um gnomo com cara de mal-humorado.

– Eu vi as botas primeiro – reclamou o velho gnomo com quem eu conversava, irritado.

– O que mais tem para nós? – perguntou um gnomo jovem de cabelo laranja, todo espetado para cima. Ele era sorridente e parecia muito alegre.

– Eu não trouxe nada. Só vim para falar com a rainha Aine.

Os gnomos pareceram ofendidos. Entreolhando-se, cochichavam entre si, encarando-me com olhos acusativos. Então o velho gnomo disse:

– Como quer receber sem dar nada em troca? – perguntou, curioso e espantado.

– Eu só quero saber onde está a rainha Aine. Não quero nada de vocês. Desculpem-me.

– Você é confusa, é sim, confusa, sim – disse um gnomo rouco e manco. – Quer algo muito valioso de nós, informação valiosa, e diz não querer nada de nós. Confusa essa criatura é.

– Estúpida! – gritou um gnomo na multidão.

– Desculpem-me. Sou nova aqui. Agora eu entendi, preciso dar algo para receber uma informação – concluí. – Tudo bem. Então, se eu lhes der minhas botas, vocês me dizem onde posso encontrar a rainha Aine?

– Não é uma troca muito justa. A informação que quer é valiosa, mas vemos que mais nada tem a criatura confusa além de confusão. Não queremos te ver pelada – caçoou o velho gnomo, e gargalhadas ecoaram por toda a floresta.

– Certo.

Eu tirei as botas, dei dois passos na direção dele e parei numa distância segura, para não assustá-lo. Eu era muito grande perto dele. Coloquei o par de botas no chão e voltei para onde estava antes.

O velho gnomo correu até o par de botas. A bota era maior que ele. Pegou a do pé direito, examinou, cheirou, fez careta – não entendi o porquê da careta, eu sou zeptoide, não tenho chulé – e então a arrastou com dificuldade para longe de mim. Outros gnomos vieram correndo até o outro pé da bota e começaram a brigar por ele.

Eu fiquei olhando o velho gnomo, esperando a informação.

– Ah, sim, claro! – exclamou ele, percebendo que faltava pagar a sua parte. – Siga até o Lago da Gratidão e pegue uma embarcação de ônix . A água a levará até Aine – completou, apontando para uma determinada direção.

Agradei, subi descalça na nave e parti na direção que o gnomo me indicara, para o Lago da Gratidão. Voiei sobre a floresta dos gnomos, atravessei a cachoeira de névoa e saí debaixo da ilha flutuante, seguindo na direção que me fora dada, à procura de um lago.

O planeta Avalon tinha um imenso satélite vivo, chamado Titânia, quase tão grande quanto Avalon. Era um satélite semelhante ao planeta Terra, com um imenso mar – porém de água doce – e muita vegetação.

Titânia era colossal e ficava muito próximo de Avalon, por isso tomava grande parte da vista do céu. Imagine: como uma lua gigante, parecendo quase encostar no planeta de tão próxima; era assim que eu via Titânia. E ela falava, e falava alto.

– Poderia ter perguntado a mim – disse Titânia –, não teria lhe pedido nada em troca.

– Eu não sabia. Fui orientada a procurar os gnomos – respondi telepaticamente, enquanto voava em alta velocidade pelo céu de Avalon.

– Interessante! – retornou Titânia. – Talvez queiram que você conheça este planeta e seus seres.

– Estou no caminho certo? – perguntei. Estava frustrada por ter perdido minhas botas à toa.

– Sim. Siga mais três mil e cinquenta e sete quilômetros e você verá o Lago da Gratidão. Boa sorte – disse Titânia, e se calou, voltando-se para dentro de si mesma.

Então eu entendi por que Marion Zimmer Bradley canalizou “As brumas de Avalon” – inconsciente de que estava canalizando, lógico – com tantas brumas. Sobre o imenso Lago da Gratidão pairava uma densa e imensa névoa. Só pude ver as margens do lago e mais nada. Todo o restante estava oculto pelas brumas.

Pousei às margens do gigantesco lago, que mais parecia um oceano. Desci e tentei localizar alguma embarcação. Não havia nenhuma embarcação em lugar algum da margem visível aos meus olhos.

– Olá – soou uma suave e angelical voz. Era o espírito da água do Lago da Gratidão.

– Olá – respondi telepaticamente. – Pode me levar até a rainha Aine, mãe das fadas? – pedi.

– Somente grande gratidão a levará até Aine. Haveria grande gratidão em seu coração, alienígena? – indagou a água.

Então eu me lembrei da gratidão que senti quando me fundi ao coração da mãe Terra ao mergulhar no Lago Titicaca, e me lembrei também de quando entrei na Ala33, de Shandi33, e mergulhei na Fonte Criadora de tudo que é, e respondi:

– Sim, tenho grande gratidão.

Então vi uma embarcação negra e brilhante saindo de dentro do denso nevoeiro sobre o lago e lentamente se aproximando da margem, onde eu estava. Era uma embarcação pequena, e nela não havia ninguém . Subi na embarcação, toda feita de pedra ônix, e fiquei surpresa quando a vi flutuar com tanta leveza sobre as águas do lago.

Eu me sentei na embarcação, mas ela não saiu do lugar. Olhei ao redor, à procura de um remo ou algo do tipo, e então a água

começou a rir.

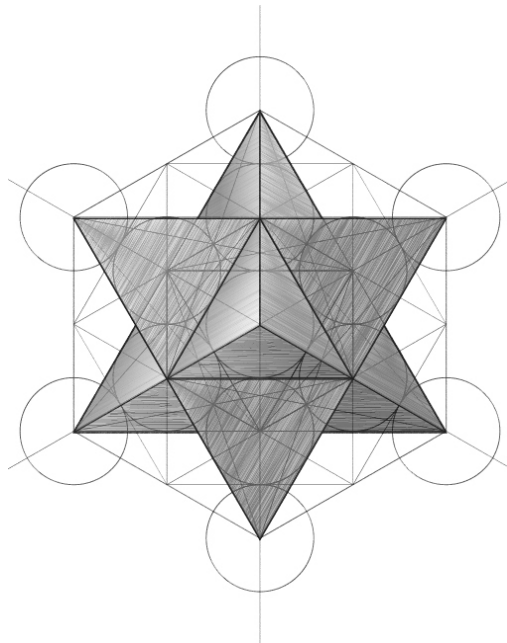
– Sou eu quem te levo, mas, para mover minha força condutora, você precisa derramar em mim a gratidão que existe em seu coração.

– Como faço isso? – perguntei.

– Basta sentir. A gratidão é o combustível mais poderoso que há. Com gratidão você pode ir aonde quiser. Sinta gratidão e pense aonde quer chegar e para lá eu a conduzirei – disse a água.

Comecei, então, a trazer à memória toda a minha gratidão pela Fonte Primordial de Amor que sempre esteve em mim, me guiando e protegendo. Nunca estive abandonada em nenhum momento de minha vida. Senti gratidão pela perfeição do universo e pela diversidade de vidas que nele há. Gratidão pelas experiências únicas que tive, pelas pessoas incríveis que conheci, pela misericórdia divina, por Sananda, o governador galáctico, pela oportunidade de viver em Shandi33... E então a embarcação começou a se mover, penetrando a densa névoa que me cegou. Não senti medo, pois a gratidão dissipa o medo. Continuei brotando gratidão em meu coração e senti como se fosse explodir de tanto amor que existia dentro de mim. Eu me senti feliz, plena, completa. E a embarcação ganhou velocidade. O silêncio penetrava em meu ser, e eu não pude ouvir mais nada, nem mesmo a água, apenas meu coração batendo e a gratidão crescendo. Então, quando menos esperava, cheguei. Abri os olhos, e lá estava: o reino de Aine, mãe das fadas e rainha de Avalon.

CAPÍTULO 15



Fiquei completamente maravilhada ao abrir os olhos. Parecia uma floresta gigante, com árvores imensas de troncos muito grossos, nos quais observei uma singela porta em arco. Em algumas delas havia escadas que serpenteavam seus troncos até se perderem de vista e, ao longo de cada tronco, em diversos níveis de altura, mais portas e imensas casas suspensas como cúpulas de um cogumelo. A floresta, coberta pela vegetação e por nuvens densas de tempestade no céu, era uma penumbra.

Fui recepcionada por uma fada sacerdotisa. Ela usava uma capa marrom de mangas longas com um capuz sobre a cabeça. Tinha os cabelos rosa presos, e seus olhos enigmáticos eram rosa-claros; e notei uma marca de meia-lua em sua testa.

– Seja bem-vinda ao reino de Aine. Eu sou Anna – saudou ela.
– A mãe das fadas a aguarda.

Então ela virou-se e começou a andar. Eu a segui. Conforme andava pela trilha de areia branca e fina, pude observar fadas de diversos tamanhos e formas me olhando com curiosidade. Algumas fadas sacerdotisas realizavam uma cerimônia mágica dentro de um imenso círculo de pedras. Havia flores e plantas magníficas e enormes por toda parte.

Quando saímos da vegetação mais densa, pude ver uma imensa esfera luminosa suspensa a poucos metros do chão, bem no centro de todo aquele reino de Aine. Era o palácio da mãe das fadas e rainha de Avalon, pude sentir. Sua ressonância magnética era muito forte, e a leitura foi fácil. Aine me aguardava.

Eu me coloquei bem abaixo da esfera luminosa, ao lado de Anna. A luz da esfera derramou-se sobre nós, e então começamos a levitar, e em seguida fomos engolidas pela esfera de luz.

Dentro da esfera de luz havia um mundo à parte, tão majestoso quanto tudo o que eu já havia visto naquele planeta.

No alto de uma colina, pude ver um feminino castelo perolado, com formas curvilíneas delicadas, rodeado por quedas d'água e cachoeiras. A vegetação verde e lilás subia pelas paredes do castelo, abraçando-o com ternura. Eu e Anna atravessamos uma ponte sobre um rio onde as cachoeiras ao redor do castelo caíam com delicadeza. Anna abriu a imensa porta branca leitosa do castelo e entramos. Passamos por um hall de entrada, com um belíssimo jardim interno, onde havia uma linda árvore de folhas bem amarelas no centro. Entramos em um amplo ambiente bem iluminado, em cujo centro uma pequena fada, ainda criança, delicada e meiga, estava sentada em posição de lótus sobre uma almofada de cetim branco. Para minha surpresa, aquela pequenina criança era Aine, a rainha das fadas.

Eu me aproximei de Aine e ela sorriu, com olhos brilhantes e meigos como os de um bebê puro de coração.

– Venha! – ela me chamou. – Sente-se aqui comigo – convidou.

Eu me sentei ao seu lado e novamente ela sorriu. Seu sorriso era hipnotizante de tão lindo e doce, e transmitia tanta luz e pureza que cheguei a me emocionar.

– Obrigada por me receber, majestade – agradeci.

– É sempre um prazer poder ajudar a confederação de nossa galáxia – respondeu ela.

Era estranho ver uma criança tão delicada e pequena, como uma menina de quatro anos de idade, falando como adulta. Ao mesmo tempo que era meiga e delicada, Aine impunha respeito quando falava com sua voz suave como uma melodia angelical.

– Tarala Shanata, sua mãe, é uma grande amiga minha. Ela me pediu que a ensinasse a manifestar com pureza o segundo plano existencial. E assim será feito – afirmou Aine.

– Como? – perguntei.

Eu só sabia que estava lá para aprender a representar o segundo plano existencial com pureza, e assim poderia fazer parte de Os Sete, substituindo Larissa. Mas nada me foi dito sobre como eu aprenderia a manifestar o segundo plano existencial.

– Você será transformada em uma fada e, assim, manifestará com pureza o segundo plano existencial. Porém, saiba que nós, fadas, somos criaturas muito poderosas, não é qualquer alma que tem atributos e virtudes necessários para se tornar uma fada de Avalon. Por isso, você precisa fazer uma iniciação, será desafiada e, então, será capaz de se transformar em fada.

– Qual é o poder de uma fada? – perguntei.

– As fadas têm o poder de controlar a lei da ilusão. Dessa forma, somos capazes de controlar as emoções de todos os seres e, assim, também a realidade. Podemos tanto remover quanto criar ilusões. Geralmente, só criamos ilusões na mente de ignorantes, com o intuito de proteger locais sagrados. Só usamos nosso poder quando é realmente necessário, para o bem da natureza. Somos protetoras da natureza.

– Como será a minha iniciação?

– Aqui, em meu reino, existe o grande lago do Lodo Profundo. Você vai mergulhar no Lodo Profundo como uma semente estelar e de lá renascerá como uma verdadeira fada.

– Vou perder o corpo zeptoide e nascer em um novo corpo? – perguntei.

– Sim! – Aine respondeu com alegria e brilho nos olhos, como se aquilo fosse maravilhoso para mim, como se fosse um grande presente.

E lá iria eu novamente mergulhar nas profundezas não sei de onde, morrer e renascer em um novo corpo. Eu gostava do meu corpo zeptoide, mas não era apegada a ele. Na verdade, nunca senti que aquele corpo androide sintético representava minha verdadeira natureza. Talvez estivesse mesmo na hora de renascer. E estava feliz em poder renascer num planeta tão encantador e mágico como Avalon.

– Obrigada, majestade. Estou pronta. Serão quantos dias de iniciação?

– Isso depende de você. Nas profundezas do lodo terá de se livrar de todas as ilusões humanas. Toda dor e tristeza terá de

morrer, pois uma fada é a manifestação da alegria mais pura que existe. Sinto que sua metamorfose será rápida, pois vejo em seu campo magnético que já esteve mergulhada no coração do planeta Gaia e, assim, conhece a alma da natureza. Não se preocupe, tenho certeza de que vai conseguir.

Novamente agradei à pequenina e doce fada, mãe de todo o reino das fadas e rainha de Avalon.

– Que o espírito da natureza esteja sempre com você – desejou Aine, despedindo-se.

Fui contagiada pela doçura e alegria de Aine, estava animada para começar minha iniciação. Eu me levantei e saí acompanhada de três fadas sacerdotisas; Anna e mais duas que surgiram sem que eu notasse. Saímos do castelo de Aine, e também da esfera luminosa.

Caminhamos vários quilômetros por uma trilha de areia morna, branca e fina. Nesse momento, fiquei feliz por ter perdido as botas, era maravilhoso pisar descalça naquela areia. E, após uma longa caminhada, chegamos no Lodo Profundo.

Era um imenso lago de lodo marrom, tenebroso, sórdido e viscoso, rodeado por vegetação, semelhante a um pântano sombrio. Eu olhei para as três fadas que me acompanharam, caladas, até aquele local. Anna quebrou o silêncio e disse telepaticamente: “Sabe o que deve ser feito. Então faça! Pelo bem da mãe natureza”.

Àquela altura da minha vida, eu não tinha mais medo da morte. O pior que me poderia acontecer seria perder meu corpo zeptoide. Mas, se isso acontecesse, bastaria ir até Shandi33 em consciência, e Boston criaria um novo corpo para mim. Boston odiaria saber que destruí o corpo zeptoide do modelo de Aisha, que ele criou

com tanto apreço. Parei de pensar em Boston e lentamente entrei no Lodo Profundo, que ia me engolindo como um monstro faminto. Após dar três passos dentro do lodo, fui engolida para sua profundidade abissal, onde meu corpo foi rasgado e minha alma, retirada. Meu subconsciente humano desprendeuse de mim, levando consigo todos os programas ilusórios criados para a sobrevivência humana, e toda a minha humanidade se foi para o abismo do além. Eu estava vazia, sem vida, pequena como uma semente solitária e abandonada no lodo da perdição e da dor.

Eu não queria continuar ali no sofrimento da ilusão da separação, sabia o que deveria ser feito. Enfrentei o medo e mergulhei mais fundo, atravessei todas as camadas do planeta Avalon e cheguei ao seu centro, morada do coração e da alma de Avalon. Assim como fiz ao mergulhar no coração da mãe Terra, fiz em Avalon, minha mais nova mãe.

Gaia era uma jovem mãe, uma criança doce, gentil e muito sonhadora, que dormia. Já Avalon era bem diferente de Gaia. Avalon era uma grande e sábia sacerdotisa madura, enigmática, observadora e profunda. Ela estava bem acordada. Avalon nada disse, apenas observou. Ao unir meu coração ao de Avalon, senti o imenso amor profundo que emanava de sua alma. Avalon era um avatar de mão divina. Fui preenchida por esse amor, o amor puro da natureza divina. Minha luz foi se expandindo, atravessou todas as camadas do planeta até chegar à semente estelar que eu era, e lá estava, plantada no Lodo Profundo. Fui banhada de luz e comecei a germinar.

Fui crescendo e ganhando vida. Fui percorrendo com minhas raízes aquele lodo pegajoso, até chegar à superfície, e então o botão de esperança nasceu em meu coração. Minha alma subiu ao céu, atravessou camadas claras e escuras, penetrou uma camada dourada e então uma camada gelatinosa com as cores do arco-íris,

e foi nessa camada que me foi entregue o poder de controlar a ilusão. Continuei subindo, passei por uma camada de neblina rosa suave e, então, finalmente alcancei a Fonte Criadora de tudo que é. A Luz da Fonte Criadora engoliu tudo o que existia. Tudo era Luz. A verdade era Luz. Ali não havia ilusão.

Pedi à Luz de tudo que alimentasse o botão de lótus que eu era. A Fonte emitiu um raio de sua Luz até meu botão e então fui sendo preenchida de novos sentimentos que só uma fada compreende. Fui desabrochando, meu coração foi-se abrindo. E de dentro dessa flor eu nasci. Eu estava lá dentro, no miolo da flor, abraçada pelas pétalas de lótus, encolhida, nua. Senti minhas delicadas asas pela primeira vez. Parecia tão natural ter asas.

Agora eu era uma fada. Uma verdadeira fada. Meu corpo era delicado e macio. Agora eu tinha apenas um metro e cinquenta de altura, era magra, tinha pele muito clara, dedos finos e compridos, e pernas finas. Foram-se embora os fartos peitões de Aisha e seu corpo forte de lutadora. Eu parecia uma adolescente de onze anos, delicada e frágil. Mas a fragilidade que meu corpo transmitia era uma ilusão. Eu era muito mais poderosa do que em um corpo zeptoide do modelo Aisha. Agora eu tinha poder sobre a lei da ilusão.

Toquei meu cabelo, era macio e sedoso. Observei a cor; voltara a ser acobreado. Então notei que eu era agora muito parecida com a Madhu que tinha sido em corpo humano. Mas agora eu era uma Madhu aprimorada. Finalmente tinha um corpo natural que representava minha verdadeira natureza.

Bati as asas e voei até a margem do lodo, onde Anna e as outras duas fadas sacerdotisas me aguardavam. Anna tinha em suas mãos um delicado vestido verde, que eu deveria vestir.

As três fadas sorriam e me receberam de forma muito amistosa, muito diferente de quando eu era uma zeptoide. Depois que me vesti, elas me ofereceram um copo de leite com mel. Bebi com avidez. Foi a melhor coisa que já bebera na vida.

Anna me deu de presente um delicado colar, com um pingente de cristal esculpido em forma de uma pequena fada. O brilho do cristal me fez sentir alegria pela primeira vez. Alegria de fada é intensa e maravilhosa. Indescritível.

Anna colocou o colar em meu pescoço. Ela tinha sido contagiada por minha alegria e ria feliz. Eu peguei a pequenina fada de cristal pendurada em meu pescoço e admirei sua delicadeza. Eu estava muito alegre.

– Obrigada, Anna! É tão linda! Acabei de descobrir que adoro cristal e coisas que brilham.

As três fadas sacerdotisas riram.

– Pensei que ficaria por séculos no Lodo Profundo, como geralmente acontece com sementes extraterrestes – disse Anna.

– Estamos surpresas com a rapidez com que desabrochou – admirou-se a outra fada.

– Nasceu mesmo para ser uma de nós! – comentou a terceira fada, com alegria.

– Sim – concordei. Foi a primeira vez que notei minha nova voz, que saiu como um sino de vento, melodiosa, fina e suave. – Sinto que este sempre foi meu destino, minha verdadeira essência – concluí, surpresa.

Percebi que, como fada, não poderia jamais mentir: existia em mim uma integridade natural e indestrutível. Eu me sentia parte da natureza, que me acolhia e me abraçava. Sentia um único desejo; o

de proteger a natureza, que era a minha natureza. Esse era o único desejo que existia em mim.

Passei a ver os humanos como criaturas estranhas, complexas e confusas, pois me dei conta da infinidade de desejos que existiam em mim quando eu era humana. Agora tudo era mais simples e claro.

Pela primeira vez compreendi, de fato, a escolha de Larissa. Um ser do segundo plano existencial se diverte criando realidades ilusórias. Para uma criatura do segundo plano existencial, era muito difícil viver no terceiro plano existencial, era doloroso e muito confuso. As coisas no segundo plano existencial eram muito mais simples e divertidas.

Antes de partir de Avalon – agora meu planeta mãe –, agradei a Aine e me despedi, com a certeza de que um dia voltaria para viver ali, por milênios a fio.

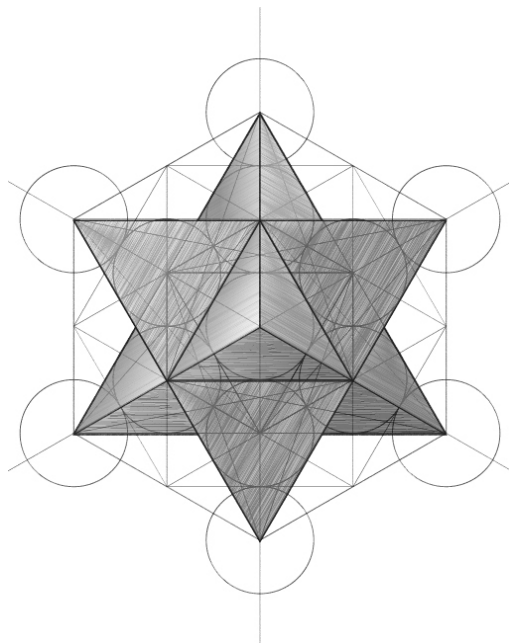
Ao atravessar o Lago da Gratidão, voando com minhas asas cristalinas, a água me pediu que eu visse meu reflexo em sua face. Obedeci à consciência da água. Fadas sempre obedecem aos grandes espíritos da natureza. Não acreditei no que vi ao observar meu reflexo na água. Era eu! Aquela era eu mesma como nunca fui. Orelhas pontudas e delicadas, olhos cor de âmbar claro e cristalino, nariz delicado e levemente arrebitado, boca desenhada e sardas na maçã do rosto. Agora eu era a verdadeira Madhu.

Cheguei ao local onde havia estacionado a nave. Eu ainda sabia pilotar. Não havia perdido a capacidade de me comunicar com a pedra de creptina com a qual precisava me conectar para conduzir a nave. Como fada, eu não precisava viajar em uma nave, podia atravessar portais sagrados presentes no universo. Em Shandi33 havia diversos portais sagrados, e com toda certeza estariam abertos para minha passagem. Porém, precisava levar a nave de

volta. Já bastava eu ter perdido um corpo zeptoide do modelo Aisha, o modelo mais moderno que existe na galáxia.

E, com a certeza de que um dia voltaria para habitar meu planeta mãe, Avalon, parti rumo a Shandi33, para continuar cumprindo minha missão e, assim, proteger a natureza de Gaia.

CAPÍTULO 16



Pousei a nave no hangar da Ala9 de Shandi33.

Tarala, Behosa, Shavanna e outros amigos do setor de segurança intergaláctica estavam lá para me receber.

Minhas asas eram reais, existiam, e eu podia senti-las como qualquer outro membro do corpo, porém, somente em Avalon eram visíveis. E, somente em Avalon, com sua gravidade peculiar, eu era capaz de voar com elas.

Minha aparência física e minha alma haviam mudado bastante, mas meu espírito – que é eterno – era o mesmo, por isso eu sabia que os *puros* iriam me reconhecer, pois seus sentidos iam muito além da visão física, eles sentiam a essência do espírito dos seres.

Shavanna e Behosa pareceram surpresos ao me ver como fada. Tarala sorriu, ela estava feliz.

– Que bela surpresa! – exclamou Tarala. – Não és mais uma sementinha, minha filha. Você floresceu e tornou-se uma bela fada – disse, orgulhosa. – Não imaginei que Aine fosse transformá-la em fada. Se isso ela fez, é porque sentiu que sua essência era pura e seu destino era ser uma fada.

– Seja bem-vinda de volta, Madhu – saudou Shavanna, telepaticamente. – Precisaremos fazer alguns ajustes em sua missão, não esperava que fosse trocar de corpo. O que aconteceu com o corpo zeptoide do modelo Aisha que estava usando?

– Lamento, Shavanna, o corpo Aisha foi destruído – informei.

– Boston ficará inconformado. Mas a culpa não é sua. Você cumpriu seu dever – disse Shavanna.

– Seria interessante examiná-la. Foram raras as oportunidades que tive de estudar o DNA de uma fada – comentou Behosa, olhando para mim com curiosidade.

– Primeiro vamos deixar Madhu descansar – pediu Tarala. – Ela merece um bom descanso antes de voltar ao trabalho.

Tarala estava certa. Eu precisava descansar, adaptar-me a minha nova existência e curtir um pouco a vida em Shandi33.

Fui para minha casa em Shambala. A inteligência artificial da casa não me reconheceu, e tive de tocar a campainha. Demorou alguns bons minutos até Liv atender à porta.

– *Koi samasya hai?* – perguntou Liv, em sânscrito, ao me ver.

Liv também não me reconheceu. Ela pensou que eu fosse um androide sem alma em forma de fada. Liv não gostava muito de androides sem alma.

– Sou eu, Liv, Madhu! A amiga que a inspira a criar obras maravilhosas, como a pintura de uma borboleta.

– Madhu? Não mesmo! – Liv caiu na gargalhada.

Fui contagiada pela alegria dela e também comecei a rir descontroladamente. A alegria de uma fada é potencialmente maior vinte e duas vezes à alegria que um ser humano pode sentir.

– *Cashambolas fu Zurion*, não é possível! – exclamou Liv, surpresa. – Os puros adoram mesmo usá-la como ratinha de laboratório.

– Este corpo é orgânico, Liv, não é um corpo zeptoide. Nasci em Avalon. Incrível, né?

– Isso é demais! Então agora tenho uma amiga fada, de verdade!

Entramos na sala de socialização. Bastet veio me receber; ela sempre me reconhecia, independentemente do corpo em que eu estivesse. Observei que Bastet tinha a ilusão de ser a dona da casa e minha dona. Achei fofa a ilusão de Bastet, sorri e a acariciei.

Na mesa central da sala havia um enorme projeto arquitetônico, no qual Liv parecia estar trabalhando.

– Revolveu estudar arquitetura, Liv? – perguntei.

– Estou projetando uma cidade em Fernando de Noronha, onde vou viver na Terra.

Eu me aproximei do projeto e dei uma espiada. A suposta ilha Fernando de Noronha a que Liv se referia parecia ter se fundido com um imenso continente estranho no centro do oceano Atlântico. O mapa do planeta Terra estava completamente errado.

– Liv, este mapa está errado. A geografia da Terra não é assim.

Ela revirou os olhos e disse:

– É assim que o mapa da Terra será quando eu for viver lá. – Ela apontou o continente no meio do oceano. – Esse é o continente Atlântida. Fernando de Noronha é o que havia sobrado desse continente que voltará a existir. Ou seja, eu vou reinar em todo esse novo continente que surgirá. É muita responsabilidade. Por isso já estou projetando tudo que terá de ser feito nesse novo continente. Ainda nem sei que nome eu darei a ele. Talvez seja melhor os humanos escolherem o nome; afinal, a Terra é o planeta deles de origem.

No enorme continente havia diversos anexos de túneis que se conectavam a moradias de cúpulas de vidro. As cidades projetadas por Liv, naquele novo continente, tinham formatos de mandalas, eram lindas e diferentes de tudo o que eu já tinha visto na Terra.

– Você é mesmo criativa. Está incrível, Liv!

– É, eu sei, sou incrível e criativa. Mas vamos falar de você agora. Como foi que você se transformou numa fada? Terá de me contar tudo. E hoje terá uma festa na praia de Shambala. Ah, Madhu, nem venha com desculpas dizendo que não pode ir, por favor. Você será a grande celebridade da festa. Uma fada genuína, de Avalon! Nunca tivemos uma fada de verdade aqui em Shambala. Imagine a cara de Keshava! – Novamente Liv caiu na gargalhada e eu fui contaminada pela alegria dela.

– Ok. Eu vou à festa. Mas sem essa de celebridade. Por favor, Liv, não faça estardalhaço com a minha presença. Só quero curtir a festa como uma moradora comum de Shambala – pedi.

– Comum? Ah, Madhu, você nunca foi comum. Nem mesmo quando era humana do planeta Terra.

Tive de substituir todas as roupas que eu tinha no baú do quarto por roupas menores. Agora que eu era fada, estava bem menor e mais magra do que quando era zeptoide, e até do que quando era humana da Terra. Nem mesmo meu antigo traje de festa, o sari, me servia mais. Liv conseguiu para mim um novo sari minutos antes do início da festa na praia de Shambala.

Era um sari perolado e brilhante, e eu amei aquele brilho todo. Muito delicado, de tecido leve, perfeito para o corpo miúdo de uma fada.

Sáímos juntas para a festa. Eu estava alegre como nunca, saltitando de alegria, como uma criança, aproveitando a vida em Shambala com leveza e sem preocupações.

A praia estava linda, iluminada pela luz da imensa lua virtual, e o mar cintilava com um leve verde esmeralda em suaves ondas, passando tranquilidade só de olhar. Pela primeira vez pude sentir e ouvir o espírito da água de Shandi³³; uma consciência iluminada, muito evoluída e pacífica. A areia morna, branca e fina acariciava meus pés, e a brisa do mar brincava com meu cabelo.

Não adiantou nada pedir a Liv que não fizesse estardalhaço com minha mudança. A maioria dos híbridos e zeptoides não notou que eu era a Madhu em um corpo diferente, ficaram curiosos, e Liv saiu me arrastando e me reapresentando para todos. Virei celebridade em Shambala do dia para a noite. Ninguém ali havia conhecido antes uma fada de verdade. Fui bombardeada de perguntas sobre Avalon e o reino das fadas. Todos estavam animados em poder falar com uma fada real. Quando me cansei de bancar a celebridade, usei meu poder de controle da ilusão para que as pessoas não mais se interessassem tanto por mim. Então todos se esqueceram de mim e se afastaram, e eu pude curtir a festa em paz.

Uma famosa cantora, Enyastia, foi convidada a cantar sua mais famosa melodia – “Profundezas da Alma” – na festa de Shambala. Enyastia surgiu como uma deusa no céu de Shambala – em imagem holográfica, pois vivia num distante planeta chamado Kiva –, sob as águas do mar. A doce melodia atraiu todas as atenções em sua direção. Eu fechei meus olhos e senti toda a verdade e sabedoria que a música transmitia em sua ressonância. Quando a melodia acabou, Enyastia penetrou a lua holográfica e se foi.

Eu estava me divertindo muito com Liv. Foi quando avistei o Niki. Ele se aproximou de mim, curioso, e perguntou:

– Então você é mesmo a Madhu?

– Oi, Niki. Pois é, sou eu mesma – falei.

Havia muito tempo não sentia mais nada por Niki, o androide sem alma por quem fui apaixonada. Sem contar que uma de minhas almas gêmeas, Willy, usara o corpo de Niki por um bom tempo, pois seu corpo natural tinha morrido, salvando minha vida. Então Willy saiu do corpo de Niki para encarnar no planeta Terra, e assim Niki voltou a ser um androide zeptoide sem alma. Voltou a ser professor em Shambala.

– O que você quer, professor Niki? – perguntou Liv, sem paciência.

Ela não gostava nem um pouco de andróides sem alma.

– Só estava curioso para conhecer uma fada e rever uma velha amiga – disse Niki.

– Madhu não é sua amiga. Nenhuma pessoa inteligente vai querer ser amiga de uma máquina sem alma – retrucou Liv, com grosseria.

– Liv! – exclamei, advertindo-a do quão rude estava sendo com Niki.

– Qual é, Madhu? Ele não vai ficar magoado. Niki não tem sentimentos e sabe que o que eu disse é verdade – Liv se defendeu.

– Sim, Liv tem razão – disse Niki. – Foi interessante revê-la em corpo de fada, Madhu. Espero poder compartilhar mais experiências com você no futuro.

– Humpf! – Liv chiou, revirando os olhos, antes que eu pudesse me despedir cordialmente de Niki. – Tchau, Niki! Já matou a curiosidade. Agora já pode voltar para o seu grupinho das inteligências

ar-ti-fi-ci-ais. Nós aqui, seres com alma, não queremos sua companhia. – Liv deu as costas para Niki e ele se foi.

– Qual o seu problema com os andróides sem alma, Liv? – perguntei curiosa, pela primeira vez.

– É uma longa história.

– Estou com tempo agora.

– Tá! – Liv se afastou do nosso grupo de amigas e eu a segui. Ela se sentou na areia, em frente ao mar iluminado pela luz da imensa lua, e eu me sentei ao seu lado. Então ela começou a contar: – Nasci de um lote muito grande de híbridos. Três mil híbridos, para ser exata. Naquela época, estava havendo uma terrível guerra em Órion. Os tutores de crianças e bebês estavam em falta, pois muitos precisaram ir às pressas para a guerra. Então Boston teve a *genial* ideia de produzir zeptóides tutores para cuidar e educar os híbridos recém-nascidos. Fui amamentada e cuidada por uma zeptoide sem alma. Só fui descobrir que a minha cuidadora era uma máquina sem vida quando tinha quatro anos de idade.

Percebi que aquilo ainda doía em Liv. Ela não conseguiu continuar a história, mas nem precisava. Eu compreendi.

– Acho que sei como você se sente, Liv.

E sabia, pois eu também havia sido enganada por um zeptoide sem alma, Niki. Foi uma dor muito grande que senti quando descobri que o androide por quem eu estava perdidamente apaixonada não tinha alma. Eu havia superado, porém Liv ainda estava no processo de autocura.

– É, pois é... androides sem alma são perigosos e uma bosta. Não deveriam existir.

– No planeta Terra, conheci pessoas que se pareciam com androides sem alma. Pessoas sem sentimentos e sem empatia. Essas, sim, eram perigosas, pois, além de não sentirem compaixão, ainda eram vingativas. Porém, elas existem, assim como os androides sem alma.

– O que está tentando dizer, Madhu?

– Aquilo que a machuca é fruto de uma ilusão. Precisou faltar para você buscar o que há dentro de você, adormecido. Busque esse amor materno dentro de você e se preencha dele. Reprograme sua mente. Libere o programa ilusório que a faz sentir não ter sido amada na infância e substitua pela verdade, a de que você é e sempre foi amada, que você sabe o que é ser amada pela mãe das mães que habita em você e que sempre esteve com você em todos os momentos de sua vida. Permita-se ser amada pela verdadeira mãe, nossa mãe divina. Ela é real. Está em nós, conosco, a todo momento, nos abraçando a cada vez que sofremos. Abra seu coração e poderá sentir essa verdade.

– Como? Como você fez para superar o trauma que Niki causou?

– Cansei de esconder nas profundezas do meu subconsciente tudo o que me machucava. Cansei de ter medo da verdade. Eu encarei meus inimigos internos de frente, pronta para a luta. Me perdoei, deixei que fossem embora em paz. Eu me curei. Ou seja, basta parar de tentar *tapar o Sol com a peneira*, como costumam dizer os humanos da Terra.

– Mas como você fez isso? É fácil falar. Mas não é tão simples assim na prática.

– É simples demais. E, por ser óbvio, você nem vê. Não adianta eu ensiná-la a minha técnica. Ela não servirá para você, pois somos diferentes. O seu caminho é só seu. Para trilhá-lo, basta ir até a Fonte Criadora e deixar que ela a guie.

Liv ficou pensativa por um tempo.

– Quem diria! Há pouco tempo você era uma humana primitiva, infantil e idiota. E veja agora: me orientando como uma verdadeira conselheira iluminada. – Liv começou a rir, e eu me contagiei com o divertimento dela, caindo também na gargalhada.

– O mundo dá voltas, não é mesmo!?

– Por isso que os orgulhosos e arrogantes são tão estúpidos. Um dia você está lá em cima ajudando e, de repente, você se vê lá embaixo, sendo ajudado por aqueles que agora estão à sua frente – concluiu Liv.

– Será que vamos nos encontrar na Terra? – perguntou ela.

– Tenho certeza que sim.

– Como pode ter certeza? Você sabe alguma coisa que eu não sei?

– Sei. Mas não posso dizer.

– Por favor, Madhu! Não se pareça com os puros. Sabe que detesto segredinhos.

Senti naquele momento que não haveria problema em contar para Liv o que eu sabia.

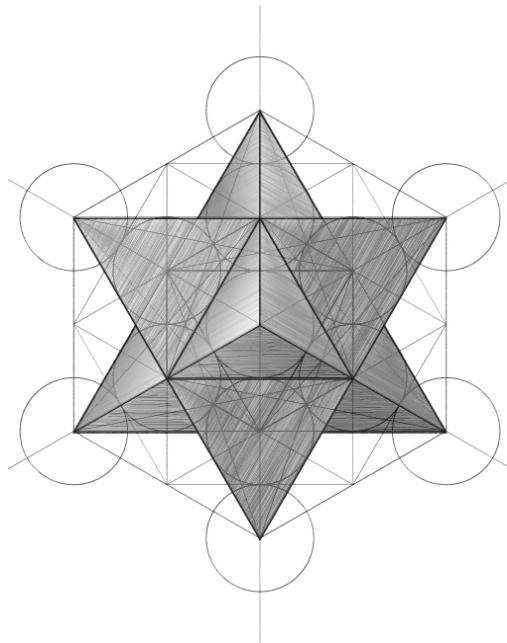
– Eu vou nascer na Terra como sua filha. Ou seja, passaremos um longo tempo juntas.

– Está falando sério? – perguntou, retoricamente. – Isso é incrível! Vou amar ter você como filha. Prometo tentar ser uma boa mãe.

– Tenho certeza de que será.

Liv ainda não havia descoberto, mas estava prestes a despertar e descobrir seu verdadeiro propósito de vida. Ela tinha a essência da mãe divina e manifestaria sua essência na Terra como uma padroeira do amor materno. Liv teria muitos filhos, pois adotaria toda a humanidade, e eu seria sua única filha biológica, sem nenhuma distinção com relação aos seus outros bilhões de filhos adotivos.

CAPÍTULO 17



Após meu descanso merecido, voltei a trabalhar na Ala9 como agente de segurança intergaláctica. Passei um tempo adaptando os treinamentos de um agente de segurança para as novas e diferentes habilidades de meu novo corpo.

Agora eu fazia parte de Os Sete, que estavam vivendo na Ala9, e que também se preparavam para a missão na Terra.

Após alguns dias de ajustes e treinamento, nós, Os Sete, fomos convocados para uma importante reunião no auditório da Ala9, onde finalmente nos seria explicado detalhadamente qual seria nossa missão no planeta Terra, e o que deveríamos fazer.

No auditório havia muitos seres alienígenas de diversas espécies, alguns presencialmente, mas a maioria holograficamente. Eu estava ao lado de Shavanna, junto com meu grupo, Os Sete.

– Estamos todos aqui, pois o momento chegou. A Fonte Criadora deu o comando. Gaia começará a despertar de seu sono profundo em pouco tempo. O quarto cavaleiro do apocalipse já está a caminho da Terra – disse Shavanna telepaticamente.

– É chegado o momento de todos assumirem seus postos. A grande e última mudança vai começar – disse o Capitão Mastara, com sua voz chiada de serpente, penetrando nossas mentes.

– Serão três dias e três noites de escuridão – começou Tarala. – Nesse período difícil, todos estaremos incansavelmente a trabalho do planeta Gaia e de toda vida que nela há.

Então Shavanna tomou a palavra:

– Os Sete vão imediatamente descer à Terra, e cada um assumirá seu posto em um chacra do planeta, que são sete. A missão de Os Sete será ativar os sete chacras do planeta Terra. Cada chacra manifestará um plano existencial com a ajuda de um dos membros de Os Sete, que vai se fundir com a energia do chacra da Terra. A manifestação realística dos sete planos existenciais criará uma aura na psicosfera da Terra, cobrindo todo o planeta e unindo os sete planos existenciais. Isso criará uma nova realidade de unidade. Abrirá as portas para a quinta dimensão, e fechará definitivamente as portas da era de Kali Yuga, a era das trevas.

Outros líderes da Confederação continuaram explicando detalhadamente o trabalho de cada um nessa grande missão da transição planetária da Terra.

Eu pousaria em um local secreto da Floresta Amazônica, no Brasil, onde uma grande e poderosa pirâmide branca permanecia oculta pela densa vegetação. Era uma antiga pirâmide, construída antes do dilúvio. Era lá que a Kundalini do planeta agora

repousava, no chacra basal de Gaia, onde existe uma poderosa e secreta energia *vril*.

Depois da reunião, fomos direto para a Ala9 receber as últimas instruções, e então partimos. Cada um de Os Sete numa pequena mer-ka-bah; sete esferas de luz rumo à Terra. Finalmente a transição planetária seria completa.

Minha nave penetrou a densa Floresta Amazônica sem quebrar um único galho das centenárias e sábias árvores que protegiam o complexo de pirâmides sagradas. E lá estava ela: a imensa pirâmide branca. Trepadeiras e diversas outras plantas a envolviam com proteção. O número de fadas ali presentes era surpreendente. Centenas de fadas guardavam aquele local sagrado. Graças às fadas e ao seu poder de criar ilusão na mente humana, aquelas pirâmides nunca foram descobertas. As fadas estavam ali protegendo a grande pirâmide branca.

A natureza me recebeu com alegria e diversas pequeninas fadas vieram me dar boas-vindas. Fechei os olhos e me conectei com a mãe Gaia e toda sua natureza. Solicitei permissão para entrar na pirâmide. Quando abri os olhos, vi uma minúscula abertura na base da pirâmide branca. Entrei por ela, e diversas fadas curiosas me seguiram. Elas não paravam de tagarelar no meu ouvido.

– Por que você não voa? – perguntou uma delas.

Elas podiam ver minhas asas, sabiam que eu era uma fada legítima como elas, mas não compreendiam que eu estava no terceiro plano existencial, apesar de pertencer ao segundo plano da existência. Isso era confuso para elas. Até mesmo para mim.

– Sou grande e pesada demais – preferi dar uma resposta simples, que não deixava de ser verdade.

– Por que você é grande demais? – questionou outra.

– Vocês precisam ficar quietas! – ordenei. – Vim aqui para cumprir a importante missão de salvar a natureza, então parem de tagarelar, preciso me concentrar.

E então elas pararam de falar. Mas continuaram me seguindo, adentrando os corredores da pirâmide. Elas iluminavam o caminho para mim.

Cheguei, então, à *arca perdida*, na parte mais profunda da pirâmide. No centro da arca perdida havia um altar e, sobre o altar, o cálice do *Graal*. As dezenas de fadas que me seguiram rodeavam o cálice, curiosas e surpresas, ao sentirem a energia poderosa que havia ali. Uma delas sentou-se na borda do cálice e molhou o delicado pezinho no líquido mágico que o cálice do Graal continha.

– Pare com isso! – ordenei, dando-lhe uma bronca. – Essa é uma poderosa energia *vril*, não é uma piscina.

Todas riram. Como eu era uma fada, não pude me controlar e também tive um ataque de riso. Alegria em fadas é contagiante e incontrolável.

Eu peguei o cálice. Simplesmente sabia o que fazer. Sentei-me no altar em posição de lótus e me conectei com a mãe Gaia.

Eu e a natureza da mãe Gaia éramos uma só. Senti o coração de Gaia bater no peito. Estava em paz.

– Olá, fadinha, filha de Avalon – disse Gaia em meu coração.

– Estou de volta em seu coração, mãe querida – respondi à mãe Gaia.

Ela também era minha mãe. Fadas podem ter várias mães.

– Sabia que voltaria. Está pronta? – perguntou Gaia, animada.

Eu respirei fundo, fortaleci a conexão com a natureza e respondi:

– Sim, estou. Quando quiser, mãe amada.

– Então beba!

Eu bebi todo o líquido que estava no cálice sagrado, e então começou o despertar de Gaia. O chão começou a tremer. Mãe Gaia estava acordando. Minha consciência se expandiu com a consciência desperta de Gaia e tudo pude ver. Terremotos e maremotos por toda parte, a terra sacudindo sua sujeira e a água vindo em seguida, lavando tudo. Atlântida começou a brotar das profundezas do oceano Atlântico como uma bela flor de lótus. Por toda parte, vulcões cuspiam labaredas de fogo. Era um belo espetáculo. Muito antes de acontecer, Beethoven previu esse espetáculo e o transcreveu em sua nona sinfonia: *Ode à Alegria*.

Alegria! O mais belo fulgor divino, era a emoção presente na atmosfera de Gaia. A magia de Gaia voltou a unir o que antes era dividido. Todos os seres que estavam no seio da natureza beberam da alegria, do santo Graal.

O chakra basal de Gaia foi o primeiro a se abrir, e os demais chacras se abriram logo em seguida. Penetrei em seu chakra, acordei a Kundalini com um canto mágico de fada e, assim, comecei a girar em seu redemoinho de energia. Minha mais pura essência de fada se manifestou, e tal essência fazia agora parte da Kundalini do planeta. A Serpente de Luz começou a subir, com

sedução e encanto, e criou uma poderosa egrégora em torno de todo o planeta.

Os umbrais deixaram de existir. Todos os seres umbralinos vagavam agora pela face da Terra, perdidos, desorientados, sem saber para onde ir.

O belo cavaleiro do apocalipse, em seu imenso cavalo amarelo esverdeado, galopava elegante e ferozmente por toda a face da Terra, e, com o tridente do poder que lhe foi concedido pelo sexto plano existencial, arremessava as almas perdidas para fora da Terra. Essas almas eram acolhidas por uma nave de transição – por irmãos amorosos – e exiladas de Gaia.

Foram três dias e três noites de olhos fechados, na arca perdida, no interior da pirâmide branca, sentindo a mãe Gaia acordar, se espreguiçar, se levantar, e só então abri os olhos. Estava feito.

As dezenas de fadas que estiveram o tempo todo comigo, assistindo ao despertar de Gaia, aplaudiram. Estavam em festa. Eu me contagiei com a alegria delas. Foi uma explosão de alegria. Gaia também riu.

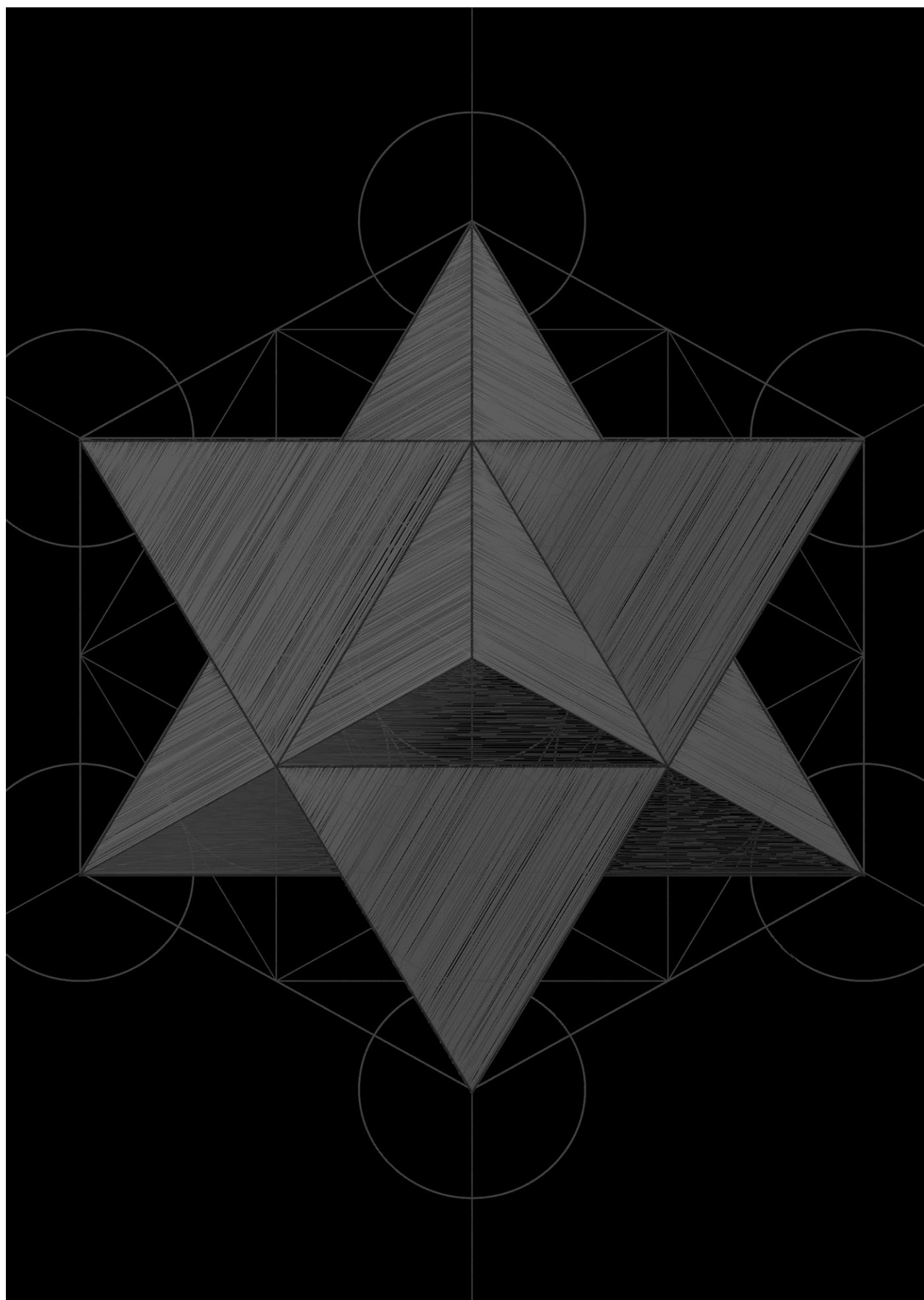
E essa foi a maior de todas as minhas missões. A Terceira Realidade, que no passado eu havia plantado, germinou. Suas raízes estavam fortes e indestrutíveis. Não havia mais volta. Mãe Gaia agora era um planeta de regeneração, e seus filhos com ela despertavam e entravam para a quinta dimensão consciencial, agora com sete sentidos, unidos à Fonte Criadora, unidos à mãe Gaia, manifestando os sete planos existenciais com equilíbrio e plenitude.

Felizes os homens de boa vontade, pois seus esforços foram recompensados e agora eram os herdeiros de uma Nova Terra,

mãe Gaia, onde maravilhas seriam criadas. Onde a paz, a beleza e a harmonia reinariam entre os homens e a natureza.

Fim?

Oh, é claro que não. Este foi apenas o começo.



INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES,
ÚLTIMOS LANÇAMENTOS E COMPRAS

CADASTRE-SE NO SITE:

GRUPONOVOSECULO.COM.BR



